



KINGS OF SIN

BOOK 1

KING OF WRATH



ANA HUANG

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





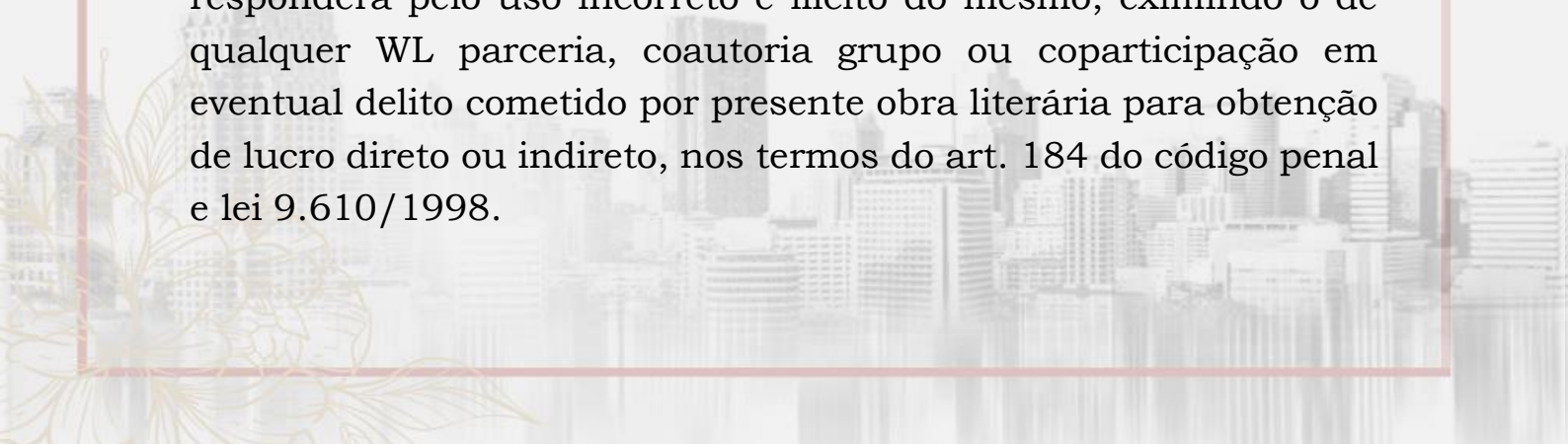
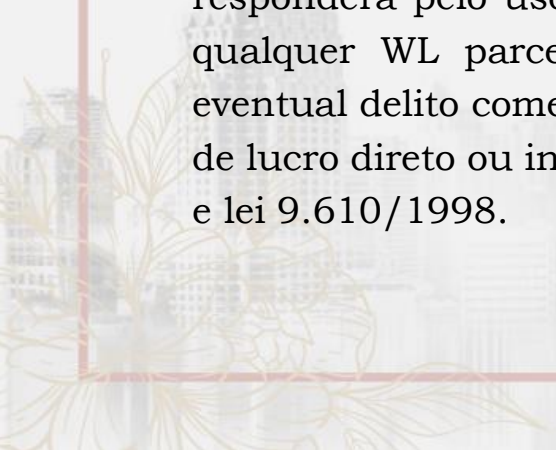
KINGS OF WRATH

ANA HUANG

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

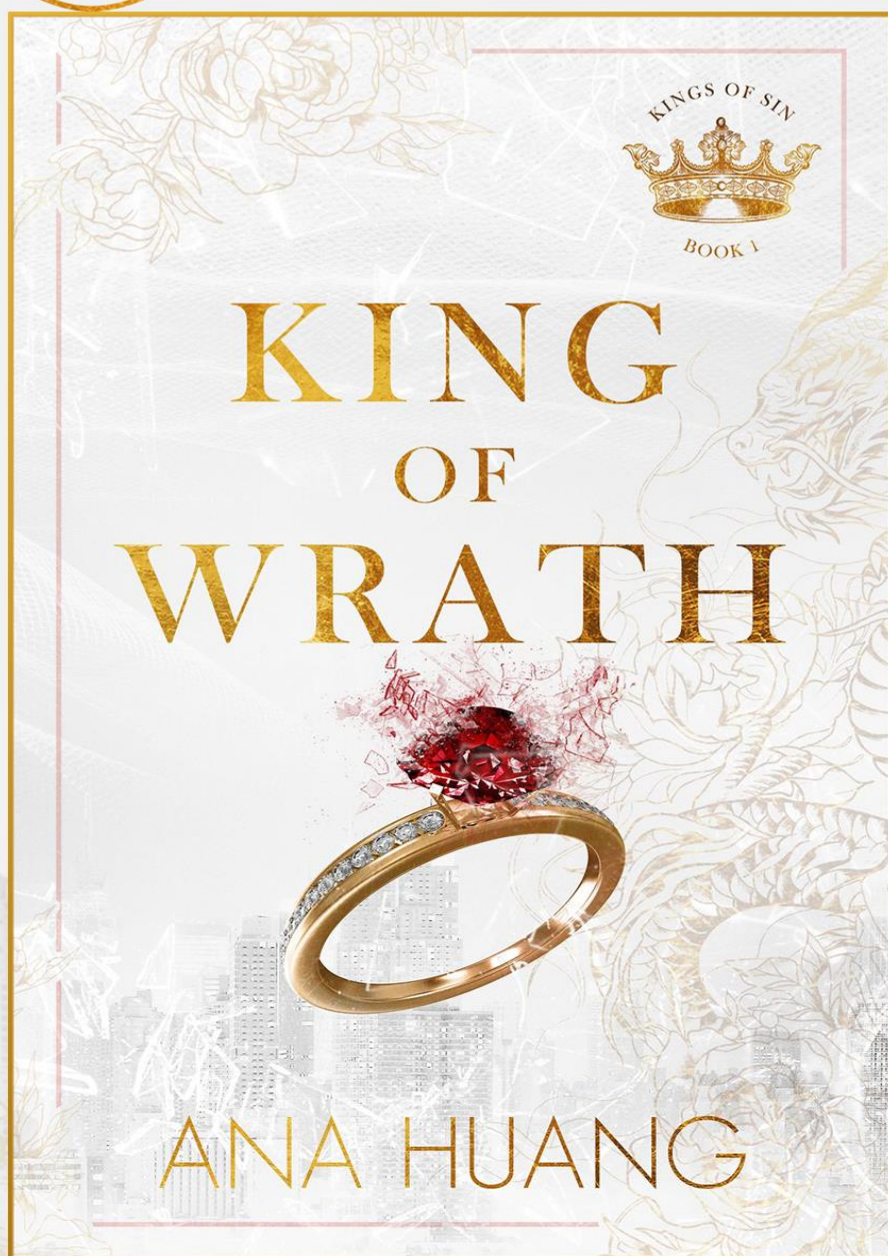
O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.





KINGS OF SIN

Lançamento



LIVRO UM



SINOPSE

Ela é a esposa que ele nunca quis... e a fraqueza que nunca viu chegar.

Implacável. Meticuloso. Arrogante.

Dante Russo prospera no controle, tanto pessoal quanto profissional.

O CEO bilionário nunca planejou se casar – até que a ameaça de chantagem o obrigar a um noivado com uma mulher que mal conhece.

Vivian Lau, herdeira de joias e filha de seu mais novo inimigo.

Não importa o quão bonita ou charmosa ela seja. Ele fará tudo ao seu alcance para destruir as provas e seu noivado.

Há apenas um problema: *agora que ele a tem... não consegue deixá-la ir.*



Elegante. Ambiciosa. Bem-educada.

Vivian Lau é a filha perfeita e o bilhete de sua família para os mais altos escalões da alta sociedade.

Casar-se com um Russo de sangue azul significa abrir portas que, de outra forma, permaneceriam fechadas para sua família de dinheiro novo.

Embora o rude e ardiloso Dante não seja sua ideia de um parceiro dos sonhos, ela concorda com o casamento arranjado por obrigação.

Desejar seu toque nunca foi parte do plano.

Nem era a pior coisa que poderia fazer: *apaixonar-se por seu futuro marido.*



PLAYLIST

Empire State of Mind — Jay-Z feat. Alicia Keys

Luxurious — Gwen Stefani

Red — Taylor Swift

Teeth — 5 Seconds of Summer

Partition — Beyoncé

Pretty Boy — Cavale

All Mine — PLAzA

Can't Help Falling in Love — Elvis Presley

We Found Love — Rihanna

Counting Stars — One Republic

The Heart Wants What It Wants — Selena Gomez

Stay — Rihanna





DEDICATÓRIA

Pela luta por quem se ama - incluindo a si mesmo.



CAPÍTULO 1

Vivian

— Não posso acreditar que ele está aqui. Ele nunca vem a essas coisas a menos que seja hospedado por um amigo...

— Viu que ele derrubou Arno Reinhart em um lugar na lista de bilionários da *Forbes*? O pobre Arnie quase teve um colapso no meio da *Jean-Georges* quando descobriu...

Os sussurros começaram na metade do evento anual de arrecadação de fundos do *Frederick Wildlife Trust* para animais ameaçados de extinção.

Este ano, a pequena tarambola cor de areia foi a suposta estrela do show, mas nenhum dos duzentos convidados da gala estava discutindo o bem-estar do pássaro com seu *Veuve Clicquot*¹ e cannoli de caviar.

— Ouvi dizer que a vila de sua família no Lago Como, está passando por uma reforma de 100 milhões de dólares. O lugar tem séculos de idade, então acho que está na hora...

Cada sussurro crescia em intensidade, acompanhado por olhares furtivos e o ocasional suspiro sonhador.

¹ Um tipo de champanhe.

Não me virei para ver quem tinha os membros normalmente frios como gelo da alta sociedade de Manhattan em tal agitação. Realmente não me importei. Estava muito focada em uma certa herdeira de uma loja de departamentos enquanto cambaleava em direção à mesa de brindes em saltos altíssimos. Ela rapidamente olhou ao redor antes de pegar uma das sacolas de presentes personalizadas e colocá-la em sua bolsa.

No minuto em que ela saiu, falei no meu fone de ouvido. — Shannon, código rosa na mesa de ganhos. Descubra de quem é a bolsa que ela pegou e substitua-a.

Cada uma das bolsas desta noite continha mais de oito mil dólares em brindes, mas era mais fácil dobrar o custo no orçamento do evento do que confrontar a herdeira do Denman.

Minha assistente gemeu na linha. — Tilly Denman de *novo*? Ela não tem dinheiro suficiente para comprar tudo naquela mesa e sobrar milhões?

— Sim, mas não é sobre o dinheiro para ela. É a adrenalina. — Disse. — Vai. Pedirei pudim de pão da *Magnolia Bakery* amanhã para compensar a árdua tarefa de substituir a sacola de brindes. E pelo amor de Deus, descubra onde está Penelope. Ela deveria estar cuidando da estação de brindes.

— Ha, ha. — Shannon disse, obviamente pegando meu sarcasmo. — Tudo bem. Checarei as bolsas de brindes e Penelope, mas espero um *grande* pote de pudim de pão amanhã.

Eu rio e balanço minha cabeça quando a linha foi cortada.

Enquanto ela cuidava da situação da bolsa de brindes, circulei a sala e fiquei de olho em outros problemas, grandes ou pequenos.

Quando entrei no negócio, sentia-me estranha trabalhando em eventos para os quais seria convidada como convidada, mas me acostumei com isso ao longo dos anos, e a renda me permitiu um pequeno grau de independência de meus pais.

Não fazia parte do meu fundo fiduciário, nem era minha herança. Era o dinheiro que ganhei, justo e honesto, como planejadora de eventos de luxo em Manhattan. Adorava o desafio de criar eventos bonitos do zero e as pessoas ricas adoravam coisas bonitas. Era uma vitória para todos.

Estava checando novamente a configuração de som para o discurso principal mais tarde naquela noite quando Shannon correu em minha direção. — Vivian! Não me disse que ele estava aqui! — Assobiou.

— Quem?

— *Dante Russo.*

Todos os pensamentos de bolsas e passagens de som voaram da minha cabeça. Empurrei meu olhar para Shannon, observando seus olhos brilhantes e bochechas coradas.

— Dante Russo? — Meu coração disparou sem motivo aparente. — Mas ele não respondeu sim.

— Bem, as regras de *RSVPs*² não se aplicam a ele. — Praticamente vibrou de excitação. — Não posso acreditar que ele apareceu. As pessoas falarão sobre isso por *semanas*.

Os sussurros anteriores de repente fizeram sentido.

²- Répondez S'il Vous Plaît, expressão francesa para "Responda, por favor", utilizada como confirmação de presença do convidado em eventos importantes.

Dante Russo, o enigmático CEO do conglomerado de artigos de luxo Grupo Russo, raramente participava de eventos públicos que não fossem organizados por ele, um de seus amigos íntimos ou um de seus importantes parceiros de negócios. O *Frederick Wildlife Trust* não se enquadrava em nenhuma dessas categorias. Ele também era um dos homens mais ricos e, portanto, mais vigiados de Nova York.

Shannon estava certa. As pessoas estariam comentando sobre sua presença por semanas, se não meses.

— Bom. — Disse, tentando controlar meu súbito batimento cardíaco descontrolado. — Talvez isso traga mais consciência para a questão da tarambola.

Ela revirou os olhos. — Vivian, ninguém se importa... — parou, olhou em volta e baixou a voz — ...*ninguém realmente se importa* com as tarambolas. Quero dizer, estou triste por estarem em perigo, mas sejamos honestas. As pessoas estão aqui apenas para a cena.

Mais uma vez, ela estava certa. Ainda assim, não importa o motivo de sua participação, os convidados estavam arrecadando dinheiro para uma boa causa, e os eventos mantinham meus negócios funcionando.

— O verdadeiro assunto da noite — Shannon disse — é quanto bom Dante parece. Nunca vi um homem preencher um smoking tão bem.

— Você tem um namorado, Shan.

— Por isso? Podemos apreciar a beleza de outras pessoas.

— Sim, bem, acho que *apreciou* o suficiente. Estamos aqui para trabalhar, não cobiçar os convidados. — Gentilmente a empurrei em direção à mesa de sobremesas. — Pode trazer mais tortinhas vienenses? Estamos acabando.

— Estraga-prazeres. — Resmungou, mas faz o que disse.

Tentei focar novamente na configuração do som, mas não pude resistir a procurar o convidado surpresa da noite. Meu olhar passou pelo DJ e pela tela 3D da tarambola e pousou na multidão na entrada. Estava tão densa que não podia ver além das bordas externas, mas aposto toda a minha conta bancária que Dante era o centro de suas atenções.

Minhas suspeitas foram confirmadas quando a multidão se moveu brevemente para revelar um vislumbre de cabelos escuros e ombros largos.

Uma onda de consciência percorreu toda a minha espinha.

Dante e eu pertencíamos a círculos sociais tangenciais, mas nunca nos conhecemos oficialmente. Pelo que tinha ouvido falar de sua reputação, estava feliz em mantê-la assim. Ainda assim, sua presença era magnética, e senti a atração por toda a sala.

Um zumbido insistente contra meu quadril lavou o formigamento que cobria minha pele e desviou minha atenção do fã-club de Dante. Meu estômago afundou quando pesquei meu celular pessoal da minha bolsa e vi quem estava ligando.

Não deveria atender ligações pessoais no meio de um evento de trabalho, mas simplesmente não se ignorava uma convocação de Francis Lau.

Verifiquei duas vezes para ter certeza de que não havia emergências exigindo minha atenção imediata antes de entrar no banheiro mais próximo.

— Alô, pai. — A saudação formal saiu da minha língua facilmente depois de quase vinte anos de prática.

Eu costumava chamá-lo de papai, mas depois que *Lau Jewels* decolou e nos mudamos de nosso apertado quarto de dois quartos para uma mansão em *Beacon Hill*, ele insistiu em ser chamado de pai. Aparentemente, soava mais “sofisticado” e “classe alta”.

— Onde está? — Sua voz profunda retumbou na linha. — Por que o eco?

— Estou no trabalho. Entrei em um banheiro para atender sua ligação. — Inclinei meu quadril contra o balcão e me senti compelida a acrescentar — É uma arrecadação de fundos para a tarambola em extinção.

Sorrio para seu suspiro pesado. Meu pai tinha pouca paciência com as causas obscuras que as pessoas usavam como desculpa para festejar, embora participasse dos eventos de doação de qualquer maneira. Era a coisa certa a fazer.

— Todos os dias, aprendo sobre um novo animal ameaçado de extinção. — Resmungou. — Sua mãe está em um comitê de arrecadação de fundos para um peixe ou outro, como se não comêssemos frutos do mar toda semana.

Minha mãe, ex-esteticista, agora era uma socialite profissional e membro do comitê de caridade.

— Já que está no trabalho, serei breve. — Meu pai disse. — Gostaríamos que se juntasse a nós para jantar na sexta à noite. Temos notícias importantes.

Apesar de suas palavras, não era um pedido.

Meu sorriso desapareceu. — *Esta sexta-feira à noite?* — Era terça-feira e eu morava em Nova York enquanto meus pais moravam em Boston.

Foi um pedido de última hora, mesmo para seus padrões.

— Sim. — Meu pai não deu mais detalhes. — O jantar é às sete em ponto. Não se atrase.

Ele desligou.

Meu telefone ficou congelado na minha orelha por uma batida extra antes de removê-lo. Escorregou contra minha palma úmida e quase caiu no chão antes que o enfiasse de volta na minha bolsa.

Era engraçado como uma frase poderia me enviar em uma espiral de ansiedade.

Temos notícias importantes.

Aconteceu alguma coisa com a empresa? Alguém estava doente ou morrendo? Meus pais estavam vendendo sua casa e se mudando para Nova York como ameaçaram fazer uma vez?

Minha mente correu com mil perguntas e possibilidades.

Eu não tinha uma resposta, mas sabia de uma coisa.

Uma convocação de emergência para a mansão Lau nunca era um bom presságio.

CAPÍTULO 2

Vivian

A sala de estar dos meus pais parecia algo saído de uma publicação da *Architectural Digest*. Os sofás acolchoados ficavam em ângulo reto com as mesas de madeira entalhada; conjuntos de chá de porcelana disputavam espaço ao lado de bugigangas inestimáveis. Até o ar cheirava frio e impessoal, como um desodorizante genericamente caro. Algumas pessoas tinham casas; meus pais tinham uma obra-prima.

— Sua pele parece opaca. — Minha mãe me examinou com um olhar crítico. — Tem acompanhado seus tratamentos faciais mensais?

Ela se sentou à minha frente, sua própria pele brilhando com uma luminosidade perolada.

— Sim, mãe. — Minhas bochechas doíam com a polidez forçada do meu sorriso.

Eu tinha pisado na casa da minha infância dez minutos atrás, e tinha sido criticada por meu cabelo (muito bagunçado), minhas unhas (muito compridas) e agora, minha pele.

Apenas mais uma noite na mansão Lau.

— Bom. Lembre-se, não pode se deixar levar. — Disse minha mãe. — Você ainda não se casou.

Segurei um suspiro. *Aqui vamos nós outra vez.*

Apesar da minha próspera carreira em Manhattan, onde o mercado de planejamento de eventos era mais implacável do que uma venda de amostras de grife, meus pais estavam fixados na minha falta de namorado e, portanto, na falta de perspectivas conjugais. Toleravam meu trabalho porque não estava mais na moda as herdeiras não fazerem nada, mas *salivavam* por um genro, alguém que pudesse aumentar sua presença nos círculos da velha elite do dinheiro.

Éramos ricos, mas nunca seríamos dinheiro velho. Não nesta geração.

— Ainda sou jovem. — Disse pacientemente. — Tenho muito tempo para conhecer alguém.

Tinha apenas vinte e oito anos, mas meus pais agiram como se eu fosse murchar no *Crypt Keeper*³ na segunda meia-noite do meu trigésimo aniversário.

— Você tem quase trinta anos. — Minha mãe respondeu. — Não está ficando mais jovem e *precisa* começar a pensar em casamento e filhos. Quanto mais esperar, menor será o grupo de solteiros.

— *Estou pensando nisso. — Pensando no ano de liberdade que me resta antes de ser forçada a me casar com um banqueiro com*

³-Guardião da Cripta, personagem da série estadunidense transmitida de 1989 a 1996. No Brasil, foi transmitida pelo canal fechado Multishow e recebeu o nome de “Contos de Terror”.

um algarismo após seu sobrenome. — Quanto a ficar mais jovem, é para isso que servem o Botox e a cirurgia plástica.

Se minha irmã estivesse aqui, teria rido. Como não estava, minha piada caiu mais do que um suflê mal cozido. Os lábios de minha mãe se estreitaram. Ao seu lado, as sobrancelhas grossas e grisalhas de meu pai formavam um severo V sobre a ponte de seu nariz.

Sessenta anos, ágil e em forma, Francis Lau parecia em cada centímetro o CEO autodidata. Havia expandido a Lau Jewels de uma pequena loja familiar para uma gigante multinacional ao longo de três décadas, e um olhar silencioso dele foi o suficiente para me fazer encolher contra as almofadas do sofá.

— Toda vez que falamos sobre casamento, você faz uma piada. — Seu tom era de desaprovação. — Casamento *não é* brincadeira, Vivian. É um assunto importante para a nossa família. Olhe para sua irmã. Graças a ela, agora estamos conectados à família real de Eldorra.

Mordi minha língua com tanta força que o gosto de cobre encheu minha boca. Minha irmã se casou com um conde eldorrano que era primo em segundo grau duas vezes afastado da rainha. Nossa “conexão” com a família real do pequeno reino europeu era exagerada, mas aos olhos de meu pai, um título aristocrático era um título aristocrático.

— Sei que não é uma piada. — Disse, pegando meu chá. Precisava de algo para fazer com minhas mãos. — Entretanto, também não é algo que precise pensar *agora*. Estou saindo, explorando minhas perspectivas. Há muitos homens solteiros em Nova York. Só tenho que encontrar o certo.

Deixei de fora a ressalva: havia muitos homens solteiros em Nova York, mas o grupo de homens solteiros, heterossexuais, não babacas, não esquisitos, não perturbadoramente excêntricos era muito menor.

Meu último encontro tentou me envolver em uma sessão espírita para entrar em contato com sua mãe morta para que pudesse “me conhecer e dar sua aprovação”. Desnecessário dizer que nunca mais o vi. Meus pais contudo, não precisavam saber disso. No que lhes dizia respeito, estava namorando belos herdeiros de fundos fiduciários a torto e a direito.

— Nós lhe demos bastante tempo para encontrar uma combinação adequada nos últimos dois anos. — Meu pai não parecia impressionado com meu discurso. — Não teve um único namorado sério desde seu último... *relacionamento*. Está claro que não sente a mesma urgência que nós e é por isso que resolvi o assunto com minhas próprias mãos.

Meu chá congelou a meio caminho dos meus lábios. — O que significa?

Achei que as notícias importantes que mencionou tinham a ver com minha irmã ou com a empresa, mas e se...

Meu sangue gelou.

Não. Não pode ser.

— O que significa que consegui uma combinação adequada para você. — Meu pai soltou a bomba com pouco ou nenhum aviso ou emoção visível. — Deu um pouco de trabalho da minha parte, mas o arranjo foi finalizado.

Conseguí uma combinação adequada para você.

Os fragmentos de sua declaração explodiram em meu peito e quase cortaram minha compostura externa ao meio. Minha xícara de chá caiu de volta em seu prato, ganhando-me uma carranca de minha mãe.

Pela primeira vez, estava muito ocupada processando para me preocupar com sua desaprovação.

Os casamentos arranjados eram uma prática comum em nosso mundo de grandes negócios e jogos de poder, onde os casamentos não eram jogos de amor; eram alianças. Meus pais casaram minha irmã por um título, e sabia que minha vez estava chegando. Só não esperava que viesse tão... tão *cedo*.

Um coquetel amargo de choque, pavor e horror desceu pela minha garganta. Esperava-se que eu entrasse em um contrato vitalício depois de “muito trabalho” por parte do meu pai.

Exatamente o que toda mulher quer ouvir.

— Deixamos você arrastar os pés por muito tempo e este acordo será extremamente benéfico para nós. — Continuou meu pai. — Tenho certeza que concordará quando conhecê-lo no jantar.

O coquetel se transformou em veneno e corroeu minhas entranhas.

— Jantar? Como *no jantar de hoje à noite*? — Minha voz soou distante e estranha, como se a estivesse ouvindo em um sonho ruim. — Por que não me contou antes?

Ser emboscada com a notícia de um casamento arranjado já era ruim o suficiente. Conhecer meu futuro noivo sem preparação era cem vezes pior. Não admira que minha mãe estivesse sendo

ainda mais crítica do que o normal. Estava esperando seu futuro genro como convidado.

Meu estômago embrulhou e a possibilidade de expelir seu conteúdo por todo o valioso tapete persa de minha mãe se aproximou da realidade. Tudo estava acontecendo muito rápido. A convocação para o jantar, a notícia do meu noivado, a reunião iminente; minha mente girava por tentar acompanhar.

— Ele não confirmou até hoje devido a... complicações de agendamento. — Meu pai alisou a mão sobre sua camisa. — Você terá que conhecê-lo eventualmente. Não importa se é hoje à noite, daqui a uma semana ou daqui a um mês.

Na verdade, importa. Há uma diferença entre estar mentalmente preparada para conhecer meu noivo e tê-lo jogado na minha cara sem aviso prévio.

Minha réplica fervia em fogo baixo, destinada a nunca atingir uma fervura completa. Responder era estritamente proibido na casa de Lau. Estava em obediência com suas regras mesmo quando adulta, e a desobediência era sempre recebida com punição rápida e palavras duras.

— Queremos levar as coisas adiante o mais rápido possível. — Minha mãe interveio. — Leva tempo para planejar um casamento adequado, e seu noivo é, *er*, cuidadoso com os detalhes.

Engraçado como ela já o chamava de meu noivo quando eu ainda não conhecia o homem.

— *Mode de Vie*⁴ o nomeou um dos solteiros mais cobiçados do mundo com menos de quarenta anos no ano passado. Rico, bonito,

⁴-Revista francesa.

poderoso. Honestamente, seu pai se superou. — Minha mãe deu um tapinha no braço do meu pai, seu rosto brilhando.

Não a via tão animada desde que conseguiu um lugar no comitê de planejamento do Leilão de Vinhos da *Boston Society* no ano passado.

— Isso é ótimo. — Meu sorriso vacilou pelo esforço de se manter intacto.

Pelo menos meu par provavelmente tinha todos os seus dentes. Não teria deixado meus pais me casarem com algum bilionário decrépito em seu leito de morte. Dinheiro e status vinham primeiro; todo o resto veio um segundo distante.

Respirei fundo e forcei minha mente a não seguir esse caminho em particular.

Recomponha-se, Viv.

Por mais chateada que estivesse com meus pais por terem jogado isso em mim, poderia surtar mais tarde, *depois de* passar a noite. Não era como se pudesse dizer não ao acordo. Se o fizesse, meus pais me repudiariam. Além disso, meu futuro marido - meu estômago embrulhou novamente - estaria aqui a qualquer minuto, e não poderia fazer uma cena.

Limpei a palma da mão contra minha coxa. Minha cabeça estava tonta, mas me agarrei à máscara que sempre usava em casa. *Legal. Calma. Respeitável.*

— Então. — Engoli minha bÍlis e forcei um tom leve. — O Sr. Perfeito tem um nome, ou é conhecido apenas por seu patrimônio líquido?

Não me lembrava de todos que estavam na lista do *Mode de Vie*, mas as pessoas de quem *me* lembrava não inspiravam muita confiança. Se ele...

— Patrimônio líquido por estranhos. Nome por amigos e familiares selecionados.

Minha espinha endureceu com a voz profunda e inesperada atrás de mim. Estava tão perto que podia *sentir* o estrondo das palavras nas minhas costas. Deslizaram sobre mim como mel aquecido pelo sol – ricas e sensuais, com um leve sotaque italiano que fez cada terminação nervosa formigar de prazer. O calor deslizou sob minha pele.

— Ah, aí está você. — Meu pai se levantou, um brilho estranhamente triunfante em seus olhos. — Obrigado por vir em tão pouco tempo.

— Como poderia deixar passar a oportunidade de conhecer sua adorável filha?

Uma pitada de zombaria manchou a palavra *adorável* e instantaneamente lavou qualquer atração que tinha por uma voz, de todas as coisas. O gelo apagou o calor em minhas veias.

Tanto para o Sr. Perfeito.

Apreendi a confiar no meu instinto quando se tratava de pessoas, e meu instinto me dizia que o dono da voz estava tão emocionado com o jantar quanto eu.

— Vivian, diga olá ao nosso convidado. — Se minha mãe sorrisse mais forte, seu rosto se dividiria ao meio.

Eu meio que esperava que apoiasse a bochecha na mão e suspirasse sonhadoramente como uma colegial apaixonada. Afastei a imagem perturbadora da minha mente antes de levantar o queixo.

Levantei-me, e virei-me.

E todo o ar saiu dos meus pulmões.

Cabelo preto grosso. Pele de azeitona. Um nariz ligeiramente torto que realçava em vez de diminuir seu charme rudemente masculino.

Meu futuro marido era devastação pura em um terno. Não bonito pelos meios convencionais, mas tão poderoso e convincente que sua presença engoliu cada molécula de oxigênio na sala como um buraco negro consumindo uma estrela recém-nascida.

Havia homens genericamente bonitos, e havia *ele*. E, ao contrário de sua voz, seu rosto era eminentemente reconhecível.

Meu coração afundou sob o peso do meu choque.

Impossível. De jeito nenhum de ele ser meu noivo arranjado. Isso tinha que ser uma piada.

— Vivian. — Minha mãe disfarçou sua repreensão com meu nome.

Certo. Jantar. Noiva. Reunião.

Sacudi-me do meu estupor e convoquei um sorriso tenso, mas educado. — Vivian Lau. É um prazer conhecê-lo.

Estendi minha mão. Uma batida se passou antes que a tomasse. A força calorosa envolveu minha palma e enviou um choque de eletricidade pelo meu braço.

— Assim deduzi das várias vezes que sua mãe disse seu nome.
— A preguiça de seu sotaque jogou a observação como uma piada; a dureza de seus olhos me disse que era tudo menos isso. — Dante Russo. O prazer é todo meu.

Lá estava a zombaria novamente, sutil, mas cortante.

Dante Russo.

CEO do Grupo Russo, lenda da Fortune 500, e o homem que criou tanto burburinho na gala do *Frederick Wildlife Trust* três noites atrás. Não era apenas um solteiro elegível; era o solteiro. O bilionário indescritível que toda mulher queria e ninguém conseguia. Ele tinha trinta e seis anos, notoriamente casado com seu trabalho e, até agora, não mostrou nenhuma intenção de desistir de seu estilo de vida de solteiro.

Por que, então, Dante Russo de todas as pessoas concordaria com um casamento arranjado?

— Eu me apresentaria pelo meu patrimônio líquido. — Disse ele. — Seria contudo indelicado classificá-la como uma estranha, dado o propósito do jantar de hoje à noite.

Seu sorriso não continha um pingo de calor.

Minhas bochechas aqueceram com o lembrete de que ouviu minha piada. Não tinha sido maliciosa, mas discutir o dinheiro de outras pessoas era considerado grosseiro, embora todos o fizessem secretamente.

— Isso é muito atencioso da sua parte. — Minha resposta fria mascarou meu constrangimento. — Não se preocupe, Sr. Russo. Se eu quisesse saber seu patrimônio líquido, poderia pesquisar no Google. Tenho certeza de que a informação está tão prontamente disponível quanto os contos de seu lendário charme.

Um brilho brilhou em seus olhos, mas não mordeu minha isca. Em vez disso, nossos olhares se mantiveram por um momento carregado antes de ele deslizar a palma da minha mão e varrer um olhar clínico e distante sobre o meu corpo.

Minha mão formigava com calor, mas em todos os outros lugares, a frieza tocava minha pele como a indiferença de um deus diante de um mortal. Endureci novamente sob o escrutínio de Dante, de repente hiperconsciente do meu terno de saia de *tweed* aprovado por Cecelia Lau, botões de pérolas e sapatos de salto baixo. Até troquei meu batom vermelho favorito pela cor neutra que ela preferia.

Este era o meu uniforme padrão para visitar meus pais, e a julgar pela forma como os lábios de Dante se afinaram, ficou menos do que impressionado.

Uma mistura de desconforto e irritação torceu meu estômago quando aqueles olhos escuros e implacáveis encontraram os meus novamente.

Nós trocamos apenas um punhado de palavras, mas sabia duas coisas com certeza.

Primeiro, Dante seria meu noivo.

Segundo, podemos nos matar antes mesmo de chegarmos ao altar.

CAPÍTULO 3

Dante

— O casamento acontecerá em seis meses. — disse Francis. — É tempo suficiente para planejar uma celebração adequada sem arrastar as coisas por muito tempo. No entanto, os anúncios públicos devem sair imediatamente.

Ele sorriu, não mostrando nenhum indício da cobra enrolada sob seu tom e expressão geniais.

Fomos para a sala de jantar logo após a minha chegada e a conversa imediatamente se desviou para o território do planejamento do casamento.

Desgosto enrolou através de mim. *Claro* que ele gostaria que o mundo soubesse que sua filha estava se casando com um Russo o mais rápido possível.

Homens como Francis fariam qualquer coisa para aumentar sua posição social, incluindo encontrar coragem para me chantagear em *meu* escritório há duas semanas, logo após a morte do meu avô.

A fúria reacendeu em meu peito. Se eu pudesse, não teria saído de Nova York com os ossos intactos. Infelizmente, minhas mãos estavam atadas, metaforicamente falando, e até encontrar uma maneira de *desamarrá-las*, tinha que jogar bem.

Em sua maioria.

— Não, não vai. — Enrolei meus dedos na haste da minha taça de vinho e imaginei que era o pescoço de Francis que estrangulava em vez disso. — Ninguém vai acreditar que estou me casando com alguém em tão pouco tempo, a menos que algo esteja errado.

Por exemplo, sua filha está grávida e este é um casamento forçado. A insinuação fez todos se mexerem em seus assentos enquanto mantive meu rosto em branco e minha voz entediada.

A contenção não me vinha naturalmente. Se eu não gostasse de alguém, certificava-me de que soubessem, mas circunstâncias extraordinárias exigiam medidas extraordinárias.

A boca de Francis se apertou. — Então o que sugere?

— Um ano é um prazo mais razoável.

Nunca era melhor, mas, infelizmente, não era uma opção. Um ano serviria. Era curto o suficiente para que Francis concordasse com isso e longo o suficiente para eu encontrar e destruir as evidências da chantagem. Esperançosamente.

— Os anúncios também devem sair mais tarde. — Disse. — Um mês nos dá tempo para elaborar uma história adequada, considerando que sua filha e eu nunca fomos vistos juntos em público antes.

— Não precisamos de um mês para inventar uma história. — Retrucou.

Embora os casamentos arranjados fossem comuns na alta sociedade, as partes envolvidas faziam um grande esforço para esconder a verdadeira razão por trás das núpcias. Reconhecer uma

família unida a outra simplesmente por razões de status era considerado vulgar.

— Duas semanas. — Disse ele. — Anunciaremos no fim de semana que Vivian se muda para sua casa.

Minha mandíbula tensionou. Ao meu lado, Vivian enrijeceu, claramente pega de surpresa pela revelação de que teria que se mudar antes do casamento. Era uma das estipulações de Francis para manter a boca fechada e estava temendo isso. Odiava pessoas invadindo meu espaço pessoal.

— Tenho certeza de que sua família também gostaria que os anúncios fossem divulgados mais cedo ou mais tarde. — Continuou Francis, enfatizando suavemente a palavra *família*. — Não concorda?

Segurei seu olhar até que se mexeu e desviou o olhar.

— Duas semanas então.

A data do anúncio não importava. Simplesmente queria tornar o planejamento o mais difícil possível para ele. O que importava era a data do casamento.

Um ano.

Um ano para destruir as fotos e romper o noivado. Seria um grande escândalo, mas minha reputação poderia ser atingida. Os Laus não podiam.

Pela primeira vez naquela noite, sorrio.

Francis se mexeu novamente e limpou a garganta. — Excelente. Vamos trabalhar juntos para redigir...

— Vou redigi-lo. Próximo.

Ignorei seu olhar e tomei outro gole de merlot. A conversa se transformou em um entorpecente resumo de convites de convidados, flores e um milhão de outras coisas para as quais não dava a mínima.

A raiva inquieta se agitou sob minha pele enquanto desligava Francis e sua esposa. Em vez de trabalhar no acordo de *Santeri* ou relaxar no *Valhalla Club*, estava preso entretendo suas besteiras em uma noite de sexta-feira.

Ao meu lado, Vivian comia em silêncio, parecendo perdida em pensamentos.

Depois de vários minutos de silêncio tenso, finalmente falou.
— Como foi seu voo?

— Bem.

— Aprecio por ter tido tempo para voar quando poderíamos ter nos encontrado em Nova York. Sei que deve estar ocupado.

Cortei um pedaço de vitela e levei-o à boca. O olhar de Vivian fez um buraco na minha bochecha enquanto mastigava vagarosamente.

— Também ouvi dizer que quanto mais zeros alguém tem em sua conta bancária, menos palavras são capazes de falar. — Sua voz enganosamente agradável poderia ter cortado manteiga. — Está provando que o boato está correto.

— Achei que uma herdeira da sociedade como você saberia melhor do que discutir dinheiro em uma companhia educada.

— A palavra-chave é educada.

Um fantasma de um sorriso cintilou sobre minha boca.

Em circunstâncias normais, poderia ter gostado de Vivian. Era linda e surpreendentemente espirituosa, com olhos castanhos inteligentes e o tipo de estrutura óssea naturalmente refinada que nenhuma quantia de dinheiro poderia comprar, mas com suas pérolas e *tweed Chanel*, parecia uma cópia xerográfica de sua mãe e de todas as outras herdeiras tensas que só se importavam com seu status social. Além disso, era filha de Francis. Não era sua culpa ter nascido para o bastardo, mas eu não dava a mínima. Nenhum grau de beleza poderia apagar essa mancha em seu registro.

— Não é *educado* falar com um convidado dessa maneira. — Zombei suavemente. Alcancei o sal. Minha manga roçou seu braço, e ela ficou visivelmente tensa. — O que seus pais diriam?

Tinha cronometrado as interrupções de Vivian em menos de uma hora desde que nos conhecemos. Perfeccionismo, não confronto, uma necessidade desesperada de aprovação dos pais.

Chata, chata, chata.

Seus olhos se estreitaram. — Dizem que os *hóspedes* devem aderir às sutilezas sociais tanto quanto o anfitrião, incluindo fazer um esforço para manter uma conversa educada.

— Sim? As sutilezas sociais incluem se vestir como se tivesse saído de uma fábrica da *Fifth Avenue Stepford Wives*⁵? Lancei um olhar sobre seu terno e pérolas.

⁵-Ele faz referência ao filme *Mulheres Perfeitas* (2004).

Não dava a mínima se pessoas como Cecelia usavam uma roupa dessas, mas Vivian parecia tão deslocada naquelas roupas deselegantes quanto um diamante em um saco de estopa. Isso me irritou sem uma boa razão.

— Não, mas certamente *não* incluem arruinar um bom jantar com descortesia. — Vivian disse friamente. — Deveria comprar um bom conjunto de boas maneiras para combinar com seu terno, Sr. Russo. Como CEO de artigos de luxo, sabe melhor do que ninguém como um acessório feio pode arruinar uma roupa.

Outro sorriso, ainda fraco, mas mais concreto.

Afinal, não tão chata.

No entanto, as brasas da minha diversão sibilaram em uma morte enfumaçada quando sua mãe se inseriu em nossa conversa.

— Dante, é verdade que todos os Russos se casam na propriedade da família no Lago Como? Ouvi dizer que as reformas serão concluídas no próximo verão antes do casamento.

Meu sorriso desapareceu quando meus músculos se contraíram com o lembrete. Afastei-me de Vivian para encarar a expressão ansiosa de Cecelia.

— Sim. — Disse, meu tom cortante. — Todos os casamentos Russo acontecem na Villa Serafina desde o século XVIII.

Meu bisavô muitas vezes construiu a vila e deu o nome de sua esposa. Minha família pode traçar suas raízes até a Sicília, mas depois migraram para Veneza e construíram uma fortuna negociando têxteis de luxo. Quando o *boom* comercial de Veneza terminou, diversificaram o suficiente para manter suas riquezas que usaram para adquirir propriedades em toda a Europa.

Agora, séculos depois, meus parentes modernos estavam espalhados pelo mundo; Nova York, Roma, Suíça, Paris, mas Villa Serafina continuava sendo a mais amada de todas as propriedades da família. Prefiro me afogar no Mediterrâneo do que manchá-la com uma farsa de casamento.

Minha raiva voltou rugindo.

— Maravilhoso! — Cecília sorriu. — Oh, estou tão feliz que fará parte da família em breve. Você e Vivian são uma par *perfeito*. Sabe, ela fala seis idiomas, toca piano e violino e...

— Com licença. — Empurrei minha cadeira para trás, cortando Cecelia no meio da frase. As pernas raspavam no chão com um guincho satisfatoriamente áspero. — Natureza chama.

O silêncio bateu na esteira da minha rudeza chocante. Não esperei ninguém falar antes de sair e deixar um Francis furioso, Cecelia perturbada e Vivian com o rosto vermelho na sala de jantar.

Minha raiva permaneceu uma queimadura inquieta sob minha pele, mas esfriou a cada passo mais longe deles.

No passado, exigi retribuição aqueles que me atravessaram imediatamente. Foda-se a vingança sendo um prato que se come frio; meu lema sempre foi ataque rápido, ataque forte e ataque verdadeiro.

O mundo se movia rápido demais para que eu não me movesse junto com ele. Cuidava do problema com severidade suficiente para garantir que não haveria problemas futuros e seguia em frente. Resolver a situação de Lau, por outro lado, exigia paciência. Era uma virtude com a qual não estava familiarizado, e se esticava sobre mim como um terno mal ajustado.

O eco dos meus passos desapareceu quando o piso de mármore deu lugar ao carpete. Tinha visitado mansões o suficiente com *layouts* semelhantes para adivinhar onde ficava o banheiro, mas ignorei em favor da sólida porta de mogno no final do corredor.

Um giro da maçaneta revelou um escritório com o estilo de uma biblioteca inglesa. Painéis de madeira, móveis de couro estofados, detalhes em verde floresta. O santuário interior de Francis.

Pelo menos não estava excessivamente enfeitado com ouro como o resto da casa. Meus olhos estavam começando a sangrar da monstruosidade.

Deixei a porta aberta e caminhei até a mesa, meu passo sem pressa. Se Francis tivesse algum problema comigo bisbilhotando em seu escritório, era bem-vindo para me confrontar.

Ele não era estúpido o suficiente para deixar as fotos atrás de uma porta destrancada quando sabia que eu estaria aqui esta noite. Mesmo que as fotos *estivessem* aqui, teria cópias guardados em outro lugar.

Acomodei-me em sua cadeira, peguei um charuto cubano da caixa em sua gaveta e o acendi enquanto examinava o quarto. Minha raiva deu lugar ao cálculo.

A tela escura do computador me tentou, mas deixei o *hacking* para Christian, que estava rastreando cópias digitais das fotos.

Passei para uma foto emoldurada de Francis e sua família nos *Hamptons*. A pesquisa me disse que tinham uma casa de verão em

Bridgehampton, e aposto meu recém-adquirido *Renoir*⁶, que mantinha pelo menos um conjunto de evidências lá.

Onde mais...

— O que está fazendo?

A fumaça do meu charuto obscureceu o rosto de Vivian, mas sua desaprovação veio em alto e bom som.

Isso foi rápido. Esperava pelo menos mais cinco minutos antes que seus pais a forçassem a vir atrás de mim.

— Desfrutando de uma pausa para fumar. — Dei outra tragada preguiçosa.

Não tocava em cigarros, mas me entregava ao ocasional *Cohiba*⁷. Pelo menos Francis tinha bom gosto para tabaco.

— No escritório do meu pai?

— Obviamente. — A satisfação sombria encheu meu peito quando a fumaça se dissolveu para revelar a carranca de Vivian.

Finalmente. Alguma emoção visível. Comecei a pensar que estava preso a um robô pelo resto do nosso compromisso ridículo.

Ela atravessou a sala, arrancou o charuto da minha mão e o deixou cair no copo meio vazio de água sobre a mesa sem tirar os olhos dos meus.

— Entendo que provavelmente está acostumado a fazer o que quiser, mas é extremamente rude escapar durante um jantar e

⁶-Artista francês considerado um dos principais pintores no desenvolvimento do estilo impressionista.

⁷-Charuto.

fumar no escritório do seu anfitrião. — A tensão cobria suas feições elegantes. — Por favor, junte-se a nós na sala de jantar. Sua comida está esfriando.

— Isso é problema meu, não seu. — Eu me inclinei para trás. — Por que não se junta a mim para uma pausa? Prometo que será mais agradável do que a mão de sua mãe torcendo por arranjos florais.

— Baseado em nossas interações até agora, duvido. — Retrucou.

Observei, divertido, enquanto ela respirava fundo e soltava em uma expiração longa e controlada.

— Não entendo por que está aqui. — Disse Vivian, sua voz mais calma. — Está claramente insatisfeito com o acordo, não precisa do dinheiro ou da conexão com minha família e pode ter qualquer mulher que quiser.

— Posso? — Questionei. — E se eu quiser você?

Seus dedos se fecharam em punhos soltos. — Não quer.

— Você se dá muito pouco crédito. — Levantei-me e circulei a mesa até ficar perto o suficiente para ver o pulso vibrando em seu pescoço. Quão mais rápido ficaria se eu enrolasse seu cabelo em volta do meu punho e pusesse sua cabeça para trás? Se eu a beijasse até que sua boca ficasse machucada e subisse sua saia até que me implorasse para fodê-la?

Calor correu para minha virilha. Não estava interessado em realmente fodê-la, mas era tão empertigada e apropriada que implorava por corrupção.

O silêncio era ensurdecedor quando levantei minha mão e rocei meu polegar sobre seu lábio inferior. A respiração de Vivian ficou ofegante, mas não se afastou.

Ela olhou para mim, olhos cheios de desafio enquanto explorava a curva exuberante de sua boca. Era cheio, suave e perturbadoramente tentador em comparação com a formalidade rígida do resto de sua aparência.

— É uma mulher bonita. — Disse preguiçosamente. — Talvez tenha visto você em um evento e fiquei tão apaixonado que pedi sua mão em casamento a seu pai.

— De alguma forma, duvido que isso tenha acontecido. — Sua respiração flutuou sobre minha pele. — Que tipo de acordo fez com meu pai?

A lembrança do acordo matou a sensualidade do momento tão rápido quanto veio. Meu polegar parou no centro de seu lábio inferior antes de eu soltar minha mão com uma maldição silenciosa. Minha pele formigava com o calor da memória de sua suavidade.

Odiava Francis pela chantagem, mas detestava Vivian por ser seu peão. Então, o que diabos estava fazendo, brincando com ela em seu escritório?

— Deveria fazer essa pergunta ao seu querido pai. — Meu sorriso cortou meu rosto, cruel e desprovido de humor enquanto recuperava minha compostura. — Os detalhes não importam. Só sei que se tivesse outra escolha, não estaria me casando, mas negócios são negócios, e você... — Dei de ombros. — É simplesmente parte do negócio.

Vivian não sabia da manipulação do pai. Francis tinha me avisado para não lhe contar, não que fosse contar, de qualquer maneira. Quanto menos pessoas soubessem da chantagem, melhor. Ele descobriu um dos meus poucos pontos fracos, e seria amaldiçoado se o transmitisse para o mundo.

Os olhos de Vivian brilharam de raiva. — Você é um idiota.

— Sim, sou. Melhor se acostumar, *mia cara*⁸, porque também sou seu futuro marido. Agora, se me der licença... — Endireitei meu casaco com cuidado deliberado. — Tenho que voltar para o jantar. Como disse antes, minha comida está esfriando.

Passei por ela, deleitando-me com o delicioso sabor de sua indignação.

Um dia, ela realizaria seu desejo tácito e acordaria com um noivado rompido.

Até então, esperaria meu tempo e jogaria junto porque o ultimato de Francis tinha sido claro.

Casar com Vivian, ou meu irmão morreria.

⁸-Minha querida, em italiano.

CAPÍTULO 4

Dante

Nem Francis nem Cecelia disseram uma palavra sobre minha longa ausência da mesa de jantar na sexta à noite. Vivian não mencionou nossa conversinha no escritório, e voltei para Nova York insatisfeito e nervoso.

Poderia ter queimado a mansão Lau com um toque do meu isqueiro. Infelizmente, fazer isso teria trazido as autoridades diretamente à minha porta. Incêndio era ruim para os negócios, e nunca tinha me rebaixado a matar... ainda, mas certas pessoas me tentavam a cruzar a linha todos os dias, uma das quais eu compartilhava sangue.

— Qual é a emergência? — Luca se acomodou na cadeira em frente à minha com um bocejo. — Acabei de sair do avião. Dê a um cara tempo para dormir.

— De acordo com as páginas da sociedade, não dormiu no mês passado.

Em vez disso, estava festejando ao redor do mundo. *Mykonos* um dia, *Ibiza* no outro. Sua última parada foi em Mônaco, onde perdeu cinquenta mil na mesa de pôquer.

— Exatamente. — Bocejou novamente. — É por isso que preciso dormir.

Minha mandíbula endureceu. Luca era cinco anos mais novo que eu, mas agia como se tivesse vinte e um em vez de trinta e um. Se ele não fosse meu irmão, eu o teria cortado sem hesitação, *especialmente* devido ao show de merda que me vi graças a ele.

— Não está curioso por que eu te chamei aqui?

Luca deu de ombros, alheio à tempestade que se formava sob minha calma. — Sentiu falta do seu irmãozinho?

— Não exatamente. — Peguei uma pasta de papel manilha da minha gaveta e a coloquei sobre a mesa entre nós. — Abra.

Ele me deu um olhar estranho, mas forçado. Mantive meu olhar treinado em seu rosto enquanto folheava as fotos, lentamente no início, depois mais rápido à medida que o pânico se instalava. Satisfação sombria passou por mim quando finalmente olhou para cima, seu rosto vários tons mais pálido do que quando entrou. Pelo menos entendeu o que estava em jogo.

— Sabe quem é a mulher nessas fotos? — Perguntei.

A garganta de Luca balançou com um engolir forte.

— Maria Romano. — Bati a foto no topo da pilha. — Sobrinha do mafioso Don Gabriele Romano. Vinte e sete anos, viúva, e a menina dos olhos do tio. O nome deve soar um sino, considerando que a fodeu antes de partir para a Europa, como evidenciado por essas fotos.

As mãos do meu irmão se fecharam. — Como você...

— Essa não é a pergunta certa, Luca. A pergunta certa é que tipo de caixão gostaria no seu funeral, porque é isso que terei que planejar se Romano *descobrir* sobre isso!

A tempestade rompeu no meio da minha frase, alimentada por semanas de fúria e frustração reprimidas. Luca se encolheu em sua cadeira enquanto empurrava minha cadeira para trás e me levantava, meu corpo vibrando com sua pura *idiotice*.

— Uma princesa da máfia? Está *brincando* comigo? — Tirei a pasta da mesa em um movimento furioso, tirando um peso de papel de vidro com ela. O vidro se estilhaçou com um estrondo ensurdecedor enquanto as fotos voavam para o chão.

Luca se encolheu.

— Fez alguma merda estúpida em sua vida, mas isso tem que levar o prêmio. — Grito. — Sabe o que Romano faria com você se descobrisse? Ele o estriparia como um peixe da maneira mais lenta e dolorosa possível. Nenhuma quantia de dinheiro o salvaria. Vai pendurar seu corpo em um maldito viaduto como um aviso - se ainda houver um corpo depois que terminar com você!

O último cara que tocou em uma mulher da família de Romano sem sua permissão acabou com seu pau cortado e seus miolos estourados em seu quarto. O cara apenas beijou a prima de Romano na bochecha. Rumores diziam que o mafioso nem *gostava* da prima.

Se ele descobrisse que Luca dormiu com sua amada sobrinha? Meu irmão imploraria pela morte.

A pele de Luca assumiu um tom verde doentio. — Não se des...

— O que *diabos* estava pensando? Como diabos a conheceu?

Os Romanos eram notoriamente insulares. Gabriele mantinha uma rédea curta em seu povo, e raramente se aventuravam fora de suas casas controladas pela família.

— Conhecemo-nos em um bar. Não conversamos muito, mas nos demos bem e trocamos números. — Luca falou rápido, como se estivesse com medo de que eu atacasse se parasse. — Ela não tem tantos olhos nela agora que está viúva, mas juro, não sabia quem era até depois que dormimos juntos. Disse-me que seu pai estava em construção.

Uma veia pulsava em minha têmpora. — *Está em construção.*

Junto com boates, restaurantes e uma dúzia de outras frentes para seu negócio sujo. Se fosse qualquer outra pessoa além de Romano, teria minado a ameaça de Francis pagando-os ou fazendo um acordo mutuamente benéfico.

Ao contrário porém de alguns empresários que eram míopes o suficiente para se enredar no submundo, eu não fodia com a máfia. Uma vez que entrava, a única maneira de sair era em um caixão, e preferiria me incendiar do que me colocar voluntariamente em uma posição em que tivesse que responder a outra pessoa.

Francis queria o que meu sobrenome poderia trazer para ele. Romano? Ele iria querer cada dólar e gota de sangue, mesmo *depois* de cortar a garganta do meu irmão.

— Sei que parece ruim, mas você não entende. — Disse Luca, sua expressão torturada. — Eu a amo.

Uma calma terrível desceu sobre mim. — Você a ama.

— Sim. — Seu rosto suavizou. — Ela é incrível. Linda, inteligente...

— Você a ama, mas está fodendo tudo o que se move nas últimas *duas semanas*.

— Eu *não*. — Luca ficou vermelho brilhante. — Foi um ato para manter minha reputação, sabe? Tive que sair um pouco porque sua prima fugiu e seu tio estava reprimindo toda a família, mas fomos cuidadosos.

Nunca estive mais perto de assassinar um membro da família.

— Aparentemente, não *suficientemente* cuidadoso. — Rosnei, ganhando outra vacilada.

Respirei fundo e esperei que a raiva explosiva passasse antes de me sentar, lenta e deliberadamente, para não cruzar a mesa e estrangular meu único irmão. — Quer saber como consegui essas fotos, Luca?

Ele abriu a boca, depois fechou e balançou a cabeça.

— Francis Lau entrou no meu escritório há duas semanas e as jogou na minha mesa. Coincidentemente, estive na cidade mais cedo e viu você com Maria. Reconheceu vocês dois e os seguiu. Uma vez que conseguiu o que precisava, veio para fazer um acordo. — Um sorriso fino tocou meus lábios. — Importa-se de adivinhar quais são os termos do acordo?

Luca balançou a cabeça novamente.

— Eu me caso com a sua filha, e ele guardará as provas para si mesmo. Se eu não fizer isso, enviará as fotos para Romano e você morrerá.

Eu tinha uma excelente força de segurança privada. Eram bem treinados, profissionais e moralmente flexíveis o suficiente para lidar com intrusos de uma maneira que dissuadia futuros intrusos de me atravessarem. No entanto, havia uma diferença entre segurança e punição e guerra com a porra da máfia.

Os olhos de Luca se arregalaram.

— *Merda.* — Esfregou a mão no rosto. — Dante, eu...

— Não diga outra palavra. Aqui está o que *vai* fazer. — Eu o prendi com um olhar duro. — Cortará todo o contato com Maria, com efeito imediato. Não dou a mínima se ela é sua verdadeira alma gêmea e nunca mais encontre o amor depois dela. A partir deste momento, ela não existe para você. Não verá, falará, ou se comunicará com ela. Se fizer isso, vou congelar todas as suas malditas contas e colocarei na lista negra qualquer pessoa que o ajude financeiramente.

Nosso avô estava ciente dos hábitos de gastos de Luca e me deixou o controle total da empresa e das finanças da família em seu testamento. Estar na lista negra comigo significava estar na lista negra por todos em nosso círculo social, e mesmo os amigos idiotas de Luca não eram estúpidos o suficiente para arriscar isso.

— Também estou cortando sua mesada mensal pela metade até provar que é capaz de fazer escolhas melhores.

— O quê? — Luca explodiu. — Você não pode...

— Interrompa-me novamente e será reduzida a zero. — Disse friamente. Ele ficou em silêncio, sua expressão rebelde. — *Ganhará* a metade restante do dinheiro aceitando um emprego em uma de nossas lojas, onde será tratado como qualquer outro funcionário. Sem regalias especiais, sem beber ou foder no trabalho e sem sair para almoçar e voltar duas horas depois. Se você se descuidar, será completamente cortado. Entendeu?

Depois de um longo silêncio, apertou os lábios em uma linha fina e deu um aceno curto.

— Bom. Agora dê o *fora* do meu escritório.

Se eu tivesse que olhar para ele por mais um minuto, poderia fazer algo de que me arrependeria. Deve ter percebido o perigo iminente porque se levantou e correu para a saída sem dizer mais nada.

— E Luca? — Eu o parei antes que abrisse a porta. — Se eu descobrir que violou minhas regras e entrou em contato com Maria novamente, eu mesmo te mato.



Meu punho bateu em seu estômago, duro e preciso. Meu primeiro golpe da noite.

A adrenalina zumbiu através de mim enquanto Kai grunhia com o impacto. Qualquer outra pessoa teria tropeçado e perdido o fôlego, mas no verdadeiro estilo Kai, só parou por alguns segundos antes de se livrar.

— Parece chateado. — Disse enquanto contra-atacava com um gancho de esquerda. Eu o evitei com milímetros de sobra. — Dia ruim no trabalho?

Uma pitada de diversão sombreou sua pergunta apesar do golpe direto que tinha acabado de levar.

— Algo parecido.

O suor escorria pela minha testa e cobria minhas costas enquanto resolvia minhas frustrações no ringue. Vinha direto para o *Valhalla Club* depois do trabalho. A maioria dos membros preferia o spa no local, restaurantes ou clube de cavalheiros de luxo, o que significava que a academia de boxe raramente via qualquer tráfego, exceto eu e Kai.

— Ouvi dizer que o acordo *Santeri* está avançando, então não pode ser isso. — Kai mal estava sem fôlego, apesar da agressividade de nossa rodada de abertura. — Talvez não seja trabalho. Talvez... — Sua expressão se tornou especulativa. — Tem a ver com seu noivado com uma certa herdeira de joias.

Ele soltou outro pequeno grunhido quando dei um golpe em suas costelas, mas isso não o impediu de rir da minha carranca.

— Deveria saber melhor do que tentar manter algo tão grande em segredo. — Disse ele. — Todo o escritório está zumbindo sobre isso.

— Sua equipe deveria passar mais tempo trabalhando e menos tempo fofocando. Talvez então, a circulação não caísse.

Meu anúncio de noivado não estava programado para ser veiculado na cobiçada seção de estilo on-line do *Mode de Vie* até meados de setembro, mas o *outlet* de moda e estilo de vida de luxo era a joia da coroa do império de mídia dos *Youngs*. Ficaria surpreso se Kai *não* soubesse do noivado com antecedência.

— Nunca pensei que veria o dia em que se casaria. — Ignorou minha provocação. — Com Vivian Lau, nada menos. Como conseguiu mantê-la em segredo por tanto tempo?

— Ainda não estamos casados. — Bloqueei outra tentativa de soco. — E não a mantive em segredo. Nosso compromisso é um

acordo de negócios. Não bebi vinho e jantei com ela antes de fecharmos o negócio.

A palavra *noivado* deixou um gosto amargo na minha boca. O pensamento de me algemar a alguém pelo resto da minha vida era tão atraente quanto entrar no oceano com blocos de concreto amarrados aos meus pés. Preferia o trabalho às pessoas, muitas das quais não gostavam de ficar em segundo lugar em contratos e reuniões, mas os negócios eram lucrativos, práticos e, na maioria das vezes, previsíveis. Os relacionamentos não eram.

— Isso faz mais sentido. — Disse Kai. — Deveria saber que fusões e aquisições tomariam conta até mesmo de sua vida pessoal.

— Engraçado.

Sua risada desapareceu quando o acertei com um gancho de direita no queixo e retaliou com um soco que tirou o ar dos meus pulmões. Nossa conversa foi diminuindo, substituída por grunhidos e xingamentos enquanto esmurrávamos um ao outro.

Kai era a pessoa mais gentil que conhecia, mas tinha uma veia competitiva feroz. Começamos a lutar boxe juntos no ano passado e se tornou meu parceiro para desabafar porque ele nunca se contia. Quem precisava de terapia quando se podia dar um soco na cara do seu amigo toda semana?

Acerte, abaixe, desvie, acerte. Repetidas vezes até terminarmos a noite com um empate e significativamente mais hematomas do que quando entramos, mas finalmente consegui superar minha raiva, e quando encontrei Kai no vestiário depois do meu banho, ganhei clareza suficiente para não perder a cabeça com meu irmão novamente.

Estive *tão* perto de cortá-lo depois de nossa conversa naquela tarde, promessas e condições que se danem. Seria bom para ele, mas não tinha energia para lidar com seu inevitável acesso de raiva agora.

— Sente-se melhor? — Kai estava vestido quando entrei.

Camisa de botão, blazer, armação fina de arame preto. Todos os vestígios do lutador letal do ringue haviam desaparecido, substituídos pelo epítome da sofisticação acadêmica.

— Ligeiramente. — Eu me vesti e esfreguei a mão no meu maxilar dolorido. — Você tem um soco malvado.

— É por isso que ligou. Você odiaria se eu pegasse leve contigo.

Eu bufei. — Tanto quanto odiaria perder.

Sáimos da academia e pegamos o elevador até o primeiro andar. O *Valhalla Club* era uma sociedade global exclusiva para aqueles com um certo patrimônio líquido e tinha filiais em todo o mundo. No entanto, sua sede em Nova York era a maior e mais opulenta, abrangendo quatro andares e um quarteirão inteiro na parte alta de Manhattan.

— Encontrei Vivian algumas vezes. — Kai disse casualmente enquanto as portas do elevador se abriam. — Ela é linda, inteligente, charmosa. Poderia ter feito muito pior.

A irritação cintilou em meu peito. — Talvez devesse se casar com ela em vez disso.

Não me importava se Vivian era uma santa supermodelo que salvava filhotes de prédios em chamas em seu tempo livre. Era

simplesmente alguém que eu tinha que tolerar até destruir todas as fotos.

Infelizmente, a última atualização de Christian confirmou que Francis armazenou as fotos digital e fisicamente. Christian poderia facilmente cuidar das evidências digitais, mas destruir evidências físicas era mais complicado quando não sabíamos quantas cópias Francis tinha. Não podia arriscar fazer um movimento até que estivéssemos cem por cento certos de que tínhamos rastreado todo o seu estoque.

— Se eu pudesse, casaria. — As sombras nos olhos de Kai desapareceram tão rapidamente quanto vieram à tona.

Como herdeiro da fortuna *Young*, seu futuro estava ainda mais gravado em pedra do que o meu.

— Tudo o que estou dizendo é, não seja um idiota. — Kai acenou com a cabeça em saudação para um membro do clube que passava e esperou até que estivessem fora do alcance da voz antes de acrescentar: — Não é culpa dela que esteja presa com um bruto como você.

Se ele soubesse.

— Preocupe-se menos com a minha vida pessoal e mais com a sua. — Levantei uma sobrancelha para suas abotoaduras. Leões de ouro com olhos de ametista, parte do brasão da família *Young*. — Leonora *Young* não esperará para sempre por um neto.

— Felizmente para ela, já tem dois, cortesia da minha irmã. E não tente desviar. — Atravessamos a reluzente entrada de mármore preto até a saída. — Quis dizer o que disse sobre Vivian. Seja legal.

Meus dentes de trás se apertaram. Quer gostasse dela ou não, Vivian era minha noiva, e estava ficando muito cansado de ouvir o nome dela sair de sua boca.

— Não se preocupe. — Disse. — Vou tratá-la exatamente do jeito que ela merece.

CAPÍTULO 5

Vivian

— Como assim, não falou com seu noivo desde o seu noivado?
— Isabella cruzou os braços e me nivelou com um olhar de reprovação. — Que tipo de relacionamento ridículo é esse?

— Um arranjado. — A barra inclinou antes de se endireitar. Talvez não devesse ter dois *mai tais*⁹ e meio seguidos, mas meu *happy hour* semanal com Isabella e Sloane era a única vez que podia me soltar.

Sem olhos julgadores, sem necessidade de ser perfeita e adequada. E daí se estava um pouco embriagada? O bar chamava-se *The Tipsy Goat*. Era esperado.

— É melhor não termos nos falado. — Acrescentei. — Ele não é o conversador mais agradável.

Mesmo agora, a memória do meu primeiro e até agora único encontro com Dante enviou uma onda de indignação na minha espinha. Ele não mostrou nenhum remorso por pular metade do nosso jantar introdutório para fumar charutos no escritório do meu pai, e saiu sem nem um obrigado ou boa noite.

⁹-Tipo de bebida alcoólica.

Dante era um bilionário, mas tinha as maneiras de um *troll* mal-educado.

— Então por que está se casando com ele? — Sloane ergueu uma sobrancelha perfeitamente cuidada. — Diga a seus pais que encontrem um par melhor para você.

— Esse é o problema. Não *há* concorrência melhor em seus olhos. Eles acham que ele é perfeito.

— Dante Russo, perfeito? — Sua sobrancelha arqueou mais alto. — Sua equipe de segurança uma vez hospitalizou alguém que tentou invadir sua casa. O cara acabou em coma por meses com costelas e uma rótula quebradas. É impressionante, mas não diria que é perfeito.

Só Sloane pensaria que colocar um cara em coma era impressionante.

— Confie em mim, eu sei. Não sou eu que tem que convencer. — Murmurei.

Não que a notória crueldade de Dante importasse para minha família. Poderia atirar em alguém na hora do *rush* no centro de Manhattan e diriam que a pessoa merecia.

— Não entendo por que concordou com *qualquer* compromisso. — Sloane balançou a cabeça. — Não precisa do dinheiro dos seus pais. Você pode se casar com quem quiser e não há nada que possam fazer sobre isso.

— Não é pelo dinheiro. — Mesmo que meus pais cortassem minha herança, sobrava muito do meu trabalho, investimentos e fundo fiduciário, no qual recebi quando tinha 21 anos. — É sobre... — procurei a palavra certa. — Família.

Isabella e Sloane trocaram olhares. Esta não foi a primeira vez que discutimos meu noivado *ou* meu relacionamento com meus pais, mas me senti compelida a defendê-los a cada vez.

— Casamentos arranjados são esperados na minha família. — Disse. — Minha irmã o fez isso, e eu também farei. Sabia que isso aconteceria desde que era adolescente.

— Sim, mas o que farão se você disser não? — Isabela perguntou. — Deserdá-la?

Meu estômago despencou. Forcei uma risada tensa. — Pode ser. — *Absolutamente.*

Elogiaram minha tia por renegar minha prima depois que ela recusou uma bolsa de estudos para *Princeton* para abrir um *food truck*. Recusar-se a casar com um Russo era mil vezes pior. Se eu rompesse o noivado, meus pais nunca mais me veriam ou falaria comigo. Não eram perfeitos, mas a perspectiva de ser separada da minha família e ficar sozinha fez o *mai tais* chacoalhar perigosamente no meu estômago.

Porém, Isabella não entenderia. Culturalmente, éramos semelhantes, embora fosse chinesa Filipina em vez de chinesa de Hong Kong, mas veio de uma família grande e amorosa que estava bem com ela se mudar pelo país para ser bartender e perseguir seus sonhos de escrever.

Se eu expressasse desejos semelhantes aos meus pais, trancariam-me no meu quarto e fariam um exorcismo ou me jogariam na rua com nada além das roupas nas minhas costas, figurativamente falando.

— Não quero desapontá-los. — Disse. — Eles me criaram e sacrificaram muito para que pudesse ter a vida que tenho agora. Casar com Dante ajudaria a *todos* nós.

Os relacionamentos familiares não deveriam ser transacionais, mas não conseguia me livrar da sensação de que tinha uma grande dívida com meus pais por tudo; as oportunidades, a educação, a liberdade de viver e trabalhar onde quisesse sem me preocupar com dinheiro. Eram luxos que a maioria das pessoas não tinha e eu não os considerava garantidos. Os pais cuidavam dos filhos. Quando os filhos cresciam, cuidavam de seus pais. No nosso caso, isso significava que os filhos se casavam bem e expandiam a riqueza e a influência da família.

Era assim que nosso mundo funcionava.

Isabella suspirou. Éramos amigas desde que nos conhecemos em uma aula de ioga quando tinha vinte e dois anos. As aulas de ioga não duraram; nossa amizade, sim. Sabia que não devia discutir comigo sobre minha família.

— Tudo bem, mas isso não muda o fato de não ter falado com o cara quando vai morar com ele *na próxima semana*.

Mexi na minha pulseira de safira. Teria recuado de desistir do meu apartamento no *West Village* para me mudar para a cobertura de Dante no *Upper East Side*, mas qual seria o objetivo? Estaria apenas perdendo meu fôlego discutindo com meu pai. No entanto, além do endereço de Dante, não tinha detalhes sobre a mudança. Sem chaves, sem requisitos de construção, nada.

— Eventualmente, tem que falar com o homem. — Isabella adicionou. — Não seja uma covarde.

— *Não sou* uma covarde. — Virei-me para Sloane. — Sou?

Ela olhou por cima de seu telefone. Tecnicamente, nenhuma de nós tinha permissão para verificar nossos telefones durante o *happy hour*. Quem quebrasse a regra teria que pagar a conta da noite. Na realidade, Sloane vinha bancando nossos *happy hours* nos últimos seis meses. Ela colocou o *trabalho* em *workaholic*.

— Embora discorde do conselho de Isabella setenta e oito por cento das vezes, ela está certa. Tem que falar com ele antes de se mudar. — Um elegante encolher de ombros. — Há uma exposição de arte na casa de Dante esta noite. Deveria comparecer.

Dante possuía uma coleção de arte notoriamente impressionante que, segundo rumores, vale centenas de milhões de dólares. Sua exposição privada anual apresentando suas últimas aquisições era um dos convites mais cobiçados de Manhattan. Estávamos tecnicamente noivos, e minha falta de convite teria sido embaraçosa se não estivesse tão aliviada.

Depois que me mudasse, teria que passar *todas* as noites com ele, então estava me agarrando à minha liberdade enquanto durasse. A perspectiva de dividir um quarto, uma *cama* com Dante Russo era... enervante.

Uma imagem dele, surgiu em minha mente sentado atrás da mesa do meu pai, olhos escuros e postura arrogante, com gavinhas de fumaça enrolando em torno daquele rosto ousadamente carismático. Um calor inesperado correu entre minhas pernas.

A pressão de seu polegar contra meu lábio, o brilho esfumaçado em seus olhos quando me olhou... houve um momento, apenas um, quando pensei que ele me beijaria. Não para demonstrar afeto, mas para me sujar. Dominar e corromper.

O calor baixou até que a pesada expectativa dos olhares das minhas amigas me puxou de volta ao presente. Não estava no

escritório do meu pai. Estava em um bar, e elas estavam esperando por uma resposta.

A exposição. Certo.

Uma onda fria de realidade apagou o calor. — Não posso aparecer sem ser convidada. — Disse, esperando que não pudessem me ver corar por baixo da minha vermelhidão induzida pelo álcool. — É rude.

— Não é uma penetra aleatória de festas. É a sua noiva, mesmo que ainda não tenha um anel. — Isabella rebateu. — Além disso, vai se mudar em breve, de qualquer maneira. Considere isso uma prévia de sua nova casa, para a qual não pode se mudar a menos que *fale* com ele.

Suspirei, desejando poder voltar no tempo um mês para poder me preparar mentalmente para o que estava por vir. — Odeio quando faz sentido.

As bochechas de Isabella fizeram covinhas. — A maioria das pessoas faz. Iria com você porque amo uma boa festa, *tour* pela casa, mas tenho um turno hoje à noite.

De dia, era uma aspirante a autora de *thrillers* eróticos. À noite, servia bebidas caras para garotos de fraternidade em um bar no *East Village*. Ela odiava o bar, sua clientela e seu gerente assustador e estava procurando ativamente por outro emprego, mas até encontrar um, estava presa.

— Sloane? — Perguntei, esperançosa.

Se eu fosse confrontar Dante esta noite, precisaria de apoio.

— Não posso. Asher Donovan bateu sua Ferrari em Londres. Está bem. — Sloane disse quando Isabella e eu engasgamos. Nenhuma de nós se importava com esportes, mas a famosa estrela do futebol era bonita demais para morrer. — Tenho porém que apagar o fogo da mídia. Este é o segundo carro que bate em tantos meses.

Sloane dirigia uma firma de relações públicas boutique com uma lista de clientes pequena, mas poderosa. Estava *sempre* apagando incêndios. Acenou para o nosso garçom para a conta, pagou-a, e me fez prometer ligar para ela se precisasse de alguma coisa antes que desaparecesse porta afora em uma nuvem de perfume *Jo Malone* e cabelo loiro platinado. Isabella saiu logo depois para seu turno, mas fiquei na cabine, debatendo o que fazer a seguir.

Se eu fosse inteligente, iria para casa e terminaria de fazer as malas para minha mudança. Nada de bom viria de invadir a festa de Dante, e poderia ligar para ele amanhã se eu realmente quisesse.

Faça as malas, tome banho e durma, decidi.

Esse era o meu plano, e iria cumpri-lo.



— Sinto muito, senhora, mas não está na lista. Não importa se é a mãe, a irmã ou a noiva do Sr. Russo... A *hostess* ergueu uma sobrancelha para meu dedo anelar nu. — Não posso deixá-la entrar sem um convite.

Meu sorriso não vacilou. — Se você ligar para Dante, confirmará minha identidade. — Disse, embora não tivesse certeza se confirmaria. Lidaria com aquela ponte quando chegássemos lá. — Isso é simplesmente um descuido.

Eu tinha ido para casa como planejado depois do *happy hour* e durou um total de vinte minutos antes de ceder à sugestão de Isabella e Sloane. Elas estavam certas. Não podia ficar esperando por Dante quando minha data de mudança se aproximava. Tinha que engolir isso e vê-lo, não importa o quanto me irritasse ou enervasse. Claro, para vê-lo, tinha que entrar *na festa*.

O rosto da *hostess* ficou vermelho. — Asseguro-lhe que não houve descuido. Somos meticulosos em...

— Vivian, aí está você.

Um sotaque aristocrático britânico cortou suavemente nosso impasse. Eu me virei, surpresa me invadindo quando vi o belo homem asiático sorrindo para mim. Seu rosto perfeitamente esculpido e profundos olhos escuros teriam sido quase perfeitos *demais* se não fosse pelas simples armações pretas que lhe davam um toque de acessibilidade.

— Dante acabou de enviar uma mensagem. Está à sua procura, mas você não atendeu o telefone. — Veio ao meu lado e pegou um elegante convite creme do bolso do paletó. Entregou-o à *hostess*. — Kai Young e mais um. Posso levar a Sra. Lau para não incomodar Dante em sua grande noite.

Ela olhou para mim, mas ofereceu a Kai um sorriso apertado.

— Claro, Sr. Young. Aproveite a festa. — Deu um passo para o lado, assim como o par de guardas sérios e ternos atrás dela.

Ao contrário de boates ou bares, eventos exclusivos como esse raramente pediam identidades. Esperava-se que a equipe memorizasse e emparelhasse os rostos dos convidados com seus nomes à vista.

Esperei até que estivéssemos fora do alcance da voz antes de me virar para Kai com um sorriso agradecido. — Obrigada. Não precisava fazer isso.

Kai e eu não éramos amigos íntimos, mas frequentemente íamos às mesmas festas e conversávamos sempre que nos cruzávamos. Seu comportamento pensativo e reservado era uma lufada de ar fresco na selva narcisista da alta sociedade de Manhattan.

— De nada. — Seu tom formal me fez sorrir.

Nascido em *Hong Kong*, criado em Londres e educado em *Oxford* e *Cambridge*, os maneirismos de Kai eram um reflexo claro de sua educação.

— Tenho certeza de que sua ausência na lista foi um descuido por parte de Dante. — Pegou duas taças de champanhe da bandeja de um garçom que passava e me entregou uma. — Falando nisso, parabéns pelo seu noivado, ou devo dizer condolências?

Meu sorriso floresceu em uma risada. — O júri ainda está ausente.

Pelo que tinha ouvido, Kai e Dante eram amigos. Não tinha certeza do que Dante disse a ele sobre nosso noivado, mas estava errando por precaução. No que diz respeito ao público, éramos um casal feliz e amoroso que não poderia estar mais emocionado por estar noivo.

— Inteligente. A maioria das pessoas trata Dante como se andasse sobre a água. — Os olhos de Kai brilharam. — Ele precisa de alguém para lembrá-lo de que é mortal como o resto de nós.

— Oh, confie em mim. — Disse. — Não acho que ele seja um deus.

Mais como o diabo enviado para trabalhar no meu último nervo.

Kai riu. Conversamos por mais alguns minutos antes de ele se desculpar para falar com um velho amigo da faculdade. Por que não poderia ter acabado com alguém como ele? Era educado, charmoso e rico o suficiente para atender aos padrões de meus pais. Em vez disso, estava presa com um italiano taciturno que não saberia boas maneiras se lhe dessem um tapa na cara.

Suspirei e coloquei meu copo vazio em uma bandeja próxima antes de passear pela cobertura, apreciando a linda arquitetura e decoração.

Dante havia evitado o minimalismo moderno tão popular entre seus irmãos solteiros em favor de móveis feitos à mão e ricos tons de joias. Tapetes de seda turcos e persas cobriam os pisos reluzentes e cortinas de veludo exuberantes emolduravam janelas do chão ao teto com vistas panorâmicas do *Central Park* e do icônico horizonte da cidade.

Passei por duas salas de estar, quatro lavabos, uma sala de projeção e uma sala de jogos antes de entrar na longa galeria iluminada por claraboia onde a exposição real ocorreu.

Não tinha visto Dante ainda, mas era mais provável que ele...

Meus passos diminuíram quando uma cabeça familiar de cabelo preto brilhante apareceu. Dante estava do outro lado do

corredor, conversando com uma bela ruiva e um homem asiático com maçãs do rosto afiadas o suficiente para cortar gelo. Sorriu para algo que disseram, sua expressão calorosa.

Afinal, ele era capaz de emoções humanas normais. *Bom saber.*

Meu sangue inflamou um pouco mais quente, seja pelo álcool ou pela visão de seu sorriso verdadeiro. Escolhi acreditar que era o primeiro.

Dante deve ter sentido o peso do meu olhar porque parou de falar e olhou para cima. Nossos olhos se encontraram, e o calor desapareceu de seu rosto como o sol no horizonte.

Meus batimentos cardíacos bateram um contra o outro. O espaço de um corredor de comprimento duplo nos separava, mas seu descontentamento era tão potente que se infiltrou no ar e em meu corpo como um veneno mortal.

Dante se desculpou de seus convidados e caminhou em minha direção, seu poderoso e musculoso corpo cortando a multidão com a certeza obstinada de um predador preso em sua presa.

Arrepios de alarme desceram pela minha espinha, mas me forcei a me manter firme mesmo quando cada instinto de autopreservação gritava para eu *correr*.

Tudo bem. Ele não vai matá-la em público. Provavelmente. Pode ser.

— Linda festa. Receio que meu convite tenha se perdido no correio, mas consegui. — Disse quando ele se aproximou. Peguei um copo de uma bandeja próxima e o estendi. — Champanhe?

— Seu convite não é o que está perdido, *mia cara*. — O carinho aveludado teria sido digno de desmaio se não fosse pela escuridão fervendo sob a superfície. Não tocou na bebida oferecida. — O que está fazendo aqui?

— Apreciando a comida e obras de arte. — Levei a taça aos lábios e tomei um gole. Nada tinha um sabor tão doce quanto a coragem líquida. — Tem um gosto requintado, embora suas maneiras possam melhorar.

Um sorriso duro cortou em sua boca. — Que irônico que esteja sempre me dando sermão sobre boas maneiras quando é a única que apareceu sem ser convidada para um evento privado.

— Estamos noivos. — Parei de rodeios e fui direto ao cerne da questão. Quanto mais rápido tirasse isso do caminho, mais rápido poderia sair. — Não trocamos uma única palavra desde o jantar, embora deva me mudar na *próxima semana*. Não espero declarações de amor e flores todos os dias — *embora isso seja bom* — mas espero cortesia básica e habilidades de comunicação. Já que parece incapaz de tomar a iniciativa, eu mesmo o fiz.

Terminei minha bebida e coloquei na mesa. — Ah, e não considere eu aparecendo sem ser convidada. Considere-me aceitando seu convite mais cedo. Afinal, concordou que eu me mudasse, não é? Simplesmente queria dar uma olhada na minha nova casa antes de me comprometer com ela.

Meu pulso acelerou com os nervos, mas mantive um tom uniforme. Não poderia estabelecer um precedente de recuar sempre que Dante estivesse chateado. Se ele sentisse alguma fraqueza, atacaria. O sorriso de Dante não alcançou seus olhos.

— Foi um discurso e tanto. Certamente não tinha muito a dizer no jantar na outra noite. — O aço frio de sua voz derreteu em seda

áspera enquanto seu olhar me varria, acumulando calor à medida que viajava. — Quase não te reconheço.

A intimidade de seu duplo sentido pulsava em minhas veias e caiu entre minhas pernas.

Meu tweed e pérolas estavam guardados com segurança no fundo do meu armário agora que voltei para Nova York. Em vez disso, usei um vestido de coquetel preto clássico, saltos e meu batom vermelho favorito. Diamantes brilhavam em volta do meu pescoço e nas minhas orelhas. Não era nada inovador, mas era o melhor que podia fazer quando corria para me arrumar.

No entanto, a intensidade do escrutínio de Dante me fez sentir como se tivesse aparecido em uma reunião da igreja em um biquíni. Meu estômago se apertou quando seu olhar passou do meu rosto para o meu peito até onde meu vestido abraçava meus quadris. Deslizou sobre o comprimento nu das minhas pernas, a leitura quase obscena em sua preguiça e erótica em sua profundidade, como a carícia de um amante determinado a mapear cada centímetro do meu corpo com sua atenção.

Minha garganta secou. Uma chama acendeu no meu estômago, e de repente desejei ter usado um terno conservador novamente esta noite. Era mais seguro. Menos capaz de embaçar minha mente com sotaques ásperos e atração elétrica.

Sobre o que estamos falando?

— Ocasões diferentes exigem abordagens diferentes. — Agarrei as palavras e esperei que fizessem sentido.

Levantei uma sobrancelha, rezando para que Dante não pudesse ouvir o quão rápido meu coração estava batendo. Sabia que era fisicamente impossível, mas não conseguia me livrar da

sensação estranha que podia ver através de mim como se eu fosse feita de nada mais do que mil pedaços de vidro quebrado e transparente.

— Pode querer tentar essa estratégia algum dia. — Acrescentei, determinada a manter a conversa para que não afundasse no calor entorpecente de seu olhar novamente. — As pessoas podem gostar mais de você.

— Faria se me importasse com as opiniões dos outros. — Arrastou seus olhos de volta para os meus, a imagem da crueldade zombeteira mais uma vez. — Ao contrário de alguns dos meus estimados convidados, não tiro minha autoestima do que as pessoas pensam de mim.

A insinuação me atingiu no estômago, e minha pele passou de excessivamente quente para gelada em um piscar de olhos. Ninguém mudou de tolerável para idiota mais rápido do que Dante Russo. Levou cada grama de força de vontade para não jogar a bebida mais próxima em seu rosto.

Ele tinha coragem, mas a pior parte era que não estava errado. Os insultos com um grão de verdade sempre cortam o mais profundo.

— Bom. Porque lhe asseguro, a opinião deles sobre você é muito baixa. — Rebatí.

Não o esbofeteie. Não faça uma cena.

Respirei fundo e terminei antes de ir contra meu próprio conselho.

— Por mais deliciosa que ache nossa conversa, tenho que me desculpar, pois tenho outros lugares para ir. No entanto, espero

todas as informações logísticas relacionadas à minha mudança na minha caixa de entrada até amanhã ao meio-dia. Odiaria ter que aparecer na frente de seu prédio e revelar sua incompetência para seus vizinhos. — Toquei o pingente de diamante na minha garganta. — Imagine como seria embaraçoso se as pessoas descobrissem que o grande Dante Russo não poderia coordenar algo tão simples quanto a mudança de sua noiva.

O olhar de Dante poderia ter derretido as molduras douradas penduradas nas paredes.

— Pode não se importar com o que os outros pensam pessoalmente de você, mas a reputação é tudo nos negócios. Se não consegue lidar com sua vida doméstica, como poderia lidar com seus negócios no escritório? — Peguei um cartão de visita da minha bolsa e o enfiei no bolso do paletó de seu terno. — Suponho que tenha minhas informações de contato. Caso não tenha, aqui está o meu cartão. Aguardo seu e-mail.

Eu me afastei antes que ele pudesse responder. O calor de sua raiva açoitou minhas costas, mas detectei um pequeno lampejo de outra coisa em seus olhos antes de sair.

Respeito.

Continuei andando, meu coração na garganta e meus pés se movendo cada vez mais rápido até chegar ao banheiro de hóspedes mais próximo. Só quando a porta se fechou atrás de mim é que me recostei contra a parede e cobri o rosto com as mãos.

Respire.

Minha onda de adrenalina estava diminuindo, deixando-me esgotada e ansiosa.

Eu me levantei contra Dante e ganhei... por enquanto, mas não era ingênua o suficiente para pensar que era o fim de tudo. Mesmo que enfrentá-lo tivesse me rendido pontos relutantes em seus olhos, não deixaria uma pontuação desigual contra ele ficar.

De alguma forma, tinha entrado em uma guerra fria com meu noivo, e esta noite era apenas a batalha de abertura.

CAPÍTULO 6

Dante

Enviei a Vivian as informações que precisava para sua mudança exatamente ao meio-dia de domingo. Não por medo de que fizesse uma cena na frente do meu prédio, mas por relutância em admirar a façanha que fez na minha exposição.

Afinal, acontece que a delicada pequena rosa tinha um pouco de aço em sua espinha.

No fim de semana seguinte, Vivian apareceu em minha casa novamente, desta vez com um exército de mudanças a reboque.

Greta, minha governanta, e Edward, meu mordomo, se encarregaram de guiar os trabalhadores da mudança pelo apartamento enquanto eu conduzia Vivian ao seu quarto.

Nenhum de nós falou e o silêncio se expandiu a cada passo até se tornar uma entidade viva e respirando entre nós.

Aborrecimento se infiltrou em meu peito.

Vivian tinha sido perfeitamente amigável com Greta, Edward e o resto da minha equipe, a quem cumprimentou com sorrisos calorosos e fofos biscoitos de *Levain*, mas quando chegou até mim, fechou-se como se *eu* fosse a pessoa que se mudou para *sua* casa e interrompeu sua vida cuidadosamente planejada. Como se

tivesse aparecido sem ser convidado em sua festa vestindo uma roupa que poderia deixar um homem de joelhos.

Uma semana depois, a imagem daquele vestido preto colado em suas curvas ainda estava enraizada em minha mente, assim como o fogo em seus olhos quando se lançou em mim.

Não havia mais aquele fogo agora. Vivian era a imagem da elegância legal andando ao meu lado e isso me irritou sem motivo explicável, ou talvez minha ira tivesse algo a ver com o fato de que, mesmo em uma blusa e saia casuais, sua presença despertava um calor indesejado em minhas entranhas. Meu corpo nunca tinha reagido tão visceralmente a ninguém antes, e nem gostava dela.

Paramos em frente a uma porta de madeira entalhada.

— Este é o seu quarto. — Eu a instalei na suíte mais distante da minha, e ainda estava muito perto. — Greta vai desfazer as malas para você mais tarde.

Minha voz soou anormalmente alta depois do silêncio opressivo.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu. — Quartos separados até o casamento. Não sabia que era tão tradicionalista.

— Não sabia que estava tão ansiosa para dividir a cama comigo.

Um pequeno sorriso curvou minha boca quando as bochechas de Vivian ficaram rosadas. Foi sua primeira perda de compostura durante toda a manhã.

— Não disse que queria dividir a cama com você. — Disse friamente. — Simplesmente aponte a desatualização de seu

pensamento. Dormir em quartos separados é para casais que estão brigando, não para casais recém-noivos que supostamente deveriam estar apaixonados. A notícia sairá, e as pessoas falarão.

— Não vai, e não falarão. — Minha equipe doméstica estava comigo há anos e me orgulhava de sua descrição. — Se o fizerem, cuido disso, mas já que estamos falando de imagem pública, devemos estabelecer os limites de nosso relacionamento.

— Ah, comunicação. Acredito que está finalmente se formando no estágio neandertal de sua vida.

Ignorei seu insulto irônico e continuei — Em público, faremos o papel de um casal amoroso. Participaremos de eventos juntos, sorriremos para as câmeras e fingiremos que gostamos um do outro. Você também terá acesso total ao portfólio de marcas do Grupo Russo. Se quiser algo de alguma de nossas coleções, ligue para minha assistente Helena e ela cuidará disso. Em sua mesa de cabeceira, encontrará o número dela, um Amex preto e seu anel de noivado. Use-o.

O anúncio do noivado foi publicado naquela manhã. Vivian e eu estávamos oficialmente unidos, o que significava que minha reputação também estava em jogo. Não me importava se as pessoas gostavam de mim pessoalmente, mas a percepção do público era importante na minha linha de trabalho. A discórdia óbvia levantaria muitas questões, e a última coisa que precisava eram colunistas intrometidos da sociedade farejando.

— Um anel na minha mesa de cabeceira. Que romântico. — Vivian tocou a pulseira de safira em seu pulso. — Você realmente sabe como fazer uma mulher se sentir especial.

— Não estou aqui para fazê-la se sentir especial. — Abaixei minha cabeça na sua direção. O cheiro doce e levemente azedo de

maças invadiu meus pulmões enquanto pronunciei minhas próximas palavras com precisão nítida. — Estou aqui porque fiz um acordo com seu pai.

Vivian não recuou, mas surpresa e uma pitada de incerteza vieram à tona em seus olhos quando passei o dedo vagorosamente sobre a corrente de ouro em seu pescoço. Mesmo a esta distância, sua pele era impecável, como creme derramado sobre seda. Longos cílios escuros emolduravam olhos castanhos profundos, e uma pequena marca de beleza, tão pequena que teria que estar tão perto quanto eu para vê-la, pontilhava a área acima de seus lábios exuberantes.

Meus olhos mergulharam em sua boca. O calor do meu intestino se espalhou para o meu estômago. Usava o mesmo batom da exposição. Ousado, vermelho e sedutor, como o canto de uma sereia em meio a um mar de calma tranquila.

Queria esfregar meu polegar em seu lábio inferior e espalhar seu batom perfeito até que não fosse nada mais do que uma bela bagunça. Para descascar a máscara composta e ver a feiura por baixo.

Vivian pode ser embrulhada em um lindo pacote, mas um Lau era um Lau. Todos eram cortados do mesmo molde.

— Não espere jantares ou nada doce em casa, *mia cara*. — Disse, minhas palavras tão suaves e preguiçosas quanto meu toque. — Você também não vai conseguir.

Em vez de tocar sua boca, passei as costas da minha mão em sua clavícula, sobre a curva de seu ombro e para baixo em seu braço até atingir a batida frenética em seu pulso.

— Livre-se de quaisquer noções românticas que possa ter de nós nos apaixonando e vivendo felizes para sempre. Isso não vai acontecer. — Pressionei o polegar contra seu pulso, com força, e sorri quando estremeceu com o movimento brusco e brusco. — Este é um acordo comercial. Nada mais. Está claro?

Vivian apertou os lábios em uma linha teimosa.

O ar estava vivo com o crepitar de eletricidade e animosidade. Chiava contra a minha pele, apertando meus músculos e abanando o fogo estranho e faminto no meu estômago.

Quando ela permaneceu em silêncio, estendi a mão e fechei minha mão em torno de sua garganta. Levemente, apenas o suficiente para sentir a superficialidade de sua respiração.

Minha voz caiu para um aviso perigoso. — Está. Claro?

Os olhos de Vivian brilharam. — Como cristal. — A promessa de retribuição espreitava sob sua resposta uniforme.

— Bom. — Eu a soltei e dei um passo para trás com um sorriso zombeteiro. — Bem-vinda a casa, querida.

Saí sem esperar resposta.

O calor da pele de Vivian permaneceu na palma da minha mão até que fechei minha mão em torno do meu isqueiro e deixei o metal frio afastar os restos de seu toque.

— Não comece. — Disse quando passei por uma Greta carrancuda. Estava tirando o pó da sala de estar, perto o suficiente para ouvir pelo menos parte da minha conversa com Vivian.

Os carregadores devem ter saído.

— Você foi muito duro. — Advertiu, confirmando minha suspeita anterior.

Greta tinha mais de setenta anos, mas sua audição dava aos morcegos uma corrida pelo seu dinheiro.

— Não duro. Honesto. — Verifiquei meu relógio. Eu tinha uma reunião de almoço com um CEO visitante em duas horas e precisava me preparar antes de sair. — Prefere que eu a conduza? Satisfça suas fantasias de infância sobre o Príncipe Encantado chegando e arrebatando-a?

— Como sabe que ela tem essas fantasias? — Greta passou o espanador sobre a lareira com mais força do que o necessário. — Ela parece ser do tipo prático.

— Você a conheceu meia hora atrás.

Não podia acreditar que estava discutindo com minha governanta por causa da minha noiva. Devem ser aqueles malditos biscoitos com os quais Vivian a subornou. Greta tinha um dente doce e um carinho especial por chocolate.

— Tenho bons instintos quando se trata de pessoas. Caso contrário... — Outra varredura agressiva sobre a lareira. — Teria o descartado como um clone autoritário de seu avô anos atrás.

Meu rosto se fechou.

— Lembre-se para quem trabalha. — Avisei, meu tom sombrio.

— *Non osare farmi una ramanzina quando sono stata io ha pulirti il culo da piccolo.* — Não dê sermão a alguém que trocou suas fraldas. — Se quiser me demitir, demita-me, mas sei que há um

coração aí em algum lugar, *ragazzo mio*. Use-o e trate sua futura esposa com respeito.

— Eu dei a ela um Amex preto e um anel de diamante. — Toda mulher mataria por essas coisas, e eram mais do que Vivian merecia, considerando quem era seu pai.

Greta me encarou por um minuto inteiro antes de balançar a cabeça e murmurar furiosamente em italiano baixinho. Não conseguia ouvir o que estava dizendo, mas imaginei que não fosse muito elogioso.

Parei ao lado de Greta e coloquei a mão no espanador, forçando-a a ficar quieta.

— Você é um membro valioso da minha casa, mas há poucas liberdades que permitirei. — Disse friamente. — Se desejar umas férias para limpar a cabeça, avise-me e pode ser arranjado.

A ameaça pairava no ar como uma oferta. Seus olhos se estreitaram. — Não preciso de férias.

— Bom.

Greta trabalhava para minha família desde que eu era bebê. Ajudou a criar a mim e a Luca desde que meus pais eram uma merda no trabalho, e administrava a casa do meu avô até que a convenci a trabalhar para mim quatro anos atrás. Em vez de ficar chateado, meu avô me presenteou com uma garrafa de vinho de dez mil dólares por vencê-lo com sucesso.

Embora tivesse uma queda por Greta e a considerasse a avó que nunca tive – minhas duas avós biológicas morreram antes de eu nascer – não toleraria desrespeito descarado.

Se ela fosse qualquer outra pessoa, eu a teria demitido e colocado na lista negra no segundo em que a palavra *duro* saiu de sua boca.

Uma tosse educada chamou minha atenção para a porta onde Edward estava com uma expressão neutra.

— Senhor, os transportadores desocuparam oficialmente as instalações. — Disse. — Gostaria que eu desse a Sra. Lau o *tour* completo?

Levei Vivian diretamente para seu quarto sem lhe mostrar o resto da casa. Inferno, ela tinha visto metade na exposição da semana passada.

— Por favor, faça. — Ela deveria conhecer o *layout* completo do apartamento. Não queria que acidentalmente entrasse no meu quarto ou escritório.

Ele inclinou a cabeça e desapareceu no corredor. Greta passou por mim e desapareceu em outro canto da cobertura sem dizer uma palavra, mas sua desaprovação permaneceu como o cheiro de seu limpador favorito com aroma de limão.

Eu belisquei a ponte do meu nariz. Menos de uma hora depois de se mudar, Vivian estava causando o caos.

A discórdia com minha equipe era apenas o começo.

Ela mudaria as coisas. Perturbaria o ambiente que cultivei cuidadosamente. Voltaria para casa sem saber o que ver ou esperar.

Aborrecimento subiu no meu peito.

Saí da sala de estar e entrei no meu escritório, onde tentei revisar os materiais para minha reunião.

Mas mesmo que tivesse fechado a porta e estivesse isolado no lado oposto da casa do quarto de Vivian, ainda sentia o cheiro fraco e enlouquecedor de maçãs.

CAPÍTULO 7

Vivian

Eu era uma cidadã cumpridora da lei, mas se alguém podia me levar ao *matricídio*, era meu futuro marido.

Odiava sua arrogância, sua grosseria e a maneira zombeteira com que me chamava de *mia cara*. Odiava a forma como meu pulso batia na extensão áspera de sua mão em volta do meu pescoço. E odiava como sempre parecia maior que a vida, como se as moléculas de qualquer espaço que ele entrasse tivessem que se dobrar para acomodá-lo.

Está. Claro? Sua voz enlouquecedora ecoou na minha cabeça.

Estava claro, sem dúvida. Estava claro que Dante Russo era Satanás em um terno bonito.

Forcei meus pulmões a se expandirem além da minha raiva. *Inspira, um, dois, três. Expira, um, dois, três.* Somente quando minha pressão arterial voltou aos níveis normais, abri a porta do meu novo quarto em vez de caçar a faca mais afiada que pude encontrar.

Como prometido, um cartão de visita com o número da assistente de Dante e um Amex preto esperavam na mesa de cabeceira ao lado de uma distinta caixa de anel vermelho. Quando abri a tampa, um diamante de seis quilates me piscou. Passei

meus dedos sobre a joia deslumbrante. Cinco quilates, um raro corte *Asscher*, com diamantes de baguete menores adornando cada ombro.

Deveria estar emocionada. O anel era impressionante e, a julgar pela cor e clareza do diamante, vale pelo menos cem mil dólares. Era o tipo de anel que a maioria das mulheres mataria para ter, mas quando o tirei da caixa e o deslizei no meu dedo, não senti... nada.

Nada, exceto o pincel frio de platina e um peso pesado que mais parecia uma prisão do que uma promessa. A maioria dos anéis de noivado eram um símbolo de amor e compromisso. O meu era o equivalente a uma assinatura em um contrato de fusão.

Um aperto estranho agarrou minha garganta.

Não deveria ter esperado nada mais do que o que Dante me deu. Alguns casamentos arranjados, como o da minha irmã, se transformavam em amor verdadeiro, mas as chances gerais não eram grandes.

Afundi na cama. O aperto se espalhou da minha garganta para o meu peito. Era estúpido me sentir triste. E daí se Dante tivesse pedido da forma mais impessoal possível? Sabia desde o nosso primeiro encontro que não nos encaixaríamos. Pelo menos ele tinha sido honesto sobre suas intenções e limites.

Ainda assim, uma parte de mim esperava que nossas interações anteriores fossem por acaso e que gradualmente aquecêssemos um ao outro, mas não. Meu futuro marido era simplesmente um idiota.

O zumbido de um novo texto interrompeu meu chafurdar.

Peguei meu telefone, esperando outra mensagem de felicitações ou um lembrete de Isabella para convidá-la assim que me instalasse. Em vez disso, vi uma mensagem da última pessoa que esperava ouvir.

Heath: Feliz Dia do Chocolate Quente com Abóbora :)

Encarei as palavras, esperando que desaparecessem como se eu as tivesse acidentalmente conjurado; não desapareceram. Meu estômago revirou.

De todos os dias em que poderia ter enviado uma mensagem do nada, tinha que ser hoje, logo após me mudar para a casa de Dante.

O universo possuía um senso de humor doentio. Havia um milhão de coisas que queria dizer, mas fiquei com algo seguro e neutro.

Eu: Eles têm isso na Califórnia?

Heath: Chocolate quente de abóbora? Não.

Heath: Aqui só é permitido beber smoothies e sucos verdes ou será eliminado da ilha

Meu pequeno sorriso desapareceu tão rapidamente quanto apareceu. Não deveríamos estar conversando, mas não consegui bloqueá-lo.

Heath: Tenho enviado e-mails para Bonnie Sue todos os dias pedindo para abrirem uma loja em SF, mas sem dados até agora.

Uma pontada me atingiu com a menção de Bonnie Sue.

Era um café popular perto de Columbia, onde Heath e eu tínhamos cursado a graduação. Era famoso por seu chocolate quente de abóbora sazonal, e mesmo que não gostasse de abóbora e ele não gostasse de chocolate quente, aparecíamos todos os anos para seu retorno anual em meados de setembro. Esqueça o equinócio de outono; o verdadeiro primeiro dia de outono foi o dia em que a bebida reapareceu no cardápio de Bonnie Sue.

Eu: Vai acontecer. A persistência sempre vence.

A culpa inchou no meu peito enquanto Heath e eu trocamos mais conversa fiada. Perguntou sobre meu trabalho e a cidade; perguntei sobre seu cachorro e o clima em San Francisco.

Foi a nossa conversa mais longa em anos. Normalmente, só trocávamos mensagens em feriados e aniversários e nunca

falávamos ao telefone. Era mais fácil fingir que éramos conhecidos casuais dessa maneira, mesmo que não fôssemos nada.

Heath Arnet. Meu melhor amigo da faculdade. Meu ex-namorado. E meu primeiro amor.

Era uma vez, pensei que nos casaríamos. Eu me convenci de que superariamos as objeções de meus pais e viveríamos felizes para sempre, mas nosso rompimento dois anos atrás provou que minhas esperanças eram apenas isso; esperanças. Frágil e insubstancial diante da ira de meus pais.

Afastei as lembranças *daquele* dia e tentei reorientar.

Eu: Como vai a sua empresa?

Após nossa separação, Heath se mudou para a Califórnia e expandiu seu aplicativo de aprendizado de idiomas para a potência que era hoje. A última vez que verifiquei, era um dos quinze aplicativos mais baixados nos EUA.

Heath: Muito incrível. Vamos a público no final deste ano

Heath: Estamos esperando um grande IPO¹⁰. Talvez...

¹⁰-Oferta pública inicial é um tipo de oferta pública em que as ações de uma empresa são vendidas ao público em geral numa bolsa de valores pela primeira vez.

Os três pontos que indicavam que estava digitando apareceram, desapareceram e depois apareceram novamente.

Heath: Podemos revisar as coisas depois que isso acontecer.

Minha culpa endureceu em pavor.

Ele não sabia do noivado. Não tinha postado on-line sobre o assunto, não tínhamos mais amigos em comum e Heath não seguia as páginas da sociedade, o que significava que eu tinha que contar a ele. Não podia mentir por omissão e deixá-lo pensar que havia uma chance de voltarmos a ficar juntos.

Heath: Se você quiser, é claro.

Praticamente podia vê-lo passando a mão pelo cabelo do jeito que sempre fazia quando estava nervoso. Meus dentes cavaram em meu lábio inferior.

Sabia que parte do motivo pelo qual ele trabalhou tanto na startup foi para provar que meus pais estavam errados. Eles ficaram furiosos quando descobriram que mantive nosso relacionamento escondido deles por anos e ainda mais furiosos quando descobriram que Heath não vinha de um passado “apropriado”.

Na época, ele tinha uma boa vida como engenheiro de software que trabalhava em seu aplicativo ao lado, mas não era um Russo ou um Young. Meu pai ameaçou me renegar se eu não terminasse as coisas com Heath, e no final, escolhi a família ao invés do amor. Heath provavelmente pensou que meus pais mudariam de ideia depois que sua empresa o tornasse um milionário. Não tive coragem de dizer a ele que não mudariam.

Minha família tinha muito dinheiro, mas éramos novos ricos. Não importa quanto doamos para caridade ou quantos zeros tivéssemos em nossas contas bancárias, certas partes da sociedade sempre permaneceriam fechadas para nós... *a menos* que nos casássemos com dinheiro antigo.

Heath nunca seria rico, o que significava que meus pais nunca o aprovariam como um par amoroso.

Apenas diga a ele.

Aliviei uma respiração profunda em meus pulmões antes de morder a bala.

Eu: Estou noiva.

Não foi a transição mais suave, mas foi curta, clara e direta.

Resisti a voltar ao meu hábito infantil de roer as unhas enquanto esperava por uma resposta. Nunca veio.

Eu: Aconteceu algumas semanas atrás. Meus pais arranjaram.

Eu: Eu queria ter contado antes.

Deveria parar, mas não consegui segurar minha versão de texto da palavra vômito.

Eu: O casamento é daqui a um ano.

Grilos. Cinco minutos se passaram, mas meu telefone permaneceu escuro e silencioso. Soltei um pequeno gemido e o joguei para o lado.

Não deveria me sentir culpada. Heath e eu terminamos há muito tempo e, honestamente, fiquei surpresa que quisesse uma segunda chance. Eu teria pensado...

Uma batida suave interrompeu o caos dos meus pensamentos.

Aspirei outra lufada de ar e suavizei minha expressão em uma neutralidade educada antes de responder. — Entre.

A porta se abriu, revelando cabelos grisalhos distintos e um terno preto perfeitamente passado.

Edward, mordomo de Dante. — Sra. Vivian, o Sr. Dante pediu que eu a levasse em um tour completo pela casa. — Disse, seu sotaque britânico tão nítido quanto suas roupas. — Agora é uma

boa hora, ou gostaria que eu voltasse em uma hora de sua escolha?

Olhei para o meu telefone, depois para o frio e lindo quarto ao meu redor.

Gostando ou não, esta era agora a minha casa. Poderia me trancar na minha suíte, dar uma festa de pena e agonizar com o passado ou poderia tentar tirar o máximo proveito da minha situação.

Levantei-me e convoquei um sorriso que parecia apenas levemente forçado.

— Agora está perfeito.



Naquela noite, Dante e eu fizemos nossa primeira refeição juntos como um casal.

Quis dizer isso no sentido mais amplo da palavra. Usava o seu anel e vivíamos sob o mesmo teto, mas o abismo entre nós fazia o *Grand Canyon* parecer um buraco comum no chão.

Fiz uma tentativa corajosa de fechá-la. — Adoro a sua coleção de arte. — Disse. — As pinturas são lindas. — *Exceto aquela que parece vômito de gato.* A peça, intitulada *Magda*, estava tão fora de lugar em sua galeria que dei uma olhada duas vezes quando a vi. — Você tem uma peça favorita?

Não era o tópico mais inspirado, mas estava me agarrando a canudos. Até agora, tinha tirado seis palavras de Dante, três das quais foram *passo o sal*. Ele estava basicamente a duas devoluções de ser um mímico bem vestido.

— Eu não tenho favoritos. — Cortou seu bife.

Meus dentes cerraram, mas engoli minha irritação. Desde a nossa interação nada estelar durante a minha mudança, passei dos estágios de choque e raiva do nosso noivado para a resignação.

Estava presa com Dante, gostasse ou não. Tinha que aproveitar ao máximo. Se não tivéssemos...

Imagens de dias frios, noites solitárias e sorrisos falsos encheram minha cabeça.

Meu estômago se apertou com desconforto antes de tomar um gole de água e tentar novamente. — Quais são suas expectativas em particular?

Sua faca e garfo pararam sobre seu prato. — Com licença?

Uma reação perceptível. *Progresso*.

— Antes, você disse que faríamos o papel de um casal amoroso em público e me avisou para, entre aspas, *livrar-me de quaisquer noções românticas que possa ter de nos apaixonarmos*, mas nunca discutimos como seriam nossas vidas privadas além de quartos separados. — Disse. — Jantamos juntos todas as noites? Discutimos nossos problemas de trabalho? Ir às compras e discutir sobre qual marca de vinho comprar?

— Não, não e não — disse categoricamente. — Não faço compras.

Claro que não.

— Vamos viver nossas vidas separadamente. Não sou seu amigo, terapeuta ou confidente, Vivian. O jantar desta noite é simplesmente porque é sua primeira noite e eu estou em casa. — Sua faca e garfo se moveram novamente. — Falando nisso, tenho uma viagem de negócios na Europa chegando. Saio em dois dias, ficarei fora por um mês.

Ele poderia muito bem ter me dado um tapa na cara.

Olhei para ele e esperei que me dissesse que era uma piada. Quando não o fez, uma onda de indignação apagou minhas tentativas de jogar bem.

— Um mês? Que tipo de viagem de negócios exija que fique fora por um *mês*?

— O tipo que me faz ganhar dinheiro.

A indignação se transformou em raiva. Ele nem estava *tentando*. Talvez a viagem de negócios fosse legítima, mas me mudo e ele sai por um mês? O momento era conveniente demais para ser ignorado.

— Você já tem muito dinheiro. — Rebati, muito irritada para medir palavras. — Você claramente *não* tem interesse em ser civilizado, então por que está aqui?

Dante levantou uma sobrancelha. — Esta é a minha casa, Vivian.

— Quero dizer, *aqui*. Este noivado. — Gesticulei entre nós. — Você evitou minha pergunta da primeira vez, mas estou

perguntando de novo. O que poderia tirar do nosso acordo que não conseguiria sozinho?

A Lau Jewels era uma grande empresa, mas o Grupo Russo a eclipsava dez vezes. Não fazia sentido.

Meu pai me disse que tinha algo a ver com o acesso ao mercado na Ásia, que era reconhecidamente o ponto forte da Lau Jewels e o ponto fraco do Grupo Russo, mas isso era importante o suficiente para Dante mudar sua vida pessoal?

Sua expressão endureceu. — Não importa.

— Considerando que é a razão pela qual estamos juntos, acho que importa.

— Não, não importa. Por que se importa com o motivo de estarmos juntos? — Sua voz ficou fria, zombeteira. — Vai se casar comigo de qualquer maneira. A filha obediente que faz tudo o que seu pai diz. Poderia me ausentar durante o próximo ano até o nosso casamento, e *ainda* continuaria com ele. Não continuaria?

Uma garra gelada de choque arrancou o ar dos meus pulmões. Não sabia como a conversa tinha escalado tão rapidamente, mas de alguma forma, sem tentar, Dante me atingiu bem na parte mais feia e indesejável de mim. A parte que eu detestava, mas não conseguia me livrar.

— Agora, entendo. — Lutei pela calma, mas um tremor de raiva sangrou. — Um casamento arranjado é a *única* maneira de conseguir alguém para casar com você. É tão... tão... — Lutei para encontrar a palavra certa. — *Horível*.

Não é meu melhor trabalho, mas serviria.

A diversão escura deslizou por seus olhos. — Se sou tão horrível, então diga a sua família que o casamento está cancelado. — Acenou para o meu telefone. — Ligue para eles agora. Vamos muda-la de volta para o seu apartamento como se isso nunca tivesse acontecido.

Era desafio e sedução em partes iguais. Ele não achava que eu faria isso, mas sua voz era tão rica e persuasiva que quase me obrigou a obedecer.

Meus dedos enrolaram em torno do meu garfo. O metal cavou em minha pele, frio e implacável. Não toquei no meu telefone. Queria ainda mais do que queria jogar meu vinho na cara presunçosa de Dante, mas não *consegui*.

A raiva do meu pai. A crítica da minha mãe. O fracasso, se não seguisse com o casamento... não consegui fazer isso.

A diversão de Dante desapareceu na atmosfera tensa. Algo brilhou em seus olhos. Desapontamento? Desaprovação? Era impossível dizer.

— Exatamente. — Disse suavemente.

A finalidade dessa palavra foi mais profunda do que uma faca recém-afiada.

Terminamos o jantar em silêncio, mas meu bife havia perdido o sabor.

Reguei com mais vinho e deixei o calor consumir minha vergonha.

CAPÍTULO 8

Dante

Apesar do que Vivian pensava, tinha agendado minha viagem pela Europa antes de ela se mudar. A maioria das marcas do Grupo Russo estavam sediadas no continente, e bloqueava um mês por ano para realizar reuniões presenciais com os chefes de nossas subsidiárias europeias.

O momento deste ano acabou de ser extremamente conveniente.

No entanto, fiz questão de ficar de olho em Luca e Vivian enquanto estava fora. Atribuí a Luca uma função de vendas em uma das lojas de varejo de nossas subsidiárias de joias. Era uma pessoa do povo, e colocá-lo em um escritório em algum lugar só significaria um desastre para ele e para a loja em questão. De acordo com o gerente da loja, teve um começo difícil, meu irmão nunca foi pontual, mas quando voltei para Nova York, parecia ter se acomodado, embora a contragosto, em seu novo papel.

Vivian, por outro lado, se acostumou com seu novo ambiente como um pato na água. Greta e Edward falavam sobre ela em todos os relatórios, e cheguei em casa para encontrar uma nova pintura na galeria, toalhas com monogramas de *D&V* nos banheiros e flores por toda parte.

— Dante, relaxe sua expressão. — disse Winona. — Dê-me um sorriso... é isso! Perfeito.

O obturador da câmera clicou em rápida sucessão. Vivian e eu passamos a manhã tirando fotos de noivado no *Central Park*. Foi tão excruciante quanto imaginei, cheio de sorrisos e abraços falsos enquanto Winona nos guiava em poses projetadas para mostrar como estávamos “apaixonados”.

— Vivian, coloque seus braços em volta do pescoço dele e se aproxime.

Endureci quando Vivian obedeceu e deu um passo hesitante em minha direção.

— Mais perto. Posso praticamente dirigir um trator entre vocês agora. — Brincou Winona.

— Faça o que ela diz para que possamos acabar com isso. — Resmunguei. Quanto mais cedo eu colocar mais distância entre nós, melhor.

— Fica mais encantador a cada dia. — A voz de Vivian era tão doce que poderia regar sobre panquecas. — A Europa realmente fez maravilhas pela sua personalidade.

— Mais perto. — Winona encorajou. Se ela percebeu nossa hostilidade, não reconheceu. — Mais um passo...

Os seios de Vivian roçaram meu peito quando fechou o espaço restante entre nós. Meus músculos ficaram rígidos.

— Dante, coloque seus braços em volta de Vivian.

Pelo amor de Deus.

Como eu só queria acabar com a tortura, apertei minha mandíbula e coloquei minhas mãos nos quadris de Vivian. O calor queimou através da seda de seu vestido e seu maldito cheiro de maçã rastejou em meus pulmões novamente. Nenhum de nós se moveu, temendo que a menor mudança inadvertidamente nos aproximasse ainda mais.

— Recebi um telefonema interessante do meu contador quando estava em Paris. — Disse em um esforço para me distrair de nossa perturbadora proximidade. — Cem mil dólares cobrados do meu Amex em um dia, incluindo dez mil em flores. Importa-se de explicar?

— Você me deu um Amex preto, eu usei. — Disse Vivian com um elegante encolher de ombros. — O que posso dizer? Gosto de flores. E sapatos.

Tradução: Era um idiota antes de sair, e descontei na sua conta bancária.

Um ato de vingança sutil, mas mesquinho. Bom para ela. Não havia ninguém mais irritante do que alguém que não se defendia.

— Claramente. — Disse, tentando não respirar muito fundo para que o seu cheiro não me envolvesse completamente. — E as toalhas?

— Foram um presente da minha mãe.

Claro que eram.

— Avise-me com antecedência da próxima vez que sair por um mês. — Disse ela. — Quero tempo para planejar uma festa, redecorar a sala de estar, talvez fazer uma lista de compras robusta. É incrível o quanto se pode fazer sem limite de gastos.

Estreitei meus olhos. Não me importei com o uso do cartão de crédito. Luca certa vez gastou um milhão de dólares em uma ridícula banheira de ouro maciço de 24 quilates para uma festa do pijama. Cem mil não era nada.

O que me irritou foi a forma como Vivian reorganizou tudo enquanto eu estava fora. As toalhas e as flores eram apenas a ponta do iceberg. Havia arte nova nas paredes, tubos de aromaterapia através de difusores ocultos e uma sala de massagem onde costumava ser a sala de embrulhos. Saí por um mês e voltei para encontrar minha casa transformada na porra de um *Club Med*¹¹.

— Divertiu-se enquanto estive fora, não foi? — Uma corrente perigosa se enroscou em minhas palavras.

— Passei momentos *maravilhosos*. — Vivian enfiou os dedos pelo meu cabelo e puxou com força suficiente para doer. Sorriu. — A casa tem estado tão agradável sem todas as carrancas e grunhidos.

— Aqui pensei que sentiria minha falta. — Solto. — Estou ferido.

— Eu pediria desculpas, mas atender aos seus sentimentos não faz parte do nosso acordo. É *apenas* um negócio. Lembra?

Um sorriso relutante tocou minha boca. *Touché*.

— Olhem só para vocês dois. Tão doce. — Winona suspirou. — Dante, por que não lhe dá um beijo nos lábios? Será a foto perfeita para encerrar a sessão.

¹¹-Club Méditerranée, é uma empresa de origem francesa que atua no setor do turismo prestando serviços de hotelaria e lazer.

Meu sorriso desapareceu.

Vivian ficou rígida em meus braços. — Isso não é necessário.
— disse rapidamente. — Nós não... não gostamos de *DPA*¹².

— Não há ninguém aqui além de nós. — Apontou Winona.

Puxei alguns pauzinhos e reservei trechos do parque para a sessão de fotos. Odiava multidões e público. Muito barulho, muito imprevisível, muito *isso*.

— Sim, mas... — Vivian vacilou. Ela parecia um coelho preso nos faróis.

A sua expressão horrorizada era de irritação. Eu não *queria* beijá-la, mas não gostei de como agia, como se me beijar fosse o equivalente a ser mordida por uma cobra venenosa.

— Nós realmente não nos sentimos confortáveis beijando na frente de *terceiros*. — Vivian finalmente terminou.

Ela tentou dar um passo para trás, mas meu aperto em seus quadris a impediu de fazê-lo. Meu aborrecimento se aprofundou. Concordamos em fazer o papel de um casal amoroso em público, mas ela não estava agindo particularmente amorosamente.

— Se você não quiser, tudo bem, mas não é um ensaio de noivado sem um beijo. — Winona pareceu intrigada com nossa hesitação. — Prometo que não vou me escandalizar.

— Certo. — Vivian raspou os dentes no lábio inferior.

¹²-Demonstração pública de afeto.

Cristo. Se ela mordesse mais forte, teria um lugar privilegiado no menu de *brunch* de *Sarabeth*, xarope e tudo.

Em vez de esperar que tomasse uma decisão em algum momento do próximo século, abaixei minha cabeça e rocei minha boca sobre a dela. Suavemente, apenas o suficiente para ouvir o clique do obturador da câmera novamente.

O corpo de Vivian se transformou de tenso em rígido. Seus lábios se separaram em uma inspiração afiada, e provei algo doce com um toque de especiarias.

Meu sangue pulsava.

Era para ser apenas um beijo rápido para a câmera. Deveria me afastar, mas sua boca era tão quente e macia que não pude resistir a outro gosto. E outro.

Antes que percebesse, minha mão deslizou por conta própria. Meus dedos afundaram em seu cabelo e evocaram um desejo irresistível de aprofundar o beijo. Para envolver meu punho em torno de toda aquela seda e puxá-la até que sua boca se abrisse totalmente para mim, deixando-me explorar e saquear à minha vontade.

Meu sangue pulsava mais alto. Culpei minhas ações sem sentido no mês de intervalo. Ausência fez o coração crescer mais afeiçoado e toda essa porcaria. Era a única razão plausível pela qual beijar a filha de Francis Lau não me fez querer esfregar alvejante em todo o corpo.

Vivian inclinou um pouco o queixo para cima, me dando melhor acesso. Meu...

— Conseguimos a foto! — A voz de Winona nos separou tão repentina e violentamente como se alguém tivesse disparado uma arma.

Num segundo, estávamos nos beijando. No seguinte, minhas mãos se foram do quadril e do cabelo de Vivian, seus braços caíram do meu pescoço e meu coração estava acelerado como se tivesse acabado de completar um *Ironman Triathlon*¹³.

Vivian e eu nos encaramos por um segundo congelado antes de rapidamente desviar o olhar. O beijo durou menos de um minuto, mas minha boca ficou com a marca de seus lábios. O peso caiu sobre minha pele como um cobertor de *cashmere* quando Winona se levantou de sua posição agachada.

— Vocês dois podem ser o casal mais fotogênico com quem já trabalhei. — Sorriu. — Mal posso esperar para que vejam as fotos finais.

— Obrigada. — disse Vivian, com o rosto rosado. — Tenho certeza de que estarão ótimas.

— Terminamos? — Tirei minha jaqueta e ignorei seu olhar de reprovação. Tínhamos feito o maldito ensaio. O que mais ela queria?

E por que estava tão quente no meio de outubro?

— Sim, vou lhe enviar um e-mail com um link para a galeria em duas semanas. — Disse Winona, imperturbável pela minha resposta curta. — Parabéns novamente pelo seu noivado.

Vivian agradeceu novamente enquanto eu passava por ela em direção às escadas que davam para o *Bethesda Terrace*. Precisava

¹³-Campeonato na modalidade triatlo.

colocar mais distância entre nós imediatamente. Infelizmente, Vivian logo voltou a me acompanhar e caminhamos em silêncio em direção a uma das saídas do parque conforme me xingava pelo meu lapso de julgamento.

Não apenas o beijo, mas a sessão de fotos como um todo. Deveria ter contratado alguém para nos colocar no Photoshop no parque. Dessa forma, não teria que lidar com... isso.

Inquietação zumbiu sob minha pele. O aperto dos meus músculos quando o seu cheiro flutuou no meu nariz. A memória de sua boca na minha. Não era sobre o beijo, o que tínhamos que fazer se não quiséssemos levantar suspeitas de Winona. Era sobre o fato de eu ter demorado.

Vivian finalmente falou quando passamos pela saída para a Avenida 79. — Sobre o beijo lá atrás...

— Foi para a foto. — Não olhei para ela.

— Eu sei, mas...

— Está com fome? — Acenei para o carrinho de comida na esquina da rua. Prefiro me banhar em ácido do que discutir o que aconteceu.

Vivian suspirou, mas abandonou o assunto. — Poderia ter um pouco de comida. — Admitiu. Suas sobrancelhas se ergueram quando parei na frente do carrinho de comida. — O que está fazendo?

— Comprando café da manhã. — Tirei uma nota de vinte da minha carteira. — Dois cafés e bagels exclusivos. Fique com o troco. Obrigado, Osmar.

Enquanto queria ficar longe de Vivian o mais rápido possível, eu estava com muita fome. Acordamos cedo demais para o café da manhã e não podia comprar comida sem levar para ela também. Eu era um idiota, não um imbecil.

Virei-me para encontrá-la olhando para mim como se eu tivesse brotado chifres e penas no meio da Quinta Avenida.

— O quê?

— Está em uma base do primeiro nome com o proprietário.

— Obviamente. — Enfiei minha carteira de volta no bolso. — Corro aqui de manhã quando tenho tempo, e experimentei todos os carrinhos de café da manhã ao redor do parque. Omar é o melhor.

— E eu aqui pensando que só comia caviar e corações humanos.

— Não seja ridícula. Caviar tem um gosto horrível com corações humanos.

A risada de Vivian evocou uma sensação estranha no meu peito. *Azia? Investigar mais tarde.*

Peguei a comida e entreguei um dos copos de papel e bagels embrulhados para ela. — Pago pela qualidade, não pelo preço. Caro nem sempre é bom, especialmente quando se trata de comida.

— Por uma vez, concordamos. — Ela me seguiu até um banco próximo e enfiou o vestido sob as coxas antes de se sentar. — Devemos verificar a temperatura no inferno.

O canto da minha boca puxou para cima, mas o abaixei antes que ela percebesse.

— Um dos meus restaurantes favoritos antes de fechar era este pequeno lugar na *Chinatown* de Boston. — Vivian disse hesitante, como se estivesse decidindo se deveria ou não compartilhar a informação comigo mesmo quando as palavras saíram de sua boca. — Se você não estivesse procurando por isso, perderia. A decoração parecia algo do início dos anos noventa e os pisos eram suspeitosamente pegajosos, mas tinham os melhores bolinhos que já provei.

A curiosidade levou a melhor sobre mim. — Por que fechou?

— O dono morreu e seu filho não quis assumir. Ele o vendeu para alguém que o transformou em uma oficina de conserto de eletrônicos. — Uma nota melancólica entrou em sua voz. — Minha família e eu comíamos lá toda semana, mas acho que teríamos parado de ir mesmo que estivesse aberto. Eles só vão a lugares com estrelas *Michelin* agora. Se me vissem comendo em um *food truck*, teriam um infarto.

Tomei um gole lento de café enquanto processava o que disse. Assumi que Vivian estava totalmente sob o controle de seus pais, mas a julgar pelo seu tom, nem tudo era perfeito na família Lau.

— Meu irmão e eu costumávamos ir a esse lugar no centro da cidade quando éramos crianças. — Disse. — *Moondust Diner*. O bairro era uma armadilha para turistas, mas a lanchonete tinha os melhores *milkshakes* da cidade. Dois dólares, copos quase tão grandes quanto nossas cabeças. Íamos lá toda semana depois da escola até nosso avô descobrir. Estava furioso. Disse que os Russos não frequentavam restaurantes baratos e designaram alguém para nos levar para casa logo depois da escola. Nunca mais voltamos depois disso.

Nunca contei a ninguém sobre o restaurante, mas desde que ela compartilhou sobre a loja de bolinhos, senti-me compelido a retribuir. O beijo realmente *tinha* fodido com a minha cabeça.

— Milkshakes de dois dólares? Seria o pesadelo de um dentista. — Brincou Vivian.

— O meu também não era meu maior fã.

O *Moondust Diner* ainda existia, mas eu não era mais criança. Meu desejo por doces havia desaparecido, e não tinha tempo para viagens pela estrada da nostalgia.

Comemos em silêncio por mais um minuto antes de eu dizer — As coisas devem ter mudado um pouco depois que os negócios do seu pai decolaram.

Sempre poderia usar mais informações sobre o Laus, e se alguém conhecia bem Francis, era sua filha. Pelo menos, essa foi a razão que me dei para não sair, mesmo depois de terminar minha comida.

— Isso é um eufemismo. — Vivian traçou a borda de seu copo de café com o dedo. — Quando tinha quatorze anos, minha mãe me sentou para a palestra. Não era sobre sexo; era sobre as expectativas de quem eu deveria e poderia namorar. Era livre para estar com quem quisesse, *desde* que atendesse a certos critérios. Esse também foi o dia em que descobri que era esperado que tivesse um casamento arranjado se não encontrasse ninguém “adequado” dentro de um certo tempo.

Suspeitava disso. Famílias de dinheiro novo como os Laus normalmente tentavam melhorar seu status social por meio do casamento. As famílias ricas também faziam isso, mas eram mais sutis.

— Acho que seus pais não eram fãs de seus ex. — Se fossem, Vivian e eu não estaríamos noivos.

— Não. — Uma sombra passou por seu rosto. — E você? Alguma ex com quem pensou em se casar?

— Não estava interessado em casamento.

— Hum. Não estou surpresa.

Lancei um olhar para ela. — E isso significa?

— Significa que é um maníaco por controle. Provavelmente odiava – e *ainda* odeia – a ideia de alguém entrar e destruir sua vida. Quanto mais pessoas na casa, mais difícil é controlar o ambiente.

Meu choque deve ter sido evidente porque Vivian riu e me deu um sorriso meio provocador, meio presunçoso.

— É bastante óbvio na maneira como administra sua casa. — Disse. — Além disso, durante as refeições, é obsessivo sobre seus alimentos não se tocarem. Coloca a carne no lado superior esquerdo do prato, os vegetais no canto superior direito e os carboidratos e grãos na parte inferior. Fez isso na casa dos meus pais e na minha primeira noite na sua casa, antes de partir para a Europa.

Ela tomou um gole de café, conseguindo parecer majestosa mesmo enquanto bebia em um copo de papel. — Maníaco por controle. — Resumiu.

Admiração relutante tomou conta de mim. — Impressionante.

Desde criança que sou muito exigente com a minha comida. Não sabia por quê; a visão e a textura dos alimentos misturados apenas faziam minha pele arrepiar.

— Isso vem com o trabalho. — Disse Vivian. — O planejamento de eventos requer muita atenção aos detalhes, especialmente quando se está lidando com os tipos de clientes que tenho.

Ricos. Intitulados. Carentes. Não precisava dizer isso para eu saber o que queria dizer.

— Por que planejar um evento em vez do negócio da família?
— Estava genuinamente curioso.

Vivian deu de ombros. — Gosto de joias como consumidora, mas não tenho interesse no lado corporativo do negócio. — Disse. — Dirigir a Lau Jewels não seria um empreendimento criativo. Seria sobre acionistas, relatórios financeiros e mil outras coisas com as quais não me importo. Odeio números e não sou boa com eles. Minha irmã Agnes é quem gosta dessas coisas. É a chefe de vendas e marketing da empresa e, quando meu pai se aposentar, assumirá o cargo de CEO.

Não haverá uma empresa para assumir depois que eu terminar.

Uma pequena reviravolta de desconforto puxou meu intestino antes que a dispensasse. Seu pai merecia o que estava vindo para ele. Vivian e sua irmã não, mas ruína e danos colaterais andavam de mãos dadas. Era o custo de fazer negócios.

— E você? Já quis fazer outra coisa? — Perguntou Vivian.

— Não.

Passei minha vida inteira me preparando para assumir o Grupo Russo. Seguir outra carreira nunca passou pela minha cabeça.

— Meu pai se recusou a assumir a empresa, então cabia a mim continuar a tradição Russo. — Disse. — Abnegar nunca foi uma opção.

— Seu pai podia, mas você não? Parece injusto.

— Não existe justiça no mundo dos negócios. Além disso, meu pai teria sido uma merda como CEO. Ele é o tipo de cara que se preocupa mais em ser amado do que em fazer o trabalho. Destruiria a empresa em poucos anos e meu avô sabia disso. Foi por isso que não o pressionou a assumir um papel executivo.

As palavras saíram por vontade própria.

Não sabia por que estava contando a Vivian sobre minha família. Uma hora atrás, preferia pular do *Empire State Building* do que passar mais um minuto brincando com ela. Talvez o beijo tenha causado um curto-circuito no meu cérebro, ou talvez fosse porque este era meu primeiro momento de semipaz desde que meu avô morreu.

Os últimos meses tinham sido dor de cabeça atrás de dor de cabeça. Os arranjos do funeral, a chantagem de Francis, as tretas de Luca, o noivado e a viagem à Europa e as obrigações regulares de negócios e sociais que tinha que cumprir. Foi bom sentar e respirar por um minuto.

— Falando em meus pais, eles gostariam de conhecê-la. — Disse. Apresentar Vivian a eles era uma dor de cabeça que esperava evitar, embora soubesse que as chances de afastá-los por

um ano ou o tempo que levasse para romper o noivado eram pequenas. — Estamos passando o Dia de Ação de Graças com eles.

De acordo com o relatório de Christian, os Laus não eram grandes no Dia de Ação de Graças, então Vivian não deveria estar muito chateada por perder o feriado com sua família. Não que me importasse se estivesse.

— Tudo bem. — Fez uma pausa, obviamente esperando por mais informações. Quando não forneci nenhum, perguntou — Seus pais moram em Nova York?

— Um pouco mais longe. — Joguei meu copo de café vazio em uma lata de lixo próxima. — Bali.

Por enquanto. Meus pais não passavam mais de três meses consecutivos em um lugar em décadas.

A boca de Vivian se abriu. — Quer que a gente voe para *Bali* para conhecer seus pais no Dia de Ação de Graças?

— Estaremos lá por uma semana. Saímos no domingo anterior e voltamos na segunda-feira seguinte.

— Dante. — Parecia estar lutando para manter a calma. — Não posso ir a Bali por uma semana com menos de dois meses de antecedência. Eu tenho um emprego, planos...

— É um fim de semana de feriado. — Disse impacientemente. — O que está planejando? O Desfile de Ação de Graças da Macy's?

Ela amassou sua embalagem de bagel com uma mão branca. — Eu tenho que estar de volta na segunda-feira de manhã para uma reunião com o cliente. Estarei cansada, com *jet lag*...

— Então, em vez disso, sairemos no sábado. — Foram meus pais que insistiram que ficássemos uma semana. O trabalho de Vivian me deu uma boa desculpa para sair mais cedo. — Vamos pegar meu jato e ficaremos na casa dos meus pais. Não é grande coisa. Vamos para Bali, porra. Todo mundo quer ir para Bali.

— Essa não é a questão. Deveríamos nos consultar sobre esse tipo de coisa. Você é meu noivo, não meu chefe. Não pode simplesmente me dizer para pular e esperar que eu pule.

Deus, isso era tedioso. — Considerando que fui eu quem pagou pelos seus sapatos e flores, acho que posso fazer exatamente isso.

Sabia que era a coisa errada a dizer no segundo em que as palavras saíram da minha boca, mas era tarde demais para voltar atrás. Vivian levantou-se abruptamente. Uma brisa soprou sua saia em torno de suas coxas, e um corredor que passava ficou boquiaberto até que o afastei com um olhar.

— Graças a Deus mostrou suas verdadeiras cores novamente. — Disse, suas bochechas coradas. — Estava começando a pensar que era humano. — Jogou fora o copo e a embalagem. — Obrigada pelo café da manhã. Nunca mais faremos isso.

Ela se afastou, seus ombros rígidos.

Atrás de seu carrinho, Omar balançou a cabeça e franziu a testa para mim. Eu o ignorei. Quem se importava se isso tinha sido uma coisa idiota de se dizer? Já tinha baixado a guarda mais do que deveria naquela manhã.

Vivian era filha do inimigo, e me faria bem em lembrar disso.

Fiquei no banco por mais um tempo, tentando recuperar a magia de antes, mas a paz se foi.

Quando voltei para casa, encontrei um cheque esperando na minha mesa de cabeceira de exatamente cem mil dólares.

CAPÍTULO 9

Vivian

O mercado de pulgas estava vivo com os sons de pechinchas e as buzinas fracas dos táxis das ruas vizinhas. O cheiro de churros rodopiava no ar, e para onde quer que olhasse, via uma explosão de cores, texturas e tecidos diferentes.

Visitava o mesmo mercado todos os sábados há anos. Era um tesouro de inspiração e itens únicos que não conseguia encontrar nas lojas de luxo cuidadosamente selecionadas, e nunca deixou de me tirar de uma rotina criativa. Também era o meu lugar favorito para visitar quando precisava limpar minha cabeça.

Hoje, no entanto, não fez nenhuma dessas coisas. Não importa o quanto tentasse, não conseguia afastar a memória da boca de Dante na minha. A firmeza de seus lábios. O calor de seu corpo. O cheiro sutil e caro de sua colônia e o peso autoconfiante de suas mãos em meus quadris.

Dias depois, ainda podia *sentir* a vivacidade do momento tão claramente como se tivesse acabado de acontecer.

Era irritante. Quase tão irritante quanto a forma com que me abri a ele no café da manhã, apenas para voltar ao status de idiota depois de uma breve e chocante demonstração de humanidade.

Houve um momento em que *gostei* de Dante, embora isso possa ter sido minha solidão falando. Ao contrário do que disse a ele na sessão de fotos, havia algo inquietante em voltar para casa todos os dias, para uma casa silenciosa e imaculada. Nosso mês de intervalo aliviou a dor de suas palavras antes de ele partir para a Europa, e não tinha percebido o quanto a presença de Dante eletrizou o espaço até que se foi.

— Já estivemos nesta barraca. — Isabella disse.

— Hum? — Brinquei com a franja de um cachecol roxo estampado.

— Esta barraca. Já estivemos aqui. — Repetiu. — Você comprou a *pashmina*¹⁴?

Pisquei quando o resto do conteúdo da banca entrou em foco. Ela estava certa. Foi um dos primeiros fornecedores que visitamos quando chegamos.

— Desculpe. — Soltei o lenço com um suspiro. — Estou um pouco fora hoje.

Estou muito ocupada pensando no meu noivo idiota.

— Sério? Não percebei. — O sorriso provocante de Isabella desapareceu quando não o retribuí. — O que há de errado? Normalmente passa por este lugar como se tivessem cães infernais nos perseguindo.

Isabella adorava economizar e participava das minhas excursões de sábado sempre que podia. Tentei convencer Sloane a

¹⁴-Um tipo de echarpe e cachecol.

vir uma vez, mas as chances de ela pisar em um mercado de pulgas eram menores do que um salto agulha Jimmy Choo.

— Só tenho muita coisa na cabeça.

Queria contar a Isabella sobre a sessão de fotos, mas não havia nada *para* contar. Dante e eu tocamos os lábios por trinta segundos para uma foto. Qualquer coisa além disso eram hormônios e meu período de seca falando. Além disso, não estava mentindo. Entre meu trabalho, meu relacionamento tenso com Dante, minhas novas obrigações sociais como a futura Sra. Russo e minha longa lista de coisas a fazer para o casamento, estava sufocando.

— Estamos quase terminando. — Acrescentei. — Só preciso encontrar um espelho dourado para o *Sweet Sixteen* da neta de Buffy Darlington.

— Não acredito que vivemos em um mundo onde existem pessoas chamadas Buffy Darlington. — Isabela estremeceu. — Os pais dela devem tê-la odiado.

— Buffy Darlington Terceira, para ser exata. É um nome de família.

— Isso é ainda pior.

Rio. — Bem, nome à parte, Buffy é a grande dama da sociedade de Nova York e a chefe do comitê do *Legacy Ball*. Tenho que impressioná-la ou posso dizer adeus ao meu negócio.

O *Legacy Ball* era o evento mais exclusivo do circuito internacional. Trocava de local todos os anos, e o próximo baile em maio aconteceria aqui mesmo em Nova York.

Sediá-lo era considerado uma grande honra. Esperava uma chance na posição, mas em vez disso foi para a esposa de um magnata do *hedge fund*¹⁵.

— Falando em alta sociedade, como está seu novo emprego?
— Perguntei.

Isabella deixou o bar na semana passada depois de conseguir um emprego altamente cobiçado no *Valhalla Club*, uma sociedade só para membros para os mais ricos e poderosos do mundo. Meu pai estava tentando ser admitido há anos, mas a filial de Boston estava fechada para novos candidatos e nossa família não estava conectada o suficiente para passar pela porta dos fundos.

O rosto de Isabella se iluminou. — É *incrível*. Salário mais alto, melhores benefícios e menos horas do que qualquer outra coisa que encontraria na cidade. Supera ser bartender com o assustador *Colin* respirando em cima de mim por um quilômetro. Talvez realmente tenha tempo para terminar meu livro... — parou enquanto olhava por cima do meu ombro. — Hum, Viv?

— Hum? — Avistei um espelho dourado em uma mesa próxima. A festa da neta da Buffy era com o tema A Bela e a Fera, e apesar de ter finalizado a decoração, queria uma peça única para unir tudo.

— Pode querer olhar para trás. — Uma nota estranha abafou sua voz.

A curiosidade acendeu quando me virei para ver o que Isabella estava olhando. Não muito a abalava.

¹⁵-É uma forma de investimento alternativa aos investimentos tradicionais, com graus e riscos variados, com poucas restrições e em algumas situações, altamente especulativo.

No começo, tudo o que via eram transeuntes segurando churros e vendedores vendendo suas mercadorias. Então, notei a pessoa de pé atrás de nós.

Cabelo loiro arenoso. Olhos azuis. Um corpo outrora esguio que se encheu de músculos ao longo dos anos.

Minhas sacolas de compras caíram no chão quando o choque deslocou o ar em meus pulmões.

Heath.



— Sinto muito por emboscá-la. Estava passando e lembrei que adorava vir aqui todo sábado. — Heath soltou uma pequena risada. — Acho que ainda gosta.

Devolvi seu sorriso com um sorriso cauteloso. — Velhos hábitos custam a morrer.

Depois que superei meu choque e Isabella se desculpou para “cochilar e escrever”, Heath e eu saímos do mercado para tomar um café em um pequeno café ao ar livre na rua.

Não havia outros clientes, então éramos apenas nós conversando sobre cappuccinos como se dois anos não tivessem se passado desde a última vez que nos vimos. Era surreal.

— Está aqui de férias? — Eu perguntei.

Heath tinha me enviado aleatoriamente uma foto do chocolate quente de abóbora no Bonnie Sue's outro dia, então sabia que estava na cidade. Foi a primeira mensagem que enviou desde que disse a ele que estava noiva. Não tinha mencionado o noivado, e não tinha feito planos para vê-lo.

— Trabalho. Tenho uma reunião com investidores na segunda-feira e pensei em chegar cedo para aproveitar a cidade. Faz algum tempo. — Esfregou a mão na nuca. — Eu teria ligado para você, mas...

— Não precisa explicar.

Hoje foi uma anomalia. Normalmente não contamos um ao outro quando estávamos na cidade ou conversamos sobre bebidas. Não tínhamos mais esse tipo de relacionamento.

— Certo. — Heath limpou a garganta. — Parece bem, Viv. Muito bem.

Meu rosto suavizou. — Você também.

O Heath que namorei tinha sido um garoto-propaganda para a preparação da Nova Inglaterra. O que estava sentado na minha frente parecia pertencer ao pôster de um filme de surfista da Califórnia. Bronzeado, mais saudável, mais musculoso.

Sempre me perguntei o que aconteceria se encontrasse Heath novamente. Esperava sentir tristeza, arrependimento e talvez saudade. Éramos amigos e namoramos há anos; sentimentos não desapareceram apenas porque as pessoas se separaram. No entanto, entorpeceram com o tempo, porque tudo o que sentia agora era a brisa fria na minha pele e um estranho desconforto na boca do meu estômago.

— Como está vai a preparação para o IPO? — Perguntei por falta de algo melhor para dizer.

Costumávamos falar sobre tudo sob o sol. Agora, estávamos mais hesitantes do que estranhos forçados a dividir uma mesa em um restaurante superlotado.

— Está ótimo. Estressante, mas estamos fazendo um bom progresso. — Os IPOs de empresas, ou ofertas públicas iniciais, exigiam uma preparação extensa, então Heath provavelmente dormia apenas algumas horas por noite até o fim. — Como está, uh, o planejamento dos eventos?

— Bom. Contratei alguém para administrar nossas mídias sociais há alguns meses, então temos uma equipe de quatro pessoas.

— Bom.

Tínhamos que parar de usar a palavra *bom*. O silêncio desconfortável se expandiu.

Heath e eu nos encaramos sem jeito por mais um minuto antes de seu olhar cair para o meu anel de noivado. Uma tempestade de emoções nublou seus olhos e resisti à vontade de puxar minha mão para fora da mesa e colocá-la no meu colo.

— Não estava brincando sobre o noivado.

Uma pontada atingiu meu peito em seu primeiro reconhecimento direto do meu novo status de relacionamento.

— Não brincaria com algo assim. — Disse suavemente.

— Eu sei. Só pensei... — Inclinou a cabeça para trás e soltou um longo suspiro. — Quando é o casamento?

— Próximo ano. Início de agosto. — Esfreguei um polegar nervoso sobre o meu anel. Estava frio e duro ao toque.

— Na propriedade dos Russos no Lago Como?

Deve ter procurado as notícias depois que disse a ele.

— Sim.

— Você e Dante Russo. Seus pais devem estar emocionados.
— Heath encontrou meus olhos novamente com um sorriso sardônico. — O que vale? Um bilhão de dólares?

Dois.

— Algo parecido.

— Como vocês dois se conheceram?

— Em um evento. — Respondi vagamente. Não queria mentir para Heath, mas também não queria dizer a ele que era um casamento arranjado. A aprovação dos meus pais era um assunto delicado para nós dois.

Infelizmente, ele me conhecia bem o suficiente para perceber as nuances da minha *não* resposta. Seus olhos se estreitaram. A inquietação no meu estômago rodou mais rápido quando a compreensão surgiu lenta e horrorizada em seu rosto.

— Espere. Está se casando com ele porque quer ou porque seus *pais* querem?

Eu me mexi no meu lugar, de repente desejando que tivesse faltado ao mercado hoje. Não respondi, mas meu silêncio lhe disse tudo o que precisava saber.

— Droga, Viv. — A frustração se infiltrou em sua voz. — *Sabia* que nunca escolheria de bom grado alguém como Dante. Eu o procurei depois do seu texto. Todos aqueles rumores sobre ele e como é... nenhuma quantia de dinheiro no mundo vale a pena. O que diabos seus pais estavam pensando? Além do fato de ser bilionário. — Uma ponta estranhamente amarga envenenou suas palavras.

— Ele não é assim *tão* ruim. — Disse, estranhamente na defensiva de Dante, embora tenha sido um idiota durante noventa por cento de nossas interações.

O beijo... O café da manhã. A história do *Moondust Diner*. Eram coisas pequenas no grande esquema do nosso relacionamento, mas me deram esperança. Dante Russo tinha um lado humano. Só não mostrava isso com frequência.

— Isso é o que ele quer que pense. Mesmo que não seja tão ruim quanto os rumores dizem, quer se casar com alguém que é casado com seu trabalho?

Minha mente passou pela viagem de um mês de Dante à Europa. Esfreguei meu anel novamente, minhas entranhas torcidas com frustração. Eu me sentia como um pássaro preso em uma gaiola de circunstâncias além do meu controle, incapaz de fazer qualquer coisa além de cantar e ficar bonita.

Heath se inclinou para frente, sua expressão intensa. — Não *precisa* se casar com ele, Viv.

— Heath...

— Estou falando sério. — A ferocidade de seu tom me assustou. — Sempre fez o que seus pais lhe disseram para fazer, mas isso não é sobre um emprego ou onde vai para a faculdade. Isso é sobre o resto de sua vida. Não é mais uma adolescente e tem seu próprio dinheiro. Pode sair dessa.

Tínhamos tido essa conversa antes e terminava da mesma forma todas as vezes.

— Não se trata de recuar. — Disse. — Eles são minha *família*, Heath. Não posso virar as costas para eles.

Sua risada não tinha humor. — Deveria saber que diria isso. — Ele se inclinou para trás, seu olhar pesado no meu. — Não namorei ninguém desde que terminamos, sabe. Não a sério. Meu relacionamento mais longo depois de você durou um mês.

Outra pontada percorreu meu peito com sua confissão baixa.

— Nem eu. — Disse baixinho. — Mas estou noiva agora, e essa conversa é inapropriada.

Não gostava de Dante, mas nunca iria traí-lo ou desrespeitar a promessa implícita que fiz quando aceitei seu anel.

Heath pintou uma imagem tentadora de um mundo onde eu era livre para fazer o que quisesse, mas isso era tudo, uma imagem. Fantasia, não realidade.

No mundo real, eu tinha deveres e obrigações a cumprir. Não importa o quão rude ou arrogante Dante fosse, tinha que fazer meu noivado funcionar, de uma forma ou de outra. Não havia outra opção.

— Deveria ir. — Disse. — Tenho certeza que tem muito o que fazer antes de sua reunião de segunda-feira.

Heath me encarou por um segundo antes de balançar a cabeça.

— Certo. — Empurrou a cadeira para trás e se levantou. Sua expressão amarga voltou, mas sua voz era suave quando saiu. — Foi bom vê-la, Viv. Se você mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Observei-o se afastar, meu coração pesado e meus pensamentos correndo em uma dúzia de direções diferentes.

Tanta coisa tinha acontecido na semana passada que parecia um sonho febril.

Dante voltando da Europa.

Nosso beijo e primeira conversa real juntos.

Heath aparecendo do nada e me pedindo para romper meu noivado.

Dante e eu não discutimos nossa história de namoro, mas o que diria se descobrisse o que aconteceu com Heath hoje?

Não importa seus sentimentos em relação a mim, não me parecia o tipo de homem que responderia bem a outras pessoas interferindo em seus relacionamentos.

Sua equipe de segurança uma vez hospitalizou alguém que tentou invadir sua casa. O cara acabou em coma por meses com costelas quebradas e uma rótula quebrada.

A voz de Sloane ecoou na minha cabeça, seguida por uma imagem de olhos escuros como carvão e mãos calejadas.

Um arrepio percorreu minha espinha.

De repente, fiquei feliz por Dante não ter nenhum interesse em minhas idas e vindas.

Se ele o fizesse... tinha um forte pressentimento de que Heath poderia não conseguir ver o IPO de sua empresa.

CAPÍTULO 10

Dante

— Outro morde a poeira. Alguma coisa deve estar na água, com o jeito que todos ao meu redor estão de repente se envolvendo.
— Christian falou lentamente. — Como *estão* as coisas com sua noiva corada? Feliz, espero.

— Pare com essa porcaria, Harper, ou vou expulsá-lo eu mesmo. — Rosnei. Minha festa de noivado estava insuportável o suficiente sem lidar com ele.

Ainda estava inquieto com o meu beijo com Vivian na semana passada, e agora tinha que conversar com um monte de pessoas que particularmente não gostava.

Um sorriso perverso cortou o rosto de Christian. — Não feliz, então.

Nos quatorze anos que conhecia Christian Harper, nem um único havia passado sem que me incitasse a quase assassinato. Era quase impressionante da sua parte.

Em vez de estrangulá-lo como queria, alisei uma mão casual sobre minha gravata. — Comparado ao seu desejo? É a porra do paraíso.

Seus olhos se estreitaram. — Eu não torço.

— Não. Simplesmente reduz o aluguel para todos que querem morar em seu prédio sem uma boa razão.

Ele não era o único que mantinha o controle sobre as pessoas em seu círculo. Como um gênio da computação, dono de um prédio de luxo em DC e CEO da Harper Security, uma empresa de segurança privada de elite, Christian tinha olhos e ouvidos em todos os lugares.

Sabia da chantagem de Francis. Inferno, era aquele que eu tinha encarregado de rastrear e destruir as evidências. Era também um idiota que gostava de ver o quão longe poderia empurrar as pessoas. Alguns empurravam de volta. A maioria não.

Infelizmente para ele, fui um dos poucos que o chamou de besteira sem hesitação.

— Não estou aqui para discutir minhas decisões de negócios com você. — Disse friamente. Se alguma coisa podia irritar o cristão normalmente composto, era a menção, ainda que indireta, de um certo inquilino em seu prédio. — Estou aqui para celebrar este *excitante* novo capítulo da sua vida. — Ergueu o copo. — Um brinde a você e Vivian. Que tenham uma vida longa e feliz juntos.

— Foda-se.

O bastardo riu em resposta, mas a menção de Vivian involuntariamente trouxe meus olhos para onde ela estava conversando com um elegante casal mais velho. Tinha sido a anfitriã perfeita o dia todo, misturando e encantando os convidados até que não consegui dar dois passos sem que alguém me falasse sobre o quão adorável ela era.

Era irritante.

Meus olhos se demoraram na extensão do cabelo em cascata sobre seu ombro e o redemoinho de seda em torno de seus joelhos. Seus pais estavam aqui, mas ela não usava tweed, graças a Deus. Em vez disso, usava um vestido marfim que fluía sobre suas curvas e fazia meu pulso acelerar.

Mangas curtas, gola modesta, corte elegante. O vestido não era atrevido de forma alguma, mas o jeito que brilhava nele – o jeito que sua pele parecia mais suave do que a seda e o jeito que a saia esvoaçava na brisa – fez meu sangue arder um pouco mais quente.

Vivian riu de algo que o casal disse. Seu rosto inteiro se iluminou e percebi que nunca tinha visto seu sorriso genuíno e descuidado antes. Sem sarcasmo ou fachada empertigada, apenas olhos brilhantes, bochechas rosadas e uma leveza aérea que a transformou de linda em deslumbrante. A consciência acendeu em meu peito, ardente e indesejada.

— Devo voltar após terminar de cobiçá-la? — Christian girou o gelo em seu copo. — Não quero me intrometer em um momento privado.

— Não estou cobiçando-a. — Arrastei meus olhos para longe de Vivian, mas sua presença permaneceu um calor tangível na minha pele. Tentei afastá-la sem sucesso. — Chega de besteira. Dê-me uma atualização sobre o projeto.

Ele ficou sério. — As operações comerciais estão indo conforme o planejado. A outra situação está progredindo, mas não tão rápido quanto esperávamos.

As peças estavam se encaixando para a derrubada dos negócios de Francis, mas ainda estávamos parados na frente das provas.

Droga.

— Apenas faça isso antes do casamento. Mantenha-me atualizado.

— Sempre faço. — O brilho divertido nos olhos de Christian retornou quando olhou por cima do meu ombro. — Chegando.

Eu a senti antes de vê-la. O som de seus saltos, o cheiro de seu perfume, o suave farfalhar do tecido contra a pele. Esvaziei minha bebida em um longo gole quando Vivian veio ao meu lado.

— Desculpas por interromper. — Tocou meu braço e sorriu para Christian, desempenhando perfeitamente o papel de noiva apologética. Minha pele formigava sob sua mão e quase a afastei antes de me lembrar de onde estávamos. *Festa de noivado. Casal apaixonado. Finja.* — Preciso roubar Dante por um momento. *Mode de Vie* gostaria de uma foto para o seu casamento.

— Claro. — disse Christian. — Divirta-se.

Um dia, pagaria por toda a porcaria que me deu sobre Vivian.

Eu a segui até o local das fotos, onde Francis esperava com Cecelia, a irmã de Vivian, Agnes, e o marido de Agnes. Meu irmão ficou de lado, com os olhos grudados no telefone enquanto o fotógrafo brincava com a câmera.

Algo perigoso se desenrolou em meu peito.

Evitei Francis o dia todo. Não merecia minha atenção em público, o que só elevaria seu status e não precisava de mais tentação para cometer assassinato. Aparentemente, minha corrida havia chegado ao fim.

— Não me disse que esta era uma foto de família. — A palavra *família* saiu com uma mordida amarga.

— Não percebi que isso importava. — Vivian deslizou um olhar de soslaio para mim. — Pedi ao *Mode de Vie* para esperar até que todos estivessem juntos, mas queriam especificamente uma foto da festa. No entanto, concordaram em tirar outra com seus pais sempre que estiverem nos Estados Unidos.

Quase rio com a insinuação de que estava chateada com a ausência dos meus pais. Não conseguia me lembrar da última vez que Giovanni e Janis Russo apareceram para um dos marcos de seus filhos.

— Vou sobreviver sem uma foto da nossa grande e feliz família.
— Disse, meu tom seco.

Tomei meu lugar na frente da câmera o mais longe possível de Francis. Quando o fotógrafo nos deu sinal verde, passei meu braço em volta da cintura de Vivian e forcei um sorriso tenso.

Deus, odiava sessões de fotos. Felizmente, esta não exigiu um beijo, e conseguimos a foto em menos de cinco minutos. Os amigos de Vivian a afastaram por algum motivo, enquanto Luca se virava para mim.

— Ei, uh, só queria dizer... parabéns? Pelo noivado.

Meu olhar poderia ter incendiado a sala.

Ele ergueu as mãos. — Uau, estou tentando ser legal, está bem? Estou... — abaixou as mãos e olhou ao redor da sala antes de me encarar novamente. A culpa atravessou sua expressão. — Sinto muito que isso tenha caído em você.

Sua voz era quase inaudível sobre a conversa dos outros convidados, mas cortou direto no meu peito.

— É o que é. — Estava acostumado a limpar depois do meu irmão. Inferno, considerando algumas de suas escolhas passadas, deveria estar feliz por não ter se *juntado* à máfia.

As coisas estavam uma merda, mas sempre podiam ser piores.

Luca passou a mão no rosto. — Eu sei, mas... foda-se. Sei que nunca quis se casar. Este é um grande negócio, Dante, e sei que está trabalhando para encontrar...

— Luca. — Seu nome era um aviso. — Agora não.

Christian era discreto; meu irmão não era. Não queria que ninguém nos ouvisse na minha maldita festa.

— Certo. Bem, só queria parabenizar, quero dizer, pedir desculpas. E obrigado. — Sua expressão ficou envergonhada. — Sei que não digo isso com frequência, mas é um bom irmão. Sempre foi.

A tensão encheu meu peito antes de eu reconhecer sua declaração com um aceno curto.

— Vá curtir a festa. Vejo você no jantar na próxima semana.

Queria ver como as coisas iam na *Lohman & Sons* e ter certeza de que ficaria longe de Maria. Apesar de seu aparente remorso, não confiava nele o suficiente para passar longos períodos sem dar uma olhada nele. Depois que Luca saiu, fui até o bar apenas para ser parado por Francis, que estava ocupado conversando com Kai até agora.

— Excelente participação — disse enquanto Kai me lançava um olhar indecifrável antes de escapar. — Parece que todos os membros da *East Coast Valhalla* estão aqui. — Uma pausa, então. — Tem uma presença e tanto no clube, não é?

Eu o encarei friamente, a tensão da minha conversa com Luca afundando em um poço de desgosto. Meu bisavô foi um dos doze membros fundadores do clube. Se eu indicasse alguém para admissão, garantia uma vaga, desde que atendesse aos critérios básicos de elegibilidade.

— Nem mais nem menos do que os outros membros. — Disse.

— Certo. — O sorriso de Francis ganhou vida como um tubarão sentindo sangue na água. — Ouvi dizer que haverá uma abertura na filial de Boston em breve. Algum negócio desagradável com a falência de Peltzer.

Irônico, ele deve parecer tão alegre sobre isso quando estaria no mesmo barco que Peltzer em breve.

Eu mal podia esperar. Até então...

— Assim ouvi dizer. — Inclinei minha cabeça. — Você foi negado na última vez que se inscreveu, não? Talvez tenha mais sorte desta vez.

O rosto de Francis escureceu antes de relaxar em outro sorriso. — Tenho certeza que vou com o seu apoio. Somos praticamente uma família agora, e a família se ajuda. Não é? — Lançou um olhar significativo na direção de Luca.

Raiva apertou minha mandíbula com sua óbvia ameaça.

Os membros do *Legacy Valhalla* recebiam cinco indicações em sua vida. Tinha usado duas – uma para Christian, outra para Dominic. Prefiro cortar meu pau do que desperdiçar uma terceira com Francis.

— Não tenho muita visão sobre a divisão de Boston. — Era apenas meia mentira. Tinha conexões lá, mas cada divisão agia de forma bastante independente, de acordo com a cultura, política e tradições locais. — O comitê de membros da *Valhalla* é diligente em seu processo de seleção. Se alguém é digno de ser admitido, será admitido.

O vermelho espirrou nas bochechas de Francis com meu toque sutil.

— Enquanto sou a favor de ajudar a família... — Meu sorriso endureceu em um aviso. — Deveriam saber melhor do que forçar demais. Nunca acaba bem para as partes envolvidas.

Francis teve coragem suficiente para me chantagear, mas não o suficiente para fingir que era meu dono. Estava testando meu ponto de ruptura para ver até onde poderia levar as coisas. Mal sabia ele, que cruzou no minuto em que entrou no meu escritório e colocou aquelas fotos na minha mesa.

Antes que pudesse responder, Vivian voltou, suas bochechas visivelmente mais coradas do que antes. Eu me perguntei quantos drinques tinha bebido com as amigas.

— O que perdi? — Perguntou.

— Seu pai e eu estávamos discutindo a logística do casamento.
— Não tirei os olhos de Francis. — Não é mesmo?

O ressentimento encheu seus olhos, mas não contestou minha conta. — Claro.

Os olhos de Vivian vagaram entre nós. Deve ter percebido a hostilidade subjacente porque rapidamente cutucou seu pai em direção ao colunista de estilo de vida do *Mode de Vie* antes de me puxar de lado.

— Não sei do que estava realmente falando, mas não deveria provocar meu pai. — Disse. — É como provocar um tigre ferido.

Um fio de diversão esfriou minha raiva. — Não tenho medo de seu pai, *mia cara*. Se ele não gostar do que digo, ele mesmo pode discutir comigo.

— Não me chame assim. *Mia cara*. — Esclareceu. — É um insulto.

Arqueei uma sobrancelha. — Como assim?

— Não quer dizer isso.

— As pessoas dizem coisas que não querem dizer o tempo todo. — Balancei a cabeça para um convidado de cabelos grisalhos parado ao lado do bar. — Por exemplo, sua conversa fascinante com Thomas Dreyer mais cedo. Não me diga que estava realmente interessada nas minúcias das baixas fiscais.

— Como ouviu... deixa *pra* lá. Não importa. — Vivian balançou a cabeça. — Olha, sei que isso é um negócio para você. Também não está no topo da minha lista de pessoas com quem casar, mas isso não muda o fato de termos que viver um com o outro. Devemos pelo menos *tentar* aproveitar ao máximo a situação.

Que porra?

Uma onda de irritação percorreu minha espinha. — Quem, exatamente, *está* na sua lista dos sonhos de pessoas para casar?

— Sério? — A exasperação sangrou em sua voz. — Foi isso o que pegou do que acabei de dizer?

— Qual é o tamanho da lista?

Não importava que eu fosse forçado ao noivado. Minha noiva não deveria ter uma lista de outros homens com quem preferiria se casar. Ponto final.

— Não importa.

— Com certeza importa, inferno.

— Eu não... — A frase de Vivian foi interrompida quando um convidado bêbado passou e acidentalmente esbarrou nela.

Ela tropeçou e minha mão instintivamente disparou antes que batesse em uma mesa próxima de champanhe. Nós dois congelamos, nossos olhos fixos em onde nossos corpos se tocavam.

O ruído ao redor se transformou em um rugido abafado, dominado pelas batidas pesadas do meu coração e o zumbido repentino de eletricidade no ar.

Mesmo de salto, Vivian era uns quinze centímetros mais baixa do que eu, e podia ver a curva para baixo de seus cílios enquanto seu olhar se concentrava em onde meus dedos circundavam seu pulso. Era tão delicado que poderia ter quebrado sem tentar.

Seu pulso acelerou, tentando-me a prolongar meu aperto antes que voltasse aos meus sentidos e deixasse cair sua mão como se fosse um carvão em brasa.

O feitiço se estilhaçou com a perda de contato, e os sons do resto do grupo explodiram pelas rachaduras até se despedaçarem em nada.

Vivian se afastou e esfregou o pulso, as bochechas rosadas.

— O que eu estava tentando dizer antes de sairmos do caminho é que devemos tentar nos dar bem. — Disse sem fôlego. — Conhecer um ao outro. Talvez ir a um encontro ou dois.

Parte da tensão anterior se dissipou.

— Está me convidando para sair, *mia cara*? — Um sorriso tocou meus lábios em seu olhar.

— Disse para parar de me chamar assim.

— Sim, disse. — Eu ia chamá-la de *mia cara* sempre que pudesse.

Vivian fechou os olhos e parecia estar rezando por paciência antes de abri-los novamente alguns segundos depois.

— Tudo bem, vamos nos comprometer. Pode me chamar de *mia cara*, com moderação, se concordar com a trégua.

— Não sabia que estávamos em guerra. — Disse lentamente.

Esfreguei um polegar sobre meu lábio inferior, contemplando sua oferta. Originalmente, tinha planejado ignorar Vivian até terminar o noivado. Fora da vista, longe da mente, mas seus pequenos lampejos de desafio me intrigaram, assim como os pensamentos que inadvertidamente compartilhava sobre sua família.

Talvez mantê-la à distância fosse a estratégia errada.

Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda.

Tomei minha decisão final em uma fração de segundo.

— É um acordo. — Estendi minha mão.

Vivian olhou para ele com um lampejo de surpresa, depois cautela, antes de pegá-la. Sua respiração escapou em um pequeno suspiro quando a agarrei com mais força e a puxei para mim.

— Tenho que manter as aparências. — Murmurei.

Inclinei a cabeça para a direita, onde pelo menos uma dúzia de convidados nos espiava.

Minha caixa de entrada explodiu após a notícia do meu noivado. Ninguém acreditou que eu estava noivo até verem com os próprios olhos, e aposto que dezenas de fotos minhas com Vivian cairiam na internet mais tarde naquela noite, se é que já não o fizeram.

Arrastei minha mão livre por sua espinha e a enrolei em volta de seu pescoço antes de abaixar minha boca em sua orelha. — Bem-vinda à trégua, *mia cara*.

Minha respiração se espalhou em sua bochecha.

Ela endureceu, sua própria respiração assumindo um ritmo irregular.

Eu sorrio.

Isto seria divertido.

CAPÍTULO 11

Vivian

Não conseguia dormir.

Eu tinha caído na cama três horas atrás, meu corpo exausto, mas minha mente estava correndo como se tivesse injetado uma dúzia de doses de café expresso.

Eu tentei contar ovelhas, fantasiar sobre *Asher Donovan* e ouvir o recurso de ruído branco embutido no meu despertador, mas nada disso funcionou. Toda vez que fechava os olhos, imagens da festa de noivado passavam em um loop quebrado.

A mão de Dante em volta do meu pulso.

O roçar de seus dedos ao longo da minha espinha.

O murmúrio baixo de sua voz no meu ouvido.

Bem-vinda à trégua, mia cara.

Formigamento irrompeu em cada centímetro do meu corpo. Gemi e virei de lado, esperando que a mudança de posição abalasse a memória persistente do toque de Dante e a voz áspera de veludo.

Não.

Honestamente, fiquei surpresa que tenha concordado tão prontamente com a trégua. Não tínhamos trocado mais de uma dúzia de palavras desde que o deixei no banco da calçada depois do nosso ensaio de noivado, mas ignorá-lo ativamente foi mais desgastante do que esperava.

A cobertura era enorme, mas de alguma forma nos encontramos várias vezes ao dia; ele saindo de seu quarto enquanto eu caminhava para o meu, eu respirando ar fresco enquanto ele fazia uma ligação na varanda, nós nos esgueirando para o espaço de cinema para um filme tarde da noite ao mesmo tempo.

Um de nós sempre saía quando víamos o outro, mas não podia virar no corredor ou canto sem meu batimento cardíaco pular na expectativa de colidir com Dante.

A trégua era a melhor opção para minha sanidade e pressão arterial. Além disso, a única conversa desprotegida que tivemos até agora tinha sido... legal. Inesperada, mas legal. Havia um coração em algum lugar sob o exterior mal-humorado e carrancudo de Dante. Podia ser preto e enrugado, mas estava lá.

Os números no meu relógio mudaram de 12h02 para 12h03. Meu estômago emitiu um grunhido de raiva ao mesmo tempo.

Depois de subsistir com nada além de um punhado de aperitivos e champanhe o dia todo, finalmente estava se rebelando.

Gemi novamente. Era tecnicamente tarde demais para comer, mas...

Que diabos. Não conseguia dormir de qualquer maneira.

Depois de um momento de hesitação, joguei fora minhas cobertas e saí na ponta dos pés do meu quarto e pelo corredor. Não tinha um lanche da meia-noite em anos, mas de repente estava desejando uma velha combinação de comida favorita.

Acendi as luzes da cozinha, abri a geladeira e examinei o conteúdo até localizar um pote de pickles fatiados e uma tigela de pudim de chocolate na prateleira de baixo.

A-há!

Coloquei minha recompensa na ilha da cozinha antes de caçar o último ingrediente. *Massa seca, condimentos, biscoitos, batatas fritas de algas...* Abri e fechei a fila interminável de armários, procurando um tubo de papelão distinto.

Os armários eram tão altos que tinha que ficar na ponta dos pés para ver a parte de trás, e meus braços e coxas estavam começando a doer. Por que Dante tinha tanto espaço de armazenamento? Quem precisava de um armário inteiro de *óleo de cozinha*?

Se eu não...

— O que está fazendo?

Pulei e sufoquei um grito com a voz inesperada. Meu quadril bateu contra o balcão quando me virei, provocando uma pontada de dor cujas reverberações combinavam com as batidas repentinamente frenéticas do meu coração. Dante estava na porta, seu olhar confuso enquanto viajava entre mim e o armário aberto.

Pela primeira vez, não estava vestindo terno e gravata. Em vez disso, uma camiseta branca esticada sobre os ombros, salientando os planos esculpidos de seus músculos e o bronze profundo de sua

pele. Calças de moletom pretas estavam baixas o suficiente para provocar pensamentos sujos antes que os anulasse.

— Você me assustou. — Minha voz saiu mais ofegante do que pretendia. — O que está fazendo acordado?

Era uma pergunta estúpida. Obviamente, estava acordado pela mesma razão que eu, mas não conseguia pensar direito através da névoa de adrenalina.

— Não consegui dormir. — O sotaque áspero flutuou em minha direção e se estabeleceu entre minhas pernas. — Acho que não sou o único.

Seus olhos seguraram os meus por um breve momento antes de passarem por mim.

Uma sensação de *déjà vu* percorreu toda a minha espinha, mas ao contrário do nosso primeiro encontro, detectei uma rachadura na indiferença de Dante. Era minúscula, apenas a sombra de uma chama, mas foi o suficiente para encher meu estômago de palpitações.

Sua leitura parou ao meu meio. A sombra se expandiu, escurecendo seus olhos de um rico marrom para quase obsidiana.

Olhei para baixo e meu coração tropeçou quando vi o que chamou sua atenção.

Dormia sensual, por isso geralmente usava alguma variação de uma camisola de seda e shorts masculinos para dormir. Estava tudo bem para a privacidade do meu quarto, mas completamente inapropriada quando confrontada com a companhia. O short parou um centímetro acima do meio da coxa, e minha blusa subiu

em algum momento durante minha busca no armário, revelando uma generosa extensão de pele nua.

Quando olhei para cima novamente, o olhar de Dante voltou para o meu rosto.

Fiquei parada, com medo de respirar enquanto se movia em minha direção com a graça lânguida e poderosa de um predador perseguindo sua presa. Cada passo suave era outra chama acesa no espaço entre nós.

Ele parou quando o calor do seu corpo envolveu o meu. A centímetros de distância, tão perto que podia contar a barba por fazer sombreando sua mandíbula. — O que está procurando?

Seu tom casual colidiu com a tensão no ar, mas simplesmente disse a primeira coisa que me veio à mente. — Pringles. Tradicional.

Não havia resposta como a verdade. Discretamente puxei minha blusa para baixo, enquanto Dante enfiou a mão no armário acima da minha cabeça. A pequena brisa de seu movimento roçou minha pele. Arrepios me percorreram e algo quente enrolou no meu estômago.

Ele pegou uma lata fechada de batatas fritas e me entregou sem dizer uma palavra.

— Obrigada. — Agarrei o tubo, sem saber o que fazer a seguir.

Parte de mim queria escapar para a segurança do meu quarto. A outra parte queria ficar e ver quanto tempo poderia brincar com fogo sem me queimar.

— Pringles, pickles e pudim. — Dante me salvou de uma decisão. — Combinação interessante.

O alívio afrouxou o nó no meu peito. Minha respiração saiu mais fácil agora que tinha algo para me concentrar além da reação involuntária do meu corpo ao dele.

— Têm um gosto bom juntos. Não julgue até que tenha provado. — Assumi o controle de meus membros novamente e o evitei no meu caminho para a ilha.

O toque de seu olhar me seguiu, uma pressão insistente na parte inferior das minhas costas.

Abri a lata de Pringles. *Não dê meia volta.*

— Desculpa. Longe de mim questionar suas escolhas de lanches. — Um traço de diversão seca percorreu sua voz.

Ouvi a geladeira abrir atrás de mim, seguida pelo tilintar de talheres e o *clique* de uma porta de armário fechando. Um minuto depois, Dante deslizou para o banco ao meu lado.

Minha boca se abriu quando começou a montar seu lanche.

— Você tira sarro de mim pelas minhas escolhas alimentares, mas está derramando *molho de soja* no sorvete?

A tensão anterior recuou diante do meu choque. Esqueça a forma como seus músculos flexionaram com cada movimento ou a forma como sua camisa abraçava seu torso. Estava cometendo um crime contra a humanidade bem diante dos meus olhos.

— Salpicando, não derramando. E não julgue até que tenha provado. — Dante zombou, jogando-me minhas palavras

anteriores de volta. — Aposto que tem um gosto melhor do que a abominação que montou.

Sua sobrancelha se ergueu para o chip na minha mão, que mergulhei no pudim e cobri com picles. Meus olhos se estreitaram com o desafio silencioso.

— Duvido. — Levantei sua mão e deixei cair meu lanche carinhosamente montado em sua palma aberta. Olhou para ele como se fosse um chiclete velho grudado em seu sapato. — Vamos trocar e ver quem está errado e quem está certo.

Puxei sua tigela para mim com uma pequena careta. Adorava sorvete e adorava molho de soja... *separadamente*. Algumas coisas não deveriam se misturar, mas estava disposta a estrangulá-las para mostrar meu ponto de vista, ou seja, eu estava certa e ele estava errado.

— Estou sempre certo. — Dante disse. Olhou para mim e depois para o meu lanche com uma pitada de intriga. — Tudo bem, eu como. Na contagem de três.

Quase perguntei se o trocadilho era de propósito antes de lembrar que seu senso de humor era mais subdesenvolvido do que o vocabulário de uma criança.

— Um. — Disse.

— Dois. — Sua careta combinava com a minha.

— Três.

Coloquei uma colher de sorvete na minha boca ao mesmo tempo que ele mordeu meu chip.

O silêncio encheu a sala, interrompido apenas pelo barulho da comida e o zumbido da geladeira. Eu me preparei para uma onda de repulsa, mas a combinação de baunilha francesa e molho de soja era...

Isso não pode estar certo. Talvez minhas papilas gustativas estivessem destruídas.

Eu me servi de outra colher só para ter certeza.

A boca de Dante se curvou em um sorriso conhecedor. — Voltando por uma segunda?

— Não aja tão presunçoso. Não é *tão* bom. — Menti.

— Nesse caso, pego o sorvete de volta

— Não! — Puxei a tigela para mais perto do meu peito. — Comi dela. É... anti-higiênico compartilhar comida. Pegue sua própria tigela.

O sorriso de Dante se alargou.

Soltei um suspiro. — Muito bem. Tem um gosto bom. Está feliz? — Lancei um olhar aguçado para o topo da ilha. — Não sou a única que estava errada. Acabou com metade das batatas nos últimos cinco minutos.

— Isso é um exagero. — Mergulhou outra combinação de pickles e batatas fritas no pudim. — Isto contudo não é tão terrível quanto pensava.

— Viu? Nunca vou orientá-lo errado quando se trata de comida. — Enfiei minha colher em uma colher fresca de baunilha e relaxei na estranha, mas não desagradável, facilidade entre nós.

Talvez a trégua tivesse sido uma boa ideia, afinal. — Como chegou a esse combo, afinal?

Não conseguia imaginar Dante experimentando diferentes combinações de comida em seu tempo livre até encontrar um vencedor como eu. Pelo que vi, mal tinha tempo de comer.

Ele ficou em silêncio por um longo momento antes de dizer — Luca e eu ficávamos muito na cozinha quando crianças. Tínhamos uma sala de jogos, piscina, todos os brinquedos mais recentes... praticamente tudo que qualquer pessoa com menos de doze anos poderia querer, mas, às vezes, queríamos outra companhia que não um do outro, e o chef era uma das poucas pessoas da casa que nos tratava como pessoas reais. Ele nos deixava brincar lá quando não estava cozinhando. — Dante deu de ombros. — Éramos crianças, fizemos experiências.

Minhas entranhas se aqueceram com a imagem mental do pequeno Dante correndo pela cozinha com seu irmão.

— Vocês dois devem ser próximos.

Conheci Luca na festa de noivado. Foi educado o suficiente, embora tenha a sensação de que não estava feliz com o meu casamento com seu irmão. Só conversamos por alguns minutos antes de ele se desculpar abruptamente.

O rosto de Dante se fechou. — Não tão próximos como costumávamos ser.

Fiz uma pausa na nota estranha em sua voz. Por alguma razão, seu irmão era um assunto delicado.

— Ele trabalha para a empresa? — Arrisquei quando não ofereceu mais nenhuma informação.

Não queria pressionar Dante com muita força e tê-lo desligado quando finalmente estávamos fazendo progresso, mas não pude conter minha curiosidade. Não sabia muito sobre ele além do que era de conhecimento público. Veio de uma família muito antiga e muito rica que fez fortuna com têxteis antes de seu avô fundar o Grupo Russo e expandir o império da família para o que é hoje. Formou-se como o melhor da turma na *Harvard Business School* e aumentou cinco vezes o valor de mercado de sua empresa desde que assumiu o cargo de CEO. Eliminou sua concorrência com eficácia chocante, seja esmagando-os ou adquirindo-os, e a crueldade de sua equipe de segurança o catapultou para um status mítico.

Posso ter lido sobre Dante enquanto estava na Europa.

— Está agora. — O tom de Dante sugeria que a mudança não tinha sido escolha de Luca. — Estagiou na empresa na faculdade. Foi um desastre, então nosso avô permitiu que “seguisse suas paixões” em vez de assumir um papel corporativo. Já me tinha como herdeiro; não precisava de Luca, mas dar liberdade demais ao meu irmão foi um erro. Luca saltou de emprego em emprego por uma década. Era um DJ um dia, um ator no outro. Afundou metade de seu fundo fiduciário em uma boate que fechou oito meses após a abertura. Ele precisa de estabilidade e estrutura, não de mais tempo e dinheiro para queimar.

Foi a maior quantidade de palavras que ouvi sair da boca de Dante desde que nos conhecemos.

— Por isso, deu a ele um emprego. — Suponho. — O que faz agora?

— Vendedor. — O canto da boca de Dante se levantou quando lhe dei um olhar cético. — Ele não recebe tratamento especial porque é meu irmão. Quando comecei no Grupo Russo, trabalhava

como balconista. Foi uma das maiores lições que meu avô me ensinou. Para liderar uma empresa, precisa *conhecer* a empresa. Cada faceta, cada posição, cada detalhe. Líderes que estão fora de contato são líderes que falham.

De alguma forma, Dante conseguia me surpreender toda vez que conversávamos. Esperava que ele administrasse sua empresa de cima para baixo, sem nenhum cuidado com seus funcionários e abuso descarado de nepotismo, como muitos de seus colegas faziam, mas sua filosofia fazia sentido.

Como não podia dizer isso sem ofendê-lo, me apeguei ao assunto de seu irmão.

— Tenho a sensação de que Luca não gosta de mim. — Admiti.
— Toda vez que tentava falar com ele na festa, dava uma desculpa e ia embora.

Dante fez uma pausa. A tensão umedeceu o ar por um segundo antes de seus ombros relaxarem e as nuvens desaparecerem.

— Não leve para o lado pessoal. Ele fica mal-humorado com esse tipo de coisa. — Suavemente mudou de assunto. — Falando na festa, nunca me disse quem está na sua lista de maridos dos sonhos.

Ah, pelo amor de Deus.

Mencionei a lista como uma piada. Não sabia por que estava tão obcecado com isso, mas já que ele *estava...* poderia muito bem me divertir.

— Vou lhe dizer se prometer não ter complexo de inferioridade.
— Disse docemente. Marquei os nomes das minhas celebridades favoritas. — Nate Reynolds, Asher Donovan, Rafael Pessoa...

Dante não parecia impressionado. — Não sabia que era uma grande fã de futebol.

Asher Donovan e Rafael Pessoa jogavam pelo *Holchester United* no Reino Unido. — Sou fã de jogadores de futebol. — Corrigi. — Há uma diferença.

Assisti a um total de três jogos esportivos na minha vida. Só mencionei Asher e Rafael porque os vi em uma campanha publicitária ontem e estavam frescos na minha memória.

— Reynolds é casado, e Donovan e Pessoa vivem na Europa.
— Dante disse suavemente. — Receio que esteja sem sorte, *mia cara*.

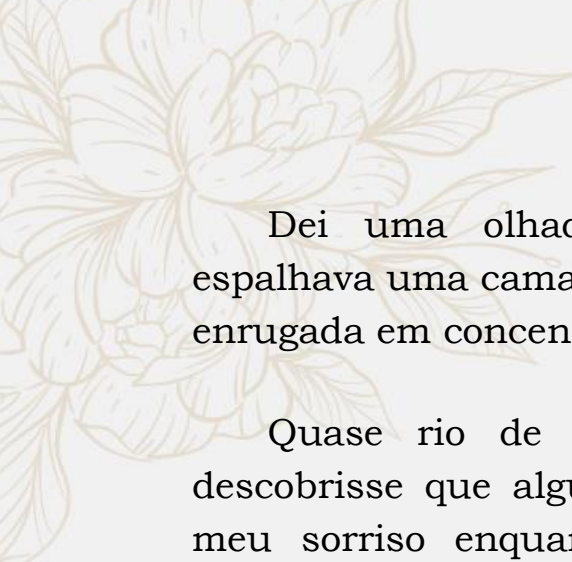
— Verdade. — Soltei um suspiro sofrido. — Nesse caso, acho que você terá que servir.

Uma risada borbulhou na minha garganta quando estreitou os olhos. — Está me provocando.

— Só um pouco.

Minha risada finalmente se derramou em sua carranca. Praticamente podia ver os hematomas se formando em seu ego. Não tinha nenhuma noção romântica sobre ele estar interessado na lista porque gostava de mim. Provavelmente odiava a ideia de não ser o número um na lista de *ninguém*.

Não conversamos muito depois disso, mas o silêncio entre nós era menos irregular do que os dos primeiros dias de nosso noivado.



Dei uma olhada para Dante enquanto metodicamente espalhava uma camada de pudim no último salgadinho, sua testa enrugada em concentração. Era estranhamente adorável.

Quase rio de novo quando imaginei como reagiria se descobrisse que alguém o descrevesse como *adorável*. Escondi meu sorriso enquanto girava minha colher no meu sorvete derretido.

De repente, fiquei feliz por não conseguir dormir mais cedo.



CAPÍTULO 12

Vivian

— Talvez vocês finalmente fodam esta noite. — A voz de Isabella estalou ao meu telefone, que havia encostado na parede para que pudesse vê-la enquanto me preparava. — Não é uma trégua sem um orgasmo para fechar o negócio.

— *Isa.*

— O quê? É verdade. Merece um pouco de diversão depois de trabalhar duro nas últimas semanas. — Seus cliques de teclado pararam e uma expressão distraída cruzou seu rosto. — Falando em diversão, qual acha que deveria ser o método de assassinato de assinatura do meu personagem? Veneno, estrangulamento ou bom e velho golpe com uma faca de açougueiro?

— Veneno. — Foi o único que não revirou meu estômago quando imaginei.

— Golpe do açougueiro será. Obrigada, Viv. É a melhor.

Suspirei.

Isabella estava sentada em seu quarto, sua cobra de estimação Monty pendurada sobre os ombros enquanto digitava furiosamente em seu laptop. Atrás dela, uma montanha de roupas cobria sua cama e obscurecia parcialmente o retrato a óleo de

Monty que Sloane e eu encomendamos como uma brincadeira para seu aniversário no ano passado. A maioria dos escritores preferia o silêncio e a solidão, mas Isabella trabalhava melhor cercada pelo caos. Disse que crescer com quatro irmãos mais velhos a condicionava a prosperar no caos.

— De qualquer forma. — Disse depois de vários minutos cortando seus pobres personagens em pedaços na página. — Voltando ao assunto em questão. Precisa levar o sexo para um *test drive* antes de se comprometer. Não quer ficar presa com alguém ruim na cama. Não que ache que Dante teria esse problema. — Acrescentou. — Aposto que fode como...

— Pare. — Levantei uma mão. — *Não* estamos discutindo as proezas sexuais do meu noivo pelo telefone, ou nunca.

— Não há nada *para* discutir. Ainda não fez sexo. — As bochechas de Isabella fizeram covinhas enquanto Monty bifurcava a língua como se concordasse. — Você terá que fazer isso eventualmente. Se não antes do casamento, então na noite de núpcias e na lua de mel... a menos que ambos planejem ser celibatários pelo resto de suas vidas. — Ela torceu o nariz.

Coloquei meus brincos em silêncio, mas uma onda de nervos percorreu meu estômago. Fez um bom ponto. Estava tão focada em planejar o casamento real que não tinha pensado muito no que aconteceria *depois*.

A cama do casamento. A lua de mel. O calor do torso nu de Dante contra o meu e sua boca...

Minha garganta secou e bani a imagem mental pornográfica para os cantos mais escuros da minha mente antes que ela criasse raízes.

— Vamos cruzar a ponte quando chegarmos lá. — Disse em um tom esperançosamente convincente. — Mal nos conhecemos.

Minha trégua com Dante tinha durado surpreendentemente bem desde o nosso lanche tarde da noite na semana passada, mas apesar da conversa ocasional quando estávamos ambos em casa – uma ocorrência rara dada a nossa agenda lotada – meu futuro marido permanecia um enigma.

— Não há noite melhor para nos conhecermos do que esta noite. — Isabella se inclinou para trás e esticou os braços sobre a cabeça. Um brilho travesso iluminou seus olhos. — Há muitos cantos e recantos sensuais no clube.

— Não me diga que já se aproveitou disso. Só foram... — Calculei mentalmente quanto tempo estava trabalhando em *Valhalla*. — Três semanas.

— Claro que não. — Deixou cair os braços. — É contra as regras confraternizar com os membros. Sou a favor de quebrar regras, mas este é o melhor trabalho que tive em anos. Não estou perdendo-o para que possa ser um entalhe na cabeceira da cama de um cara rico, não importa o quão gostoso seja.

Sua expressão cintilou antes de se iluminar novamente. — Foda-se ou não, mal posso esperar para que veja o lugar. É absolutamente maluco. O piso do hall de entrada é incrustado com ouro maciço de 24 quilates, e há um heliporto na cobertura com um serviço de aluguel de helicóptero que o levará a qualquer lugar dentro da área dos três estados para o almoço...

Ela continuou descrevendo as amenidades de *Valhalla* em detalhes. Sorriu com o entusiasmo de Isabella mesmo quando os nervos invadiram meu estômago.

Esta noite era minha estreia oficial na sociedade como noiva de Dante Russo. Nossa festa de noivado não contava; que tinha sido um assunto privado com a presença de amigos e familiares. A gala anual de fantasias de outono no *Valhalla Club*, por outro lado, era um assunto diferente.

Eu tinha participado de dezenas de eventos da alta sociedade antes, mas nunca tinha sido convidado para *Valhalla*, uma vez que minha família não era membro.

Estava mais nervosa do que gostaria de admitir, mas pelo menos Isabella estaria lá. Estava trabalhando na segunda metade da gala, o que significava um rosto amigável garantido. Fiquei ao telefone com ela por mais alguns minutos até sair para seu turno.

Depois que desliguei, respirei fundo, verifiquei meu reflexo duas vezes e apliquei uma segunda camada de batom vermelho para maior confiança antes de sair do meu quarto.

Os sons fracos do *reality show* italiano favorito de Greta vieram da cozinha enquanto caminhava para o *foyer*. Ela gostava de assistir TV à medida que cozinhasse e disse que Dante havia instalado a pequena tela plana da cozinha quando começou a trabalhar para ele. Ameaçou removê-la se alguma de suas refeições não estivesse à altura, mas ninguém levou suas ameaças a sério.

Ele era implacável com estranhos, mas tratava sua equipe como família, embora mantivesse um braço de distância e tivesse expectativas extremamente altas.

Meu estômago mergulhou quando ele apareceu.

Dante esperou no vestíbulo, com a cabeça inclinada sobre o telefone. Aderiu ao tema da gala dos anos 1920 com sua precisão

de marca registrada: terno elegante de *tweed* carvão de três peças, boné de jornaleiro combinando, carranca característica.

— Se continuar carrancudo, seu rosto vai congelar desse jeito.
— Tentei um tom leve, mas saiu embaraçosamente ofegante.

Seus olhos se ergueram. — Muito f... — A quebra abrupta em sua frase carregou o ar, tão repentina e devastadora quanto um relâmpago.

Meus passos vacilaram, então pararam completamente. Cada terminação nervosa acendeu com a consciência, enviando arrepios pela minha espinha e oxigênio para fora dos meus pulmões quando nossos olhares se encontraram.

Dante não tirou os olhos dos meus, mas sua atenção de alguma forma tocou cada centímetro do meu corpo até que ganhou vida, como um filme preto e branco jogado em technicolor.

— Você parece... — fez uma pausa, uma emoção não identificável passando por seu rosto. — Agradável.

O tom escuro e aveludado da palavra *agradável* enviou um arrepio em minhas veias. O espelho ao seu lado refletia o que viu - um vestido de renda marfim com contas que desnudava minhas costas e ombros e caía até minhas coxas em uma linha graciosa. Padrões intrincados e densamente tecidos sobre áreas estratégicas evitaram que o vestido fosse completamente transparente, mas ainda seria escandaloso se não fosse pelo corte elegante. A roupa mostrava quilômetros de pele e me fazia parecer quase nua à distância, mas não se vestia para se misturar ao ambiente em Valhalla. Vestiam-se para se destacar.

— Obrigada. — Engoli minha rouquidão e tentei novamente.
— Você também. Os anos vinte combinam com você.

O canto de sua boca se ergueu. — Obrigado.

Estendeu o braço. Depois de uma breve hesitação, peguei. O silêncio nos envolveu enquanto pegamos o elevador para o saguão e deslizamos para o banco de trás do Rolls-Royce que nos esperava.

Alisei uma mão sobre minha saia, sem saber o que mais fazer.

— Como está o trabalho? — Perguntei quando o silêncio se estendeu para um território desconfortável. — Mal te vi a semana toda.

— Sentiu minha falta? — A diversão alongou seu sotaque.

— Tanto quanto um marinheiro sente falta do escorbuto.

Surpresa explodiu através de mim com sua risada. Não uma risada, não uma zombaria, mas uma risada honesta. O som rico encheu o carro e penetrou sob minha pele, onde se transformou em uma explosão de prazer.

— Você realmente faz as comparações mais lisonjeiras. — Seu tom seco contrastava com o brilho em seus olhos.

Meu estômago afundou como se tivesse acabado de mergulhar na encosta de uma montanha-russa. A visão de um Dante rindo e desprotegido foi totalmente catastrófica para meus ovários.

— É um talento que aprimorei enquanto crescia. — Tentei me concentrar além da reação relutante e, francamente, irritante do meu corpo a uma simples risada. — Durante eventos sociais chatos, minha irmã e eu jogamos um jogo em que tínhamos que fazer uma boa comparação de animais para cada convidado. Alice Fong era um coelho porque só comia saladas e estava

constantemente torcendo o nariz. Bryce Collins era um burro porque, bem, era um burro teimoso. E assim por diante.

Minhas bochechas aqueceram. — Parece bobo, mas nos ajudava a passar o tempo.

— Não duvido. — Dante se inclinou para trás, a imagem de despreocupação casual. — A que me compararia?

Um dragão.

Glorioso em seu poder, aterrorizante em sua raiva e magnífico mesmo em repouso.

— Se você tivesse me perguntado antes de nossa trégua, teria dito um javali mal-educado. — Disse em vez disso. — Já que estamos sendo legais, vou lhe dar um upgrade para um texugo de mel.

— O animal mais destemido do mundo. Aceito-o.

Pisquei com o quão bem aceitou. A maioria das pessoas não gostaria de ser comparada a um texugo de mel.

— Para responder à sua pergunta anterior, o trabalho tem sido... agravante. — As abotoaduras de Dante brilhavam à luz de um poste de luz que passava. Prateado, elegante, estampado com a letra V. — O acordo em que estou trabalhando é um saco, mas estou voando para a Califórnia na terça-feira para fechá-lo.

— O acordo *Santeri*? — Tinha lido sobre isso nas notícias.

Uma sobrancelha se ergueu. — Sim.

— Vai conseguir. Você nunca perdeu uma aquisição antes.

Seu sorriso de resposta poderia ter derretido manteiga. —
Aprecio sua fé em mim, *mia cara*.

O calor se espalhou por mim como fogo. A voz de Dante e o uso do termo *mia cara* deveriam ser proibidos. Eram letais demais para serem liberados em uma população feminina desavisada.

— Como foi o aniversário de Tippy Darlington? — Perguntou casualmente. — Buffy está feliz?

Outro tentáculo de surpresa serpenteou pelo meu peito. Mencionei a festa para ele de passagem apenas uma vez, semanas atrás. Não podia acreditar que ele se lembrava.

— Foi bem. Buffy está emocionada.

— Bom.

Suprimi um sorriso quando me virei e olhei pela janela. A pergunta sobre os Darlingtons me deixou estranhamente feliz.

Sexta-feira à noite o tráfego de Manhattan foi um pesadelo, mas, eventualmente, atravessamos o engarrafamento e paramos em um par de portões de ferro preto gigantes flanqueados por guaritas de pedra.

Dante mostrou seu convite com chip embutido e cartão de membro para um dos guardas de rosto estoico. O guarda digitou algo em seu computador, e trinta segundos inteiros se passaram antes que os portões se abrissem com um suave zumbido eletrônico.

— Carro e varreduras biométricas. — Disse Dante em resposta ao meu olhar questionador. — Todas as pessoas e veículos que desejam acessar a propriedade são registrados no sistema interno

do clube, incluindo funcionários e contratados. Se alguém tentar entrar sem a devida autorização uma vez, será rejeitado com um aviso severo. Se tentarem duas vezes... — Um elegante encolher de ombros. — Não haverá uma terceira.

Optei por não perguntar o que quis dizer. Às vezes, a ignorância era uma benção.

Dirigimos por uma estrada sinuosa iluminada por centenas de lanternas brilhantes nas árvores. Senti como se estivéssemos em uma propriedade rural em vez de Manhattan.

Como poderia existir um lugar assim no meio da cidade? Quem a construiu deve ter investido uma fortuna na compra de todos os terrenos e licenças necessárias para criar um verdadeiro oásis privado em alguns dos imóveis mais cobiçados do país.

Cresci cercada de riqueza, mas isso era outro nível.

— Não fique nervosa. — A voz rouca de Dante interrompeu minhas reflexões. — É só uma festa.

— Não estou nervosa.

— Seus dedos estão brancos.

Olhei para baixo onde segurava meu joelho em um aperto de morte. Meus dedos estavam, de fato, brancos. Eu os relaxei, apenas para meu joelho saltar com antecipação.

Dante fechou sua mão sobre a minha e a pressionou contra minha coxa, me forçando a ficar quieta.

Uma onda de consciência passou por mim e se estreitou com a visão de sua mão engolindo a minha. Seu aperto era firme, mas

surpreendentemente gentil, e depois de um momento de surpresa congelada, arrisquei dar uma olhada nele. Dante olhava para frente, seu perfil como granito. Parecia entediado, quase distraído, mas a força reconfortante de seu toque derreteu as bordas da minha crescente ansiedade.

Meus batimentos cardíacos diminuíram gradualmente à medida que as árvores clareavam e o próprio *Valhalla Club* aparecia. Minha respiração saiu em um suspiro suave.

Uau.

Não deveria ter esperado menos, mas *Valhalla* era uma obra-prima absoluta da arquitetura. O elegante edifício principal neoclássico se estendia por quatro andares e um quarteirão inteiro. Holofotes suaves iluminavam seu grande exterior branco e um opulento tapete carmesim cobria as escadas que levavam à entrada de pé-direito duplo.

Uma fila de carros de luxo serpenteava pela entrada, o assunto do escrutínio dos olhos de águia dos guardas inexpressivos de plantão. O nosso parou atrás de um Mercedes blindado.

Dante e eu saímos do carro e caminhamos até a entrada, onde um fluxo constante de convidados em ternos sob medida e vestidos requintados subia as escadas.

Apesar do literal tapete vermelho e do burburinho de empolgação no ar, não havia fotógrafos presentes. As pessoas não compareciam a um evento de *Valhalla* para se exibir ao público; estavam aqui para se exibirem umas as outras.

Dante colocou a mão nas minhas costas e me guiou para o hall de entrada, onde imediatamente vi o que Isabella estava falando – um magnífico *V dourado* embutido no chão, seus três

pontos tocando o círculo ao redor e brilhando contra uma extensão de mármore negro brilhante.

A gala acontecia no salão de baile do clube, mas não podíamos nos mover meio metro sem que alguém nos parasse para cumprimentar Dante.

— Há quanto tempo é membro? — Perguntei depois que nos livramos de mais uma conversa sobre o mercado de ações. — Parece conhecer todo mundo, ou todos parecem conhecê-lo.

— Desde os meus vinte e um anos. É a idade mínima para membros. — Um sorriso irônico cintilou na boca de Dante. — Não impediu meu avô de tentar me tornar um membro através de uma associação quando eu tinha dezoito anos, mas há coisas que nem Enzo Russo poderia fazer.

Foi apenas a segunda vez que ele mencionou seu avô, a primeira foi depois do nosso ensaio de noivado.

Enzo Russo, o lendário empresário e fundador do Grupo Russo, morreu no verão por causa de um ataque cardíaco. Sua morte dominou as manchetes por mais de um mês. Dante assumiu o cargo de CEO anos antes da morte de Enzo, mas seu avô permaneceu como presidente e presidente do conselho. Agora, Dante ocupava as três posições.

— Sente falta dele? — Perguntei suavemente.

— *Sentir falta* não é a palavra certa. — Atravessamos o vestibulo e descemos um longo corredor em direção ao que presumi ser o salão de baile. A voz de Dante era desprovida de emoção. — Ele me criou e me ensinou tudo o que sei sobre negócios e o mundo. Eu o respeitava, mas nunca fomos próximos. Não do jeito que avôs e netos deveriam ser próximos.

— E seus pais? — Não sabia muito sobre Giovanni e Janis Russo, a não ser que Giovanni havia passado a dirigir a empresa.

— Estão fazendo o que sempre fazem. — Dante disse enigmaticamente. — Você verá.

Certo. Estávamos passando o Dia de Ação de Graças com eles em Bali.

Passamos por outra verificação de segurança perto do salão de baile antes que as portas se abrissem e instantaneamente me transportassem para um mundo de brilhante decadência dos anos 1920. Um bar *Art Deco* se estendia por toda a extensão da parede leste, sua tinta preta e detalhes dourados brilhando com tanto brilho quanto as garrafas de licor de primeira na prateleira atrás dele. Para quem não queria esperar no bar, garçons impecavelmente vestidos circulavam com gim-tônica, carrinhos de martini e carrinhos de champanhe cheios de espumante.

Música animada da banda de jazz dançava sobre o tilintar suave de copos e risadas elegantes e espaços íntimos espalhados por toda a sala como oásis de veludos ricos e assentos macios. Em um canto, os *dealers*¹⁶ dominavam meia dúzia de mesas de pôquer; em outro, um filme mudo tocado por um projetor antigo.

O próprio salão de baile se elevava quatro andares em direção a uma cúpula de vidro, onde uma projeção de tirar o fôlego do céu noturno o pintava com constelações tão vívidas que quase acreditei poder ver *Orion* e *Cassiopeia* de *Manhattan*.

— Atendeu às suas expectativas? — A mão de Dante permaneceu na minha parte inferior das costas.

¹⁶-Termo utilizado para definir quem comanda o jogo, para mantê-lo da melhor forma possível.

Balancei a cabeça, muito distraída pela opulência ao redor e um toque de possessividade em seu toque para chegar a uma resposta espirituosa.

Dante e eu passamos a primeira hora nos misturando com outros membros do clube. Ao contrário da nossa festa de noivado, estávamos perfeitamente em sincronia, intervindo quando o outro não respondia e nos desculpando quando a conversa terminava.

Perto do final da hora, Dominic Davenport, que eu lembrava de nossa festa, puxou-o para discutir negócios. Aproveitei a oportunidade para uma rápida pausa no banheiro com a esposa de Dominic, Alessandra.

— Amo seu vestido. — Disse enquanto retocávamos nossa maquiagem. — É Lilah Amiri?

— Sim. — Disse, impressionada. Lilah era uma designer talentosa, mas promissora; poucas pessoas reconheciam seu trabalho à primeira vista. — Eu o vi na *New York Fashion Week* e achei que seria perfeito para esta noite.

— Estava certa. Dante não consegue tirar os olhos de você. — Alessandra sorriu, um traço de tristeza cruzando seu rosto. — Você tem muita sorte de ter um parceiro tão atencioso.

Com seu grosso cabelo castanho caramelo e olhos azul-acinzentados, era extraordinariamente bonita, mas também parecia profundamente infeliz. Nossa conversa sobre o vestido foi a mais animada que a vi a noite toda.

— Nem tudo é sol e rosas. Dante e eu temos nossas diferenças. Confie em mim.

— As diferenças são melhores do que nada. — Murmurou. Saímos do banheiro, mas ela parou na entrada do salão de baile. — Desculpe, estou com uma dor de cabeça terrível. Pode, por favor, dizer a Dominic que fui para casa?

Uma carranca tocou minha testa. — Claro, mas não prefere lhe dizer você mesma? Tenho certeza que ele vai querer saber se não está se sentindo bem.

— Não. Uma vez que ele entra no modo de negócios, é impossível afastá-lo. — Um pequeno e amargo sorriso surgiu no rosto de Alessandra. — Vou deixá-lo com seu trabalho. Foi um prazer conhecê-la, Vivian.

— Você também. Espero que se sinta melhor em breve.

Esperei até que ela desaparecesse no fim do corredor antes de me aproximar de Dominic e Dante. O olhar de Dominic foi para o espaço vazio ao meu lado.

— Alessandra pediu para lhe dizer que está com dor de cabeça e teve que ir para casa. — Expliquei.

Emoção não identificável brilhou em seus olhos antes de desaparecer sob piscinas de azul inescrutável. — Obrigado por me avisar.

Fiz uma pausa, esperando por mais uma reação. Nenhuma veio. *Homens*. Eram ignorantes na metade do tempo e insensíveis na outra metade.

Dante e Dominic não tinham terminado de falar sobre negócios, então me desculpei novamente e fui até o bar. Discutir os altos e baixos do S&P 500 não era minha ideia de uma noite de sexta-feira divertida.

Um sorriso estourou no meu rosto quando vi um brilho familiar de cabelo preto-púrpura atrás do balcão.

— O que uma garota tem que fazer para conseguir uma bebida por aqui? — Brinquei, pegando o banquinho mais próximo a ela.

Isabella ergueu os olhos da bebida que estava fazendo. — Finalmente, a VIP se digna a aparecer. — Decorou o copo com uma fatia de limão e deslizou na minha direção. — Gin tônica, do jeito que gosta.

— Momento perfeito. — Tomei um gole. — Mencionei o quão incrível você é?

— Sim, mas não me importo de ouvir de novo. — Seus olhos brilharam. — Vi você vindo há um quilômetro de distância. Acho que as pessoas não estão interessadas em buscar bebidas quando podem ser trazidas para si. — O bar estava vazio, exceto por um casal sentado na extremidade, mas os carrinhos de álcool temáticos foram um grande sucesso.

— Recebo o valor total, não importa quantas bebidas sirva, então não é nada das minhas costas. — Isabella deu um tapinha no bolso. — Eu, no entanto, tenho um presente para você. Diga a palavra e é sua.

Suspirei, sabendo para onde ia a conversa. Uma vez que se agarrava a uma ideia, era implacável. — Poupe seu fôlego. Não farei sexo com ele.

— Por que? Ele é gostoso, você é gostosa, o sexo é garantidamente para ser gostoso. — Argumentou. — Vamos, Viv. Deixe-me viver indiretamente através de você. Minha vida está tão chata hoje em dia.

Apesar de sua personalidade naturalmente paqueradora e propensão a escrever sobre sexo e assassinato, Isabella não namorava ninguém há mais de um ano. Não a culpo depois do que aconteceu. Se eu fosse ela, também dispensaria os caras no futuro próximo.

— Você também pode viver indiretamente através dos livros. Fique com estes porque sexo com Dante esta noite? Não acontece.

Não importa o quão bonito parecia ou como meu corpo respondeu à ideia.

Os lábios de Isabella franziram em decepção. — Tudo bem, mas se mudar de ideia, tenho camisinhas com sabor de morango. Tamanho Magnum, com nervuras para o seu...

Uma tosse leve a interrompeu. O sorriso de Isabella caiu como uma pipa de concreto, e me virei para ver Kai nos observando com perplexidade.

— Desculpe por interromper, mas gostaria de pedir outra bebida. — Colocou o copo vazio no balcão. — Receio não poder ter outra conversa sobre o último escândalo da sociedade sem mais álcool.

A ironia tocou sua última frase.

— É claro. — Isabella recuperou a compostura com velocidade admirável. — O que posso fazer por você?

— Gin e tônico. Com sabor de morango.

Quase engasguei com a minha bebida enquanto o rosto de Isabella ficava um tom alarmante de vermelho. Olhou para Kai,

obviamente tentando descobrir se ele estava zombando dela. Ele olhou de volta, seu rosto a imagem de impassibilidade educada.

— Um gin tônico de morango, chegando. — Disse. Ela se ocupou com a bebida, seu constrangimento um peso tangível no ar.

— Deveria estar preocupado com ela cuspindo na minha bebida? — Kai se sentou no banco ao meu lado, parecendo que tinha acabado de sair do set de um revival do *Grande Gatsby*.

Entre ele e Dante, estava convencida de que uma roupa estilo anos 20 aumentava em dez vezes a atratividade de um homem.

— Ela não é tão vingativa... na maioria das vezes. E se o fizer, você a verá. — Hesitei, então perguntei — Quanto da nossa conversa ouviu?

— Não sei do que está falando. — Disse suavemente.

Alívio se instalou em meu peito. Não achava que Kai era do tipo fofoqueiro, mas era bom ter uma confirmação.

— Kai Young, você merece toda a bondade do mundo.

Ele riu. — Manterei isso em mente por dias, quando me sentir para baixo. — Aceitou sua bebida de Isabella, que lhe deu um sorriso tenso antes de acelerar em dobro para o outro lado do bar.

Seu olhar divertido permaneceu nela por uma fração de segundo antes que voltasse sua atenção para mim.

— Como é viver com Dante? Ele já a deixou louca com sua insistência em espaçar todas as velas com exatamente quinze centímetros de distância?

— Não me faça começar. — As tendências de controle de Dante se estendiam além de suas peculiaridades alimentares e em todas as áreas da casa. Às vezes, era estranhamente encantador. Outras vezes, dava-me vontade de enfiar uma faca na sua coxa. — Outro dia, nossa governanta Greta mudou as velas da sala...

Kai e eu conversamos por um tempo, nossa conversa indo de Dante para a festa de gala e nossos próximos planos de férias até que recebeu um e-mail urgente e pediu licença para respondê-lo. Enquanto digitava em seu telefone, examinei a sala, sem fôlego por causa do álcool e do zumbido elétrico no ar.

Minha pesquisa distraída parou em um par de olhos escuros e frios, e a respiração parou em meus pulmões.

Dante me observava, seu rosto ilegível, mas o calor cintilou sob seu olhar de pedra. Parecia estar ignorando completamente Dominic. Os segundos se estenderam em um longo tamborilar de tensão. Pequenas faíscas acenderam por todo o meu corpo, e meu coração acelerou com um ritmo selvagem que tinha certeza que não poderia ser saudável. Um músculo se contraiu na mandíbula de Dante quando deslizou seu olhar para Kai por um breve segundo antes de trazê-lo de volta para mim.

— Desculpa. — A voz calma de Kai quebrou a tensão e afugentou as faíscas. — As notícias não param nem para um evento de *Valhalla*.

Ele colocou o telefone no balcão ao lado do copo.

Dominic disse algo que virou a cabeça de Dante e afastei meus olhos dele com um esforço considerável.

— Sem problemas. — Reuni um sorriso sobre as batidas frenéticas do meu coração. Senti como se tivesse corrido uma

maratona sentada no último minuto. — O mundo ainda está girando, espero.

— Depende de quem perguntar...

Fiz questão de não olhar para Dante novamente enquanto ouvia Kai discutir as últimas notícias de última hora.

Se ele queria falar comigo, sabia onde eu estava.

Não importava porém o quanto tentasse, não conseguia afastar o calor da atenção de Dante ou prender as borboletas que havia libertado.

CAPÍTULO 13

Dante

— Os mercados de ações asiáticos subiram e os futuros da Dow estão em alta, mas o apetite pelo risco...

Desliguei Dominic.

Era um sábio de mercado que transformou sua empresa nascente em uma potência de *Wall Street* em menos de duas décadas. Eu o respeitava e ouvia tudo o que tinha a dizer sobre ações, dinheiro e finanças.

Exceto esta noite.

Minha mandíbula se apertou quando outra gargalhada prateada flutuou do bar. Vivian estava conversando com Kai nos últimos sete minutos. Não apenas falando, estava sorrindo e rindo como se ele fosse um comediante premiado quando sabia de fato que ele não era tão engraçado.

A irritação perfurou meu peito quando ela se inclinou para mostrar a ele seu telefone. Ele disse algo e ela riu novamente.

Ela nunca riu tanto comigo e eu era seu maldito noivo.

— Vamos terminar isso durante o almoço. — Interrompi Dominic antes que pudesse entrar em detalhes sobre o impacto do

último anúncio do Federal Reserve. — Eu tenho que falar com Vivian.

Ele aceitou a interrupção com calma. — Pedirei ao meu assistente para preparar alguma coisa.

Eu já estava na metade da sala antes que a última palavra saísse de sua boca.

— Desculpe por ter demorado tanto. — Descansei minha mão nas costas nuas de Vivian e preendi Kai com um olhar duro. — Obrigado por fazer companhia à minha noiva enquanto falava com Dom, mas receio ter que roubá-la. — Coloquei uma pequena ênfase na palavra *noiva*. — Ainda não tive a chance de dar a ela um passeio adequado pelo clube.

— É claro. — Kai se levantou, a imagem da polidez britânica. Um sussurro de alegria espreitou nos cantos de sua boca. — Vivian, foi um prazer, como sempre. Dante, vejo você por aí, tenho certeza.

Como sempre? O que ele quis dizer, como sempre?

— Da próxima vez que quiser marcar seu “território”, pode urinar em um círculo ao meu redor. — Disse Vivian depois que Kai saiu. — Será mais sutil.

— Não estava “*marcando meu território*”. — A ideia era absurda. Eu não era um maldito cachorro. — Estava salvando-a de Kai. Tenha cuidado ao redor dele. Não é tão cavalheiresco quanto parece.

— Comparado a você, que arrasou no meio da nossa conversa como um touro numa loja de porcelana?

— A sutileza é superestimada.

— Para você? Definitivamente. — Vivian se levantou, seu vestido brilhando como estrelas pintadas em suas curvas.

Meu corpo inteiro se apertou. *Aquele maldito vestido*. A visão dela aparecendo no saguão, toda lábios vermelhos, pele lisa e renda nude, ficou para sempre enraizada em minha memória, e a odiei por isso.

— Acredito que ofereceu um passeio pelo clube? — Ela levantou uma sobrancelha escura e elegante. — É por isso que mandou Kai embora, não é?

Ofereci um sorriso fino em resposta e estendi meu braço. Ela pegou.

— Sobre o que você e Kai estavam conversando? — Ignorei os convidados tentando chamar minha atenção em nosso caminho porta afora.

Atingi minha cota de conversa fiada para a noite.

— *Andrômeda*. A constelação. — Esclareceu Vivian. Gesticulou para a projeção hiper-realista espalhada pela cúpula de vidro. Diferentes constelações brilharam para nós, incluindo Andrômeda.

A projeção era cientificamente imprecisa, já que muitas das constelações representadas não apareceriam juntas no mesmo lugar, mas a fantasia superou a realidade em *Valhalla*.

— Kai é fã da mitologia grega e nossa discussão sobre Andrômeda, o mito, transformou-se em uma sobre astronomia.

— Kai finge gostar de mitologia grega para pegar mulheres. — Disse rigidamente. Eu a levei para fora do salão de baile e em direção à escadaria principal. — Não se engane.

Não sabia se era verdade, mas *poderia* ser. Não estaria fazendo minha devida diligência se não compartilhasse a possibilidade com Vivian, estaria?

— Bom saber. — Vivian parecia estar segurando uma risada. — Não há maior excitação para uma mulher do que a história de outra mulher sendo acorrentada a uma pedra como sacrifício.

O eco de seu sarcasmo desapareceu em silêncio enquanto subíamos as escadas para o segundo andar. Apontei o salão de estilo parisiense, a sala de bilhar e o salão de beleza, mas minha atenção estava dividida entre o tour e a mulher ao meu lado.

Andei pelos corredores de *Valhalla* inúmeras vezes, mas cada interação com Vivian era como a nossa primeira. Notava algo novo sobre ela todos os dias; a pequena marca de beleza acima de seu lábio superior, o jeito que deslizava seu pingente ao longo de sua corrente quando estava desconfortável, e a inclinação levemente torta de seu sorriso quando genuinamente se divertida.

Era irritante. Não *queria* notar essas coisas sobre ela, mas inadvertidamente as acumulava como os dragões acumulavam joias.

— Nossa última parada da noite. — Parei na frente de um par de enormes portas de madeira.

Abriram-se sem fazer barulho, mas a inspiração aguda de Vivian foi audível.

Cada divisão do *Valhalla Club* possuía um elemento único que o diferenciava. A Cidade do Cabo era conhecida por seu aquário envolvente, Tóquio por suas vistas de trezentos e sessenta graus do topo de um dos edifícios mais altos da cidade. Nova York tinha seu heliporto e um sistema secreto de túneis subterrâneos, mas a biblioteca era o coração e a alma de quase todos os ramos. Era onde negócios eram negociados, confidências compartilhadas, e as alianças forjadas ou quebradas.

Esta noite, pela primeira vez, estava vazio.

— Uau. — O sussurro reverente de Vivian flutuou pelo ar parado quando entramos.

Fechei as portas atrás de nós, nos envolvendo em silêncio.

Milhares de livros se estendiam por três paredes em direção ao teto da catedral como uma floresta encadernada em couro com escadas rolantes e corrimãos de madeira. Cinco vitrais maiores do que a vida ficavam de sentinela sobre diversas áreas de estar e mesas iluminadas com lâmpadas vintage de bronze e esmeralda. O próprio teto foi esculpido com os brasões das famílias fundadoras do clube, incluindo os distintos dragões gêmeos Russos.

— Este lugar é incrível. — Vivian passou os dedos sobre um globo antigo.

Um pequeno sorriso tocou minha boca.

Vivian cresceu em um mundo de riqueza e festas extravagantes semelhantes às desta noite. A maioria das pessoas em sua posição prefere comer vidro a expressar admiração visível por algo tão comum quanto uma boa biblioteca, mas ela nunca

teve medo de mostrar o quanto gostava de algo, fosse uma das refeições caseiras de Greta ou um globo do século dezenove.

Era uma das minhas coisas favoritas sobre ela, mesmo que não devesse ter uma coisa favorita *sobre* ela. Ela ainda era a filha do inimigo, mas naquele momento, achei difícil me importar.

— Há uma seção inteira de astronomia no segundo nível. — Encostei o ombro na parede e enfiei a mão no bolso, observando-a examinar uma pintura a óleo de Veneza. — Coincidentemente, fica ao lado da seção de mitologia.

— Sim. — Murmurou, soando distraída. — Kai mencionou isso.

Aborrecimento queimou, súbito e incompreensível, em meu peito. — Mencionou? Sobre o que mais falou?

— Isso de novo não. — Deixou cair a mão de uma estatueta de bronze de Atena e me encarou, exasperação rabiscada em todas as suas feições. — Conversamos sobre coisas normais. Trabalho, o clima, as notícias. Por que está tão pendurado com a nossa conversa?

— Não estou *pendurado*. — Disse. — Estou simplesmente curioso para saber o que ele disse de tão engraçado. A última vez que verifiquei, nem o trabalho, nem o clima, nem as notícias são particularmente hilárias.

Vivian me examinou por um momento antes que o brilho suave de diversão enchesse seus olhos. — Dante Russo, está... com ciúmes?

Um grunhido suave retumbou em meu peito. — Essa é a coisa mais ridícula que ouvi.

— Pode ser. — Inclinou a cabeça, seu cabelo caindo sobre os ombros em uma nuvem de seda corvo. — Não o culparia se estivesse. Nada está acontecendo entre mim e Kai, mas ele é muito bonito. E aquele *sotaque*. Há algo sobre um sotaque britânico que faz isso comigo. Culpo...

Vivian vacilou quando empurrei da parede e caminhei em sua direção, meus passos lentos e metódicos.

— Minha obsessão por...

Ela recuou, o brilho provocador em seus olhos substituído por partes iguais de apreensão e antecipação.

— *Orgulho e Preconceito* quando era mais jovem. — Terminou sem fôlego.

Suas costas bateram em uma das estantes. Parei a um fio de cabelo dela, tão perto que as contas de seu vestido roçaram a frente do meu terno.

— Está me provocando, *mia cara*? — Uma borda perigosa correu por baixo da pergunta suave.

Odiava o som do nome de Kai em sua língua. Odiava o jeito que ela ria tão facilmente na presença dele. E odiava o quanto me importava com qualquer uma dessas coisas.

A garganta de Vivian ondulou com um gole. — Simplesmente fazendo uma observação.

O silêncio abafado da biblioteca cedeu sob o peso da tensão crescente. Assobiou e faiscou como crepitações de eletricidade, descendo pela minha espinha e iluminando meu sangue. Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha, o movimento suave,

quase terno antes de minha mão deslizar pela lateral de seu pescoço e enrolar nas costas.

— Esqueceu-se. — Pressionei meus dedos contra sua nuca, forçando-a a olhar para mim. — Você é *minha* noiva. Não é de Kai. Não é de mais ninguém. Não dou a mínima para o quão *bonitos* são ou que tipo de sotaque têm. É minha, e ninguém... — abaixei minha cabeça, meus lábios roçando os dela com cada palavra. — Toca o que é meu.

A respiração de Vivian ficou superficial, mas uma pitada de fogo retornou à sua voz quando falou novamente. — Eu *não sou* sua. Nosso compromisso é, como me disse muitas vezes, apenas negócios, ou é o único que está esquecido?

— Não esqueci nada. — Rocei meus dedos em sua coxa nua, centímetro por centímetro, até atingir a bainha de seu vestido.

Seu corpo tensionou, seu calor uma tentação selvagem que afundou em meus ossos e me incitou a fechar o espaço restante, infinitesimal entre nós. Para esmagar minha boca na dela e manchar seu batom perfeito tão completamente que ninguém duvidaria por um segundo a quem ela pertencia.

— Se quiser que eu pare, é só dizer a palavra. — Empurrei minha perna entre seus joelhos, afastando-os.

Vivian abriu a boca, depois a fechou quando meu polegar traçou um pequeno círculo sobre sua pele macia. O rubor em suas bochechas se espalhou para seu pescoço e peito.

— Diga. — Arrastei meus dedos pela parte interna de sua coxa em uma carícia preguiçosa. Meu pau esticou contra meu zíper, implorando por atenção, mas ignorei. — Você não pode, não é? — Zombeiei.

Seus dentes afundaram em seu lábio inferior. Luxúria e desafio lutaram pelo domínio em seus olhos. — Você é um idiota.

Meus dedos roçaram a seda encharcada.

Ela agarrou meus ombros, suas unhas cavando em minhas costas quando deslizei sua calcinha para o lado e esfreguei meu polegar sobre seu clitóris inchado. Seu corpo estremeceu. Pequenos tremores a percorreram enquanto seus dentes cavavam mais fundo em seu lábio.

— Sou um idiota, mas você está pingando na minha mão. — Mantive meu polegar em seu clitóris enquanto deslizava um dedo dentro dela. — O que isso diz sobre você?

Deslizei um segundo dedo para dentro, enchendo-a. Esticando-a. Acariciando e enrolando até que atingi seu ponto mais sensível. Os tremores deram lugar a um estremecimento de corpo inteiro. O suor escorria em sua testa, mas ela permaneceu teimosamente em silêncio.

— Responda-me. — Comando endureceu minha voz em aço.

Vivian balançou a cabeça.

— Se você não vai dizer isso, eu vou. — Lentamente retirei os dois dedos, então os empurrei dentro dela novamente. — Diga que é minha. *Puoi negarlo quanto vuoi, ma è la verità*¹⁷.

— Você nem gosta de mim. — Ofegou.

— *Gostar* não tem nada a ver com isso.

¹⁷-Em italiano: "Pode negar o quanto quiser, mas é a verdade".

Pressionei a palma da minha mão contra seu clitóris até que um gemido ofegante se libertou. Ela resistiu contra a minha mão, me forçando mais fundo.

— É isso. — Meu murmúrio aveludado deslizou entre nós. — Entregue-se, querida. Deixe-me senti-la gozar na minha mão.

— Foda-se.

Soltei uma risada suave. — Essa é a ideia.

Vivian lutou bem, mas sua resistência gradualmente derreteu e agarrou meus ombros com mais força, esfregando descaradamente contra minha mão à medida que aumentava meu ritmo. Seus pequenos gemidos e suspiros se misturaram com os sons escorregadios dos meus dedos fodendo sua boceta, e logo, meus dedos estavam encharcados com seus sucos.

Não toquei meu pau, embora estivesse tão duro que doía. Estava muito extasiado com a visão da excitação de Vivian: bochechas coradas, lábios entreabertos, olhos de pálpebras pesadas.

Era a coisa mais linda que tinha visto.

Meu ritmo continuou. Dentro e fora, mais rápido e mais profundo, até que finalmente se separou com um grito agudo.

Mantive meus dedos dentro dela e pressionei meu polegar contra seu clitóris novamente, deixando-a cavalgar as ondas de seu orgasmo até que seus tremores diminuíssem.

Só então retirei minha mão enquanto caía contra a estante, seu peito arfando.

— Não se engane, *mia cara*. — Agarrei seu queixo e o inclinei para cima. Puxei seu lábio inferior para baixo com meu polegar, deixando-a provar sua própria excitação. — Isto é negócio. E se tem uma coisa que levo a sério, são os meus investimentos.



CAPÍTULO 14

Vivian

Sonhei com Dante três noites seguidas.

Não conseguia me lembrar do que acontecia nos sonhos, mas acordava todas as manhãs com o toque fantasma de suas mãos entre minhas coxas e uma bola apertada de necessidade no meu estômago.

Banhos frios só ajudavam temporariamente e a ausência de Dante enquanto estava na Califórnia era tanto uma bênção quanto uma maldição.

Uma bênção porque não tinha que enfrentá-lo com memórias amorfas de sonhos sexuais correndo pela minha cabeça.

Uma maldição porque sem novas interações para me distrair, tudo que conseguia pensar era em nossa noite na biblioteca de *Valhalla*.

Seu aperto no meu pescoço. Seus dedos me enchendo enquanto eu descaradamente montei sua mão até o orgasmo. O desejo em seus olhos quando me viu desmoronar em seus braços, tão sexy e potente que quase me levou ao auge novamente.

Um arrepio que não tinha nada a ver com o clima rolou pelo meu corpo.

O dia amanheceu cinzento e chuvoso e embora normalmente só gostasse da chuva quando estava aconchegada e quente na minha cama, apreciei o frio hoje. Isso clareou meus pensamentos, tanto quanto poderiam ser clareados de qualquer maneira.

Verifiquei meu relógio enquanto passava pelas poças na calçada, guarda-chuva na mão. Terminei o almoço em tempo recorde, pois queria dar uma olhada na *Lohman & Sons* antes da minha próxima reunião às duas. Era a maior subsidiária de joias do Grupo Russo. Até agora, usava principalmente a marca de joias da minha família, apesar do meu anel de noivado, mas como estava me casando com um Russo, fazia sentido adicionar mais produtos deles à minha coleção.

Chuva e terapia de compras. Duas coisas garantidas para tirar minha mente de Dante.

O toque do meu telefone interrompeu meus pensamentos antes que me levassem por um caminho indesejado.

Um interlocutor desconhecido no meu telefone do trabalho. Incomum, mas não inédito.

— Vivian. — Coloquei minha voz profissional e parei em frente à entrada da *Lohman & Sons*. Uma mulher mais velha e elegante passou com um *poodle* branco imaculadamente arrumado. Ambos usavam jaquetas Chanel acolchoadas combinando.

Apenas no Upper East Side.

— Vivian, querida, como está? — A voz rouca de Buffy ecoou pelo telefone. — É Buffy Darlington.

Meu coração pulou uma batida. Não falava com Buffy desde o aniversário de sua neta, duas semanas atrás. Os pagamentos

foram liquidados, os contratos cumpridos. Os Darlingtons pareciam felizes com o evento, mas então por que Buffy estaria me ligando em uma tarde aleatória de terça-feira? Ambas éramos ativas na cena social de Manhattan, mas corríamos em círculos muito diferentes. Não ligamos uma para a outra apenas para bater papo.

— Estou bem, obrigada. Como está?

— Maravilhosa. Ouvi dizer que estive na gala do *Valhalla Club* no fim de semana. Fiquei bastante chateada por ter perdido, mas o pobre Balenciaga estava com problemas de estômago e tivemos que levá-lo ao veterinário.

Balenciaga era um dos cinco malteses premiados de Buffy, junto com Prada, Givenchy, Chanel e Dior. Cada cão usava apenas roupas do designer correspondentes ao seu nome. Houve uma grande divulgação sobre no *Mode de Vie* dois anos atrás.

— Lamento ouvir isso. — Disse educadamente. — Espero que Balenciaga esteja se sentindo melhor.

— Obrigada. Está muito melhor agora. — Ouvi o barulho da porcelana ao fundo antes de Buffy falar novamente. — Embora possa discutir meus preciosos bebês o dia todo, devo admitir que tenho um motivo oculto para ligar.

Imaginei isso. Pessoas como Buffy não entravam em contato com você do nada, a menos que pudesse fazer algo por elas.

— Como deve saber, sou a presidente do comitê do *Legacy Ball* este ano. Sou responsável pela produção geral, incluindo a escolha do anfitrião ou anfitriã e orientá-los no processo de planejamento.

Meu pulso disparou com a menção do baile.

— Arabella Creighton *era* a anfitriã. — disse Buffy. — Infelizmente, ela teve que renunciar ao cargo devido a circunstâncias imprevistas.

Circunstâncias imprevistas era um eufemismo. O marido de Arabella foi acusado de peculato e fraude corporativa no fim de semana. Fotos do FBI levando-o para fora de sua casa na *Park Avenue* de pijama estavam espalhadas em todas as primeiras páginas desde sábado.

Três dias.

Buffy e o comitê trabalharam rápido. A última coisa que queriam era que qualquer cheiro de escândalo manchasse o baile em seu turno.

— Como pode imaginar, estamos frenéticos, considerando que o baile está a apenas seis meses de distância. O processo de planejamento do evento requer uma preparação *extensa* e temos que começar do zero novamente, já que o trabalho de Arabella não é mais sustentável.

Tradução: fingiriam que Arabella nunca esteve ligada ao evento porque pareceria ruim para eles.

— As senhoras e eu discutimos possibilidades como uma nova anfitriã e apresentei você como uma opção, já que fez um trabalho maravilhoso com a festa de Tippy.

— Obrigada. — Meu pulso estava acelerado agora.

Não queria criar esperanças, mas ser anfitriã do *Legacy Ball* seria um divisor de águas. Era o selo final de aprovação social.

— Alguns dos outros membros foram resistentes no início, já que o *Legacy Ball* tem sido tradicionalmente realizado por aqueles que vêm de... uma certa linhagem. — *Também conhecido como duas ou mais gerações de riqueza.* Meu sorriso escureceu. — No entanto, *está* noiva de Dante Russo. Temos grande respeito pela família Russo, membros atuais e futuros, e depois de muita deliberação, gostaríamos de convidá-la formalmente para ser a nova anfitriã do *Legacy Ball*.

Um fio de desconforto puxou meu estômago, mas o empurrei de lado. Ser anfitriã do baile era ser *anfitriã* do baile, independentemente das razões por trás disso.

— Eu ficaria honrada e feliz em aceitar. Obrigada por pensar em mim.

— Maravilhoso! Vou enviar-lhe os detalhes depois, esta tarde. Estou ansiosa para trabalhar com você novamente, Vivian. Ah, e por favor, diga oi para Dante por mim.

Buffy desligou.

Fechei meu guarda-chuva e entrei na *Lohman & Sons*, minha pele zumbindo com antecipação. Decoração, catering, entretenimento... havia tantas possibilidades, dado o tamanho do orçamento do baile. Tinha planejado atender minha ligação das duas horas em casa, mas deveria voltar para o escritório...

— Vivian?

Surpresa rastejou através de mim com os familiares olhos castanhos me olhando por trás do balcão.

— Luca? O que está... — Minha pergunta diminuiu quando um pedaço de uma conversa anterior com Dante veio à tona em minha mente.

O que ele faz agora?

Vendedor.

É claro. Fazia sentido que Luca estivesse trabalhando em uma das lojas subsidiárias do Grupo Russo, mas ainda assim foi um choque vê-lo trabalhando na mesma loja que visitei.

— Trabalhando duro. — Uma pitada de secura veio à tona antes de se suavizar em um sorriso genérico de vendas. — Como posso ajudá-la?

Parecia estranho ser atendida pelo meu futuro cunhado, mas não queria tornar isso estranho tratando-o de forma diferente.

— Estou procurando duas peças novas. — Disse. — Uma peça marcante e algo versátil que posso usar todos os dias.

Nos quarenta e cinco minutos seguintes, Luca me mostrou as melhores ofertas da loja. Na verdade, era um excelente vendedor; conhecedor dos produtos e persuasivo sem ser agressivo.

— Esta é uma das nossas peças mais recentes. — Pegou uma deslumbrante pulseira de rubi e dragão de diamante da vitrine. — É composta por quarenta rubis redondos e em forma de pêra pesando aproximadamente quatro vírgula cinco quilates e trinta diamantes marqueses, redondos e em forma de pêra pesando aproximadamente quatro quilates. Faz parte da nossa coleção Exclusiva, o que significa que existem apenas dez. A rainha Bridget de Eldorra possui a versão de safira.

Minha respiração ficou presa. Cresci em torno de joias a minha vida inteira, e reconheci uma peça de destaque quando a vi. Os rubis eram de um vermelho puro e vibrante, sem tons de laranja ou roxo, e o artesanato geral da pulseira era requintado.

— Vou levá-la.

O sorriso de Luca aqueceu uma fração de grau. — Excelente.

O custo da pulseira e dos discretos brincos de esmeralda que havia escolhido como peça de uso diário totalizava duzentos mil e quinhentos dólares.

Entreguei meu Amex preto.

— Devia vir para o jantar em breve. — Disse enquanto Luca processava o pagamento. — Dante e eu adoráramos vê-lo.

Uma longa pausa, seguida por um vago — Vejo você no Dia de Ação de Graças.

A frustração me atingiu. Não tinha visto ou falado com Luca desde a festa de noivado. Não conseguia afastar a sensação de que não gostava de mim por algum motivo, e sua resposta fria confirmou isso.

— Ofendi você de alguma forma? — Eu tinha meia hora antes da minha reunião e nenhum tempo para rodeios. — Tenho a sensação de que não gosta muito de mim.

Luca deslizou o recibo de venda pelo balcão. Assinei e esperei uma resposta. Seu trabalho não era o melhor lugar para ter essa conversa, mas o resto dos clientes tinha ido embora e os outros membros da equipe estavam fora do alcance da voz. Esta era a melhor chance que eu tinha de obter uma resposta direta. Aposto

minhas novas joias que ele faria de tudo para me evitar se não fôssemos forçados a conversar cara a cara.

— Não *desgosto* de você. — Finalmente disse. — Sou contudo protetor do meu irmão. Sempre fomos nós dois, mesmo quando nosso avô estava vivo. — A voz de Luca caiu. — Conheço Dante. Ele nunca quis casamento. Então, um dia, do nada, anuncia que está noivo? Não é como ele.

Uma estranha corrente correu sob suas palavras, como se fossem uma mera cobertura para o que realmente queria dizer, mas fazia sentido, mesmo que eu estivesse surpresa com a rapidez com que respondeu. Esperava que ele desviasse.

— E sim, estou ciente do lado comercial do acordo. — Disse ele. — Entretanto, sua família ganha muito mais com o negócio do que a nossa, não é?

Calor rastejou pela parte de trás do meu pescoço. Todo mundo sabia que Dante estava “casando”, mas ninguém ousava dizer isso na minha cara. Exceto por seu irmão.

— Entendo suas preocupações. — Disse calmamente. Se Luca estivesse tentando me irritar, não conseguiria. — Não estou aqui para atrapalhar seu relacionamento com Dante. Ele sempre será, antes de tudo, seu irmão, mas também serei sua cunhada em breve, e espero que possamos pelo menos estabelecer um relacionamento civil, tanto para o nosso bem quanto para o bem de Dante. Nós nos veremos muito em eventos familiares no futuro, *incluindo* o Dia de Ação de Graças, e odiaria que a animosidade arruinasse uma boa refeição.

Luca olhou para mim, sua surpresa tangível. Depois de um longo e demorado momento, seu rosto se suavizou em um sorriso pequeno, mas um tanto genuíno.

— Dante teve sorte. — Murmurou. — Poderia ter sido muito pior.

Minhas sobrancelhas se juntaram com a resposta estranha. Antes que pudesse questioná-lo sobre isso, uma explosão de barulho puxou minha atenção para a entrada.

Meu sangue gelou.

Três homens mascarados estavam na porta, dois deles segurando rifles de assalto e um segurando um martelo e uma mochila. Um segurança jazia inconsciente no chão ao lado deles; o outro encarava o cano de uma arma com as mãos no ar.

— Todo mundo para a porra do chão! — Um dos homens acenou com a arma enquanto seu cúmplice quebrava o vidro da tela mais próxima. — Abaixem-se!

Luca e os outros dois funcionários obedeceram, seus rostos sem cor.

— Vivian. — Luca assobiou. — *Abaxe-se.*

Eu queria. Cada instinto gritava para eu rastejar para um canto e me enrolar até que o perigo acabasse, mas meus músculos se recusavam a obedecer aos comandos do meu cérebro. Morava em Nova York há anos, mas nunca tinha experimentado um roubo ou assalto. Às vezes, assistia ao noticiário e me perguntava como reagiria se fosse pega em tal situação.

Agora eu sabia. *Nada bem.*

Em um segundo, estava assinando recibos e conversando com Luca. No próximo, a visão dos homens mascarados pressionou a *pausa* na fita da minha vida e tudo o que podia fazer era assistir,

entorpecida, enquanto aquele que gritou instruções me viu ainda de pé.

A raiva iluminou seus olhos.

O medo ricocheteou pelo meu corpo conforme se aproximava de mim, mas meus pés permaneciam enraizados no chão. Não importa o quanto lutasse contra a paralisia rastejante, não conseguia me mover.

Tudo parecia surreal. A loja, os ladrões, *eu*.

Era como se eu tivesse flutuado para fora do meu corpo e estivesse assistindo a cena se desenrolar como uma terceira parte invisível.

O mascarado se aproximou. Mais próximo. Mais próximo. *Mais próximo.*

Meu pulso atingiu níveis ensurdecedores e abafou tudo, exceto o baque pesado e sinistro de suas botas. Deveria estar focada em como escapar da minha situação atual, mas o tempo voltava a cada passo.

Minha primeira viagem de acampamento com minha família. Atravessando o palco da formatura na Columbia. Encontro com Dante. Eventos da vida, grandes e pequenos, que me moldaram em quem e onde eu era hoje.

Quantos mais desses tenho, se houver? A pressão espremeu o oxigênio dos meus pulmões.

Abaixe-se, mas não podia.

Thud. Thud. Thud.

Ele estava aqui.

O último baque finalmente chutou minha luta ou fuga em alta velocidade. Meu corpo estremeceu, um suspiro de vida diante da morte, mas era tarde demais.

O metal frio de uma arma pressionou a parte inferior do meu queixo.

— Não me ouviu da primeira vez? — O hálito quente e úmido do homem se espalhou pelo meu rosto. Meu estômago revirou. — Eu disse *para se abaixar na porra do chão*, vadia.

Seus olhos escuros brilharam com malícia.

Alguns criminosos eram todos bravatas. Só queriam pegar as mercadorias e sair sem matar ninguém, mas o homem a minha frente? Ele não hesitaria em matar alguém a sangue frio. Parecia estar ansioso por isso.

O tamborilar do meu coração atingiu um tom febril. Menos de uma hora atrás, estava agonizando sobre Dante e viajando na lua sobre ser anfitriã do *Legacy Ball*.

Agora...

Havia a possibilidade de eu não chegar na manhã seguinte, muito menos no baile ou no meu casamento.

CAPÍTULO 15

Dante

— É melhor que isso seja importante. — Coloquei meu telefone no viva-voz e tirei minha jaqueta. — Esta é a primeira maldita pausa que tive desde que aterrissei.

Minha viagem a São Francisco tinha sido um turbilhão de reuniões, sessões fotográficas e lidar com pessoas cujas cabeças estavam tão enfiadas em suas bundas que precisariam de cirurgia para ver a luz do dia.

Eu mal tinha dormido nas últimas quarenta e oito horas, mas finalmente estávamos fechando o negócio com Franco Santeri em duas horas.

Até então, queria tomar banho, comer e, se tivesse sorte, dormir um pouco por cinco minutos.

— Isso é. Houve uma tentativa de assalto na loja *Lohman & Sons* em Nova York. — Giulio, meu chefe de segurança corporativa na América do Norte, foi direto ao ponto. Era um dos homens de Christian, mas trabalhava para mim há tanto tempo que respondia diretamente a mim em vez de Christian. — Prendemos os criminosos antes que fugissem. Estão atualmente sob nossa custódia.

— Alguém se machucou?

— Um dos seguranças ficou inconsciente e teve uma concussão. Fora isso, não, senhor.

— Bom. Cuide dele como costumamos fazer. Deixe-o limpo.

Não havia uma tentativa de assalto a uma propriedade do Grupo Russo há dois anos, mas tolos nasciam todos os dias. Mantive-me no lado certo da lei quando se tratava de finanças e negócios na diretoria; Mas quando se trata de pessoas que tentavam me roubar? Não tinha escrúpulos em fazer deles um exemplo.

Ossos e sangue quebrados. Eram uma linguagem universalmente compreendida.

— Claro. — disse Giulio. — Mas, ah, isso não é tudo.

Verifiquei a hora, minha paciência se esgotando depois de uma reunião de três horas de merda sobre projeções que poderiam ter sido um e-mail. — Vá direto ao ponto, Giulio.

Houve uma pequena pausa antes de ele dizer — Sua noiva estava na loja no momento da tentativa de assalto.

Minha mão parou no fecho do meu relógio. — Vivian estava na loja?

— Sim, senhor. Estava fazendo compras e estava no lugar errado, na hora errada.

O sangue rugiu em meus ouvidos e uma sensação de mal estar se formou na boca do meu estômago. — Como ela está?

— Está abalada. Um dos ladrões a segurou sob a mira de uma arma quando foi muito lenta para chegar ao chão, mas nossos

homens neutralizaram a situação antes que ela fosse ferida. — Giulio tossiu. — Seu irmão também estava lá. Estava de plantão hoje e foi quem pediu reforços secretamente.

Todos os nossos funcionários em locais de alto risco, como joalherias, usavam relógios personalizados com botões de pânico disfarçados. Tinha sido ideia de Christian. Os criminosos esperavam botões de pânico embaixo de uma mesa ou perto do caixa; não esperavam isso em um relógio, que era discreto e mais fácil de acessar, mas não estava pensando na eficácia do nosso protocolo de segurança agora.

Um dos assaltantes a segurou sob a mira de uma arma.

A escuridão apagou minha visão. Quando voltou uma fração de segundo depois, a raiva inundou a sala em carmesim.

— Onde estão agora? — Minha voz estava tensa. Controlada. Em total desacordo com as imagens sangrentas de retribuição que se desenrolavam em minha mente.

— Sra. Vivian está na cobertura e o Sr. Luca está em sua casa em *Greenwich Villa*.

Meu maxilar tiquetaqueou. Meu irmão era como Teflon quando se tratava de situações de vida ou morte. Certa vez, foi assaltado em Los Angeles, tirou uma soneca e passou a mesma noite festejando com metade do *Young Hollywood*.

Vivian, por outro lado...

A sensação doentia se espalhou, arranhando minhas entranhas como se estivesse procurando uma fuga.

— Terei o relatório completo em sua caixa de entrada na próxima hora. — Disse Giulio. — Há mais alguma coisa de que precisa de mim neste momento?

— Aquele que manteve Vivian sob a mira de uma arma? Deixe-o para mim.

Outra pausa. — É claro.

Desliguei, minha exaustão anterior e fome endurecendo em uma bola de energia inquieta. Eu realmente queria que houvesse um ringue de boxe no hotel. Se não liberasse a raiva que me sufocava, implodiria.

Uma imagem do rosto de Vivian veio à tona em minha mente. Pele pálida. Olhos escuros arregalados de medo. Sangue vermelho brilhante manchando suas roupas.

Se o reforço não tivesse chegado a tempo...

Meu estômago se torceu em um nó doloroso.

Ela estava segura. Giulio não mentiria sobre isso, mas até que eu mesmo a visse...

Andei pela sala e esfreguei a mão no meu rosto. Passei o ano passado montando o acordo Santeri. Não poderia foder com isso. Além disso, estava voando para casa amanhã de manhã de qualquer maneira. Meio dia não faria diferença.

Vivian estava em casa. Estava *bem*.

Meu ritmo continuou. O relógio tiquetaqueou em direção aos quinze minutos.

Droga.

Uma série de maldições passou pelos meus lábios quando peguei minha jaqueta com uma mão e liguei para minha assistente com a outra no caminho para a porta.

— Há uma emergência em Nova York. Ligue para a equipe da Santeri e peça para me encontrarem na sala de conferências do hotel em trinta minutos. Diga a eles que o resto de sua estadia é no Grupo Russo e envie a Franco a edição limitada do relógio *Lohman & Sons* como um pedido de desculpas – aquele que só sairá no próximo ano.

O CEO da Santeri Wines era um notório horófilo que colecionava relógios de quarenta mil dólares da mesma forma que as crianças colecionavam cartões de beisebol.

Helena não perdeu o ritmo. — Considere feito.

Franco tinha um ego maior que seu rancho em *Napa Valley*. Estava chateado com a convocação de última hora, como esperado, mas os presentes de desculpas o acalmaram o suficiente para ele assinar o acordo de aquisição sem muita reclamação. A Santeri Wines, uma das marcas de vinho mais valiosas do mercado, era oficialmente uma subsidiária do Grupo Russo.

Em vez de comemorar, me despedi e caminhei diretamente da sala de conferências para o carro que esperava do lado de fora.

— Para onde, senhor? — Perguntou o motorista.

— SFO. — Aeroporto de São Francisco. Eu tinha saído sem minha bagagem, mas Helena cuidaria disso para mim. — Preciso voltar para Nova York imediatamente.



Vivian

Não conseguia parar de tremer.

Saí do banheiro, minha pele gelada apesar do meu roupão de banho, o piso aquecido e o banho quente que tinha tomado na última hora.

Era tarde da noite, horas depois da tentativa de assalto à *Lohman & Sons*, mas ainda estava presa no chão da sala de exposição da loja com uma arma debaixo do queixo e o mal olhando para mim.

Todo o incidente durou menos de dez minutos antes de a segurança de reforço chegar e neutralizar à situação. Ninguém se machucou, mas não conseguia parar de pensar em *hipóteses*.

E se o reforço tivesse chegado um minuto atrasado?

E se o ladrão tivesse atirado primeiro e perguntado depois?

E se eu tivesse morrido? O que teria para mostrar, exceto um armário cheio de roupas bonitas e uma vida gasta fazendo a “coisa certa”? Teria morrido sem visitar o Deserto do Atacama para observar as estrelas ou me apaixonar mais de uma vez.

Coisas que sempre pensei que teria tempo para fazer porque estava apenas nos meus vinte e tantos anos, caramba, e deveria ser invencível nessa idade.

A leve batida da porta da frente me salvou de meus pensamentos, mas meu coração disparou de trepidação.

Quem estava aqui? Dante não estaria em casa até amanhã e a equipe estava dentro de casa. Mesmo que não fossem, não batiam a porta assim.

Minha apreensão aumentou quando o som de passos ficou mais alto e a porta do meu quarto se abriu. Peguei um vaso da minha cômoda, pronta para jogá-lo no intruso até registrar o cabelo escuro e o rosto duro e implacável.

— Dante? — Meu coração gradualmente desacelerou quando coloquei o vaso no chão. — Não deveria estar de volta até amanhã. O que está...

Não tive a chance de terminar minha frase antes que ele cruzasse o quarto em duas longas passadas e agarrasse meus braços.

— Está machucada? — Perguntou. Ele me examinou da cabeça aos pés, sua expressão apertada.

O que... *o roubo*. É claro. Ele era o CEO. Alguém deve ter lhe contado o que aconteceu.

— Estou bem. Um pouco abalada, mas tudo bem. — Forcei um sorriso. — Deveria estar na Califórnia até amanhã. O que está fazendo em casa mais cedo?

— Houve uma tentativa de assalto em uma das minhas lojas, Vivian. — Um músculo trabalhou em sua mandíbula. — Claro que voltei imediatamente.

— O negócio Santeri...

— Está fechado. — Seu aperto de ferro permaneceu em meus braços, forte, mas gentil.

— Oh. — Não conseguia pensar em mais nada para dizer.

O dia tinha sido surreal, feito ainda mais surreal pela aparição repentina de Dante.

Foi só então que notei sua camisa amarrotada e cabelo desgrenhado, como se estivesse passando os dedos por ele. Por alguma razão, o visual fez meus olhos se encherem de lágrimas. Era muito humano, muito *normal* para um dia como hoje.

Os dedos de Dante se apertaram ao meu redor. — Seja honesta, Vivian. — Disse, as palavras de alguma forma confortando e comandando. — Você está bem?

Não *está ferida, mas está bem?* Duas perguntas diferentes.

A pressão cresceu dentro de mim, mas assenti.

Seus olhos eram uma tempestade escura, seu rosto marcado com linhas de raiva e pânico. À minha resposta, o ceticismo se juntou à mistura, suave, mas visível.

— Ele segurou você com uma arma. — Disse, sua voz mais baixa. Esticada. Prometendo retribuição.

A pressão empurrou meus tímpanos, uma força invisível me arrastando para as profundezas de um oceano turbulento.

Meu sorriso vacilou. — Sim. Não o... — aliviei uma respiração profunda passando pelos meus pulmões apertados. *Não chore.* — Não é o destaque da minha semana, devo admitir.

O corpo de Dante vibrou de tensão. Alinhava sua mandíbula e se enroscava sob sua pele, como uma víbora esperando para atacar.

— Ele fez mais alguma coisa?

Balancei minha cabeça. O oxigênio diminuiu a cada segundo, tornando cada palavra difícil, mas continuei. — A segurança chegou antes que alguém fosse ferido. Estou bem. Sêrio. — A última palavra foi mais alta do que o resto.

O músculo em sua mandíbula tiquetaqueou novamente. — Está tremendo.

Estava? Verifiquei. Sim, eu estava. Pequenos tremores ondularam pelo meu corpo. Meus joelhos tremeram; arrepios apimentaram meus braços. Se não fosse pelo calor e força do abraço de Dante, poderia ter caído no chão.

Observei essas coisas com distanciamento, como se estivesse me assistindo em um filme no qual não estava particularmente envolvida.

— É o frio. — Disse. Não sabia quem ligou o ar-condicionado em novembro, mas meu quarto era um frigorífico.

Dante acariciou minha pele com o polegar. A preocupação se acumulou em seus olhos. — O calor está ligado, *mia cara*. — Disse suavemente.

A pressão se expandiu para minha garganta.

— Bem, então, deve estar quebrado. — Divaguei, minha sequência de palavras inúteis era o único fio que me mantinha unida. — Deveria consertá-lo. Tenho certeza que pode conseguir

alguém aqui em breve. Você é... — Algo molhado escorreu pelas minhas bochechas. — É Dante Russo. Pode... — não conseguia respirar direito. *Ar. Preciso de ar.* — Pode fazer qualquer coisa.

Minha voz falhou. Uma rachadura. Isso foi tudo o que precisou.

O fio partiu e desabei, soluços destruindo meu corpo enquanto a emoção e o trauma do dia me dominavam.

A alta das notícias do *Legacy Ball* seguida pelo terror do assalto.

O baque de botas pesadas contra o piso de mármore naquela sala fria e austera. O metal contra a minha pele e a sensação inabalável de que, se eu morresse hoje, o faria sem nunca ter vivido. Não como Vivian Lau. Não como *eu*.

Os braços de Dante me envolveram. Ele não falou, mas seu abraço foi tão forte e reconfortante que apagou qualquer autoconsciência que pudesse ter.

As águas turbulentas se fecharam acima, abafando a luz. Jogaram-me para frente e para trás até que meu corpo tremeu com a força do meu choro. Meu estômago doía, meus olhos doíam e minha garganta estava tão machucada que doía respirar.

E ainda assim, Dante me segurou.

Pressionei meu rosto contra seu peito, meus ombros arfando enquanto esfregava a mão nas minhas costas. Ele murmurou algo em italiano, mas não consegui decifrar o que disse.

Tudo o que sabia era que, no rescaldo gelado do roubo, sua voz e abraço eram as únicas coisas que me mantinham aquecida.

CAPÍTULO 16

Dante

— Tem sangue na minha camisa, Brax. — Arregacei as mangas, escondendo a mancha de sangue em questão. — Esse é o terceiro ataque.

Ele olhou para mim, sua expressão amotinada sob o sangue e hematomas. Estava amarrado a uma cadeira, seus braços e pernas amarrados com corda. Era o único de seus cúmplices ainda consciente.

Os outros dois caíram em seus assentos, suas cabeças pendendo e seu sangue caindo no chão em um constante *gotejamento, drip, drip, drip*. Vários de seus membros dobraram em ângulos não naturais.

— Você fala demais. — Brax cuspiu um bocado de líquido vermelho escuro.

Brax Miller. Ex-presidiário com uma ficha policial de um quilômetro e meio, bolas de aço e um cérebro do tamanho de uma noz.

Sorrio, depois o atinjo novamente. Sua cabeça estalou para trás e um gemido de dor encheu o ar.

Meus dedos machucados doíam. A sala jocosamente apelidada de Cella de Detenção em meu quartel-general de segurança privada cheirava a cobre, suor e o cheiro espesso e enjoativo do medo.

Dois dias depois da tentativa de assalto na *Lohman & Sons*, mais tempo do que jamais prendemos alguém. Meus contatos na polícia fecharam os olhos para minhas atividades porque lhes economizei tempo e mão de obra e sabia quando traçar o limite. Nunca tinha matado alguém.

Ainda, mas estava realmente tentado *pra caralho* agora.

— A primeira rodada foi por tentar roubar uma das minhas lojas. A segunda... — estendi minha mão. Giulio colocou algo frio e pesado na palma da minha mão, seu rosto impassível. — Por ameaçar minha esposa.

Meu punho se fechou ao redor da arma. Normalmente deixo minha equipe lidar com essas coisas desagradáveis. Roubo, vandalismo, *desrespeito*. Eram inaceitáveis, mas impessoais. Nada mais do que crimes a serem punidos e exemplos a serem dados da forma mais brutal e, portanto, eficaz possível. Não exigiram minha atenção pessoal.

Isso porém? O que Brax fez com Vivian? Foi pessoal *pra caralho*.

Um novo tsunami de raiva passou por mim quando imaginei o pedaço de merda na minha frente apontando uma arma para ela. Ainda não era minha esposa, mas era minha.

Ninguém ameaçava o que era meu.

— Então ela é sua esposa. — Brax tossiu, sua bravura amassada, mas intacta. — Entendo por que está chateado. Ela é

linda, embora teria sido muito mais bonita com sangue pintando aquela linda pele dela.

Seu sorriso era feito de escárnio e carmesim, estúpido demais para perceber seu erro.

Como eu disse, um cérebro do tamanho de uma noz.

Coloquei minha soqueira, me aproximei e puxei sua patética cabeça para trás. — Não sou eu que falo demais.

Um segundo depois, um uivo de agonia rasgou o ar.

Não fez nada para aliviar a ira dentro de mim, e não parei até que os uivos parassem completamente.



Deixei meus homens limparem a bagunça na Cella de Detenção.

Cheguei perto de matar Brax, mas o bastardo mal sobreviveu. Amanhã, ele e seus cúmplices se entregariam à polícia. Era uma alternativa muito mais atraente do que ficar com minha equipe.

O apartamento cheirava a sopa e frango assado quando voltei para casa. Greta se preocupava com Vivian desde o assalto, o que em seu mundo significava encher Vivian com comida suficiente para alimentar todo o centro de Manhattan durante a hora do almoço.

Mal notei a água quente pungente enquanto tomava banho do sangue e suor.

Vivian insistiu que estava bem, mas poucas pessoas se recuperaram de ter uma arma pressionada na cabeça tão rapidamente. De acordo com Greta, ela estava tirando um cochilo e nunca cochilou a esta hora do dia, ou nunca, agora que pensei nisso.

Desliguei a água, meus pensamentos tão nublados quanto o espelho embaçado. Tinha feito minha parte. Puni os perpetradores, pessoalmente atendi Brax e verifiquei Luca durante minha volta para casa do quartel-general de segurança. Ele se recuperou tão rápido quanto esperava; o homem navegava pela vida como um navio de teflon; mas não era o único que teve uma arma em seu rosto.

Droga.

Com um grunhido baixo de aborrecimento, enxuguei-me, vesti roupas limpas e fui para a cozinha, onde convenci Greta a separar uma tigela de sua preciosa sopa.

— Vai estragar o jantar. — Avisou.

— Não é para mim.

Uma carranca beliscou seus lábios antes que a compreensão surgisse, e sua desaprovação relaxou em um sorriso absolutamente encantado.

— Ah. Nesse caso, tome a quantidade de sopa que precisar! Aqui. — Empurrou um prato de pão de fermento e manteiga para mim. — Tome isso também.

— O que aconteceu com estragar o jantar? — Resmunguei, mas peguei o maldito pão.

Cheguei à porta de Vivian quando ponderei minha decisão. Devo acordá-la de sua soneca? Greta disse que tinha trabalhado em casa hoje e não tinha almoçado, mas talvez precisasse descansar, *ou* poderia ter acordado e estava contando seus diamantes ou o que diabos as herdeiras de joias faziam em seu tempo livre.

Devo bater ou sair e voltar?

Não tive chance de decidir antes que Vivian decidisse por mim.

A porta se abriu, revelando olhos escuros e sonolentos que se arregalaram em pânico quando me viu. Ela gritou, fazendo-me assustar e quase derrubar a sopa.

— Porra! — Eu me peguei a tempo, mas algumas gotas de líquido quente espirrou na lateral da tigela e no meu braço.

— *Dante*. Deus. — Vivian pressionou a palma da mão sobre o peito arfante. — Você me assustou.

— Estava prestes a bater. — Meio que menti.

Sua atenção se desviou para a comida em minhas mãos. Parecia adoravelmente sonolenta com seu cabelo desgrenhado e um vinco de travesseiro na bochecha. Mesmo sem maquiagem, sua pele estava impecável e o cheiro mais fraco de maçãs tornou as bordas da minha mente nebulosas.

— Você me trouxe comida? — Seu rosto suavizou de uma forma que piorou a neblina.

— Não. Sim. — Disse, incapaz de decidir se admitia estar checando-a. Poderia dizer a ela que foi ideia de Greta. Trazer sua canja de galinha por vontade própria parecia perigosamente íntimo, como algo que um noivo de verdade faria.

Vivian me deu um olhar estranho.

Cristo, Russo, recomponha-se.

Uma hora atrás, estava dando uma surra em um criminoso de 1,80m. Agora, estava incoerente com a porra da sopa e do pão.

— Greta disse que não almoçou. Achei que poderia estar com fome. — Fui para a resposta mais vaga possível.

— Obrigada. Isso é tão atencioso. — Vivian disse, ainda com aquela expressão suave fazendo coisas estranhas em minha mente.

Seus dedos roçaram os meus quando pegou a tigela e o prato. Uma pequena corrente de eletricidade chiou sobre minha pele. Meu corpo se contraiu com o esforço de conter uma reação física; um choque de surpresa, um roçar mais deliberado de nossas mãos.

Vivian fez uma pausa como se sentisse também antes de continuar apressadamente — É o momento perfeito, porque ia fazer um lanche. Minha ligação com o comitê do *Legacy Ball* acabou e esqueci de almoçar.

Ela me disse antes que seria a anfitriã do baile deste ano. Era um grande negócio e não pude evitar que um vislumbre de orgulho acendesse em meu peito.

— Isso está indo bem então.

— Assim como qualquer coisa com um manual de trezentas páginas pode ir. — Brincou.

O silêncio caiu. Deveria sair agora que dei a ela sua comida e confirmei que estava funcionando bem, mas um estranho puxão no meu peito me impediu de sair.

Culpei a névoa amaldiçoada em minha mente pelo que disse em seguida. — Se quiser companhia, também planejava fazer um lanche. Sem fome suficiente para um jantar completo.

A surpresa deslizou pelo rosto de Vivian, seguida por uma pitada de prazer. — Claro. Sala de estar leste em cinco?

Eu dei um aceno curto.

Por sorte, Greta não estava na cozinha quando voltei. Peguei outra tigela de sopa e me juntei a Vivian na sala de estar leste.

O caldo de galinha era rico e saudável o suficiente para compor uma refeição completa por conta própria. Comemos em silêncio por um tempo até que Vivian falou novamente.

— Como está Luca? Depois... sabe.

— Ele está bem. Já passou por coisas piores. — Embora devesse checá-lo novamente apenas no caso. — Uma vez foi assaltado por um macaco em Bali. Quase morreu tentando recuperar seu telefone.

Vivian soltou uma risada. — Com licença?

— É verdade. — Minha boca se curvou, tanto com a lembrança da indignação do meu irmão pelo crime quanto com o seu sorriso.

— Obviamente, ele saiu bem, mas alguns daqueles macacos do templo são implacáveis.

— Mantereí isso em mente para a nossa viagem.

Íamos para Bali em três semanas para ver meus pais no Dia de Ação de Graças. Estava com medo, mas deixei isso de lado por enquanto.

— E você? — Abandonei todo fingimento e fixeí meu olhar em Vivian. — Como está?

A diversão de Vivian desapareceu na sequência da minha pergunta. O ar mudou e condensou, espremendo a leveza anterior.

— Estou bem. — Disse calmamente. — Estou tendo alguns problemas para dormir, daí os cochilos, mas é mais choque do que qualquer coisa. Não fui ferida. Vou superar isso.

Talvez ela estivesse certa. Estava muito mais calma agora do que na primeira noite, mas um fio de preocupação ainda se desenrolava no meu estômago.

— Se quiser falar com alguém, a empresa tem pessoas à disposição. — Disse ríspidamente. Nossos terapeutas contratados eram alguns dos melhores profissionais da cidade. — Apenas me avise.

— Obrigada. — Seu sorriso voltou, mais suave desta vez. — Pela outra noite e por isso. — Acenou para as tigelas meio vazias entre nós.

— De nada. — Disse rigidamente, sem saber como lidar com o que diabos estava acontecendo aqui.

Não tinha nenhuma referência para o estranho nevoeiro nublando meu cérebro, ou a pontada no meu peito quando olhava para ela.

Não era ira, como com Brax.

Não era ódio, como com Francis.

Não foi luxúria ou antipatia ou qualquer outra emoção que moldou minhas interações anteriores com Vivian.

Não sabia o que era, mas isso me perturbou *pra* caramba.

CAPÍTULO 17

Dante

Vivian acabou falando com um de nossos terapeutas após o incidente de *Lohman & Sons*. Nunca discutiu suas sessões, mas quando chegamos a Bali, seu sono melhorou e estava quase de volta ao seu estado normal de humor espirituoso e sarcástico.

Disse a mim mesmo que meu alívio não tinha nada a ver com ela *pessoalmente* e que estava simplesmente feliz por ela estar no espaço certo para conhecer meus pais.

— Tem certeza de que seus pais moram aqui? — Vivian olhou para a vila à nossa frente.

Esculturas feitas à mão pontilhavam o gramado em uma profusão de cores primárias, e uma superabundância de sinos de vento tilintavam na porta da frente. Girassóis gigantes brotavam nas paredes em manchas de tinta amarela e verde. Parecia um cruzamento entre uma vila de luxo e uma creche.

— Sim. — O lugar tinha Janis Russo escrito por toda parte. A porta da frente se abriu, revelando uma massa de cabelos castanhos encaracolados e um *kaftan* até o chão. — Prepare-se.

— *Querido!* — Minha mãe chorou. — Oh, é tão maravilhoso vê-lo! Meu bebezinho! — Correu em nossa direção e me abraçou em

uma nuvem de patchouli. — Perdeu peso? Está comendo o suficiente? Dormindo o suficiente? Fazendo sexo o suficiente?

Vivian disfarçou sua risada com uma tosse delicada.

Fiz uma careta quando minha mãe se afastou e me examinou com um olhar crítico. — Olá, mãe.

— Pare. Disse para me chamar de Janis. Você é sempre tão formal. Culpo Enzo. — Disse ela à Vivian. — Seu avô era um verdadeiro defensor das regras. Sabia que ele expulsou alguém de um jantar uma vez por usar o garfo errado? Começou todo um incidente internacional porque o convidado era filho de um embaixador da ONU. Embora, para ser justa, esperaria que o filho de um embaixador da ONU soubesse qual garfo é usado para saladas e qual é usado para entradas. Não é mesmo?

Vivian piscou, aparentemente atordoada pelo turbilhão de energia diante dela.

— Agora, deixe-me dar uma olhada em você. — Minha mãe me soltou e colocou as mãos nos ombros de Vivian. — Ah, é *linda*. Não é linda, Dante? Diga-me, querida, o *que* usa para a sua pele? É positivamente brilhante. Óleo de argan? Mucina de caracol? La Mer...

Vivian chamou minha atenção por cima da cabeça da minha mãe. *Ajude-me*, seu olhar implorou.

Minha boca se ergueu em um sorriso relutante. Apesar de toda a efusividade exagerada de minha mãe, ela estava certa. Vivian *era* linda. Mesmo depois de um voo de doze horas, brilhava de uma forma que não tinha nada a ver com sua aparência física.

Uma sensação estranha percorreu meu peito.

— Sim. — Disse. — Ela é.

Os olhos de Vivian se arregalaram um pouco enquanto minha mãe sorria ainda mais. Mantivemos os olhares um do outro por um momento suspenso até que a voz do meu pai ressoou pelo gramado.

— Dante! — Caminhou pela porta da frente, magro e bronzeado em uma camisa de linho e shorts. — Bom te ver, filho. — Colocou a mão nas minhas costas antes de envolver Vivian em um abraço de urso. — E você, minha nora! Não posso acreditar! Diga-me, Dante já levou você para mergulhar?

— Oh, não...

— *Não?* — Sua voz soou mais alta. — Por que diabos não? Tenho dito a ele para levá-la para mergulhar desde que ficaram noivos! Sabe, concebemos Luca depois...

Interrompi antes que meus pais pudessem se envergonhar, e eu, ainda mais.

— Deixe-a em paz, pai. Por mais fascinante... — *assustador* — que seja a história da concepção de Luca, gostaríamos de nos refrescar. Foi um longo voo.

— É claro. — Minha mãe esvoaçava ao nosso redor como um beija-flor de joias. — Venham, venham. Temos o seu quarto pronto para você. Luca não chega até à noite, então têm o segundo andar para vocês por enquanto.

— Então essa é a sua família. — Disse Vivian enquanto seguíamos meus pais para dentro da vila. — Eles... não são o que eu esperava.

— Não deixe a fachada hippie deles enganá-la. — Disse. — Meu pai ainda é um Russo e minha mãe era consultora de gestão. Peça-lhes para desistir de seus cartões de crédito e realmente áspero e veja como são suaves.

A arejada vila de dois andares estava cheia de madeiras naturais, crochê creme e arte local brilhante adornando as paredes. O quintal ostentava uma piscina infinita e um estúdio de ioga ao ar livre, e os quatro quartos eram divididos meio a meio entre o térreo, onde meus pais ficavam, e o andar superior.

— Este é o seu quarto. — Minha mãe abriu a porta com um floreio. — Arrumamos só para vocês.

A boca de Vivian se abriu em choque enquanto uma enxaqueca florescia na base do meu crânio. — *Mãe.*

— O quê? — Disse inocentemente. — Não é todo dia que meu filho e minha futura nora visitam para o Dia de Ação de Graças! Achei que gostaria de um ambiente mais romântico para a sua estadia.

A enxaqueca se espalhou pelo meu pescoço e atrás dos meus olhos com uma velocidade alarmante. A ideia de *romântico* da minha mãe era a minha ideia de pesadelo. Pétalas de rosas vermelhas cobriam o chão. Um balde de champanhe gelado estava na mesinha de cabeceira ao lado de duas taças de cristal enquanto uma caixa de chocolates, preservativos e toalhas dobradas em forma de cisnes repousava na base da cama de dossel. Um fodido *retrato* de casal meu e de Vivian estava pendurado na parede oposta à cama sob uma faixa brilhante que dizia: *Parabéns pelo noivado!*

Parecia uma maldita suíte de lua de mel, exceto que era infinitamente mais horrível porque minha própria mãe a montou.

— Como diabos conseguiu o retrato? — Exigi.

— Usei uma foto da sua festa de noivado como inspiração. — Orgulho brilhou nos olhos de minha mãe. — O que acharam? Não é meu *melhor* trabalho, mas estou em uma rotina criativa.

Eu mataria alguém antes do final da viagem. Não havia maneira de contornar isso. Fosse minha mãe, pai ou irmão, isso aconteceria.

— É adorável. — Vivian disse com um sorriso gracioso. — Capturou o momento perfeitamente.

Apertei a ponte do meu nariz enquanto minha mãe corava. — Oh, é muito doce. *Sabia* que gostava de você. — Deu um tapinha no braço de Vivian. — De qualquer forma, vou deixá-los se instalarem. Se precisar de mais preservativos, avise-me. — Piscou para nós antes de sair pela porta. Meu pai a seguiu, ocupado demais ao telefone para prestar atenção no que estava acontecendo.

O silêncio desceu, espesso e pesado. O sorriso de Vivian desapareceu depois que minha mãe foi embora.

Olhamos para o retrato, depois um para o outro, depois para a cama. De repente me ocorreu que esta seria a nossa primeira vez compartilhando um quarto. Compartilhando uma *cama*.

Seis dias e cinco noites dormindo ao seu lado. De vê-la naquelas roupas ridiculamente minúsculas que chamava de pijama e ouvir a água correr enquanto tomava banho.

Seis dias e cinco noites de maldita tortura.

Esfreguei a mão no meu rosto.



Ia ser uma longa semana.



Vivian

Os pais de Dante eram o oposto de seu filho; de espírito livre, efervescente e gregário, com sorrisos rápidos e senso de humor um tanto inapropriado.

Depois que Dante e eu nos instalamos, insistiram em nos levar para almoçar em seu restaurante favorito, onde nos encheram de mais perguntas.

— Quero saber tudo. Como se conheceram, como ele propôs.
— Janis apoiou o queixo nas mãos. Apesar de suas roupas e atitude boêmia, possuía o brilho de uma socialite da Nova Inglaterra; maçãs do rosto salientes, pele perfeita e o tipo de cabelo rico e brilhante que exigia muito tempo e dinheiro para manter. — Não economize nos detalhes.

— Eu conheço o pai dela. — Dante disse antes que eu pudesse responder. — Nós nos conhecemos em um jantar na casa dos seus pais em Boston e nos demos bem. Namoramos e a pedi em casamento alguns meses depois.

Tecnicamente verdade.

— Ah. — Janis franziu a testa, parecendo desapontada com o resumo nada romântico de Dante sobre nosso namoro antes que se animasse novamente. — E a proposta?

Fiquei tentada a lhe dizer que ele deixou o anel na minha mesa de cabeceira só para ver como reagiria, mas não tive coragem de esmagar suas esperanças.

Hora de pincelar minhas habilidades de atuação. Não interpretei Eliza Doolittle na produção de Pigmaleão da minha escola para nada.

— Aconteceu no Central Park. — Disse suavemente. — Estava uma manhã linda, e pensei que estávamos simplesmente dando um passeio...

Janis e Gianni ouviram, suas expressões extasiadas, enquanto contava uma história dramática com flores, lágrimas e cisnes.

Dante parecia menos encantado. Sua carranca se aprofundou com cada palavra da minha boca, e quando cheguei à parte sobre ele lutando com o cisne que tentou fugir com meu novo anel de noivado, deu-me um olhar tão sombrio que poderia ter apagado o sol.

— Luta de cisnes, hein? — Gianni, como insistia em ser chamado, riu. — Dante, *non manchi mai di sorprendermi*¹⁸.

— *Anche io non finisco mai di sorprendermi.*¹⁹ — Dante murmurou.

Sufoquei um sorriso.

¹⁸-Você nunca deixa de me surpreender.

¹⁹- Eu também nunca deixo de me surpreender.

— Que proposta única! Posso ver por que se deu ao trabalho de recuperar o anel. É impressionante. — Janis levantou minha mão e examinou o diamante obscenamente grande. Era tão pesado que levantar meu braço se qualificava como um treino. — Dante sempre teve um bom olho, embora esperasse...

Dante ficou tenso.

Janis limpou a garganta e soltou minha mão. — De qualquer forma, como eu disse, é um lindo anel.

A curiosidade acendeu em meu peito quando ela e Gianni trocaram olhares. O que estava prestes a dizer?

— Lamentamos não poder ir à festa de noivado. — Acrescentou Gianni, cortando a tensão repentina. — Adorariíamos estar lá, mas houve um festival com um artista local que não participava de um evento público *há dez anos* naquele mesmo fim de semana.

— Ele é tão talentoso. — Janis saltou. — Simplesmente *não podíamos* perder a oportunidade de vê-lo.

Fiz uma pausa, esperando o final. Nunca veio. Horror rastejou através de mim. Era por *isso* que perderam a festa de noivado do filho? Para conhecer algum artista que nem conheciam?

Ao meu lado, Dante tomou um gole de sua bebida, sua expressão como granito. Não pareceu surpreso nem perturbado com a revelação.

Uma pontada inesperada atingiu meu peito.

Quantas vezes seus pais escolheram seus desejos egoístas sobre ele para que fosse tão blasé sobre perderem seu noivado? Sabia que não eram próximos, considerando que Gianni e Janis o

deixaram com seu avô, mas mesmo assim. Poderiam pelo menos ter inventado uma desculpa decente para não estar lá.

Levei um camarão curado com sal à boca, mas os frutos do mar anteriormente deliciosos de repente ficaram com gosto de papelão. Depois do almoço, Gianni e Janis nos encorajaram a “dar um bom passeio” pela praia atrás do restaurante enquanto terminavam sua “meditação pós-almoço”, o que quer que isso significasse.

— Seus pais parecem legais. — Arrisquei enquanto caminhávamos ao longo da costa.

— Como pessoas, talvez. Como pais? Não muito.

Deslizei um olhar de soslaio para ele, surpresa com sua franqueza.

A camisa e as calças de linho de Dante davam-lhe um ar mais casual do que o habitual, mas suas feições permaneciam surpreendentemente ousadas, seu corpo poderoso e sua mandíbula dura, conforme caminhava ao meu lado. Parecia invencível, mas essa era a coisa sobre os humanos. *Ninguém* era invencível. Todos eram vulneráveis às mesmas mágoas e inseguranças que todos os outros. Algumas pessoas apenas escondiam melhor.

Outra pontada percorreu meu peito quando me lembrei de como seus pais tinham sido arrogantes por perder a festa de noivado.

— Seu avô criou você e Luca, certo? — Sabia disso, mas não conseguia pensar em uma maneira melhor de entrar no assunto.

Dante respondeu com um aceno curto. — Meus pais viajaram pelo mundo logo depois que Luca nasceu. Não podiam trazer duas crianças em suas viagens, dado o quanto se movimentavam, então nos deixaram aos cuidados de nosso avô. Disseram que era o melhor.

— Visitavam com frequência?

— Uma vez por ano, no máximo. Enviavam cartões postais no Natal e em nossos aniversários. — Falou em um tom seco e distante. — Luca guardava o dele em uma caixa especial. Eu jogava o meu fora.

— Sinto muito. — Disse, minha garganta apertada. — Deve ter sentido muita falta deles.

Dante era uma criança na época, mal tinha idade suficiente para compreender por que seus pais de repente estavam lá um dia e se foram no dia seguinte. Os meus não eram perfeitos, mas não conseguia imaginá-los me deixando na casa de um parente para que pudessem viajar ao redor do mundo.

— Não sinta. Meus pais estavam certos. Foi para o melhor. — Paramos na beira da praia. — Não se deixe enganar pela hospitalidade deles, Vivian. Eles se preocupam comigo sempre que me veem porque *não* me veem com frequência, e isso os faz sentir que estão fazendo seu trabalho como pais. Eles nos levam para comer fora, compram coisas boas e perguntam sobre nossas vidas, mas se pedir para eles ficarem por perto durante os tempos difíceis, vão embora.

— E quanto ao seu irmão? Qual é a sua relação com eles?

— Luca foi um acidente. Fui planejado porque precisavam de um herdeiro. Meu avô exigiu, mas quando meu irmão apareceu... cuidar de duas crianças foi demais para meus pais e desistiram.

— Então, seu avô assumiu em vez disso.

— Ele ficou emocionado. — O tom seco de Dante voltou. — Meu pai o decepcionou na frente dos negócios, mas poderia me transformar em seu sucessor perfeito desde jovem.

E ele tinha. Dante era um dos CEOs mais bem-sucedidos da *Fortune 500*. Triplicou os lucros da empresa desde que assumiu, mas a que custo?

— Deixe-me adivinhar. Levou você a encontros da sala de reuniões e lhe deu explicações de desenhos animados no mercado de ações? — Brinquei, esperando aliviar a tensão que revestia seus ombros.

A parte empática de mim queria mudar para um tópico mais leve; a parte egoísta queria cavar mais fundo. Este foi o maior vislumbre que tive sobre o passado de Dante, e me preocupei que uma palavra errada faria com que se fechasse novamente.

Uma leve diversão passou por seus olhos.

— Perto. Meu avô administrava sua casa da mesma forma que administrava seus negócios. Era a primeira, última e única palavra sobre qualquer assunto. Tudo operava por um conjunto de regras estritas, desde nossas horas de brincadeira até os hobbies que Luca e eu podíamos seguir. Eu tinha sete anos quando fiz minha primeira visita à fábrica, dez quando comecei a aprender sobre contratos e negociações.

Em outras palavras, havia perdido sua infância para as ambições de seu avô. Uma dor profunda se desenrolou atrás das minhas costelas.

— Não sinta pena de mim. — Dante disse, avaliando corretamente minha expressão. — O Grupo Russo não estaria onde está agora se não fosse por ele e pelo que me ensinou.

— Há mais na vida do que dinheiro e negócios. — Disse suavemente.

— Não no nosso mundo. — Uma brisa suave passou, despenteando seu cabelo. — As pessoas podem se juntar a quantas instituições de caridade quiserem, doar quanto dinheiro quiserem, mas no final das contas, o que importa é o resultado final. Olhe para Tim e Arabella Creighton. Já foram *superstars* na sociedade de Manhattan. Agora Tim está enfrentando um julgamento e ninguém tocará Arabella com uma vara de três metros. Todos os seus supostos amigos a abandonaram.

A boca de Dante se torceu. — Se você acha que qualquer uma das pessoas que me beijam agora ficarão por aqui se a empresa falir amanhã, está muito enganada. As únicas línguas que entendem é a do dinheiro, poder e força. Aqueles que o têm farão de tudo para mantê-lo. Aqueles que não o fizeram, farão qualquer coisa para obtê-lo.

— Essa é uma maneira terrível de passar pela vida. — Disse, embora tivesse testemunhado esses cenários acontecerem vezes suficientes para saber que ele estava certo.

— Algumas coisas a tornam melhor.

Meu coração vacilou, então acelerou novamente.

Dante e eu estávamos em um trecho isolado da praia, perto o suficiente para ver o restaurante, mas longe o suficiente para que seus sons e multidões não nos tocassem. Uma fissura rasgou sua máscara de pedra, revelando um traço de cansaço que puxou minha alma.

O CEO Dante era todo carrancudo e comandos rígidos.

Este Dante era mais vulnerável. Mais humano. Tinha visto vislumbres dele antes, mas esta era a primeira vez que estava em sua presença por tanto tempo. Parecia afundar em um banho quente depois de um longo dia na chuva.

— Não era assim que planejava passar nosso primeiro dia em Bali. — Disse. — Prometo que as aulas de história da família não são a norma aqui.

— Não há nada de errado com uma aula de história, *mas...* — Mudei para um tom mais brincalhão. — Quero saber mais sobre esse mergulho de que seu pai estava falando. Nunca estive em Bali antes. O que mais há para fazer?

Os ombros de Dante relaxaram. — Não fale de mergulho na frente do meu pai, ou ele vai falar demais. — Disse quando começamos nossa caminhada de volta para o restaurante. Estávamos fora há quase uma hora; seus pais devem estar se perguntando o que aconteceu conosco. — Para ser justo, a ilha é um dos principais destinos de mergulho do mundo. Há também alguns belos templos e uma grande cena artística em Ubud...

Meio que escutei enquanto ele repassava as principais atividades em Bali. Estava muito distraída com sua voz para prestar atenção em suas palavras – profundas e aveludadas, com um leve sotaque italiano que fez coisas indescritíveis em minhas entranhas. Eu o provoquei sobre amar o sotaque britânico de Kai

em *Valhalla*, mas era dele que eu não me cansava. Não apenas a voz, mas a inteligência, lealdade, vulnerabilidade e humor que espreitavam no fundo, *no fundo* da sua superfície mal-humorada.

Em algum lugar ao longo do caminho, Dante Russo havia se transformado de uma caricatura de um CEO rico e arrogante em um humano real. Um que eu *gostava*, na maioria das vezes.

Era terrível.

Não importa o que aconteceu em *Valhalla*, ou o quanto Dante compartilhou sobre si mesmo, não poderia me iludir pensando que nosso relacionamento era algo mais do que era. Esse era um caminho infalível para um coração partido e tinha muitas coisas quebradas na minha vida.

Dante se aproximou de mim para deixar outro casal passar. Nossos dedos se tocaram, e meu coração traidor saltou na minha garganta.

Isso é apenas um negócio, lembrei-me.

Se eu dissesse isso várias vezes, talvez acreditasse.

CAPÍTULO 18

Vivian

Nos três dias seguintes, Dante e seus pais me levaram em um *tour* rápido por Bali. Mergulhamos em *Nusa Penida*, caminhamos até cachoeiras em *Munduk* e visitamos templos em *Gianyar*. Os Russos tinham um motorista particular e um barco, o que facilitou a travessia da ilha.

No momento em que a noite de Ação de Graças chegou, tinha um bronzeado em marrom dourado e esquecido tudo sobre a pilha de trabalho esperando por mim em Nova York. Até Dante franziu menos a testa.

Fiquei feliz por ter aceitado sua oferta de ver um dos terapeutas de sua empresa. Embora provavelmente pudesse ter superado o roubo sem terapia ao longo do tempo, conversar com o Dr. Cho me ajudou a processá-lo de uma maneira que não conseguiria sozinha.

Nossas sessões continuariam depois do Dia de Ação de Graças, mas, por enquanto, eram suficientes para garantir que minha viagem não fosse prejudicada por noites sem dormir e *flashbacks* da pressão do metal contra meu queixo.

— Luca, desligue o telefone. — Janis advertiu durante o jantar.
— É rude enviar mensagem a mesa.

— Desculpe. — Continuou enviando mensagens, seu prato de comida intocado.

Luca chegou na noite de segunda-feira e passou a maior parte do tempo enviando mensagens, dormindo e descansando à beira da piscina. Era como estar de férias com um adolescente, exceto que estava na casa dos trinta e não na adolescência.

Janis franziu os lábios, Gianni balançou a cabeça e comi minhas batatas em silêncio enquanto a tensão aumentava sobre a mesa.

— Abaixe o telefone. — Dante não ergueu os olhos de seu prato, mas todos, inclusive seus pais, se encolheram diante do aço cortante em sua voz.

Depois de um longo segundo, Luca se endireitou, colocou o telefone de lado e pegou o garfo e a faca. Assim, a tensão se dissipou e a conversa foi retomada.

— Se você se cansar do mundo corporativo, deveria se tornar uma babá. — Sussurrei para Dante enquanto Gianni ficava nostálgico sobre sua última viagem à Indonésia cinco anos atrás. — Acho que se sairia muito bem.

— Já sou babá. — Dante deslizou as palavras do canto de sua boca. — Trinta e um anos sem promoção. Estou pronto para me demitir.

Ele fez uma careta para um grão de recheio em um de seus feijões verdes e empurrou o vegetal ofensivo para o lado.

Uma risada borbulhou na minha garganta. — Talvez devesse. Acho que o seu encargo está todo crescido.

— Você acha, sério? — Dante me deu um olhar cético.

— Bem... — lancei meu olhar para Luca, que enfiava comida em sua boca e espiava seu telefone quando pensou que seu irmão não estava olhando. — Até certo ponto, mas é o seu irmão, não o seu pai. Não é seu trabalho cuidar dele.

Dante assumir o papel de babá era uma consequência natural do abandono de seus pais, mas era um fardo pesado para uma pessoa suportar. Especialmente quando o cuidado era um homem adulto que parecia satisfeito em deixar seu irmão fazer todo o trabalho pesado.

O menor lampejo passou pelos olhos de Dante. — Sempre foi meu trabalho. Se eu não fizer isso, ninguém mais fará.

— Então que ninguém faça. Pode apoiar alguém sem consertar tudo para eles; têm que aprender com seus próprios erros.

— Você parece muito apaixonada por este tópico. — Uma pitada de diversão enlaçou suas palavras.

— Não quero que se queime, mas se assumir demais, por muito tempo, vai. — Minha voz suavizou. — Não é saudável, físico ou mentalmente.

Dante tinha trinta e seis anos, trabalhando em um emprego de alto estresse com uma família de alto estresse. Tinha pouco ou nenhum tempo de inatividade. Se ele continuasse assim...

Meu estômago se apertou. O pensamento de algo lhe acontecendo me incomodou mais do que deveria, e não apenas porque era meu noivo.

O brilho em seus olhos voltou, mais ardente e mais brilhante. Sua expressão suavizou. — Aproveite a refeição, *mia cara*. Não deixe a merda da minha família estragar tudo.

Uma vibração aveludada roçou meu coração. — Não se preocupe. Posso desfrutar de boa comida em qualquer condição.

Não era verdade, mas fez Dante sorrir.

Eu me mexi e nossas pernas roçaram debaixo da mesa. Foi um sussurro de um toque, mas meu corpo reagiu como se tivesse deslizado a mão por baixo da minha saia e acariciado minha coxa.

A conversa do resto da mesa desapareceu quando a imagem mental de seu toque entrou na minha corrente sanguínea em uma corrida inebriante. Devia haver um fio invisível conectando minhas fantasias à sua mente, porque o preto sangrou nas bordas de seus olhos como se ele soubesse exatamente o que eu estava imaginando.

Meu pulso batia.

— *Então*. — A voz de Luca estalou o fio com eficiência brutal.

Nossas cabeças se voltaram para ele em uníssono, e meu pulso disparou por uma razão totalmente diferente quando notei o brilho especulativo em seus olhos. A mesa era muito grande e nossas vozes muito baixas para que nos ouvisse falando sobre ele, mas estava claramente tramando algo.

— Como vai o planejamento do casamento? — Perguntou Lucas.

— Tudo bem — Dante disse antes que eu pudesse responder. A suavidade se foi, substituída por seu tom curto habitual.

— Fico feliz em ouvir. — O Russo mais jovem deu uma mordida no peru, mastigou e engoliu antes de dizer — Você e Vivian parecem estar se dando *muito bem*.

A mandíbula de Dante endureceu.

— É *claro* que estão se dando muito bem. — Disse Janis. — Estão apaixonados! Honestamente, Luca, que coisa boba de se dizer.

Empurrei minha comida ao redor do meu prato, de repente desconfortável.

— Você tem razão. Desculpe. — Luca disse um pouco inocente demais. — Só nunca pensei que veria o dia em que Dante se apaixonaria.

— Já chega. — O tom de Dante foi afiado. — Esta não é uma mesa redonda sobre minha vida amorosa.

O sorriso de Luca se alargou, mas atendeu ao aviso de seu irmão e não disse mais nada depois disso.

Depois do jantar, Dante, Luca e Gianni limparam a sala de jantar e tiraram o lixo enquanto Janis e eu lavávamos a louça.

— Gosto do jeito que Dante está perto de você — disse. — Ele é menos...

— Tenso? — Normalmente, nunca teria sido tão franca com a mãe do homem, de todas as pessoas, mas o vinho e os dias de sol soltaram minha língua.

— Sim. — Janis riu. — Ele gosta que as coisas sejam feitas de uma certa maneira e não tem medo de dizer se não atendem aos

seus padrões. Quando era criança, tentamos lhe dar brócolis com um pouco de purê de batatas. Ele jogou o prato no chão - *Wedgwood* de trezentos dólares. Acredita nisso? — Ela balançou a cabeça.

Não perguntei por que ela servia comida para crianças na porcelana *Wedgwood*. Em vez disso, abordei um tópico mais sensível, um que estava pesando em minha mente desde minha conversa na praia com Dante.

— Foi difícil dizer adeus a ele e Luca?

Seus movimentos pararam por uma fração de segundo. — Vejo que ele está falando com você sobre nós.

Minha bravura recuou diante de um possível confronto. — Nem tanto.

No final do dia, Janis era a mãe de Dante. Não queria antagonizá-la.

— Está tudo bem, querida. Sei que ele não é meu maior fã. Verdade seja dita, não sou uma ótima mãe, e Gianni não é um ótimo pai. — Disse com naturalidade. — É por isso que deixamos os meninos aos cuidados do avô. Ele deu a eles a estabilidade e a disciplina que não conseguíamos.

Ela fez uma pausa antes de continuar com uma voz mais suave, — Nós tentamos. Gianni e eu deixamos de viajar e nos estabelecemos na Itália depois que descobri que estava grávida de Dante. Ficamos lá por seis anos até que Luca nasceu. — Correu um prato sujo sob a água, sua expressão distante.

— Soa ruim, mas aqueles seis anos me fizeram perceber que não fui feita para a vida doméstica. Odiava ficar em um lugar e não

conseguia fazer nada certo quando se tratava dos meninos. Gianni sentiu o mesmo, então chegamos a um acordo com o avô de Dante. Ele se tornou seu guardião legal e os mudou para Nova York. Gianni e eu vendemos nossa casa de fazenda e... bem. — Gesticulou ao redor da cozinha.

Eu permaneci em silêncio. Não era minha função julgar a paternidade de outras pessoas, mas tudo o que conseguia pensar era como Dante deve ter se sentido por seus pais terem desistido porque cuidar dele era muito difícil. Então, novamente, talvez fosse realmente o melhor. Nada de bom vinha de forçar alguém a fazer algo que não queria fazer.

— Deve pensar que somos terrivelmente egoístas. — Disse Janis. — Talvez sejamos. Houve muitas vezes em que desejei ser o tipo de mãe que precisavam, mas não sou. Fingir o contrário teria prejudicado os meninos mais do que ajudado.

— Talvez, mas ambos são adultos agora. — Disse com cuidado. — Acho que gostariam de ver seus pais com mais frequência, mesmo que seja apenas para marcos como aniversários. — *E festas de noivado.*

— Luca, talvez. Dante... — estalou a língua. — Tivemos que torcer o seu braço para levá-lo a Bali. Se não fosse por você, teria nos dispensado com outra desculpa sobre estar muito ocupado com o trabalho.

Não estava surpresa. Dante me deu a impressão de alguém que guardava rancor por décadas.

— Estou feliz que tenha você agora. — O sorriso de Janis voltou, um pouco mais melancólico do que antes. — Precisava de uma parceira. Ele cuida demais das outras pessoas e não o suficiente de si mesmo.

Três meses atrás, teria rido da ideia de alguém descrevendo Dante como carinhoso. Era mal-humorado, temperamental e determinado a conseguir o que queria, mas agora...

Minha mente passou por nossa conversa na praia, nossa noite de lanche na cozinha e os milhares de pequenos momentos que revelaram pequenos vislumbres do homem sob a armadura.

— Serei honesta, estava cética sobre o noivado no começo. — Janis me entregou o prato recém-lavado, que enxuguei e coloquei no corredor. — Conhecendo Dante, não deixaria passar por ele se casar com alguém estritamente para fins comerciais.

Um bloco de concreto se formou no meu peito.

— Nossas famílias trabalham em campos semelhantes. — murmurei. — Portanto, há um elemento de negócios nisso.

— Sim, mas vi o jeito que ele olha para você. — Colocou o último prato sujo na água. — Não se trata de negócios.

Ela estava errada, mas isso não impediu que meu pulso disparasse com antecipação. — Como ele olha para mim?

Janis sorriu. — Como se ele nunca quisesse desviar o olhar.

CAPÍTULO 19

Dante

— Uma ligação do Dia de Ação de Graças de Dante Russo. — O sotaque de Christian rolou pelo telefone. — Estou honrado.

— Você é o único que me enviou um e-mail primeiro em um feriado federal, Harper.

Eu me retirei para o meu quarto depois de limpar. Meus pais e Luca estavam lá embaixo, mas não estava com vontade de jogar UNO tarde da noite ou o que diabos estavam fazendo.

Meus pais continuariam sendo inadequados e meu irmão me incomodaria por causa de Vivian. Não, obrigado, porra.

— Ah, sim. — A voz de Christian ficou séria, um sinal de que estava entrando no modo de negócios. — Encontramos outro conjunto de fotos em um cofre registrado com um pseudônimo. A contagem total agora é cinco.

Francis era um bastardo paranoico.

— Acha que tem mais? — Olhei para o banheiro privativo. O som de água corrente vazou por baixo da porta fechada como um ruído branco erótico.

Vivian estava lá. Molhada. *Nua*.

Calor e aborrecimento correram por mim em igual medida. Virei as costas para a porta e esperei pela resposta de Christian.

— Sempre pode haver mais. — Disse. — Esse é o jogo que estamos jogando até que possamos confirmar exatamente quantas cópias Francis tem.

Basicamente, estava brincando com a vida do meu irmão.

Poderia chamar o blefe de Francis, mas...

Esfreguei uma mão irritada sobre minha mandíbula. Era muito arriscado.

— Minha equipe continuará procurando até que nos diga para parar. — Christian fez uma pausa. — Tenho que dizer, estou surpreso que não tenha feito check-in desde outubro. Achei que a questão tinha mais urgência para você.

— Estive ocupado.

— Hum. — O som ressoou com saber. — Ou talvez esteja se aquecendo para sua futura noiva? Ouvi dizer que ambos desapareceram por um bom tempo na gala de *Valhalla* em Nova York.

Meus dentes cerraram. Por que todos estavam tão obcecados com meus sentimentos por ela? — O que fazemos em nosso tempo privado não é da sua conta.

— Considerando que estou vigiando ativamente o pai dela a *seu* pedido, é parte da minha conta. — Gelo tilintava ao fundo. — Tenha cuidado, Dante. Pode ter Vivian ou pode ter a cabeça do pai dela em uma bandeja – falando figurativamente, é claro. Não pode ter os dois.

O chuveiro parou de funcionar, seguido por uma batida de silêncio e o ranger da porta do banheiro se abrindo.

— Estou bem ciente. Continue procurando. — Desliguei assim que Vivian saiu em uma nuvem de vapor e fragrância doce.

Cada músculo tensionou. De forma objetiva, não havia nada de indecente em seus shorts de seda e top. Era a mesma roupa que usou na cozinha durante a nossa noite de lanche, só que em preto em vez de rosa. De forma *não* objetiva, devia ser proibido. Toda aquela pele exposta não poderia ser bom para ela. Não importa o fato de estarmos na tropical Bali; a roupa era um caso de hipotermia esperando para acontecer.

— Com quem estava falando? — Vivian soltou o cabelo do coque e passou os dedos pelos fios escuros. Caíram em cascata pelas suas costas, implorando-me para envolver meu punho em torno deles e ver se eram tão macios quanto pareciam.

Meus músculos da mandíbula flexionaram. — Associado de negócios.

Fiquei acordado até tarde nas últimas três noites para não ter que dividir o quarto com Vivian enquanto estávamos acordados. Ela estava sempre dormindo quando eu entrava, e eu estava sempre fora quando ela acordava.

Não tínhamos essa opção esta noite.

Aparentemente, Vivian também não estava com disposição para jogos de cartas com minha família, então ficamos presos no mesmo ambiente. Acordados. Meio vestidos. *Juntos*.

Foda-se minha vida.

— No dia de Ação de Graças? — Vivian passou loção corporal em seus braços, alheia à minha tortura.

Eu deveria ter ficado na maldita sala de estar.

— O dinheiro não descansa. — Virei as costas para ela e puxei minha camisa sobre minha cabeça. O ar condicionado estava no máximo, mas estava queimando.

Joguei a camisa sobre o braço de uma cadeira próxima e a encarei novamente apenas para encontrá-la olhando para mim com os olhos arregalados.

— O que está fazendo?

— Preparando-me para dormir. — Levantei uma sobrancelha para seu horror visível. — Sinto calor dormindo, *mia cara*. Não gostaria que eu assasse até a morte durante a noite, não é?

— Não seja dramático. — Murmurou, colocando sua loção de volta na cômoda. — Você é um homem adulto. Uma noite dormindo com suas roupas não vai matá-lo.

Os olhos de Vivian caíram para o meu torso nu antes que rapidamente desviasse o olhar, suas bochechas vermelhas.

Um sorriso malicioso abriu caminho em minha boca, mas rapidamente desapareceu quando desligamos as luzes e subimos na cama, certificando-nos de ficar o mais longe possível.

Não era o suficiente.

O colchão king era grande o suficiente para sediar uma pequena orgia, mas Vivian ainda estava muito perto. Inferno,

poderia estar dormindo na banheira com a porta fechada e ela *ainda* estaria muito perto.

O seu cheiro invadiu meus pulmões, borrando as bordas normalmente nítidas da minha lógica e raciocínio e sua presença queimava no meu lado como uma chama aberta. Os murmúrios de nossas respirações se sobrepunham em um ritmo pesado e hipnótico.

Eram onze e meia. Poderia razoavelmente acordar às cinco.

Seis horas e meia. Poderia fazer isso.

Olhei para o teto, minha mandíbula apertada, enquanto Vivian se virava e jogava. Cada mergulho do colchão me lembrava que ela estava *lá*. Seminua, perto o suficiente para tocar e cheirando como um pomar de macieiras depois de uma tempestade matinal.

Nem *gostava* de maçãs.

— Pare com isso. — Resmunguei. — Nenhum de nós conseguirá dormir se insistir em se mexer assim a noite toda.

— Não posso evitar. Meu cérebro está... — soltou um suspiro. — Não consigo dormir.

— Tente. — Quanto mais cedo adormecesse, mais cedo eu poderia relaxar.

Relativamente falando.

— Que ótimo conselho. — Disse. — Não posso acreditar que não pensei nisso. Deveria começar uma coluna Querido Dante no jornal local.

— Nasceu com uma boca esperta ou seus pais compraram para você depois do primeiro milhão?

Vivian soltou um suspiro sardônico. — Se meus pais tivessem o que queriam, não diria nada além *de sim, é claro, e entendi*.

Uma pontada de arrependimento suavizou minha irritação.

— A maioria dos pais quer filhos obedientes. — *Exceto a minha, que não quer ter filhos.*

— Hum.

Ocorreu-me que Vivian sabia mais sobre a dinâmica da minha família do que eu sobre a dela, o que era irônico, considerando que era a mais aberta em nosso relacionamento. Raramente falava sobre meus pais, tanto porque as fábricas de fofocas faziam hora extra quanto porque meu relacionamento com eles não era da conta de ninguém, mas havia algo em Vivian que arrancava de mim admissões relutantes e segredos há muito enterrados.

— Seus pais estão chateados por não comemorarmos o Dia de Ação de Graças com eles? — Perguntei.

— Não. Não somos grandes no feriado.

É claro. Eu sabia. Mais silêncio.

O luar se derramava pelas cortinas e salpicava prata líquida em nossos lençóis. O ar-condicionado zumbia no canto, um companheiro silencioso do trovão retumbando à distância. A sensação de uma tempestade iminente esgueirou-se pelas janelas e encharcou o ar. Era o tipo de noite que embalava as pessoas em revelações sonolentas e sonos profundos.

Para mim, teve o efeito contrário. A energia zumbiu como um fio vivo sob minha pele, aumentando todos os meus sentidos e me deixando no limite.

— Quanto sua família mudou depois que o negócio de seu pai decolou?

Tocamos no assunto depois da nossa sessão de fotos de noivado, mas ela não se aprofundou sobre isso além das expectativas do casamento arranjado. Já que nenhum de nós conseguia dormir, poderia tentar obter algumas informações de Vivian. Além disso, a conversa manteve minha mente longe de outros pensamentos mais impuros.

— Muito. — Disse. — Um dia, Agnes e eu estávamos frequentando escolas públicas e almoçando na escola. No próximo, estávamos em uma academia particular chique com *chefs gourmet* e estudantes aparecendo em limusines com motorista. Tudo mudou; nossas roupas, nossa casa, nossos amigos. Nossa *família*. No começo, adorava porque qual criança *não* adoraria se vestir e ter brinquedos novos? Entretanto...

Ela respirou fundo. — Quanto mais velha ficava, mais percebia o quanto o dinheiro nos mudou. Não apenas materialmente, mas espiritualmente, por falta de uma palavra melhor. Éramos dinheiro novo, mas meus pais estavam desesperados para provar que éramos tão bons quanto a elite de dinheiro antigo de Boston. Há uma diferença, sabe.

Eu sabia. Hierarquias existiam mesmo – *especialmente* – no mundo dos ricos e poderosos.

— O desejo de validação os consumia, especialmente meu pai. — Disse Vivian. — Não consigo identificar o ponto de virada exato, mas acordei uma manhã e o homem engraçado e carinhoso que

me carregou nos ombros quando eu era uma garotinha e me ajudou a construir castelos de areia na praia havia desaparecido. Em seu lugar estava alguém que faria qualquer coisa para chegar ao topo da escala social.

Se ela soubesse.

— Não estou reclamando. — Continuou. — Sei como sou sortuda por ter sido criada com o dinheiro que tínhamos, mas às vezes... — Outra respiração mais melancólica. — Eu me pergunto se teríamos sido mais felizes se Lau Jewels tivesse ficado em uma pequena loja em uma rua lateral em Boston.

Jesus. Uma dor desconhecida se instalou em meu peito. Ela e Francis compartilhavam o mesmo sangue. Como poderiam ser tão diferentes, porra?

— Desculpe por divagar. — Parecia envergonhada. — Não queria falar muito sobre minha família.

— Você não precisa se desculpar. — Suas palavras eram tristes, mas sua voz era tão doce que poderia ouvi-la para sempre. — Isso é melhor do que contar ovelhas.

Sua risada foi carregada pela noite como uma melodia suave. — Está dizendo que eu estou colocando você para dormir?

Nossas pernas roçaram, e meus músculos ficaram tensos com o breve contato. Não tinha percebido o quão perto estávamos. Contra meu melhor julgamento, virei minha cabeça para encontrá-la fazendo o mesmo. Nossos olhares se encontraram e o ritmo de nossas respirações se estilhaçou em algo mais irregular.

— Confie em mim. — Disse baixinho. — De todas as coisas que faz comigo, colocar-me para dormir não é uma delas.

O luar beijou as curvas do rosto de Vivian, acentuando as cavidades de suas maçãs do rosto e a plenitude sensual de seus lábios. Seus olhos brilhavam escuros e luminosos, como pedras preciosas brilhando na noite. Surpresa brilhou em suas profundezas com minhas palavras, junto com um fio de desejo esfumaçado que fez o calor enrolar na minha virilha.

Eu não a tocava desde nosso encontro na biblioteca de Valhalla, mas tudo que queria naquele momento era ver aqueles olhos escurecerem de prazer novamente. Sentir a suavidade de seu corpo pressionado contra o meu e ouvir seus pequenos gritos ofegantes quando gozou contra mim.

Meu sangue latejava em meus ouvidos. A brisa das aberturas ficou mais quente, o ar mais espesso. A eletricidade do jantar voltou e esticou o momento em um longo e perfeito fio de tensão.

— Devíamos dormir. — Vivian respirou. Havia um leve tremor em sua voz. — Está tarde.

— Concordo.

Por um momento suspenso, nenhum de nós se moveu. Então outro estrondo de trovão ressoou ao longe e a tensão explodiu com a força de um fósforo aceso em um barril de gasolina.

Minha boca caiu sobre a dela e seus braços envolveram meu pescoço, me puxando contra si. Um gemido baixo vibrou contra minha boca quando rolei em cima dela e preendi seus quadris entre minhas coxas. O desejo ardente tomou conta, erradicando pensamentos de qualquer coisa exceto Vivian.

Sem Francis. Sem Luca. Sem chantagem. Somente ela.

Acaricieei minha língua contra a costura de seus lábios, saboreando-a, exigindo entrada. Separaram-se e o seu gosto embriagante e inebriante revestiu minha língua. Segurei sua nuca e inclinei sua cabeça para que pudesse aprofundar o beijo.

Suas mãos afundaram em meu cabelo; minha palma passou por baixo de sua blusa e sobre seu estômago.

Nós nos beijamos como se estivéssemos nos afogando e o outro era nossa única fonte de oxigênio. Selvagem. Frenético. Desesperado.

E ainda não era o suficiente. Precisava mais disso. Mais *dela*.

— Dante. — Seu choro suave quando segurei seu seio quase me desfez.

— Continue gemendo meu nome, querida. — Beije seu pescoço e peito, ansioso para mapear cada centímetro de seu corpo com minha boca. Fechei minha boca em torno de um mamilo pontudo vestido e belisquei o outro entre o polegar e o indicador, provocando outro gemido do meu nome.

Aprovação retumbou em meu peito. — Essa é uma boa garota.

Percorri de seu estômago para suas coxas, minha jornada lânguida apesar da necessidade furiosa através de mim. Cheirei a excitação de Vivian antes de puxar seu short e calcinha para baixo, mas a visão de sua boceta, tão molhada, pronta e *perfeita pra caralho*, atingiu-me como uma dose de heroína pura.

— Por favor. — Ofegou, seu aperto estrangulando meu cabelo quando belisquei a pele macia de sua coxa.

Meu pau pulsava tão forte que doía, mas não o toquei, muito focado na tentação brilhante na minha frente.

— Por favor, o quê?

Recebi apenas um gemido em resposta.

— Por favor, coma essa sua boceta linda? — Provoquei, minha voz suave, mas as palavras ásperas. — Foda com a língua até que me implore para deixá-la gozar? Tem uma boca tão inteligente, *mia cara*. Use-a.

— *Sim*. — A palavra era metade súplica, metade demanda. — Preciso de sua boca em mim. Dante, *por favor*.

Desta vez, o som de sua voz, gemendo meu nome, dessa forma, desfez-me. Afastei ainda mais suas pernas e mergulhei como um homem faminto. Concentrei-me em seu clitóris inchado, lambendo e chupando até que seus gritos de prazer cresceram à beira da dor.

Vivian se contorceu e resistiu, me implorando para parar um minuto e continuar no próximo. Estava pingando por todo o meu rosto e eu não conseguia o suficiente. Estava viciado no seu gosto, no jeito que soava quando enterrava minha língua dentro dela e no jeito que suas costas arquearam para fora da cama quando finalmente gozou com um estremecimento de corpo inteiro.

Esperei que seus tremores diminuíssem antes de tocar minha língua em seu clitóris sensibilizado novamente e dar uma lambida lenta e vagarosa.

— *Hai un sapore divino*²⁰. — Murmurei.

²⁰-Você tem um gosto divino.

— Não mais. — Implorou. — Não posso... *oh Deus*. — Seu protesto se dividiu em outro gemido quando deslizei dois dedos dentro dela até a primeira articulação. Mantive minha boca em seu clitóris e lentamente trabalhei até a segunda articulação antes de puxar meus dedos para fora e empurrá-los de volta.

Dentro e fora, cada vez mais rápido, minha boca ainda explorando seu clitóris até que encharcou meu rosto e seus gritos agudos encheram o quarto novamente. Meu pau latejava no ritmo do meu pulso enquanto me colocava de joelhos.

Vivian me olhou, suas bochechas coradas e seu peito arfando após o orgasmo. Um leve brilho de suor embaçou sua pele e seu rosto estava tão cheio de confiança e prazer saciado que fez meu estômago revirar.

Ninguém nunca tinha olhado para mim assim antes. Assim, um fio frio de realidade perfurou minha névoa de luxúria.

De repente, percebi quem éramos e o que eu tinha feito.

Não éramos um casal de noivos normal. Era filha do inimigo e fui *forçado* a este noivado, mesmo que ela não soubesse.

Não deveria gostar dela, muito menos desejá-la.

Vivian passou os braços em volta do meu pescoço e pressionou seus quadris contra os meus, a mensagem clara.

Foda-me.

Eu queria. Meu corpo gritou por isso, meu pau doeu por isso. Seria tão fácil afundar em sua suavidade e deixar que nos levasse para a noite, mas se eu fizesse, não haveria como voltar atrás. Não para ela e não para mim.

Minhas mãos se fecharam no colchão enquanto a indecisão guerreava.

Pode ter Vivian ou pode ter a cabeça do pai dela em uma bandeja – falando figurativamente, é claro. Não pode ter os dois.

Água gelada apagou o calor restante em minhas veias.

De todas as vozes que queria ouvir na cama, a de Christian estava entre as cinco piores, mas o bastardo tinha razão. Vivian não tinha um relacionamento perfeito com sua família, mas ainda se importava com eles. Um dia em breve, descobriria a verdade sobre nosso noivado e o engano de seu pai e ficaria arrasada.

Adicionar sexo à mistura só complicaria ainda mais as coisas.

— Dante? — A hesitação surgiu em sua voz com a minha hesitação.

Droga.

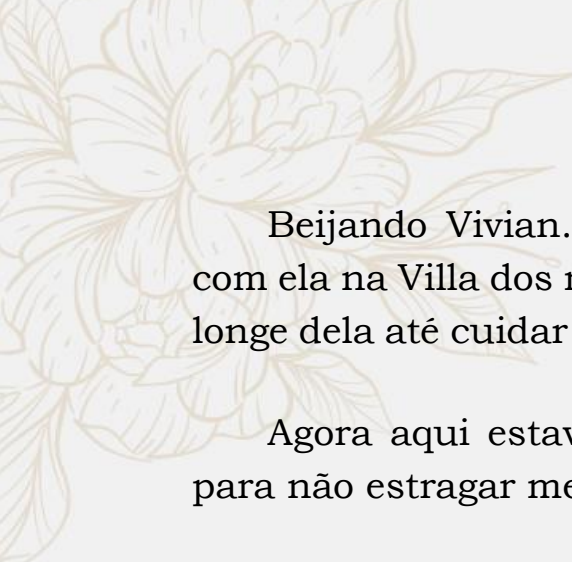
Desenrolei seus braços do meu pescoço e me endireitei, tentando ignorar a dor e a confusão em seu rosto.

— Descanse um pouco. — Disse asperamente. — Tem sido um longo dia.

Não esperei por uma resposta antes de sair da cama, ir para o banheiro e trancar a porta. Virei o chuveiro o mais frio possível, deixando a água gelada explodir alguma porra de sentido em mim.

A autoaversão formou um bloco de concreto no meu peito.

O que *diabos* estava fazendo?



Beijando Vivian. Baixando minha guarda. Quase *transando* com ela na Villa dos meus pais, pelo amor de Deus. Pretendia ficar longe dela até cuidar de seu pai e terminar nossa farsa de noivado.

Agora aqui estava eu, tomando um banho frio à meia-noite para não estragar meus planos mais do que já tinha feito.

Passei minha vida aprimorando meu controle. Enzo Russo incutiu sua importância em mim desde que eu era criança. Mesmo quando ocasionalmente perdia a calma, nunca perdia de vista o objetivo maior, mas também nunca conheci ninguém como Vivian.

De todas as pessoas na minha vida, ela era a única que poderia me fazer perder o controle.

CAPÍTULO 20

Dante

O soco de Kai jogou minha cabeça para trás com tanta força que meus dentes bateram. O gosto de cobre encheu minha boca e quando minha visão finalmente clareou, sua carranca entrou em foco como uma fotografia em uma bandeja de revelação.

— Foi uma esquivada fácil. Onde está sua cabeça hoje?

— Foi um golpe. Não fique arrogante.

— Três. — Grunhiu quando meu gancho de direita o pegou sob o queixo. — E isso não responde à minha pergunta.

Culpei as próximas palavras da minha boca no impacto residual de seu ataque. — Beije Vivian no Dia de Ação de Graças. — *De boa vontade.* Por minha própria vontade.

Tínhamos feito mais do que isso, mas com certeza não discutiria nossa vida sexual com Kai.

O beijo da sessão de fotos de noivado foi forçado. Bali tinha sido... inferno, não sabia o que Bali tinha sido além de uma foda mental.

Vivian estava dormindo ou fingindo estar dormindo depois que saí do banho, e evitamos discutir o que aconteceu na semana

desde então. Ela provavelmente pensou que eu a tinha rejeitado por qualquer motivo e estava muito desconcertado para corrigi-la.

Kai me deu um olhar estranho. — Você beijou sua noiva. E daí?

Porra. O beijo tinha me ferrado tanto que esqueci que ele não sabia que eu desprezava a sua família.

Para ele, nosso noivado era um negócio, mas a maioria dos casamentos arranjados ainda envolvia intimidade física antes do casamento. Se não for sexo, pelo menos algo tão simples como um beijo.

— Foi diferente desta vez.

Não deveria ter feito isso. O beijo, a abertura sobre minha família, tudo isso. No entanto, fiz isso de qualquer maneira. De alguma forma, de alguma forma, Vivian Lau se enterrou sob minha pele, e não sabia como tirá-la sem perder um pedaço de mim no processo.

Um brilho de conhecimento passou pelos olhos de Kai. — Misturar negócios com prazer. Já estava na hora.

— Olha quem está falando. — A ideia de diversão de Kai era traduzir textos acadêmicos para o latim sem nenhum motivo além de que era um exibicionista e entediado como o inferno.

— O que posso dizer? Prefiro a companhia das palavras às pessoas. Exceto por você, é claro.

— É claro. — Estava tão cheio de merda.

Ele riu. — Anime-se, Russo. Gostar da sua noiva não é a pior coisa do mundo.

Talvez não em seu mundo, mas era no meu.



Meus esforços para evitar Vivian se desintegraram quando voltei para casa e prontamente a encontrei no saguão.

— Oh, meu Deus. O que aconteceu? — Sua expressão horrorizada confirmou o que já sabia: eu parecia uma bagunça.

E se ainda tivesse alguma dúvida, o espelho pendurado em frente à porta da frente as estilhaçava. Mandíbula machucada. Olho escurecendo. Um corte na minha testa.

Graças a Deus não tinha uma reunião do conselho nas próximas duas semanas.

— Kai. — Tirei meu casaco e o pendurei na árvore de bronze. Meu tom era indiferente, mas um calor inquietante se desdobrou atrás de minhas costelas com a preocupação dela.

As sobrancelhas de Vivian se juntaram. — Kai bateu em você? Não parece ser do tipo. Ele geralmente é tão calmo e... legal.

Só assim, o calor se transformou em aborrecimento.

— Eu te disse, ele não é tão legal quanto parece. — Disse com a voz entrecortada. — Entretanto, para esclarecer, às vezes,

desabafamos no boxe. Ele acertou mais golpes hoje desde que estava... distraído.

Pensando em você.

— Você faz boxe por diversão. — Vivian colocou o vaso de flores em seus braços na mesa lateral de mármore. — Isso faz muito sentido.

— O que isso deveria significar?

— Isso significa que tem um temperamento. — Endireitou as hastes, alheia à minha carranca. — Tenho certeza de que o boxe ajuda, mas já pensou em aulas de controle da raiva? — Uma nota provocante correu sob sua voz.

— Não preciso de aulas de controle de raiva. — Rosnei. Primeiro, ela foi a razão de Kai ter a vantagem no ringue. Agora, estava me insultando? — Estou no controle total de... — parei com a sua risada. A compreensão despontou. — Está me provocando.

— É muito fácil. — O sorriso de Vivian desapareceu quando me encarou novamente. Seus olhos varreram meu rosto, demorando-se no corte desagradável acima do meu olho. — Deveria colocar gelo em seus hematomas e limpar aquele corte ou vai infeccionar.

— Eu vou ficar bem. — Não eram meus primeiros ou piores ferimentos no ringue.

— Gelo e desinfetante. — Disse com firmeza. — Agora.

— Ou o quê? — Não deveria estar satisfazendo-a, mas era tão cativante quando tentava mandar em mim que não pude resistir.

Seus olhos se estreitaram. — Ou colocarei cada castiçal nesta casa em intervalos irregulares e me certificarei de que seus alimentos toquem em Cada. Refeição. Greta vai me ajudar. Ela gosta mais de mim do que de você.

Retirei o que eu disse sobre ela ser cativante. Era má *pra* caralho.

— Encontre-me no banheiro de hóspedes. Estou pegando o gelo.

Não aceitava bem as pessoas me dizendo o que fazer, mas um relutante pingo de admiração se curvou no meu peito enquanto me dirigia ao banheiro. Inclinei-me contra o balcão e verifiquei meu relógio. Eu tinha uma montanha de papelada para revisar e Deus sabia que deveria ficar longe de Vivian até que resolvesse meus sentimentos agravantes em relação a ela. No entanto, aqui estava eu, esperando por uma maldita bolsa de gelo. Meus ferimentos nem doíam. Muito.

A porta se abriu e Vivian entrou carregando duas pequenas bolsas de gelo.

— Eu disse a você que estou bem. — Resmunguei, mas uma faísca de prazer acendeu em meu peito quando passou os dedos suaves sobre minha mandíbula.

— Dante, sua pele está roxa.

— Preto roxo. — Um sorriso puxou meus lábios em seu olhar cortante. — Precisão é importante, *mia cara*.

— Está tentando obter uma lesão correspondente no outro lado de sua mandíbula? — Perguntou incisivamente, pressionando

um dos pacotes contra o meu rosto. — Se sim, posso ajudar com isso.

— Não é muito esportivo da sua parte ameaçar ferir o corpo enquanto me remenda. Alguns podem até dizer que é hipócrita.

— Não gosto de esportes e sou uma excelente multitarefa.

— No entanto, Asher Donovan e Rafael Pessoa, duas estrelas do esporte, estão na sua lista de maridos dos sonhos.

Eu costumava ser um fã de ambos. Não mais.

— Primeiro de tudo, *tem* que deixar essa lista de lado. Em segundo lugar, segure isso sobre seu olho... — Vivian empurrou a segunda bolsa de gelo na minha mão enquanto umedecia uma toalha — não desvie da questão principal aqui, que é sua total recusa em pedir ajuda.

— Posso lidar com alguns ferimentos. Já passei por coisas piores. — Ainda assim, não resisti quando passou o pano no meu ferimento.

— Quero perguntar o que quer dizer com *pior*?

— Quebrei meu nariz pela primeira vez quando tinha quatorze anos. Algum idiota estava intimidando Luca, então bati nele. Ele me bateu de volta. Ficou feio o suficiente que tive que ir ao pronto-socorro.

Vivian estremeceu. — Quantos anos tinha o outro garoto?

— Dezesseis. — Fletcher Alcott tinha sido um verdadeiro trabalho.

— Um *garoto de dezesseis anos* estava implicando com um garoto de nove anos?

— Os covardes sempre se metem com as pessoas que não podem revidar.

— Triste verdade. — Pegou um curativo do armário de remédios. — Disse que foi a primeira vez que quebrou o nariz. O que aconteceu na segunda vez?

Minha boca se curvou em um sorriso. — Fiquei bêbado na faculdade e cai na calçada.

A risada de Vivian me atravessou como uma brisa fresca em um dia quente de verão. — Não consigo imaginá-lo como um típico estudante universitário bêbado.

— Fiz o meu melhor para apagar qualquer evidência incriminadora, mas as memórias estão lá.

— Tenho certeza que fez. — Colocou o Band-Aid sobre o corte e deu um passo para trás com uma expressão satisfeita. — Pronto. Muito melhor.

— Está esquecendo de uma coisa. — Bati minha mandíbula.

Não sabia por que estava arrastando isso quando não queria estar aqui em primeiro lugar, mas não conseguia me lembrar da última vez que alguém se preocupou comigo. Parecia... bom. Perturbadoramente assim.

A testa de Vivian se enrugou. — O quê?

— Meu beijo.

Rosa rastejou sobre suas bochechas. — Agora é você que está me provocando.

— Nunca provocaria sobre um assunto tão sério. — Disse solenemente. — Um beijo para cada um dos meus ferimentos. É isso. Você negaria a um moribundo seu último desejo?

Seu olhar cintilante tinha um toque de exasperação. — Não seja dramático. É o único que disse que estava, entre aspas, tudo *bem*, mas já que insiste em ser um bebê sobre isso... — aproximou-se novamente. Meu pulso batia na minha garganta quando roçou os lábios sobre minha testa, então minha mandíbula. — Melhor?

— Muito.

— Você é incorrigível. — O riso borbulhou sob sua voz.

— Não é a pior coisa que alguém me chamou.

— Acredito nisso.

Ela virou a cabeça um pouco e nossos olhos se encontraram. O banheiro cheirava a limpador de limão e pomada, dois dos aromas menos sexy conhecidos pela humanidade. Isso não impediu que o calor faísasse em meu sangue ou a memória de seu gosto inundasse minha mente.

— Sobre Bali. — Sua respiração roçou minha pele, quente e hesitante.

Minha virilha apertou. — Sim?

— Estava certo em parar as coisas quando parou. Nosso... o que fizemos foi um erro.

Algo que parecia suspeito como decepção serpenteou pelo meu peito.

— Sei que vamos nos casar, então teremos que... eventualmente. — Vivian pulou os detalhes. — Mas é muito cedo. Bebi muito vinho no Dia de Ação de Graças e fui pega no momento. Foi um... — vacilou quando minhas mãos descansaram em seus quadris. — Um erro. Certo?

Sua pele marcou minha palma através da camada de cashmere.

Um sorriso duro cintilou sobre minha boca. — Certo.

Meu toque demorou um pouco antes de movê-la para o lado e me dirigir para a saída.

Deveria ter parado em Bali e o que aconteceu antes de eu parar foi um erro.

Nós dois estávamos certos.

Isso contudo não significava que eu tinha que gostar.



CAPÍTULO 21

Vivian

Após o Dia de Ação de Graças, o ano passou em um piscar de olhos. Gostaria de dizer que minha primeira temporada de férias como noiva foi especial ou memorável, mas foi mais estressante do que qualquer outra coisa.

As semanas entre a Black Friday e a véspera de Ano Novo foram repletas de trabalho, obrigações sociais e perguntas intermináveis sobre meu próximo casamento. Dante e eu passamos a noite na casa dos meus pais no Natal e foi tão estranho quanto temia.

— Se mamãe se preocupar mais com ele, as pessoas pensarão *que é ela quem* se casará com ele. — Minha irmã Agnes sussurrou enquanto nossa mãe enchia Dante com outra bebida.

Só a chamávamos de mãe uma para o outro e nunca na cara dela.

— Imagine o pai negociando esse acordo. — Sussurrei de volta.

Explodimos em gargalhadas. Estávamos na sala depois do nosso jantar de véspera de Natal; minha mãe e Dante junto à lareira; minha irmã e eu no sofá, e meu pai e Gunnar, marido de Agnes, no outro sofá do bar.

Não via muito Agnes agora que morava em Eldorra, mas sempre que estávamos juntas, voltávamos a ser adolescentes novamente.

— Meninas, querem compartilhar o que é tão engraçado? — Nosso pai perguntou incisivamente, levantando os olhos de sua conversa com Gunnar.

Alto, loiro e de olhos azuis, Gunnar era o oposto polar da minha irmã em termos de aparência, mas compartilhavam um senso de humor semelhante e maneiras descontraídas. Ele assistiu, sua expressão divertida, enquanto minha irmã e eu ficamos sóbrias.

— Nada é engraçado. — Dissemos em uníssono.

Meu pai balançou a cabeça com uma expressão exasperada. — Vivian, coloque sua jaqueta de volta. — Disse. — Está congelando. Vai ficar doente.

— Não está tão *frio*. — Protestei. — A lareira está acesa.

Contudo, coloquei a jaqueta de qualquer maneira.

Além do casamento, meus pais estavam sempre reclamando comigo sobre usar camadas suficientes e tomar bastante sopa. Foi um dos poucos remanescentes de nossos dias pré-riqueza.

Quando olhei para Dante, encontrei-o nos observando com os olhos apertados. Levantei uma sobrancelha e ele deu um pequeno aceno de cabeça. Não tinha ideia do que isso significava, mas minha curiosidade sobre sua reação derreteu no turbilhão da manhã de Natal (onde Gunnar anunciou que comprou outro pônei para Agnes para sua mansão rural) e o *Legacy Ball* e o

planejamento do casamento que dominaram as semanas *após* o Ano Novo.

Antes que percebesse, era meados de janeiro e minha ansiedade atingiu o pico de todos os tempos. Menos de quatro meses até o baile. Menos de sete meses até o casamento. Deus me ajude.

— Precisa de um retiro de spa. — Disse Isabella. — Nada restaura o corpo como um fim de semana no deserto cheio de massagens profundas e ioga.

— Odeia ioga e uma vez saiu de um retiro mais cedo porque era muito “chato e woo”.

— Para *mim*. Não para você. — Isabella estava de bruços no sofá do meu escritório, seus pés chutados no ar enquanto rabiscava em seu caderno. Ocasionalmente, *também conhecido como* a cada dois minutos, parava para saborear seu refrigerante ou morder um pedaço de chocolate amargo. Era hora do almoço, mas disse que não estava com tanta fome e não tive a chance de pedir comida para viagem. — Deveria levar Dante com você. Será uma escapadela de casais.

Ergui os olhos da tabela de assentos do *Legacy Ball*. — Não deveria estar escrevendo o próximo grande *thriller* em vez de fornecer conselhos não solicitados sobre minha vida amorosa?

Às vezes, Isabella usava meu escritório como seu escritório porque o silêncio em seu apartamento era “muito alto”, o que estava bem, desde que ela não me distraísse enquanto estava trabalhando.

— Estou me inspirando na vida real. Talvez possa escrever sobre um casamento arranjado que deu terrivelmente errado. A

esposa mata seu marido depois de ter um caso bizarro com seu porteiro sexy... ou não. — Acrescentou apressadamente quando olhei para ela. — Tem contudo que admitir, sexo e assassinato andam de mãos dadas.

— Apenas para você. — Mudei as notas adesivas com os nomes de Dominic e Alessandra Davenport para a mesa com Kai. *Muito melhor.* A última configuração teve Dominic sentado ao lado de seu maior rival. — Devo me preocupar com seus ex?

— Só aqueles que me irritaram.

— São todos eles.

— São? — Isabella era a imagem da inocência. — Opa.

Um sorriso puxou meus lábios. Sua história de namoro era uma série de bandeiras vermelhas que englobavam pilotos de carros de corrida, fotógrafos, modelos e, em um lapso de julgamento verdadeiramente espetacular, um aspirante a poeta com uma tatuagem de Shakespeare e uma propensão a jorrar frases de *Romeu e Julieta* durante o sexo. O ano passado tinha sido sua maior pausa dos homens desde que a conheci. Ela merecia. Lidar com homens era exaustivo.

Caso em questão: meu relacionamento com Dante. Tentar descobrir onde estávamos era como tentar encontrar meu pé em uma placa de aglomerado no meio do oceano.

Isabella e eu voltamos a ficar em silêncio, mas minha mente continuava vagando em direção a um certo italiano de cabelos escuros. Nós nos beijamos e Dante me deu não um, mas *dois* orgasmos alucinantes, só para se fechar imediatamente depois.

Nada supera a humilhação de lhe pedir sexo apenas para me deixar alta e seca. Pelo menos eu com sucesso (espero) joguei a noite inteira como um erro.

Uma batida interrompeu meu tumulto interior.

— Entre.

Shannon entrou segurando um buquê extravagante de rosas vermelhas. Devia ter pelo menos duas dúzias delas encaixadas em um vaso de cristal fino e seu cheiro instantaneamente cobriu a sala com uma doçura enjoativa. Isabella sentou-se, seus olhos brilhando como um repórter da *Page Six* que tropeçou em um segredo suculento da sociedade.

— Estas acabaram de chegar para você. — Disse Shannon com um sorriso conhecedor. — Onde quer que eu as coloque?

Meu coração saltou na minha garganta. — Minha mesa está bem. Obrigada.

— Oh, meu Deus. — Isabella foi direto para minha mesa no segundo em que a porta se fechou. — Essas rosas devem ter custado centenas de dólares. Qual é a ocasião?

— Não tenho ideia. — Admiti. Surpresa e prazer guerrearam pelo domínio em meu peito.

Dante nunca tinha me enviado flores antes. Nosso relacionamento havia se tornado uma coabitação civil e o ocasional lanche compartilhado tarde da noite desde Bali, mas ainda não éramos um casal “normal” de forma alguma. Não conseguia imaginar por que me enviaria rosas agora. Não era um feriado, aniversários ou aniversário de ninguém.

— Flores só *porque sim*. O melhor tipo. — Isabella passou os dedos sobre uma pétala aveludada. — Quem sabia que Dante Russo era tão romântico?

O prazer superou a surpresa. Procurei as flores extravagantes até encontrar um pequeno cartão com meu nome escrito na frente. Eu o virei, e meu estômago despencou. — Não é de Dante.

— Então quem é... *oh*. — Os olhos de Isabella se arregalaram quando mostrei a ela o bilhete.

Vivian,

Feliz ano novo atrasado. Pensei em você à meia-noite, mas não tive coragem de lhe enviar isso até agora. Espero que esteja bem.

Amor, Heath.

PS: Estou aqui se mudar de ideia.

Um coquetel de decepção, desconforto e confusão se formou no meu estômago. Exceto por um texto de *Feliz Natal*, não tinha falado com Heath desde o mercado de pulgas. O fato de ele me enviar flores fazia ainda menos sentido do que Dante enviá-las.

— *Amor, Heath.* — Isabella torceu o nariz. — Primeiro, ele aparece em Nova York, e *coincidentemente*, encontra você, agora isso. O homem precisa seguir em frente. Estão separados há anos, e você...

— Quem é Heath? — A voz de veludo preto puxou meu olhar para a entrada.

Terno carvão. Ombros largos. Expressão tão sombria quanto sua voz. Meu pulso deslizou em sobrecarga. Dante estava na porta, saco de papel marrom na mão, seus olhos brilhando como cacos de vidro vulcânico contra as rosas suaves. Seu corpo ficou perigosamente imóvel, como a calma antes de uma tempestade.

— Hum... — deslizei um olhar em pânico para Isabella, que pulou da mesa e pegou sua bolsa do chão.

— Bem, isso foi divertido, mas tenho que ir. — Gorjeou em uma voz excessivamente brilhante. — Monty fica mal-humorado se eu não o alimentar a tempo.

Traidora, meu olhar gritou.

Desculpe, ela murmurou. *Boa sorte*.

Nunca mais a deixaria trabalhar no meu escritório.

Ela passou por Dante com um tapinha desajeitado em seu braço e observei, com o estômago revirando, enquanto caminhava em minha direção e colocava o saco de papel ao lado do buquê. Ele virou a nota e a leu sem palavras, sua mandíbula batendo no ritmo a cada segundo que passava.

— É um presente de Ano Novo. — Disse quando o silêncio se tornou muito opressivo para suportar. — Como as taças de champanhe que minha mãe nos comprou.

Tick. Tick. Tick.

Não trai Dante ou propositalmente procurei Heath. Não tinha nada para me sentir culpada. Ainda assim, meus nervos chacoalharam como sinos de vento em um tornado.

— Estas não são taças de champanhe, *mia cara*. — Dante deixou cair a nota como se fosse uma carcaça doente. — Nem são de sua mãe, o que me traz de volta à minha pergunta. Quem é Heath?

Inalei uma respiração suave por coragem. — Meu ex-namorado.

Os olhos de Dante brilharam. — Seu ex-namorado.

— Sim. — Não queria mentir e Dante provavelmente poderia descobrir quem era Heath com um estalar de dedos, de qualquer maneira.

— Por que seu ex-namorado está lhe enviando rosas e bilhetes de amor? — O tom aveludado não mudou, mas a corrente de perigo ondulava mais perto da superfície.

— Não é um bilhete de amor.

— A mim parece muito bem. — Se Dante rangesse os dentes com mais força, virariam pó. — O que ele quer dizer com mudar de ideia?

— Contei a ele sobre nosso noivado alguns meses atrás. — Se eu estava dizendo a verdade, poderia muito bem dizer toda a verdade. — Ele apareceu em Nova York e deu a entender que estaria aberto a dar outra chance ao nosso relacionamento. Recusei. Ele saiu. Fim.

Os olhos de Dante estavam quase pretos agora. — Obviamente não é o fim, dado este *lindo* buquê que enviou para você.

— São apenas flores. — Entendi por que estava chateado, mas estava transformando isso em algo maior do que era. — São inofensivas.

— Algum filho da puta está mandando flores para você e quer me dizer que é inofensivo? — Pegou o cartão novamente. — *Pensei em você à meia-noite. Espero que esteja bem. Amor, Heath.* — O sarcasmo pesou na recitação. — Não é preciso ser um gênio para saber o que estava fazendo enquanto pensava em você à meia-noite.

A frustração superou minha culpa extraviada. — Não posso controlar o que as outras pessoas fazem ou dizem. Disse a ele que não estava interessada em voltar a ficar juntos, e direi a ele novamente se persistir. O que quer que eu faça? Obter uma ordem de restrição contra ele?

— Agora essa é uma excelente ideia.

— É uma ideia *ridícula*.

— Ainda o ama?

A pergunta veio de tão fora de área que só podia ficar boquiaberta até que murmurei a única palavra que pude encontrar. — O quê?

— Ainda o *ama*? — A mandíbula pulsante voltou com vingança.

— Nós terminamos há anos.

— Isso não responde minha pergunta.

Eu me mexi sob o olhar pesado de Dante. Ainda amava Heath? Eu me importava com ele e sentia falta do relacionamento fácil que tínhamos. Nossa separação tinha me devastado, mas não era a mesma pessoa que era quando estávamos namorando, e o tempo tinha entorpecido meu desgosto em um eco distante do que foi.

Quando pensava em Heath, pensava no conforto de ser amada. Não necessariamente pensava *nele*, mas se não *tivesse* que me casar com Dante, e pudesse voltar para Heath sem alienar meus pais, faria isso? Minha cabeça latejava com indecisão.

— Não importa. — Finalmente disse. — Estou noiva de você e não voltarei com Heath.

Minha resposta apenas atíçou o fogo nos olhos de Dante. — Não deixarei minha noiva ansiando por outro homem antes, durante ou depois do casamento.

— Por que isso importa? — Minha frustração borbulhou em uma torrente de palavras. — Terá acesso ao mercado e negócios de qualquer maneira. Pare de fingir que isso é um noivado normal. Não é. Podemos ter beijado e... e ficado mais íntimos, mas *não* somos um casal de amor. Disse-me isso uma e outra vez. Você me tem, mas não pode ditar como me sinto ou em quem penso. Isso *não* faz parte do acordo.

O silêncio reinou no rescaldo do meu discurso, tão grosso que senti o gosto no fundo da minha garganta. Dante e eu nos encaramos, o ar crepitando como um fio elétrico desgastado entre nós. Um movimento errado, e isso me queimaria viva. Eu me preparei para uma explosão ou grito ou algum tipo de ameaça velada.

Em vez disso, depois de segundos que pareceram horas, ele se virou e saiu sem dizer uma palavra. A porta se fechou atrás dele e caí contra minha mesa, de repente exausta. Pressionei as palmas das minhas mãos contra meus olhos, minha garganta apertada.

Cada vez que avançávamos, dávamos dois passos para trás.

Em um minuto, pensava que Dante poderia estar desenvolvendo sentimentos por mim. No próximo, fechava-me como um enteado indesejado no frio.

O homem das cavernas dos antigos comerciais de Geico se comunicava melhor do que ele. O que ele estava fazendo aqui, afinal? O escritório de Dante ficava a poucos quarteirões do meu, mas nunca me visitou no trabalho antes.

Meus olhos prenderam no saco de papel que deixou para trás.

Depois de um momento de hesitação, abri e meu estômago mergulhou da maneira mais estranha. No fundo do saco, aninhados entre talheres embrulhados em papel e uma infinidade de molhos de sachê, estavam duas caixas para viagem do meu restaurante de sushi favorito.

CAPÍTULO 22

Vivian

— Preste atenção, *micetta*²¹, ou cortará seu dedo. — Greta estalou em desaprovação. — Ninguém quer partes humanas em seu jantar.

— Desculpe. — Murmurei. Tentei controlar meus pensamentos errantes e me concentrar na tarefa em mãos.

Se minha mãe pudesse me ver agora, picando alho em um velho suéter de cashmere e jeans, teria um enfarte. Laus não “labutavam” na cozinha nem usavam as roupas da temporada passada, mas eu gostava do conforto irracional de cozinhar.

Convidei Isabella e Sloane para jantar, e decidimos que uma noite de culinária das meninas seria mais divertida do que uma reunião formal. Estávamos certas.

A cozinha cheirava a fundo de um restaurante rústico toscano. Molho de tomate borbulhava no fogão, tigelas de ervas e temperos cobriam as bancadas e a acidez cintilante de limões frescos adicionava um toque extra aos aromas de dar água na boca.

Do outro lado da cozinha, Isabella aparava vagens enquanto Sloane preparava seus martinis exclusivos. Greta, que se recusou

²¹-Gatinha em italiano.

a nos deixar sem supervisão, esvoaçava pela cozinha, verificando uma dúzia de coisas diferentes e nos repreendendo quando não preparávamos a comida adequadamente.

Parecia aconchegante e normal, como um verdadeiro lar. Então, por que me sentia tão fora de ordem?

Talvez porque você e Dante ainda estejam fora, uma voz na minha cabeça provocou.

Participamos de eventos sociais obrigatórios, comemoramos o Dia dos Namorados no *Per Se*²², e assistimos a uma apresentação do Ano Novo Lunar no *Lincoln Center*, mas nosso relacionamento em casa estava frio e distante desde a visita de Dante ao escritório.

Não deveria estar surpresa. Dante se retirava sempre que as coisas não saíam do seu jeito e eu estava muito irritada com sua reação exagerada às flores para procurá-lo. Então aqui estávamos nós, de volta em um impasse.

Piquei o alho com mais força do que o necessário.

— Aqui. — Sloane apareceu ao meu lado e deslizou um martini de maçã no balcão. — Para quando terminar com as facas. Parece que precisa disso.

Eu reuni um pequeno sorriso. — Obrigada.

O cabelo platinado de Sloane estava torcido em seu coque característico, mas havia tirado a jaqueta e descolado o telefone da mão. Em seu mundo, poderia muito bem estar dançando descalça em um bar em Ibiza.

²²-Oriundo do Latim de “e per si”, pretende dizer: por si, de modo individual ou isolado. Em si mesmo, intrinsecamente.

— Onde está seu arrojado futuro marido? — Isabela perguntou. — Ainda de mau humor sobre as flores?

Ela estava determinada a provar que Dante e eu nos tornaríamos um verdadeiro casal de amor até o casamento e o trouxe à tona em todas as oportunidades que teve. Suspeitei que tivesse feito uma aposta com Sloane para ver quem estaria certa, já que a opinião de Sloane sobre o amor pairava em algum lugar entre sua apreciação pelos ratos do metrô de Nova York e pessoas que usavam sandálias com meias.

— Ele não está de mau humor. — Disse, bem ciente da presença de olhos de águia de Greta. — Está ocupado.

Ele *esteve* ocupado por três semanas. Se havia uma coisa em que Dante se destacava, era evitar conversas difíceis.

— Ele está de mau humor. — Isabella, Greta e Sloane disseram em uníssono.

— Confie em mim. Criei Dante desde que usava fraldas. — Greta verificou o molho. — Nunca conhecerá um homem mais teimoso e cabeça-dura.

Não acredito.

— Entretanto... — mexeu a panela com uma colher de pau. — Ele também tem um grande coração, mesmo que não demonstre. Não é... bom com as palavras. Seu avô, que descansa em paz, era um bom empresário, mas não um bom comunicador. Passou essas características para os meninos.

Um nó se formou na minha garganta. Era exatamente por isso que ainda não tinha desistido de Dante. Ele era um comunicador terrível, e sua atitude calorosa e fria me fazia querer arrancar os

cabelos, mas por baixo de tudo, havia alguém por quem valia a pena esperar.

— Está falando com ele porque instalou uma TV na cozinha para você? — Perguntei levemente.

Os olhos de Greta brilharam. — Quando alguém lhe oferece suborno, é rude não aceitar.

O riso flutuou pela cozinha, mas morreu rapidamente quando Dante e Kai apareceram na porta.

Eu me endireitei, meu pulso batendo na garganta. Isabella parou de aparar suas vagens enquanto Sloane tomava um gole de sua bebida, seu olhar frio observando os recém-chegados como se fossem os que entravam em *sua* casa.

— Dante, não sabia que estaria em casa para o jantar. — Greta enxugou as mãos em um pano de prato. — A comida está quase pronta. Vou adicionar mais dois pratos à mesa.

— Não há necessidade. Só paramos para pegar alguns documentos. Vamos jantar no *Valhalla* esta noite. — A atenção de Dante não se desviou de Greta. — Amanhã também voarei para DC a negócios. Estarei fora por uma semana.

— Estou vendo. — Greta me olhou de relance.

Eu me concentrei no meu alho.

O anúncio de Dante foi claramente para meu benefício, mas se ele não fosse maduro o suficiente para se dirigir a mim diretamente como um adulto, não lhe daria a satisfação do meu reconhecimento.

Ao seu lado, o olhar de Kai passou por mim e Sloane até Isabella, que estava sentada no banco mais próximo da entrada. A saia de couro, os brincos pendurados e as botas de salto agulha eram o oposto de seu terno, óculos e lenço de seda enfiado no bolso do peito.

Ela arqueou uma sobrancelha em seu escrutínio antes de pegar um tomate cereja da tigela ao seu lado e colocá-lo em sua boca. Não desviou o olhar dele, tornando o movimento inocente quase sexual. Kai assistiu seu show com a expressão branda de alguém esperando na fila do correio.

Ao seu lado, Dante permaneceu na porta, silencioso e imóvel.

O relógio tiquetaqueou em direção à meia hora. Molhos borbulhavam e chiavam no fogão, e minha faca cortava um ritmo constante contra a tábua de cortar. A tensão era quase tão espessa quanto o fettuccine de Greta.

Greta limpou a garganta. — Bem, tenha um voo seguro para DC. Traga uma lembrança ou duas, hmm? Tenho certeza que as pessoas da casa gostarão.

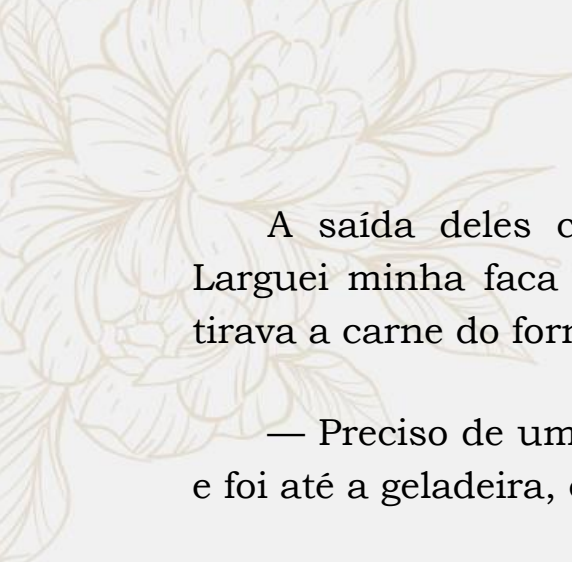
Ela deslizou outro olhar em minha direção.

Suave, Greta.

— Vou manter isso em mente. — Dante disse rigidamente. — Aproveite o jantar.

Ele saiu sem olhar para mim.

— Senhoras. — Kai abaixou a cabeça antes de segui-lo.



A saída deles cortou a tensão que nos mantinha refêns. Larguei minha faca e Greta murmurou algo baixinho enquanto tirava a carne do forno.

— Preciso de um pouco de água. — Isabella desceu do banco e foi até a geladeira, com as bochechas rosadas.

Olhei para a tábua de cortar, tentando organizar minha confusão de emoções.

Deveria estar acostumada com as viagens de negócios de Dante agora, mas a notícia de sua próxima viagem doeu mais do que deveria. Mesmo que não conversássemos, sua presença era uma segurança calorosa no apartamento.

Era sempre um pouco mais frio quando ele não estava em casa.

CAPÍTULO 23

Dante

Não precisava visitar DC.

Poderia ter conduzido meus negócios lá virtualmente, mas gostei da ruptura com a atmosfera tensa em casa. Aproveitei também a oportunidade para checar Christian, a quem havia encarregado de um novo projeto sobre a situação de Francis.

Ele se deitou no sofá à minha frente, seus olhos frios. Estávamos na biblioteca de sua cobertura no centro da cidade e passamos a última hora discutindo *Valhalla*, negócios e segurança, mas a julgar por sua expressão, ainda estava chateado com o que aconteceu no saguão mais cedo.

Eu apenas beijei a mão de uma de suas vizinhas – alguém por quem ele parecia ter um interesse especial. Não era todo dia que via Christian Harper agonizando por uma mulher e seria condenado se deixasse passar sem foder com ele.

Ele superaria isso. Nem estavam namorando.

— Heath Arnet. CEO de uma startup de armazenamento em nuvem que abrirá o capital no final deste ano. — Disse. Ergueu uma sobrancelha. — Desde quando se preocupa com armazenamento em nuvem?

A menção do nome de Heath apagou minha diversão com a resposta de Christian a um simples beijo de mão.

Pensei em você à meia-noite. Com amor, Heath.

Algo escuro e indesejado serpenteou pelo meu peito.

— Não se faça de bobo. — Joguei de volta o resto da minha bebida e coloquei o copo de cristal em uma mesa lateral próxima. — Achou alguma coisa boa?

Pedi a Christian para investigar o passado de Heath. Não levou tempo para descobrir o nome completo de Heath, assim como tudo sobre o trabalho, família e hobbies do homem. Educação americana padrão de classe média. Graduado em Columbia, onde Heath conheceu Vivian. Uma carreira em ascensão como desenvolvedor de software antes de fundar uma startup que atualmente estava indo muito bem, mas esse era o material brilhante e de alto nível. Eu queria o baixo-ventre decadente.

Cristiano sorriu. Poucas coisas o animavam mais do que arrancar os esqueletos do armário de alguém. — Há uma chance de ele estar envolvido em atividades questionáveis que levaram ao crescimento de sua empresa. Não criminoso, mas questionável. O suficiente para afetar severamente o desempenho de seu IPO.

— Bom. Cuide disso antes que venham a público.

Estendi a mão para a água ao lado do meu uísque vazio, mas não fez nada para aliviar a queimação no meu sangue.

— É claro. — Christian me observou, um brilho divertido rastejando em seus olhos âmbar. — Nunca respondeu minha pergunta anterior. Por que se importa tanto com este Heath? Não pode ser porque ele é o ex-namorado de Vivian. O homem por quem

estava loucamente apaixonada até que seus pais a fizeram terminar com ele porque não veio do dinheiro do nível Russo. — Christian girou sua bebida em seu copo. — Ouvi dizer que ele enviou rosas para ela depois do Ano Novo. Rosas bonitas.

A queimadura se intensificou.

— Ele sabe que Vivian é minha noiva e mandou flores para ela mesmo assim. É desrespeitoso.

Não tinha contado a Christian sobre o *Valhalla Club*, Bali, ou qualquer uma das mudanças em meu relacionamento com Vivian. Entregar a ele essa informação seria como entregar dinamite a uma criança com mente destrutiva. Infelizmente, o bastardo possuía um radar assustadoramente preciso quando se tratava das fraquezas de outras pessoas.

Não que Vivian fosse minha fraqueza.

— Hum. — Um sorriso conhecedor brincou na boca de Christian. — Essa é uma razão. Outra razão, que estou mais inclinado a acreditar, é que está começando a desenvolver sentimentos por sua adorável futura esposa.

— Largue o uísque, Harper. Está nublando seu julgamento. — Disse friamente. — Vivian é mais tolerável do que originalmente imaginava, mas nada mudou. Não tenho intenção de me casar com ela *ou* me ligar aos Laus.

Por alguma razão, o sentimento tinha um sabor menos doce do que seis meses atrás. Amargura fez com que suas palavras fossem maculadas por engano, embora quis dizer o que eu disse.

Estava atraído por Vivian. Eu tinha aceitado isso sobre mim, até gostava dela, mas não o suficiente para aguentar a chantagem do pai.

Não importava, de qualquer maneira. Uma vez que demolisse o império de seu pai, ela não iria querer nada comigo. Era muito leal à sua família. Esse era o custo do negócio. A parte de trás do meu pescoço coçava.

Empurrei minhas mangas para cima, desejando que não estivesse tão quente aqui. Christian deve ter seu aquecedor no máximo.

— Se você diz. — Falou lentamente. — Não se preocupe, estamos perto. Em breve, se livrará de toda a sua família e poderá ter sua casa para você novamente.

Uma dor estranha apertou meu peito.

— Ansioso por isso. — Disse secamente. Servi-me de outro copo de *Glenlivet*, mas uma chamada foi interrompida antes que pudesse tomar um gole.

Edward.

Nunca ligou, a menos que houvesse uma emergência. Aconteceu alguma coisa com Vivian?

Gelo rastejou em minhas veias. Eu rapidamente me desculpei e entrei no corredor.

— O que foi? — Exigi uma vez que Christian estava fora do alcance da voz. — Vivian está bem?

— Srta. Vivian está bem. — Edward me assegurou. — No entanto, houve um... — soltou uma pequena tosse. — Desenvolvimento que pensei que deveria estar ciente. Ela tem uma visita.

Esperei impacientemente que terminasse. Vivian recebia visitas o tempo todo. Nenhuma delas justificava um telefonema, a menos que...

— Pelo que percebi, é um ex-namorado. Acredito que o seu nome seja Heath.

Demorou um pouco para que as implicações fossem absorvidas. Uma vez que o fizeram, a fúria deslizou sob minha pele como um veneno lento e rastejante. O que *diabos* Heath estava fazendo na minha casa? Ele deveria estar na porra da Califórnia.

Eu mataria Christian. Deveria saber que Heath estava em Nova York, e não disse nada sobre isso.

— Normalmente, não o incomodaria com esse assunto, mas ele foi bastante insistente *em* ver a Srta. Vivian. Ela concordou em deixá-lo entrar, mas... — Outra tosse delicada. — Dada a sua chegada *inesperada*, queria alertá-lo.

Sangue tamborilou em meus ouvidos, distorcendo a voz de Edward.

Eu estava em DC. Vivian estava em Nova York com seu ex. Decide-me em dois segundos.

— Fique de olho neles e não o deixe sair até que eu esteja em casa. — Ordenei. — Estou voando de volta hoje à noite.

Era um voo comercial de oitenta minutos entre as cidades. Meu jato poderia chegar em cinquenta.

— Sim, senhor.

Desliguei e voltei a entrar na biblioteca. Parte de mim queria estrangular Christian por me reter informações propositalmente, mas tinha um problema mais urgente em mãos.

— Eu tenho que voltar para Nova York. — Peguei minha jaqueta na parte de trás do sofá. — Há um... assunto pessoal com o qual preciso lidar.

Christian ergueu os olhos de seu telefone e o deslizou no bolso. — Desculpe ouvir isso. — Disse suavemente. — Eu o acompanho até a porta.

Alfinetadas de raiva e algo mais vibraram sob minha pele em nosso caminho para o vestibulo.

Medo.

Do que diabos estava com medo? Heath queria uma segunda chance com Vivian; não iria machucá-la fisicamente. Confiei em Edward para administrar a situação; uma ligação dele e minha equipe de segurança doméstica faria Heath desejar nunca ter pisado a leste das Montanhas Rochosas.

E se Vivian *quisesse* vê-lo? Nosso relacionamento não tinha sido o mais caloroso desde nossa discussão no escritório. Poderia ter chamado Heath enquanto eu estava fora. Heath poderia convencê-la a lhe dar outra chance neste minuto. Não deveria importar, considerando que nossa partida estava condenada desde o início.

Por alguma razão, contudo, isso aconteceu.

Christian e eu chegamos à porta da frente.

— Esse assunto pessoal... — disse enquanto saía para o corredor. — Não seria o ex-namorado de Vivian aparecendo na sua casa, não é?

Surpresa interrompeu meus passos, seguido por uma fria explosão de fúria. Eu me virei, meu olhar penetrando em Christian. — Que *porra* você fez, Harper?

— Apenas facilitei uma reunião entre sua noiva e um velho amigo. — Disse casualmente. — Já que gostou tanto de foder comigo, pensei em retribuir o favor. Ah, e Dante? — Seu sorriso carecia de qualquer sugestão de humor. — Toque em Stella novamente e não terá mais *uma* noiva.

A porta bateu na minha cara.

Vermelho pontilhava minha visão até cobrir as paredes e o chão de carmesim.

Aquele *filho da puta*.

Em circunstâncias normais, não deixaria sua ameaça passar, mas não tinha tempo para suas besteiras. Lidaria com Christian mais tarde.

Levou dez minutos para chegar ao meu jato, cinquenta para pousar em Nova York e outros trinta para chegar ao meu apartamento.

Muito tempo para que minha fúria atingisse uma fervura completa.

Deveria ter lidado com a situação de Heath em vez de delegar a Christian. Ele era bom em seu trabalho, mas armava toda e qualquer informação à sua disposição. Então havia a porra do Heath. Não tinha recebido nenhuma atualização urgente de Edward, mas o pensamento de ele estar tão perto de Vivian por quase duas horas me deixou com os dentes no limite.

Quando cheguei ao meu apartamento, Edward me cumprimentou na porta, seu rosto cuidadosamente em branco. — Boa noite, senhor.

— Onde eles estão?

Não piscou um olho com a minha resposta curta. — Sala de estar.

Eu tinha ido antes que a última palavra saísse completamente de sua boca. O que Heath e Vivian estavam fazendo todo esse tempo? O que estavam falando? Estavam em contato desde que lhe enviou aquelas rosas?

Parei na porta da sala. Meus olhos imediatamente encontraram Vivian, que estava encostada na parede ao lado da lareira. Heath se elevou sobre ela, seu corpo parcialmente obscurecendo-a de vista.

O fogo acendeu baixo em meu estômago. Caminhei em direção a eles, meus passos silenciosos contra o tapete grosso, meus músculos se contorcendo a cada passo.

— Eu te disse, não enviei mensagem alguma. — A exasperação suave de Vivian flutuou em meus ouvidos quando me aproximei. Nenhum deles notou minha chegada. — Não sei o que aconteceu, mas a mensagem não é minha.

— Não precisa mentir para mim. — A voz de Heath espetou minha pele como pequenas vespas irritantes. Queria alcançar sua garganta e puxar sua língua para fora. — Não quer se casar com Dante. Nós dois sabemos disso. Só está com ele por causa de seus pais. Olha, apenas... espere até meu IPO, está bem? Adie o casamento.

— Não posso fazer isso. — A exasperação transformou-se em cansaço. — Eu me importo com você, Heath. Sempre me importarei. Foi meu primeiro amor, mas não... não posso fazer isso com Dante ou minha família.

— Foi? — A voz de agulhas se apertou.

— Heath...

— Ainda te amo. Sabe disso. Sempre te amei. Se não fosse por seus pais... — Sua cabeça abaixou. — Droga, Viv. Era para sermos nós.

— Eu sei. — A espessura de sua voz fez meu estômago torcer. — Mas não é.

— Você o ama?

Meu estômago torceu ainda mais com a longa pausa de Vivian.

— Você não sabe. — Heath disse. — Se amasse, não hesitaria.

— Não é tão simples assim.

Eu tinha ouvido o suficiente.

— Da próxima vez que tentar roubar a noiva de um homem — disse, minha voz mortalmente calma apesar da raiva que me

atravessava. — Não seja estúpido o suficiente para fazer isso na casa dele.

Heath se virou.

Surpresa passou por seus olhos, mas não teve a chance de reagir antes de eu puxar meu braço para trás e bater meu punho em seu rosto.



Vivian

Um estalo repugnante rasgou o ar, seguido por um uivo de dor. Sangue jorrou do nariz de Heath, e o cheiro de cobre encharcou meus arredores, infiltrando-se sob minha pele e me deixando imóvel.

Só podia assistir, horrorizada, enquanto Dante puxava um Heath balbuciante pelo colarinho e o prendia contra a parede.

A raiva esculpiu linhas duras no rosto de Dante, endurecendo sua mandíbula e transformando suas maçãs do rosto em cortes de tensão contra a luz do fogo. Seus olhos fervilhavam com uma fúria que queimava lentamente, do tipo que se esgueirava e aniquilava antes mesmo de saber que tinha chegado.

Ele sempre foi intimidador, mas naquele momento, parecia maior que a vida, como se o próprio diabo tivesse deixado o inferno para exigir sua retribuição.

— Não dou a mínima para quanto tempo você e Vivian se conhecem ou há quanto tempo namoraram. — O rosnado suave de Dante enviou gelo deslizando pela minha espinha. — Você não a toca. Não fala com ela. Nem sequer pensa nela. Se fizer isso, quebrarei cada maldito osso do seu corpo até que sua própria mãe não o reconheça. Entendeu?

Gotas de carmesim escorriam do queixo de Heath para baixo de sua camisa.

— Você está fora de si. — Cuspiu. Apesar de sua bravura, suas pupilas eram do tamanho de moedas. O medo vazou dele, quase tão potente quanto o cheiro de sangue. — Vou processá-lo por agressão.

O sorriso de Dante era aterrorizante em sua calma. — Pode tentar.

Apertou a camisa de Heath, seus dedos já machucados pela força de seu soco. O ar se aguçou com uma violência fresca e iminente, o suficiente para finalmente me arrancar do meu estupor congelado.

— *Pare.* — Encontrei minha voz quando Dante puxou seu braço para trás para outro soco. — Deixe-o ir.

Ele não se moveu. — *Agora.*

Uma batida pesada passou antes que ele soltasse Heath, que caiu no chão, tossindo e apertando o nariz. A julgar pela rachadura anterior, tinha que estar quebrada, mas achei difícil reunir simpatia depois de lidar com ele nas últimas duas horas.

— Isto não é um recreio escolar. — Disse. — Vocês dois são homens adultos. *Aja* como tal.

Meu dia tinha sido suficientemente uma merda. Primeiro, alguém derramou café no meu vestido *branco* novinho em folha da *Theory* durante minha corrida matinal com café. Então, descobri que um cano havia estourado no local original do *Legacy Ball*. O local foi inundado e levaria meses para ser consertado, o que significava que eu tinha três meses para encontrar e transferir todos os preparativos de gala para um novo local que 1) estivesse disponível em tão pouco tempo 2) coubesse no meu orçamento e 3) tivesse o espaço e grandeza necessários para receber quinhentos convidados extremamente exigentes e críticos.

Cheguei em casa esperando relaxar, apenas para ver Heath aparecer na porta divagando sobre uma mensagem que supostamente enviei, dizendo a ele que queria me reconciliar.

Agora, meu noivo e ex-namorado estavam na garganta um do outro, e havia sangue pingando por toda parte. Desnecessário dizer que minhas reservas de simpatia estavam no nível mais baixo de todos os tempos.

— Heath, deveria ir ver seu nariz. — Cada segundo que ele e Dante ficavam no mesmo cômodo era outra oportunidade para mais problemas.

Eu iria com ele para o hospital, mas considerando o humor atual de Dante, oferecer-se para sair com ele machucaria mais do que ajudaria.

Heath olhou para mim, seus olhos torturados. — Viv...

Um estrondo de advertência emanou do peito de Dante.

— Vá. — Disse. — Por favor.

Ele abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, mas o olhar mortal de Dante o fez se levantar e sair da sala sem outra palavra. Esperei até ouvir a porta da frente bater antes de me virar para o outro homem irritante e indutor de enxaqueca na minha vida.

— O que há de *errado* com você? Não pode sair por aí socando as pessoas! Provavelmente quebrou o nariz dele!

— Posso fazer o que eu quiser. — Dante disse, a imagem de falta de remorso. — Ele mereceu.

Uma dor de cabeça se formou atrás das minhas têmporas.

— Não, *não pode*. Novidade, ter dinheiro não o absolve das consequências. Há uma... uma maneira adequada de fazer as coisas que não inclui violência. Tem sorte se ele *não* processá-lo por agressão.

— *Tenho* sorte? — Dante rosnou. — *Ele tem* sorte de eu não ter quebrado mais do que o seu nariz por entrar na minha casa e tentar arruinar nosso noivado.

— Não estou dizendo que ele está certo. Estou dizendo que havia uma maneira melhor de lidar com a situação do que se abrir para uma acusação de agressão!

Dante tinha advogados e dinheiro suficientes para livrar-se de tal acusação como se não fosse nada, mas esse não era o ponto. Era o princípio da questão.

— Ele estava tocando em você. — Os olhos de Dante escureceram à meia-noite. — *Queria* que ele tocasse em você?

Ah, pelo amor de Deus.

— Não pode fazer isso. — Disse com os dentes cerrados. — Não pode invadir e agir como um noivo ciumento quando está me ignorando há *semanas*. Tentei falar com você sobre Heath depois das flores. Você recusou e fugiu para DC.

Seus lábios se estreitaram. — Não tenho ignorado você e não *fugi* para DC.

— Você me ignorou, evitou contato visual e verbal e se comunicou em grunhidos de homem das cavernas ou por meio de terceiros no máximo. Essa é a definição do livro didático de ignorar.

Dante olhou para mim, seu rosto como granito. A frustração borbulhou no meu peito e subiu pela minha garganta.

— Você se abre e depois se fecha. Beija-me e depois vai embora. Estamos fazendo essa dança de vai-e-vem há meses e estou *cansada* disso. — Levantei meu queixo, meu coração vacilando sob um ataque de nervos. — Só quero saber, de uma vez por todas. Isso ainda é apenas um negócio, ou é mais?

Um músculo se contraiu na mandíbula de Dante. — Não importa. Vamos nos casar de qualquer maneira.

— Isso *importa*. Não vou mais jogar esse jogo com você. — Minha frustração se transformou em raiva, transformando minhas palavras em lâminas. — Se isso for um negócio, vamos tratá-lo como tal. Produziremos um herdeiro, sorriremos para as câmeras em público e viveremos nossas vidas separadamente em particular. É isso.

Não era a vida que eu teria escolhido, mas estava muito fundo para voltar atrás agora. Pelo menos assim, saberia onde estamos e ajustaria minhas expectativas de acordo. Chega de analisar cada

migalha de intimidade, procurando por algo que não estava lá. Chega de esperar que Dante mude e eu seja uma das sortudas cujo casamento arranjado se transformou em amor.

— Viver nossas vidas separadamente em particular? — A voz de Dante caiu para um decibel perigoso. — Que porra isso significa?

— Significa exatamente o que parece. Fazemos o que queremos, discretamente, e não questionamos o outro sobre isso, desde que não afete nossa... imagem pública.

Minhas palavras vacilaram com a tempestade se formando em seus olhos. — Está falando sobre um caso, Vivian?

Arrepios explodiram em alarme sobre meu peito e ombros. — Não, e esse não é o ponto. Responda a minha pergunta. Isso é negócio ou é algo mais?

Ele permaneceu em silêncio.

— Heath estava errado pelo que tentou fazer, mas está chateado porque... por quê? Está ameaçado? Territorial? — Minhas unhas cravadas em minhas palmas. — Não sou um brinquedo, Dante. Não pode me jogar de lado e me pegar de volta apenas quando alguém me quer.

— Eu não acho que seja um brinquedo — Grunhiu.

— Então por que se importa? Por que deu um soco em Heath quando foi você que me disse para deixar nossos sentimentos de fora disso?

Mais silêncio. As cordas de seu pescoço visivelmente esticadas contra sua pele. A tensão era tão espessa que podia sentir o gosto

na minha garganta, mas empurrei para frente, sem vontade de deixá-lo escapar tão facilmente.

— Estamos juntos apenas por causa de um acordo que *you* fez com meu pai. O que importa para você se meu ex aparecer de volta na minha vida? Sabe que o casamento avançaria de qualquer maneira — disse. — Tem medo que eu rompa o noivado? Fuja com Heath e deixá-lo parecendo um tolo na frente de seus amigos? *Por que se importa?*

— Não sei! — A força de sua resposta me surpreendeu em silêncio.

A máscara de granito de Dante rachou, revelando o tormento por baixo.

— Não sei por que me importo. Só sei que *sim* e odeio isso. — Autoaversão cobriu sua voz — Odeio a ideia de você tocar em qualquer outra pessoa, ou qualquer outra pessoa tocar em você. Odeio que outras pessoas possam fazê-la rir de uma maneira que não consigo. Odeio como me sinto perto de você, como se fosse a única pessoa que pode me fazer perder o controle quando eu. *Não. Perco. O. Controle.*

Cada palavra, cada passo o trouxe para mais perto até que minhas costas pressionaram contra a parede e o calor de seu corpo envolveu o meu.

— Contudo eu perco. — Sua voz caiu, tornando-se irregular. — Contigo.

Meu sangue trovejou em meus ouvidos, abafando suas palavras até que estava debaixo d'água e me afogando em um mar de emoções. Choque, esperança, medo, euforia, incerteza... todos se misturaram até serem indistinguíveis um do outro.

— “*Não sei*” não é bom o suficiente. — Sussurrei.

Era uma vez, teria sido mas havíamos passado por esse marcador há muito tempo. A mandíbula de Dante se apertou. Tão perto, podia ver os traços de ouro em seus olhos, como manchas de luz em um mar de escuridão.

— Heath disse que ainda te ama; o suficiente para ir contra seus pais e contra mim, para estar com você, mas terminaram há dois anos e ele não fez nada sobre isso até descobrir que estava noiva. — A escuridão apagou a luz. — Quer saber a verdade, Vivian? Se eu te amasse tanto quanto ele afirma amá-la, nada me impediria de mantê-la.

Não tinha percebido até aquele momento como era fácil para uma simples frase dissolver os fios que mantinham meu mundo unido.

Se eu te amasse tanto quanto ele afirma amá-la, nada me impediria de mantê-la.

— Se. — Respirei, minha garganta insuportavelmente apertada. — Hipotético.

O ouro desapareceu completamente, deixando poças de meia-noite em seu rastro.

Um sorriso sardônico. — Sim, *mia cara*. — Calor roçou meus lábios. — Hipotético.

Meu batimento cardíaco desacelerou.

Tempo suspenso por um breve e agonizante momento, apenas o suficiente para nossas respirações se misturarem.

Então um gemido quebrou o feitiço, seguido por uma maldição baixa.

Esse foi o único aviso que recebi antes de Dante me puxar para ele e bater sua boca na minha.



CAPÍTULO 24

Vivian

Deveria empurrá-lo.

Ainda não tínhamos resolvido o cerne de nossos problemas, e beijar - ou mais - só complicaria ainda mais as coisas.

Deveria empurrá-lo, mas não empurrei.

Em vez disso, enfiei meus dedos em seu cabelo e sucumbi ao ataque hábil em meus sentidos. O aperto firme na parte de trás do meu pescoço. A pressão experiente de seus lábios. A forma como o corpo de Dante se moldou ao meu, todo músculo duro e calor.

Sua boca se moveu sobre a minha, ardente e exigente. O prazer embaçou meus sentidos quando o seu sabor rico e ousado invadiu minha boca. Nosso beijo em Bali foi apaixonado, mas impulsivo. Este? Este foi difícil. Primitivo. *Viciante.*

Minhas preocupações de mais cedo naquele dia derreteram em nada e instintivamente curvei meu corpo no dele, buscando mais contato, mais calor, *mais.*

Beijei meu quinhão de homens ao longo dos anos, mas nenhum jamais me beijou assim. Como se fossem um conquistador determinado a romper minhas defesas. Como se

estivessem presos no deserto e eu fosse sua última esperança de salvação.

Um suspiro suave escapou quando Dante enganchou minhas pernas ao redor de sua cintura e me carregou para fora da sala sem interromper nosso beijo.

Vislumbres borrados de pinturas em molduras e arandelas de parede douradas passaram pela minha visão periférica enquanto ele nos conduzia pelo labirinto de corredores.

Quando chegamos ao seu quarto, chutou a porta atrás de nós e me colocou no chão, sua respiração tão irregular quanto a minha.

Sob quaisquer outras circunstâncias, teria saboreado minha primeira vez em seu santuário privado, mas peguei apenas uma leve impressão de carvalho e carvão caros antes de sua boca estar na minha novamente.

Empurrei sua jaqueta de seus ombros enquanto abria o zíper do meu vestido. Nossos movimentos eram frenéticos, quase desesperados, enquanto rasgávamos nossas roupas. A sua camisa. Meu sutiã. Suas calças. Caíram com puxões e arrancos, deixando apenas o calor e a pele nua para trás.

Nós nos separamos para que Dante pudesse enrolar uma camisinha, e minha boca secou com a visão diante de mim. Eu o tinha visto sem camisa em Bali, mas isso era diferente de alguma forma. Seu corpo foi esculpido com tanta perfeição que meio que esperava encontrar a assinatura de *Michelangelo* à espreita em um de seus abdominais esculpidos.

Ombros largos. Peito musculoso. Pele bronzeada e uma leve camada de cabelo preto que afunilava até... *Oh Deus.*

Seu pau se projetava, enorme e duro e a mera ideia dele dentro de mim enviou frissons gêmeos de apreensão e antecipação em espiral pelo meu estômago. Não havia como ele se encaixar. Era impossível.

Quando finalmente arrastei meu olhar de volta para ele, seus olhos estavam focados em mim, escuros e ardendo com o desejo acumulado. Uma chama derretida escorreu pela minha espinha quando me girou para que sua ereção cavasse na parte inferior das minhas costas.

Um espelho de corpo inteiro estava pendurado na parede oposta a nós, refletindo meus olhos brilhantes e bochechas coradas enquanto Dante apalpava meus seios, apertando-os suavemente e rolando meus mamilos entre seus dedos até que endurecessem. Luxúria, antecipação e uma pitada de vergonha se acumularam no meu estômago. Observá-lo explorar meu corpo, seu toque quase arrogante em sua segurança preguiçosa, era de alguma forma mais íntimo do que sexo real.

— Não deveria tê-lo deixado tocá-la, *mia cara*. — A voz suave de Dante enviou arrepios na minha pele um segundo antes de ele beliscar os bicos sensíveis, com força.

Instintivamente estremeci com o choque de dor e prazer. — Eu não... — Minha resposta derreteu em um suspiro ofegante quando mergulhou a mão entre as minhas pernas.

— Quer saber por quê? — Continuou, como se não tivesse tentado responder.

Meus dentes cavaram em meu lábio inferior. Sacudi minha cabeça, meus quadris balançando quando pressionou o polegar contra meu clitóris.

— Porque você é *minha*. — Seus dentes marcaram meu pescoço. — Usa *meu* anel. Gozou no *meu* rosto e mão. Vive na porra da *minha* cabeça o tempo todo, mesmo que não queira... — Sua palma deslizou para o meu quadril, onde seus dedos cavaram sulcos na minha pele. — E Deus, quero puni-la por me deixar tão louco. Todo. Dia.

Não tive a chance de registrar completamente sua última frase antes que batesse em mim e arrancasse um grito da minha garganta. Estava tão molhada que ele deslizou sem muita resistência, mas a sensação foi tão repentina e intensa que me apertei sem pensar.

Ele soltou um suspiro, mas não se moveu até que meu corpo se acostumou ao seu tamanho e meus gemidos de desconforto desapareceram. Só então puxou para fora e empurrou de volta. Lentamente no início, depois mais rápido e mais profundo até que estabeleceu um ritmo que fez meus joelhos fraquejarem.

Todos os pensamentos desapareceram da minha mente enquanto ele martelava em mim tão fundo que atingiu pontos que não sabia que existiam. Meus olhos se fecharam, apenas para abrir novamente quando uma mão se fechou em volta do meu pescoço.

— Abra seus olhos. — Dante rosnou. — Olhe no espelho quando eu estiver fodendo você.

Eu olhei. A visão que me recebeu foi quase o suficiente para me levar ao limite. Meus seios saltavam com cada impulso e meus olhos estavam vidrados de luxúria e lágrimas não derramadas enquanto torcia cada grama de prazer de mim. Um fluxo interminável de gemidos e suspiros saiu da minha boca entreaberta.

Não parecia a garota boa e respeitável que fui criada para ser. Eu parecia devassa, carente e arrebatada além da compreensão.

Meu olhar travou com o de Dante no espelho.

— Gosta disso? — Provocou. — Vendo-me destruir sua boceta enquanto faz uma bagunça em todo o meu pau?

Meus pulmões não conseguiam oxigênio suficiente para responder com qualquer coisa além de um ruído estrangulado. A foda era muito intensa e tudo que eu queria era que ele continuasse. Para me empurrar mais e mais até que caísse no penhasco à frente.

— Sou o único que pode vê-la assim. — Sua voz ficou áspera. — Você... — *thrust*²³ — é — *thrust* — *minha* — *thrust* — esposa.

A força de sua foda aumentou com cada palavra até que o último impulso me lançou para frente. Se não fosse por ele, teria caído no chão.

— Não sou... sua esposa ainda. — Consegui falar acima do trovejar do meu coração.

O aperto de Dante aumentou ao redor da minha garganta. — Talvez não. — Disse sombriamente. — Mas você é minha. Perguntou se ainda era apenas negócios... — arrastou seu pênis lentamente, deixando-me sentir cada centímetro dele, antes de bater de volta. Sensações elétricas dispararam através de mim, transformando meu corpo em um fio vivo. — Isso parece um negócio?

Não, não parecia.

²³-Pode ser traduzido por impulso, golpe, enfiar, meter. No caso, em inglês acabou por fazer mais sentido.

Parecia esperança. Parecia desejo. Parecia ruína e salvação ao mesmo tempo.

O ritmo de Dante diminuiu, mas o poder em cada impulso permaneceu cruel. Ainda assim, suas próximas palavras continham uma sombra de vulnerabilidade que tirou o que restava do meu fôlego.

— Não sabe o que faz comigo. — A crueza de sua voz combinava com o desejo em seus olhos escuros e insondáveis e tão visceral que senti em meus ossos.

Foi esse olhar e essas palavras, ditas com aquela voz, que finalmente me levaram ao limite. Gozei com um grito agudo, meu corpo estremecendo ao seu redor. Ele seguiu logo depois, seu pau pulsando dentro de mim até que estávamos ambos exaustos e ofegantes.

Nós nos abraçamos, nossas respirações gradualmente se nivelando em uníssono enquanto descíamos de nossas alturas.

— Olhe para nós, *mia cara*. — O comando suave de Dante roçou minha pele.

Olhei. Nossos reflexos nos encaravam, atordoados e escorregadios de suor. Seus braços me envolveram por trás, e sua bochecha pressionou contra a minha à medida que nossos olhares se conectavam no espelho.

Algo que era tanto dor quanto plenitude puxou meu coração.

O que tivemos não foi sexo suave e emocional, pelo menos não na superfície, mas sob as mãos ásperas e palavras sujas, uma tempestade de emoções explodiu e derrubou todo o nosso relacionamento.

Seis meses de frustração reprimida, luxúria, raiva e tudo mais, tudo desencadeado em uma noite.

Não saberia as consequências até de manhã.

Sabia contudo que não havia como as coisas voltarem a ser como antes.



CAPÍTULO 25

Vivian

A luz do amanhecer projetava sombras suaves no chão. A quietude pesava no ar e cada movimento soava muito alto enquanto me afastava do colchão.

Passava cinco minutos das sete, o mais cedo que tinha acordado em um fim de semana desde meu voo de madrugada para Eldorra para o casamento de Agnes anos atrás, mas precisava sair antes que Dante acordasse.

Meus pés roçaram o tapete.

— Onde vai? — O ronco áspero e sonolento da voz de Dante tocou minhas costas.

Congelei, meus dedos dos pés se enrolando na dobra tripla de pelúcia enquanto meu coração disparou em um galope.

Fique calma. Fique calma.

Mesmo que sua voz despertasse uma série de memórias pornográficas.

Olhe no espelho quando eu estiver fodendo você.

Gosta disso? Vendo-me destruir sua boceta enquanto faz uma bagunça em todo o meu pau?

Calor rastejou sobre minhas bochechas, mas tentei uma expressão neutra quando me virei.

Dante se sentou contra a cabeceira da cama, lençóis de seda cor de carvão amarrotados ao redor de sua cintura. Uma extensão lisa de pele morena se estendia sobre os planos nus e esculpido de seus ombros e afunilava até uma cintura fina. Seu corte em V estava sob os lençóis como um convite para continuar de onde paramos na noite passada.

Forcei meu olhar para cima apenas para encontrar seus olhos esperando pelos meus. Um sorriso malicioso puxou seus lábios quando se inclinou para trás, exalando arrogância casual e pura satisfação masculina.

Bastardo presunçoso.

No entanto, isso não impediu que as borboletas entrassem em erupção no meu estômago.

— Vou trabalhar. — Disse sem fôlego, lembrando de sua pergunta. — Crise do *Legacy Ball*. É urgente.

— É sábado.

— As crises não funcionam em um horário de semana de trabalho. — Discretamente puxei a barra do meu top.

Usava uma das velhas camisetas universitárias de Dante, e ficava em algum lugar entre escandalosa e no meio da coxa.

Seus olhos se moveram para baixo e escureceram. O calor se espalhou do meu rosto para algum lugar ao sul do meu estômago.

— Talvez não, mas não é por isso que está saindo da minha cama às sete da manhã, *mia cara*. — Parte do sono evaporou de sua voz, deixando cetim e fumaça para trás.

— Não? — Minha voz chiou como uma dobradiça de porta precisando de óleo.

— Não. — Seu olhar encontrou o meu novamente. O desafio brilhou em suas profundezas.

Quem está correndo agora?

As palavras não ditas afundaram em meus ossos.

— Você queria conversar. — Disse. — Vamos conversar.

Engoli os nervos alojados na minha garganta. *Muito bem, então.*

Imaginei nossa conversa acontecendo um pouco diferente. Estaria empolgada e cheia de indignação – e vestida com minha melhor roupa, é claro – não sentada na beirada de sua cama, cheirando como ele e vestindo sua camiseta enquanto a memória de seu toque estava impressa em minha pele, mas ele estava certo. Precisávamos conversar, e não adiantava adiar o inevitável.

Falei primeiro sobre o elefante na sala.

— Heath veio ontem à noite porque ele disse que lhe enviei uma mensagem sobre querer voltar a ficar juntos.

Uma sombra cruzou o rosto de Dante com a menção de Heath, mas não interrompeu.

— Não enviei. Bem... — alterei minha declaração. — Ele me mostrou seu telefone e há *uma* mensagem que parece ser minha, mas nunca a enviei. Talvez fosse uma brincadeira ou um *hack*. Não sei, mas não importa. Minha resposta à sua... proposta não mudou desde a última vez que conversamos. Ele se recusou a aceitar isso, e ficamos indo e voltando por horas até você aparecer.

Deveria ter expulsado Heath muito antes de Dante voltar para casa. No entanto, nunca superei minha culpa pela forma como meus pais o trataram quando descobriram sobre nosso relacionamento.

Vivian é uma Lau. Está destinada a se casar com alguém grande, não um suposto empresário com uma empresa que ninguém ouviu falar. Você não é bom o suficiente para ela, e nunca será.

Dois anos depois, a lembrança das palavras duras de meu pai ainda me fazia estremecer.

— Disse não porque não sente mais nada por ele ou porque se sente obrigada a manter nosso acordo? — O rosto de Dante era ilegível.

— Isso importa? Vamos nos casar de qualquer maneira. — Joguei suas palavras da noite passada de volta para ele.

Sua boca se apertou. — Não perguntaria se não importasse.

— No entanto, não respondeu à minha pergunta sobre se isso ainda é um negócio.

Dante indiretamente admitiu que não foi na noite passada, mas levei qualquer coisa que alguém disse durante o sexo com um grão de sal.

Seus lábios se separaram em uma respiração sardônica. — Quantas vezes me fará dizer isso?

— Só uma vez. — Disse suavemente.

Ele me olhou com olhos escuros e encobertos. O relógio tiquetaqueava com uma precisão ensurdecadora, e minha camiseta de algodão macio de repente parecia pesada demais.

— *Negócio* seria ficar na Califórnia e celebrar um acordo no qual trabalhei um ano em vez de correr de volta para vê-la. — Finalmente disse, sua voz baixa e carregada. — *Negócio* seria completar minha viagem a DC em vez de acordar meu piloto para um voo de última hora para casa. Em todos os meus anos como CEO, só interrompi uma viagem de trabalho duas vezes, Vivian, e ambas as ocasiões foram por sua causa. — Uma torção irônica de seus lábios. — Então, não, não é mais apenas um negócio de merda.

As borboletas voltaram a voar, flutuando tão alto que as pontas aveludadas de suas asas roçaram meu coração. Agarrei-me a uma resposta apropriada antes de decidir a única palavra que me veio à mente.

— Oh.

A diversão irônica passou por seu olhar. — Sim, *oh*. — Disse secamente. — Sua vez, *mia cara*. Por que disse não para Heath?

Seu tom era preguiçoso, mas não havia nada preguiçoso na maneira como me observava, como um predador preso à sua presa, seus músculos tensos.

— Porque não tenho mais sentimentos românticos por ele — disse, minha voz suave. — E porque poderia tê-los por outra pessoa.

Agora que o choque emocional da noite passada havia passado, percebi que minha conversa com Heath havia fornecido uma clareza muito necessária. Uma vez, eu o amei e me senti culpada pela forma como as coisas terminaram entre nós, mas foi há dois anos. Não era a mesma pessoa que eu era quando namoramos, e não senti nada além de surpresa, tristeza e um pouco de aborrecimento quando conversamos. Todo esse tempo, pensei que tinha perdido Heath, mas perdi a *ideia* dele. Senti falta de ter um parceiro. Senti falta *de* ser amada e estar apaixonada.

Infelizmente, não consegui mais encontrar essas coisas com ele.

A luz do sol da manhã filtrava através das cortinas e dourava o rosto de Dante, lançando sombras suaves sob sua testa e maçãs do rosto. Estava tão quieto que parecia uma escultura dourada em repouso, mas o ar faiscou como gravetos secos.

— Não é apenas um negócio para você. — Forcei de volta a revolta de nervos no meu estômago. — E não é apenas dever para mim.

O ar ficou denso, pesado com significado. Uma buzina fraca de carro soou dezenas de andares abaixo, mas não desviamos o olhar.

— Bom. — O som áspero roçou minha pele com uma intimidade surpreendente.

Meu pulso batia em meus ouvidos. Alisei uma mão úmida sobre minha coxa, sem saber o que fazer ou dizer em seguida.

Nós nos beijamos? Continuamos a conversa? Seguimos nossos caminhos separados? Fiquei com a opção mais segura.

— Bem, estou feliz que tivemos essa conversa. Eu realmente tenho uma crise de trabalho, então vou voltar para o meu quarto.

— Este é o seu quarto.

Dei a Dante um olhar duvidoso. Talvez a falta de cafeína tivesse afetado sua memória.

— Odeio dizer isso, mas não é, na verdade, onde tenho dormido nos últimos cinco meses. — Disse pacientemente. — Meu quarto fica do outro lado do corredor. Fez um grande show ao distingui-lo quando me mudei. Lembra?

— Sim, mas acho que está claro que os limites que estabelecemos naquele dia não são mais aplicáveis. — Dante arqueou uma sobrancelha escura. — Não concorda?

Meu pulso disparou em sobrecarga. — O que está sugerindo?

— Que estabeleçamos novos limites. Sem mais quartos separados, sem mais fugas de manhã... — Sua expressão escureceu. — E não há mais contato com Heath.

Normalmente, teria me irritado com a tentativa de Dante de controlar com quem poderia falar, mas depois do desastre da noite passada, entendi de onde vinha. Se ele tivesse uma ex que estava

decidida a nos separar, também não gostaria que ele falasse com ela.

— Que pena. — Disse. — Planejei convidá-lo para jantar.

Dante não parecia divertido.

— Foi uma brincadeira.

Nada.

Suspirei. — A esse respeito, se estamos estabelecendo novos limites, tenho alguns próprios. Um... — enumerei com meus dedos. — Chega de carranca como expressão padrão. Seu rosto está perto de congelar desse jeito, e prefiro não acordar com o *Grinch* pelo resto da minha vida.

— Sou muito mais bonito que o *Grinch*. — Resmungou. — E se as pessoas parassem de me irritar, não faria tanta careta.

— Outras pessoas não são o problema. Lembra quando passamos por um parque de cães no Natal e vimos aqueles *huskies* adoráveis? Você olhou para eles com tanta força que começaram a uivar.

— Não estava olhando para *eles*. — Disse, impaciente. — Estava olhando para suas roupas. Quem veste seus cães como renas? É ridículo.

— Era Natal. Pelo menos não estavam vestidos como elfos.

A carranca de Dante se aprofundou. *Vamos trabalhar nisso mais tarde.*

— De qualquer forma. — Segui em frente antes de nos aprofundarmos demais em uma discussão sobre moda canina. — De volta aos limites. Chega de desaparecer por semanas a fio com menos de quarenta e oito horas de antecedência, a menos que seja realmente uma emergência. Chega de isolamento quando está chateado e as coisas não acontecem do seu jeito. E... — Meus dentes puxaram meu lábio inferior. — Devemos nos comprometer com pelo menos um encontro por semana.

A maioria das pessoas namorava *antes* do noivado, mas estávamos fazendo tudo ao contrário. Atrasado era melhor do que nunca, suponha.

— Se você quiser passar mais tempo comigo, *mia cara*, é só dizer. — O sotaque de Dante voltou a uma cadência aveludada.

Minhas bochechas aqueceram. — Essa não é a questão. — Não todo o ponto, de qualquer maneira. — Vamos nos casar em alguns meses e não tivemos um único encontro de verdade.

— Estivemos em encontros. Fomos à gala *Valhalla*.

— Era uma obrigação social.

— Fomos a Bali.

— Isso era uma obrigação familiar.

Ele ficou em silêncio.

— Esses são meus termos. Aceita?

Sua resposta veio menos de dois segundos depois. — Sim.

— Excelente. — Escondi minha surpresa com seu pronto acordo. — Bem... — Deus, isso era estranho. Por que a paz era muito mais difícil do que a guerra? — Podemos resolver a logística do quarto mais tarde. Por enquanto, preciso resolver meu problema de trabalho antes de entrar na lista negra.

Tentar encontrar um local de última hora em Manhattan era como tentar encontrar um brinco no fundo do rio Hudson. Impossível, mas se eu quisesse salvar o *Legacy Ball* e minha carreira, precisava encontrar uma maneira de tornar o impossível possível, rápido.

— É algo que exija que esteja no escritório?

— Não... — disse cautelosamente. — Na verdade, não.

Eu precisava principalmente pensar em alternativas para poder ligar para eles na segunda-feira.

— Perfeito. Conserte no café da manhã. — Um sorriso cintilou na boca de Dante. — Vamos ao nosso primeiro encontro.

CAPÍTULO 26

Dante

Sempre estive no controle de minhas reações, pelo menos publicamente. Meu avô tinha tirado qualquer demonstração impulsiva de emoção de mim desde que era criança.

Nas palavras de Enzo Russo, emoção era fraqueza, e não havia espaço para fraqueza no implacável mundo corporativo.

Até Vivian. *Porra.*

Houve um momento ontem em que pensei que poderia perdê-la. A perspectiva desbloqueou um nível de medo que não experimentava desde os cinco anos, quando vi meus pais irem embora, pensando que nunca mais os veria. Que desapareceriam no éter, deixando-me com meu avô terrivelmente severo e uma mansão grande demais para ser ocupada.

Eu estava certo. Acabaria perdendo Vivian também, de alguma forma, de alguma maneira, mas lidaria com esse dia quando chegasse. Um aperto estranho esmagou meu peito.

Não sabia como as coisas aconteceriam depois que a verdade fosse revelada, mas depois de ontem à noite – depois de provar o quão doce ela era e sentir o quão perfeitamente nos encaixamos – sabia que não estava pronto para deixá-la ir ainda.

— É o que acho que é? — A voz de Vivian me tirou dos meus pensamentos.

Ela olhou para a placa do restaurante retrô acima de nossas cabeças, sua expressão em partes iguais intrigada e mistificada.

— *Moondust Diner*. — Afastei minha melancolia incomum e abri a porta. — Bem-vinda à casa dos melhores milkshakes de Nova York e ao lugar favorito do meu eu de doze anos na cidade.

Há anos não visitava o restaurante, mas no minuto em que entrei no interior desgastado, fui transportado de volta aos meus dias de pré-adolescência. As telhas de linóleo rachadas, os assentos de couro laranja, a velha jukebox no canto... era como se o lugar tivesse sido preservado em uma cápsula do tempo. Uma pontada de nostalgia me atingiu quando a *hostess* nos guiou para uma cabine vazia.

— *Melhor* é um título grandioso. — Brincou Vivian. — Está elevando minhas expectativas.

— E serão atendidas. — A menos que o restaurante mudasse sua receita, o que não tinha motivos para fazer. — Confie em mim.

— Admito, isso não é o que esperava do nosso primeiro encontro. — Os lábios de Vivian se curvaram em um pequeno sorriso. — É casual. Sutil. Estou agradavelmente surpreendida.

— Hum. — Folheei o menu mais por hábito do que por qualquer outra coisa. Sabia o que pediria. — Não devo mencionar o passeio de helicóptero privado que reservei para mais tarde, então?

Sua risada desapareceu quando levantei uma sobrancelha.

— *Dante*. Você não fez.

— Está noiva de um Russo. É como fazemos as coisas. A lanchonete é... — Fiz uma pausa, procurando o sentimento certo.
— Um passeio pela estrada da memória. Isso é tudo.

Deveria jogar tênis com Dominic hoje, mas quando Vivian tentou sair naquela manhã, tudo que eu queria era que ficasse. Um encontro no restaurante foi a primeira coisa que me veio à cabeça. A ideia do helicóptero veio mais tarde, e isso levou apenas uma ligação para organizar.

— Gosto disso. É encantador. — Vivian me deu um sorriso malicioso. — Por favor, diga-me que aproveitou a *jukebox* quando era mais jovem. Eu mataria por uma foto sua aos doze anos bebendo um *milkshake* e dançando.

— Desculpe, querida, mas isso não acontecerá. Não sou um cara tipo *jukebox*. Nem mesmo quando era pré-adolescente.

— Não estou surpresa, mas poderia ter deixado uma garota sonhar um pouco mais. — Disse com um suspiro.

Nosso garçom chegou. Fiquei com meu fiel shake preto e branco enquanto Vivian oscilava entre o morango e a manteiga de amendoim e o chocolate. Recostei-me, estranhamente encantado com o pequeno sulco em sua testa enquanto examinava o cardápio.

Ontem, estava em DC, encontrando-me com Christian e discutindo como derrubar Francis Lau. Agora aqui estava eu, levando sua filha para comer panquecas e *milkshakes* como se fôssemos adolescentes suburbanos em um primeiro encontro.

A vida tinha um senso de humor fodido.

Vivian finalmente decidiu pelo morango, e esperei até que nosso garçom fosse embora antes de falar novamente.

— Qual é a crise de trabalho que mencionou antes?

Desta vez, o suspiro de Vivian foi mais pesado. — O local original do *Legacy Ball* foi inundado. — Ela me deu um rápido resumo do que aconteceu, seus ombros ficando cada vez mais tensos quanto mais falava.

Era uma situação de merda. Espaços desse tamanho e calibre reservados eram com meses, se não anos, de antecedência. Encontrar um nesta data tardia era como tentar encontrar um lago no deserto.

— Tentou os museus? — Perguntei. Lugares como o *Met* e o *Whitney* organizavam regularmente bailes de gala e de caridade.

— Sim. Suas agendas estão cheias.

— Poderia fazer uma ligação. Liberar uma vaga.

— Não. — Vivian balançou a cabeça. — Não quero colocar mais ninguém no mesmo lugar em que estou, fazendo com que o museu cancele.

Típico de Vivian. Não tinha certeza se deveria ficar impressionado ou exasperado.

— A Biblioteca Pública de Nova York? — Sugeri.

— Também reservado.

Aparentemente, todos os hotéis suspeitos de sempre também estavam fora. Esfreguei o polegar sobre o lábio inferior, pensando. — Poderia realizá-lo em Valhalla.

As sobranceiras de Vivian se ergueram. — Não permitem eventos externos.

— Não, mas o *Legacy Ball* é extremamente prestigioso. A maioria, se não todos, os membros estarão lá. Considerariam se eu pedisse a eles.

O comitê administrativo faria uma maldita birra sobre isso, mas poderia convencê-los. Pode ser.

— Não posso te pedir para fazer isso. — Disse cautelosamente. Ela não era membro do clube, mas vivia em nosso mundo. Sabia que o pagamento por coisas como essas vinha na forma de favores, não em dinheiro.

E, às vezes, os favores custam mais do que qualquer coisa que o dinheiro possa comprar.

— Não é grande coisa. — Poderia lidar com o comitê de gestão e qualquer coisa que jogassem em mim.

— É um *grande* negócio.

— Vivian. — Disse. — Vou lidar com isso.

O comitê exigia uma votação unânime para aprovar todas as decisões. Eu era um sim. Kai provavelmente diria que sim. Isso deixou mais seis pessoas para convencer. Tinha o meu trabalho cortado para mim, mas sempre apreciei um bom desafio.

Vivian raspou os dentes no lábio inferior. — Tudo bem, mas estou procurando alternativas, de qualquer maneira. *Valhalla* será o último recurso.

— Não deixe ninguém do clube ouvi-la dizer isso, ou realmente *será* colocada na lista negra. Nem mesmo eu serei capaz de salvá-la de noventa e nove egos feridos.

— Anotado. — Sua risada se estabeleceu em algum lugar no fundo do meu peito antes de desaparecer. — Obrigada — disse, seu rosto suavizando. — Por se oferecer para ajudar.

Limpei minha garganta, meu rosto estranhamente quente. — De nada.

Nosso garçom voltou com nossos pedidos e observei, músculos tensos, enquanto Vivian tomava seu primeiro gole.

— Uau. — Surpresa brilhou em seus olhos. — Você estava certo. Isso é incrível.

Eu relaxei. — Estou sempre certo.

Meu shake combinava com seus sentimentos. Estava preocupado que não correspondesse às minhas memórias de infância, mas era tão bom quanto me lembrava.

Nossa conversa logo mudou de trabalho e comida para uma mistura eclética de tópicos – música, filmes, viagens – antes de se transformar em um silêncio confortável. Era difícil acreditar que Vivian e eu estávamos brigando com tanta frequência. Se eu deixasse de lado minha intensa antipatia por sua família, estar com ela era como respirar.

Fácil. Sem esforço. Essencial.

— Sabe que não se trata de dinheiro para mim. — Disse Vivian depois que terminamos nossas bebidas e nos preparamos para sair.

Eu levantei uma sobrancelha questionadora.

— Isto. Nosso noivado. — Gesticulou entre nós. — Sei o que deve pensar da minha família e não está totalmente errado. Dinheiro e status significam muito para eles. Eu me casar com um Russo é... bem, é a maior conquista, aos seus olhos, mas não sou minha família.

Ela torceu o anel no dedo. — Não me entenda mal. Gosto de roupas bonitas e férias extravagantes tanto quanto qualquer outra pessoa, mas casar com um bilionário nunca foi meu objetivo final na vida. Gosto de você por sua causa, não por causa do seu dinheiro. Mesmo que irrite às vezes. — Acrescentou ironicamente.

O calor em minhas veias morreu rapidamente com a menção de sua família, mas reacendeu com sua admissão.

Gosto de você por sua causa, não por causa do seu dinheiro.

Um punho apertou meu peito. — Eu sei. — Disse baixinho.

Essa foi a parte mais incrível. Eu realmente acreditei nela.

Era uma vez, ela tinha sido uma Lau. Agora, era Vivian. Separadas, distintas e capazes de me fazer questionar tudo o que achava que queria.

A autopreservação me disse para mantê-la à distância. Estávamos indo em direção a uma colisão inevitável e nossos novos limites não significariam nada quando a verdade sobre o seu pai viesse à tona, mas tentei a distância, e tudo o que fez foi me

fazer querê-la mais. Suas risadas, seus sorrisos, o brilho em seus olhos quando me provocava e o fogo em suas respostas quando eu a irritava. Queria tudo isso mesmo quando sabia que não deveria.

Minha cabeça e meu coração travaram uma guerra civil um contra o outro e, pela primeira vez na minha vida, meu coração estava ganhando.



Na semana seguinte, Vivian e eu nos adaptamos à nossa nova dinâmica. Ela se mudou para o meu quarto, eu chegava em casa para o jantar todas as noites e testamos as águas do jeito que os nadadores fariam depois de uma tempestade, com partes iguais de esperança e cautela.

A transição não foi tão difícil quanto esperava. Não tinha tempo ou inclinação para namorar direito há anos, mas estar com Vivian era tão fácil e natural quanto voltar para casa depois de uma longa jornada.

Havia apenas mais um pit stop que eu precisava fazer. Encostei-me no meu carro e observei Heath sair de seu apartamento alugado no *Upper West Side* com uma mochila pendurada no ombro e uma gaze branca cobrindo seu nariz. Parecia desgastado, mas se eu tivesse feito do meu jeito, teria sofrido mais do que um simples nariz quebrado.

Não quer se casar com Dante. Nós dois sabemos disso. Só está com ele por causa de seus pais.

A fúria fervia em minhas veias. Não me movi, mas Heath deve ter sentido o calor do meu olhar. Ele olhou para cima, e seu passo vacilou quando me viu.

Sorrio além da raiva que estalava em meu peito, embora fosse mais um mostrar meus dentes do que um sorriso verdadeiro. Se eu insistisse demais no que disse ou em como encurralou Vivian, arruinaria uma tarde de sexta-feira perfeitamente agradável com um assassinato.

— Como está o nariz? Curado, espero. — Minha saudação poderia ser uma faca desembainhada, fria e afiada o suficiente para cortar.

Heath me olhou, mas teve o bom senso de ficar a vários metros de distância. De acordo com minha equipe, estava na cidade para reuniões de negócios e programado para voltar para a Califórnia naquela noite.

— Ainda posso processar por seu ataque. — Disse, sua linguagem corporal nem de longe tão corajosa quanto suas palavras.

Seus dedos estavam brancos ao redor da alça de sua mochila, e seus pés se moviam continuamente como se estivesse se preparando para fugir.

— Sim, pode. — Empurrei o carro. Raramente dirigia na cidade desde que estacionar era uma merda, mas queria manter a reunião de hoje entre mim e o idiota na minha frente. — Entretanto, não vai.

Heath endureceu quando andei em sua direção, meu ritmo lento e vagaroso. Parei perto o suficiente para ver as pupilas do tamanho de um quarto escurecendo seus olhos.

— Quer saber por quê? — Perguntei suavemente.

Sua garganta trabalhou com um gole.

— Porque é um homem inteligente, Heath. O que fez na minha cobertura foi estúpido, mas teve cérebro suficiente para escalar sua empresa para onde está hoje. Não gostaria que nada acontecesse antes do grande IPO, não é?

Os nós dos dedos de Heath se apertaram ainda mais. — Está me ameaçando?

— Não. Estou aconselhando-o. — Bati uma mão enganosamente amigável em seu ombro. — *Ameaçá-lo* seria avisá-lo para ficar longe de Vivian se valoriza sua vida. — Minha voz permaneceu suave. Cruel. — Eu lhe disse na semana passada e lhe direi de novo. Ela é *minha* noiva. Se você pisar perto dela novamente, se respirar na sua direção...

A dor atravessou seu rosto quando apertei seu ombro.

— Vou queimá-lo, e a sua casa e toda a sua maldita empresa no chão. Entendeu?

Gotas de suor se formaram ao longo de seu cabelo apesar do frio invernal. A rua estava quieta, e praticamente podia ouvir o medo e o ressentimento engrossando sua respiração ofegante.

— Sim. — Sibilou.

— Bom. — Eu o soltei e dei um passo para trás. — Veja, isso é o que eu diria se estivesse ameaçando-o, mas não chegaremos a esse ponto, não é? Porque ficará na Califórnia, terá seu bom IPO e perderá o número de Vivian do jeito que um homem inteligente faria.

Sua mandíbula se apertou.

— Agora... — verifiquei meu relógio. — Eu ficaria e conversaria mais, mas tenho um encontro com minha noiva. Jantar e passeio ao pôr do sol. Seu favorito.

Eu me afastei, deixando um Heath fumegante e sem palavras na calçada.

Esperei até chegar à Quinta Avenida antes de ligar para Christian. Ele era o merdinha responsável pela bagunça de Heath, e era hora de limpá-la.

Apenas espere até meu IPO, está bem? Adie o casamento.

Minha raiva fervente atingiu uma fervura total. Mantive uma tampa sobre isso antes pelo bem de Vivian, já que não queria arruinar nosso novo relacionamento hospitalizando seu ex, mas se eu deixasse Heath ir embora com nada mais do que um nariz quebrado, não era o maldito Dante Russo..

— O IPO que estávamos falando. — Disse quando Christian atendeu. Não me incomodei com uma saudação. — Acabe com isso.

CAPÍTULO 27

Vivian

Namorar Dante era como redescobrir uma parte de mim que enterrei quando percebi que meu futuro não era meu. A parte que sonhava com amor e rosas, que não tinha medo de se abrir com alguém caso me apaixonasse por eles e acabassem sendo um “casamento inadequado”.

Mesmo quando saía com Heath, de quem não tinha ouvido falar desde o incidente do apartamento, carregava uma sensação iminente de desgraça. Sabia que meus pais não o aprovariam, e o conhecimento tinha nos seguido como uma terceira roda invisível.

Com Dante porém, poderia *desfrutar* de sua companhia sem me preocupar. Não era apenas um parceiro aprovado pela família, era realmente, bem, simpático quando eu olhava além das carrancas e arrogância.

— Dê-me *uma* dica. Prometo que não contarei a ninguém. — Eu o abracei com meus melhores olhos de cachorrinho.

Depois de um mês, finalmente cresci em nossa nova dinâmica de relacionamento. Manhãs preguiçosas, noites explosivas e todos os momentos tranquilos e maravilhosamente mundanos entre eles. Até convenci Dante a participar de uma degustação de bolo de casamento (nós levaríamos o padeiro para a Itália para o casamento), embora sua opinião tenha sido questionável na

melhor das hipóteses. Ele tinha gostado de todos os bolos, até mesmo o “experimental” de merengue de coco que não tinha nada com as papilas gustativas de ninguém.

Pela primeira vez, entendi como era fazer parte de um casal de noivos de verdade, e era estranho, lindo e aterrorizante, tudo embrulhado em um. A boca de Dante se curvou em um sorriso. Estávamos progredindo em *menos carrancas, mais sorrisos* na frente. Não muito, mas um pouco. Nesse ponto, pegava o que podia.

— Isso seria um argumento convincente se a surpresa não fosse para *você, mia cara*. — Falou lentamente.

— Mais uma razão para me contar. É *minha* surpresa. Não posso dizer quando e como isso é revelado?

— Não.

Soltei um longo suspiro de sofrimento. — Você é um osso duro de roer, Sr. Russo.

A risada retumbou em seu peito. — Vai me agradecer quando chegarmos lá. Esta é uma surpresa que tem que ser mostrada, não contada.

Estávamos na limusine a caminho de algum encontro misterioso que havia planejado para nós. A julgar pelo caminho que seguíamos, estávamos hospedados na parte alta de Manhattan. Ele também me disse para usar algo bonito, mas confortável, então não poderia ser um lugar muito chique.

Era uma exposição de museu privado? Jantar naquele novo restaurante subterrâneo que todo mundo estava elogiando?

— Se você me disser agora, vou parar de colocar aquelas flores que tanto odeia nos banheiros de hóspedes. — Disse.

— Não.

— Eu vou parar de monopolizar as cobertas.

— Não.

— Vou assistir a um jogo de futebol com você. Vou até fingir que gosto.

— Tentador. — Disse secamente. — Mas não.

Estreitei meus olhos. Não era sobre a surpresa neste momento. Só queria ver se poderia fazer Dante ceder. Era irritantemente obstinado.

Olhei para a divisória fechada e à prova de som que nos separava do banco do motorista. Thomas, nosso motorista, estava concentrado na estrada à frente. O tráfego se arrastava a passo de caracol; nesse ritmo, chegaríamos ao nosso destino em algum momento do ano de 2050.

— Há alguma maneira de eu convencê-lo a mudar de ideia? — Inclinei-me para mais perto e reprimi um sorriso quando os olhos de Dante baixaram.

Meu novo vestido *Lilah Amiri* era modesto em comprimento, mas seu decote em V expunha uma quantidade generosa de decote.

— Duvido. — Uma pitada de cautela surgiu em sua voz quando coloquei a mão em seu peito e dei um beijo suave no canto de sua boca.

— Tem certeza? — Minha mão desceu por seu estômago em direção a sua virilha.

Seus músculos estavam tensos sob meu toque e sua garganta flexionou quando rocei sua ereção endurecida. Nervos e antecipação vibraram no meu estômago.

Tínhamos feito sexo quase diariamente no mês passado, mas nunca tinha começado em quase público antes. Era algo que Isabella ou mesmo Sloane fariam, se estivesse de bom humor. Era muito mais reservada, mas a possibilidade de Thomas olhar no espelho e nos ver enviou uma emoção estranha e inesperada ao meu estômago. Além disso, realmente queria saber qual era a surpresa.

— Vivian... — A voz de Dante estava pesada com advertência.

Ignorei.

— Acho que está errado. — Percorri com beijos até sua mandíbula e pescoço enquanto abria seu zíper. — Eu acho... — O raspar suave de metal caiu entre minhas pernas e pulsou. — Há uma maneira de persuadi-lo.

Eu me afastei e deslizei para fora do banco de joelhos. Um peso ardente se instalou no meu estômago quando libertei sua ereção. Era enorme e dura e já pingava pré-sêmen e um gemido áspero encheu o banco de trás quando rodei minha língua ao redor da cabeça.

Agarrei a base de seu pau com ambas as mãos e lentamente deslizei seu comprimento pela minha garganta até atingir o ponto em que meus olhos lacrimejaram. Não era minha primeira vez dando um boquete em Dante, mas nunca me acostumaria totalmente com o quão grande era. Quão grosso e comprido. Eu o

levei o mais longe que pude, e ainda havia uns bons cinco centímetros entre minha boca e o topo dos meus punhos empilhados.

Eu choraminguei, provando a sua doçura salgada antes de girar minha língua ao redor de sua cabeça. Suavemente no início, depois mais confiante enquanto caía em um ritmo, lambendo e chupando e balançando até ficar encharcada. Não deveria estar assim tão excitada. Meus mamilos não deveriam estar tão duros, minha pele tão sensível. Cada leve roçar na perna da calça não deveria enviar um novo choque de eletricidade, mas estava, e enviaram, e eu estava me afogando em tanta sensação que não conseguia lembrar onde estávamos ou como chegamos aqui. Só sabia que não queria ir embora.

As mãos de Dante afundaram no meu cabelo quando o carro passou por uma lombada, forçando-o inadvertidamente mais fundo na minha garganta. Gaguejei, meus engasgos e gorgolejos enchendo o carro enquanto lutava para acomodar os centímetros extras, mas não recuei.

— *Foda-se, baby.* — Seu gemido enrolado baixo no meu estômago. — Isso é tão bom.

Olhei para cima, meus olhos embaçados com lágrimas por tomá-lo tão fundo, mas o orgulho correu através de mim quando vi o prazer esculpindo linhas duras e sensuais em seu rosto. Seus olhos estavam fechados, sua cabeça inclinada para trás para expor a coluna forte e bronzeada de sua garganta. Seu peito subia e descia com respirações rasas e seus músculos flexionavam toda vez que passava minha língua sobre a parte inferior de seu pênis. Seus dedos estrangularam meu cabelo a ponto de dor e prazer se confundirem em um.

Havia algo tão inebriante em ter alguém como Dante à minha mercê. Poderia levá-lo ao limite ou mantê-lo lá para sempre. Seu prazer estava inteiramente em minhas mãos, e o conhecimento vibrava entre minhas coxas com forte insistência.

Aumentei meu ritmo, minhas mãos trabalhando em conjunto com minha boca, e quando pensei que gozaria, agarrou meu cabelo com uma mão e puxou minha cabeça para trás. Meu barulho de protesto morreu quando me levantou em seu colo e esmagou sua boca na minha. Sua excitação pressionou contra o meu núcleo, separado apenas por uma fina camada de seda e instintivamente moí contra ela, desesperada por mais fricção. Outro gemido áspero vibrou ao longo da minha espinha.

— Você será a minha morte. — A barba por fazer de Dante raspou em minha pele enquanto sua boca arrastou uma linha de fogo pelo meu pescoço.

Ele fechou os dentes ao redor da alça do meu vestido e gentilmente puxou para baixo enquanto levantava meus quadris para que pudesse empurrar minha calcinha encharcada para o lado. Não tive tempo para fazer mais do que suspirar antes que ele estivesse dentro de mim, enchendo-me ao máximo com apenas um impulso.

Só tive alguns segundos para me ajustar antes que agarrasse meus quadris e me jogasse novamente em seu pau, duro, enquanto dirigia dentro de mim. De novo e de novo, mais e mais rápido, até que meus dedos dos pés se curvaram e a pressão crescendo dentro de mim se aproximou de um ponto de ruptura. Agarrei-me a ele, minha cabeça jogada para trás, meu corpo nada mais do que uma massa de sensações à medida que acompanhava seu ritmo. Saltei para cima e para baixo, moendo meu clitóris contra ele em cada golpe.

— Bem assim. — Dante rosnou. Roçou os dentes em meu mamilo, sua respiração levantando arrepios por toda a minha pele.
— Monte meu pau como uma boa menina.

Um gemido embaraçosamente alto subiu pela minha garganta quando fechou a boca em torno do pico de seixos e chupou. A umidade escorria pelas minhas coxas, sobre sua perna e sobre o assento.

— Está fazendo uma bagunça, querida. — Voltou sua atenção para o meu outro mamilo e puxou-o com os dentes. — Devo fazê-la limpar isso, hmm? Lamber seu próprio esperma do assento enquanto a fodo por trás?

Era sujo e depravado, mas suas palavras desencadearam algo dentro de mim. Meu orgasmo me atingiu um segundo depois com ferocidade repentina, fazendo minhas costas arquearem e minha boca se abrir em um grito silencioso.

Eu ainda estava tremendo dos abalos secundários quando senti a risada de Dante contra minha pele. — E eu que pensei que era tão empertigada e adequada quando a conheci.

Estava muito atordoada para responder adequadamente ou perceber quando me manobrou para uma posição diferente. Um minuto, estava no seu colo. No próximo, estava de quatro, minhas mãos e joelhos pressionando o tapete preto áspero que cobria o chão.

Não tinha certeza de como Dante conseguiu nos mover, então encarei nosso assento e estava atrás de mim, mas particularmente não me importei. Um arrepio de prazer percorreu minha espinha com suas próximas palavras.

— Abra suas pernas para mim. É isso. — A aprovação de Dante retumbou sobre mim quando obedeci. — Deixe-me ver o quão molhada essa boceta bonita está.

Estava saindo do auge da minha liberação, mas a antecipação aumentou novamente quando a ponta de seu pau cutucou minha entrada. Quando não fez mais nenhum movimento, empurrei de volta contra ele e gemi com a necessidade.

— Limpe sua bagunça primeiro, Vivian. — Disse calmamente.

Abri a boca, com a intenção de protestar. Em vez disso, minha língua tocou timidamente o assento de couro por conta própria. O picante da minha excitação inundou minhas papilas gustativas. Deveria estar enojada, mas meu núcleo pulsava com necessidade. Meu clitóris tão inchado e sensível que senti que a mais leve brisa poderia me provocar novamente.

— Boa menina.

O elogio de Dante tomou conta de mim como um afrodisíaco ardente antes de ele agarrar meu cabelo e empurrar em mim novamente. Minha mente ficou em branco. Comecei a suar fresco, meus dedos cavando no banco enquanto batia em mim. Toda vez que recuperava o fôlego, outra estocada o tirava dos meus pulmões novamente. A sensação esticou minha pele e me deixou tonta até que o mundo se dissolveu em nada mais do que uma sinfonia de gritos, gemidos e o tapa de carne contra carne.

Minutos. Horas. Dias.

O tempo ficou cada vez mais desarticulado até que Dante estendeu a mão e beliscou meu clitóris. O súbito pico de prazer me puxou de volta ao presente e fez minhas costas se curvarem pela

intensidade. Apenas metade do meu grito resultante saiu antes de uma mão tapar minha boca.

— Shh. — Dante murmurou. — Não quer que as pessoas ouçam o quanto ama ser fodida assim, não é? De quatro, no banco de trás de um carro, tomando cada centímetro do meu pau como se fosse *feita* para isso. — Deu outro golpe longo e preguiçoso no meu clitóris com a outra mão. — Não é muito apropriado para uma herdeira da sociedade.

A suavidade de sua voz, contrastando com a imundície de suas palavras e o golpe brutal de seu pênis dentro de mim, me levou ao limite. Meu segundo orgasmo da noite caiu sobre mim, tão poderoso e consumidor que abafou todos os outros sons, incluindo meu grito de liberação.

Era apenas silêncio e o prazer ardente e elétrico iluminando meu corpo enquanto me desfazia tão completamente que não sabia como poderia me recompor. Estrelas explodiram atrás dos meus olhos. Vagamente ouvi o gemido de Dante quando gozou, mas estava muito alta para me concentrar em qualquer outra coisa.

Justo quando pensei que tinha acabado, outra onda me arrastou para baixo, de novo e de novo, até que me tornei uma bagunça flácida e trêmula, mantida unida apenas pelo braço de Dante sob minha cintura e o peso de seu corpo acima do meu.

Ele alisou meu cabelo para trás do meu rosto e beijou meu ombro enquanto gradualmente caía do meu pico. Caí para frente, tentando recuperar o fôlego conforme Dante me limpava com um lenço de papel e puxava meu vestido para baixo.

Ele não falou, mas a ternura de suas ações disse mais do que as palavras poderiam. Quando minha respiração se acalmou, levantou-me no banco novamente e me entregou minha bolsa.

— Chegamos. — Sua voz se suavizou em seu veludo usual, embora com uma borda levemente irregular.

— O quê? — Tentei entender suas palavras através do meu nevoeiro pós-clímax.

Um sorriso puxou sua boca. Não sabia quando, mas ele de alguma forma tinha arrumado suas roupas. Exceto por seu cabelo despenteado e a cor em suas maçãs do rosto, parecia ter passado a última meia hora conversando sobre o tempo em vez de me foder até o esquecimento.

— Chegamos. — Repetiu. Esfregou um polegar gentilmente sobre meu lábio inferior. — Pode querer consertar seu batom, *mia cara*. Por mais linda que pareça recém-fodida, odiaria arruinar nossa noite tendo que matar todos os outros homens que a vissem assim.

Minhas bochechas coraram, ainda mais quando peguei meu reflexo na janela do carro e vi o distinto prédio branco do lado de fora. Estávamos em *Valhalla*, o que significava que passamos pela segurança enquanto estávamos...

Calor correu do meu rosto para o meu pescoço e peito. Meu cabelo estava uma bagunça, meu rímel e batom borrados, e pequenas marcas vermelhas dos dentes e barba de Dante salpicavam minha pele. Qualquer um olhando para mim saberia exatamente o que estava fazendo, mas, apesar do meu constrangimento, não consegui me arrepender do que aconteceu.

Esse tinha sido o melhor sexo da minha vida. Sem dúvida.

— Não se preocupe. — Dante avaliou com precisão minha preocupação. — As janelas são escuras e Thomas está na lista de convidados autorizados. Não podiam nos ver de frente.

Thomas. *Oh, Deus.* E se tivesse olhado no espelho retrovisor e...

— A divisória também é escura. — Acrescentou Dante.

— Certo. — Evitei seu olhar enquanto me arrumava o melhor que podia. Por sorte, sempre carregava um mini kit de maquiagem comigo, mas não havia muito que pudesse fazer sobre as marcas na minha pele, então resolvi pegar emprestado a jaqueta de Dante.

Meu coração disparou quando Thomas abriu a porta para nós. Ele nos deu um educado boa noite, seu rosto cuidadosamente vazio.

Minha pele ardeu novamente. Pode não ter nos visto ou ouvido, mas definitivamente sabia o que estávamos fazendo.

— Não diga uma palavra. — Avisei enquanto Dante e eu caminhávamos em direção à entrada de *Valhalla*.

— Não direi. — O riso escondia-se sob sua voz. — Mas se isso faz você se sentir melhor, não é a primeira vez que Thomas vê... ação em seu banco de trás.

Deslizei um olhar de soslaio para ele. — Tem o hábito de fazer sexo na limusine, não é?

A diversão puxou os cantos de sua boca. — Ele costumava trabalhar para William Haverton. O homem está na casa dos sessenta, mas tem uma carteira gorda e a libido de um garoto de fraternidade universitária. Faça as contas. — Passamos pelo saguão do clube. — Garanto a você, não tenho o hábito de fazer sexo na limusine.

— Oh. — Limpei minha garganta. — Estou vendo.

Seu sorriso floresceu por completo, escuro e perverso. — Com ciúmes?

— Nem um pouco.

Mantive minha cabeça erguida e ignorei sua risada.

Só quando chegamos ao elevador que percebi que tinha esquecido completamente de perguntar a ele sobre o encontro surpresa antes de chegarmos.



Como os dois últimos andares do *Valhalla* estavam fechados durante a gala de outono, Dante me deu um rápido passeio pelos lugares que perdemos durante minha última visita, incluindo o spa, uma pista de boliche coberta e um fliperama repleto de raros jogos antigos.

Eu teria gostado mais se não estivesse tão impaciente para descobrir qual era a grande data misteriosa.

— Você ainda está brava por não ter arrancado a surpresa no carro? — Dante perguntou quando paramos em frente a um conjunto de portas duplas no quarto andar.

— Não. — *Sim.*

— Pelo menos ambos tivemos orgasmos. — Falou lentamente.
— Foi uma situação vantajosa para ambas as partes.

A risada enrugou os cantos de seus olhos quando dei um tapa em seu braço, meu rosto quente, mas seu sorriso de menino era tão cativante que não pude segurar minha irritação.

— Como disse, é algo que é melhor visto do que dito. — Inclinou a cabeça em direção à sala fechada. — Este é o espaço polivalente do clube. Os membros podem reservá-lo e transformá-lo no que quiserem. Tem sido uma sala de concertos privada, uma exposição de bonecas de porcelana vintage...

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Um dos membros é colecionador. Não pergunte. — Abriu as portas. — Espero que isso compense a espera.

Oh, meu Deus. Ofeguei uma inspiração afiada.

Quando disse espaço multiuso, imaginei quadros brancos e carpete cinza industrial. Teoricamente, sabia que Valhalla não abrigaria algo tão genérico, mas nada poderia ter me preparado para a visão diante de mim.

Ele transformou a sala em um planetário. Não, não um planetário. Uma galáxia virtual.

Estrelas brilhantes salpicavam as paredes e o teto altos e giravam sob nossos pés. Constelações pontilhavam o “céu”, incluindo Andrômeda, Perseu e uma forma distinta de ampulheta que fez minha respiração engasgar. Órion. Minha favorita.

— Não pode ver as estrelas em Nova York. — disse Dante. — Então trouxe as estrelas para você.

Uma bola de emoção se formou na minha garganta. — Como você...

Segui meu olhar para Orion. Brilhava na frente e no centro, brilhando mais do que o resto.

— Eu tive uma ligação com sua irmã. Ela me disse que era a sua favorita. — Ele me guiou para o quarto. — Aparentemente, não calava a boca sobre Orion quando era mais jovem. Palavras dela.

Agnes *diria* isso.

O rosto de Dante se suavizou com uma incaracterística insinuação de incerteza. — Gosta disso?

Entrelacei meus dedos com os dele, meu peito indescritivelmente apertado. — É perfeito.

Tínhamos saído em mais de meia dúzia de encontros no mês passado. Variavam de luxuosos, como o passeio de helicóptero depois de nossos *milkshakes* e uma escapada noturna para as Bermudas, a casuais, como um passeio pelo *Chelsea Market* e um show no *Comedy Cellar*, mas nenhum tinha me atingido tão forte quanto o desta noite.

O fato de Dante ter se dado ao trabalho de organizar isso e consultar minha irmã quando poderia facilmente ter me levado ao planetário... tocou uma parte de mim que não pensei que alguém pudesse alcançar. Seus ombros relaxaram e ele apertou minha mão em resposta silenciosa enquanto caminhávamos para o centro da sala, onde uma pilha de cobertores, almofadas e uma colcha de jantar nos aguardavam.

Afundi em uma almofada azul-claro enquanto Dante pegava uma garrafa de vinho distinta. Foi isso...

— *Domaine de la Romanée Conti*. — Confirmou. Dante abriu o famoso tinto e o serviu em duas taças. — Cortesia do *sommelier* do clube.

Conhecido por sua alta qualidade e produção limitada, *Domaine de la Romanée Conti*, ou RDC, era um dos vinhos mais caros do mundo. Uma garrafa média custava mais de vinte e seis mil dólares.

— Trazendo as grandes armas. — Provoquei. — Dante Russo, está tentando me impressionar?

— Depende. — Ele me entregou uma taça e observou enquanto eu tomava um pequeno gole. — Está funcionando?

Os ricos sabores de frutas vermelhas, violetas e cassis irromperam na minha língua, misturados com uma fina mineralidade e um terroso complexo. Textural. Potente. Elegante.

Não admira que as pessoas estivessem dispostas a desembolsar muito dinheiro por uma garrafa. Era o melhor vinho que já provei.

— Sim. — Disse, inebriante de um gole e uma noite que mal tinha começado. — Muito bem.

— Então sim, estou. — Seus olhos dançaram com diversão enquanto voltava por segundos. — Está ficando vermelha, *mia cara*.

Era extremamente sensível ao vinho tinto e era por isso que costumava ficar com brancos e rosés. Mesmo aqueles faziam meu rosto brilhar carmesim depois de uma taça ou duas, mas a RDC era muito requintado para ser desperdiçado.

— Não é minha culpa. — Disse, envergonhada. — São os *taninos*²⁴.

— É adorável. — Passou o polegar sobre minha bochecha corada.

Calor enrolado no meu estômago. O mal-humorado e taciturno Dante tinha crescido em mim nos últimos meses, mas o doce e brincalhão Dante? Era criptonita para o meu coração.

Depois do jantar, puxei um cobertor sobre nós e descansei minha cabeça no ombro de Dante, meio sonolenta e meio tonta por causa do encontro. Ele passou um braço em volta da minha cintura, o peso forte e reconfortante contra minhas costas. As estrelas brilhavam acima de nós como uma exibição de diamantes no veludo da meia-noite. Eram projeções, mas pareciam tão reais que quase acreditei que estávamos em algum lugar no deserto, observando os céus e ouvindo o silêncio.

— Quando eu era pequena, nossos pais nos levavam para acampar. — Não sabia de onde as palavras vieram, mas pareciam certas para o momento. — Meu pai dirigia, minha mãe embalava muitos lanches e minha irmã e eu tentávamos encontrar o maior número possível de placas de carros na estrada.

Odiava insetos e não era uma pessoa grande ao ar livre, mas adorava essas viagens porque as fazíamos em família. Desde então, mudamos para verões em *St. Tropez* e Natal em *St. Barth's*, mas sentia falta da simplicidade de nossas primeiras férias em família.

— À noite, quando deveríamos estar dormindo, Agnes e eu saíamos de nossa barraca e contávamos as estrelas. — Continuei.

²⁴É uma substância química encontrada no grupo de fenóis vegetais. No vinho derivam das cascas, sementes e engaço das uvas, e das barricas de madeira usadas na fermentação ou durante o envelhecimento. Ao contrário do vinho branco, o vinho tinto é produzido com a uva inteira. À medida que o vinho fermenta, casca, sementes e por vezes talos são macerados juntos.

— Fingíamos que eram pessoas vivendo em um reino celestial e inventávamos histórias de fundo para todos eles.

— Alguma interessante?

Sorriso. — Toneladas. Uma conspirava para derrubar o governante do reino. Outra estava tendo um caso com o guarda de maior confiança de seu horrível marido. Estrelas cadentes eram pessoas que foram exiladas e lançadas à terra.

A risada de Dante vibrou pelo meu corpo. — Parece uma novela.

— Éramos crianças. Tínhamos imaginação ativa, está bem — Cutuquei sua perna com a minha. — Não me diga que nunca inventou histórias sobre as coisas ao seu redor.

— Desculpe desapontar, mas minha imaginação não é tão boa quanto a sua. — Esfregou um polegar distraído sobre meu quadril. — Minha família nunca foi acampar. Meu avô era estritamente um tipo de pessoa de resort ou propriedade privada. Não queria que Luca e eu perdêssemos contato com nossa cultura, então nos mandava para a Itália com Greta todo verão. Tínhamos – temos – casas por todo o país. Roma, Toscana, Milão... visitamos um lugar diferente a cada ano.

— Qual é o seu lugar favorito na Itália?

— Vila Serafina. — A propriedade de sua família no Lago Como. — O lago, os jardins... o meu eu com doze anos achava que era mágico.

— Onde o casamento será realizado. — murmurei. — Mal posso esperar para ver.

Estávamos programados para ficar lá no mês que antecederia a cerimônia. Só tinha visto fotos, mas mesmo através de uma tela, era de tirar o fôlego.

— Sim. — Uma nota estranha entrou na voz de Dante. — Onde será o casamento.

— Será perfeito. Minha mãe não aceitaria de outra maneira. — Disse secamente. Estava me deixando louco com ligações intermináveis sobre flores, talheres e mil outros detalhes que ela não deveria estar microgerenciando, mas não esperava nada menos. Era sua última oportunidade de ir com tudo em um grande casamento. — Pelo menos meu pai também não está me perseguindo sobre padrões de porcelana. Conseguiu a data que queria. Isso é tudo com que se importa.

— Oito de agosto. Deixe-me adivinhar. É a data em que ele ganhou seu primeiro milhão.

Eu rio. — Perto, mas não exatamente. Oito é seu número favorito.

O polegar de Dante parou antes de voltar a acariciar minha pele. — O número oito? Sério?

— Sim. — Bocejei. Nada me deixou mais sonolenta do que vinho e sexo, e tive o melhor dos dois esta noite. — É um número de sorte na cultura chinesa porque está associado à riqueza. Quando meus pais procuravam uma casa, procuravam especificamente por lugares com oito em seu endereço. Meu pai é muito supersticioso sobre coisas assim.

— Nunca teria imaginado. — O tom de Dante esfriou do jeito que sempre ficava quando discutimos sobre meu pai.

Eu levantei minha cabeça. Uma expressão distraída cruzou seu rosto, mas desapareceu quando me viu olhando.

— Não gosta muito da minha família. — Eu tinha percebido isso em nosso jantar de apresentação, mas tornou-se cada vez mais evidente desde então.

Toda vez que eu mencionava meus pais, o rosto de Dante se fechava, e podia senti-lo mentalmente se retrair. Quando visitamos Boston no Natal, passava a maior parte do tempo se comunicando com olhares e respostas de uma palavra. Foram os quatro dias mais estranhos da minha vida.

— Não gosto de muita gente. — Disse evasivamente. — Se formos honestos, Francis e eu nunca seremos melhores amigos. Temos diferentes... perspectivas de vida.

Antes que pudesse responder, ele segurou meu rosto e roçou meus lábios com os dele.

— Chega de falar sobre família. — Disse. — Temos o quarto só para nós esta noite, e posso pensar em algumas outras coisas que preferiria estar fazendo...

Qualquer resistência que tinha derretido quando aprofundou o beijo. Meus lábios se separaram e meu suspiro o convidou a entrar. Ele deslizou sua língua contra a minha, com gosto de vinho, calor e pecado.

Dante estava certo. Era uma noite linda e não havia motivo para amenizá-la com conversas sobre família.

Uma sensação persistente de desconforto pinicava minha nuca, mas a afastei.

E daí se Dante e meu pai não concordavam em tudo? Esperava-se algum antagonismo entre os pais e seus genros. Não era como se fossem se socar na próxima reunião de feriado.

Além disso, meus pais moravam em uma cidade diferente. Não os veríamos muito de qualquer maneira.

Não tinha nada com que me preocupar.

CAPÍTULO 28

Dante

Vivian e eu tivemos mais uma semana feliz para nós mesmos antes que seus pais explodissem na cidade como um tornado. Súbito, inesperado e deixando um rastro de destruição em seu rastro.

Um minuto, estava planejando um encontro sinfônico com Vivian. No momento seguinte, estava sentado em frente a Francis e Cecelia Lau em Le Charles, lutando contra a vontade de não tirar o sorriso presunçoso do rosto de Francis. Nossa conversa sobre ele em Valhalla o convocou como um demônio do inferno.

— Estou feliz por fazermos isso funcionar. — Desdobrou o guardanapo e o colocou no colo. — Espero que não estejamos atrapalhando muito seus planos.

— De jeito nenhum. — Vivian colocou a mão sobre a minha debaixo da mesa e gentilmente desenrolou meu punho. — Estamos emocionados em vê-lo.

Eu permaneci em silêncio.

Os seus pais chegaram, sem avisar, naquela manhã e pediram para jantar conosco em algum momento de sua estada. Considerando que estariam aqui apenas por duas noites, e tinham

ingressos para um show da *Broadway* com amigos amanhã, esta noite era a única opção.

— Não vemos você desde o Natal, então pensamos em fazer o check-in. Ver como está o planejamento do casamento. — Cecelia brincou com suas pérolas. — Nunca respondeu minha pergunta no outro dia sobre as flores. Vamos em frente com os lírios?

Vivian se mexeu em seu assento. Em vez de seu vestido habitual, salto alto e batom vermelho, usava um terno de tweed semelhante ao do nosso primeiro encontro. Seu colar era idêntico ao de sua mãe, e a vivacidade cintilante por quem apaixonei – que passei a apreciar havia se tornado uma dolorosa gentileza.

Não era *ela*; era uma versão clonada de *Stepford*²⁵ que só aparecia quando Francis e Cecelia estavam na sala, e odiava isso.

— Sim. — Disse. — Os lírios estão bem.

— Excelente. — Cecília sorriu. — Agora, sobre o bolo...

Felizmente, nosso garçom apareceu naquele momento e a interrompeu antes que começasse a falar sobre glacê ou o que diabos queria falar.

— Teremos o caviar Golden Imperial e tártaro de atum com *foie gras*²⁶ para começar, e as costeletas de cordeiro para o prato principal, — disse Francis, pedindo para ele e sua esposa. Entregou o menu com desdém ao garçom sem olhar para ele.

— Quero o *tagliatelle*²⁷, por favor. — disse Vivian.

²⁵-Referência ao filme, *Mulheres Perfeitas* de 2004.

²⁶-Prato típico da culinária francesa.

²⁷-Tipo de massa cortada em tiras.

As sobrancelhas de Francis franziram. — Este não é um restaurante italiano, Vivian. São conhecidos por seu cordeiro. Por que não pede isso em vez disso?

Porque ela não gosta de cordeiro, seu filho da puta.

Meus dentes de trás se apertaram. Mesmo que Francis não estivesse me chantageando, eu o desprezaria. Como poderia ter passado vinte e oito anos sem conhecer a aversão de sua filha por aquela carne em particular? Ou talvez simplesmente não se importasse.

— A lista de espera para uma reserva do Le Charles dura quatro meses. — disse Francis. — Até o governador tem dificuldade em conseguir uma mesa quando está na cidade. É ridículo desperdiçar uma refeição aqui com algo que não seja o melhor.

— Eu... — Vivian vacilou. — Tem razão. Posso mudar meu pedido para o cordeiro, por favor? — Deu ao garçom um sorriso de desculpas. — Obrigada.

— É claro. — A expressão educada do garçom não vacilou. Poderíamos muito bem estar discutindo o clima por toda a reação que mostrou. — E para você, Sr. Russo?

Fechei meu cardápio com precisão deliberada e mantive meus olhos no pai de Vivian enquanto fazia o pedido. — Gostaria do *tagliatelle*.

Os lábios de Francis se contraíram. Se estivéssemos em casa, o teria chamado diretamente, mas estávamos sentados bem no meio do restaurante. Não lhe daria a satisfação de fazer uma cena.

— Como está seu irmão? — Perguntou Francisco. — Ouvi dizer que está trabalhando em vendas na *Lohman & Sons* agora. Parece... abaixo de sua nota salarial.

— Está indo muito bem. — Disse friamente. — Contribuição é contribuição, seja em uma função de varejo ou corporativa.

— Hum. — Levou o vinho aos lábios. — Teremos que concordar em discordar.

Não fui enganado pela mudança aparentemente inócua no tópico. Francis estava tentando me lembrar o que estava em jogo. Disse que estava na cidade para um show, mas a visita repentina foi um jogo de poder projetado para me desequilibrar. Estávamos a poucos meses do casamento. Ele era muitas coisas, mas não era estúpido. Devia saber que eu estava trabalhando nos bastidores para destruir as provas de chantagem.

Fiquei calado por muito tempo, e ele estava ficando nervoso, por um bom motivo.

Meu encontro no Valhalla com Vivian desencadeou uma epifania. Ela disse que ele era supersticioso sobre datas e números, e a investigação que fiz Christian realizar na semana passada apoiou sua afirmação. Seu endereço residencial, seu endereço comercial, sua placa... tudo centrado em torno do número oito. Aposto a vida do meu irmão que ele tinha oito cópias das fotos da chantagem.

Christian rastreava os três conjuntos restantes. Uma vez que os encontrasse, era o fim do jogo para o fodido de Francis Lau.

Pela primeira vez naquela noite, sorrio.

O resto do jantar transcorreu sem incidentes. Vivian e sua mãe levaram a conversa, embora tenha levado toda a minha força de vontade para não perder a cabeça quando Cecelia a repreendeu por usar o tom de maquiagem “errado” ou quando seu pai negou a sua escolha de sobremesa da maneira que pediu sua entrada, insistindo que ela experimentasse a torta de chocolate do restaurante em vez do cheesecake.

Não sabia o que era pior – a atitude arrogante de seus pais ou a disposição de Vivian em aceitar. Nunca me deixaria falar com ela do jeito que fizeram.

— O que quiser dizer, diga. — Disse quando voltamos para casa. Ela tirou os brincos e os deixou cair no prato de ouro sobre a cômoda. — Você esteve fumegando silenciosamente durante toda a viagem de carro para casa.

Tirei minha jaqueta e a joguei sobre as costas de uma cadeira. — Não fumegando. Simplesmente imaginando como você superou seu desdém por cordeiro nas últimas vinte e quatro horas.

Vivian suspirou. — É uma refeição. Não é grande coisa.

— Não é sobre a comida, Vivian. — Agravção fervia em minhas veias. — É sobre a maneira como seus pais a tratam como se fosse uma criança. É sobre como se transforma em um recorte de papelão de si mesma sempre que está perto deles. — Gesticulei para a sua roupa. — Esta não é você. Você odeia cordeiro. Não é uma pessoa de tweed e pérolas. Não seria pega morta com essa roupa em um dia normal.

— Bem, não é um dia normal. — Uma pitada de irritação escorregou em sua voz. Eu não era o único no limite esta noite. — Acha que gosto de ter meus pais aparecendo no último minuto? Ou que *gosto* de ser criticada por tudo que digo e visto? Talvez não

fosse isso que eu escolheria se eles não estivessem aqui, e talvez não tivesse pedido o cordeiro se meu pai não tivesse insistido, mas às vezes tem que se comprometer para manter a paz. Eles estão aqui por dois dias. Não é *grande coisa*.

— São dois dias desta vez, mas e no futuro? — Perguntei, minha voz dura. — Cada feriado, cada visita, pelo resto de sua vida. Diga-me que não é cansativo fingir ser alguém que não é com duas pessoas que deveriam aceitá-la como é.

Vivian ficou tensa. — As pessoas fazem isso todos os dias. Vão trabalhar e mostram um lado de si mesmos. Saem com os amigos e mostram um outro lado. É *normal*.

— Sim, exceto que não são seus colegas ou seus malditos amigos. São sua família e a tratam como merda! — Minha frustração se transformou em um grito.

— Eles são meus *pais*! — A voz de Vivian se elevou para combinar com a minha. — Não são perfeitos, mas têm meus melhores interesses no coração. Sacrificaram muito para dar a mim e à minha irmã o tipo de vida que nunca tiveram enquanto cresciam. Mesmo antes de sermos ricos, trabalharam duro para garantir que pudéssemos pagar as mesmas roupas e viagens de campo que nossos colegas de classe, para que não fôssemos deixados de fora. Então, se tiver que desistir de algumas coisas *temporariamente* para fazê-los felizes, eu o farei.

— Temporariamente, hein? Foi por isso que seu pai basicamente vendeu a ambas em troca de um degrau na escala social?

O rosto de Vivian empalideceu, e o arrependimento bateu em mim, forte e rápido.

Porra.

— Viv...

— Não. — Ergueu a mão. — Isso foi exatamente o que quis dizer, portanto não retire.

Minha mandíbula se apertou. — Não vejo você como uma moeda de troca, mas pode honestamente me dizer que seus pais sentem o mesmo? Não estou tentando fazê-la se sentir mal, *amoremio*²⁸, mas não tem que aturar as suas besteiras. Você é uma adulta. É linda, bem-sucedida, inteligente e três vezes a pessoa que qualquer um deles jamais será; tem seu próprio dinheiro e carreira. Não precisa deles.

— Não se trata de precisar deles. É sobre *família*. — A frustração gravou linhas no rosto de Vivian. — Fazemos as coisas de forma diferente, está bem? O respeito pelos mais velhos é importante. Não respondemos só porque não gostamos do que eles dizem.

— Sim, bem, às vezes os anciãos estão cheios de merda e precisa chamá-los sobre isso. — Estava reforçando o ponto, mas odiei como Vivian se transformou em uma concha de si mesma em torno de seus pais. Era como ver uma linda e vibrante rosa murchar diante dos meus olhos.

— *Pode*. — Disparou de volta. — Você cresceu como herdeiro do império Russo. Sim, sei que não era tudo diversão e jogos, mas ainda era o centro das atenções de seu avô. Eu tinha que ser perfeita só para ganhar um pinga de carinho. Minhas notas, minha imagem, *tudo*.

²⁸-Meu amor.

— Esse é o meu ponto, porra! Não deveria *ter* que ser perfeita para conseguir o carinho de seus pais!

— Esse é o *meu* ponto! Eu tenho!

Nós nos encaramos, nossos peitos arfando, nossos corpos próximos, mas nossas mentes a anos-luz de distância.

Vivian interrompeu o contato visual primeiro. — Foi uma longa noite e estou cansada. — Disse. — Gostaria que você pelo menos tentasse ver de onde venho. Sua visão do mundo não é universal. Quero um parceiro, Dante, não alguém que me repreenderá porque não concorda com a maneira como lido com meu relacionamento com minha própria família.

O remorso embotou a ponta da minha raiva. — Querida...

— Vou tomar um banho e trabalhar um pouco depois. Não espere por mim.

A porta do banheiro se fechou com um *clique* atrás dela.

Naquela noite, pela primeira vez desde que começamos a namorar, fomos para a cama sem dar um beijo de boa noite no outro.

CAPÍTULO 29

Vivian

— Parabéns! Vocês tiveram sua primeira briga como um casal de verdade. Brindemos a isso. — Isabella ergueu sua mimosa no ar, seu sorriso totalmente sincero.

Os meus óculos e de Sloane permaneceram sobre a mesa.

— Não é algo para comemorar, Isa. — Disse ironicamente.

— Claro que é. Queria a experiência completa do casal. Isso inclui brigas, especialmente por causa da família. — Terminou sua bebida, implacável por nossa falta de vontade de participar de seu brinde. — Honestamente, casais que *não* brigam me assustam. São como um prato quebrado longe de quebrar. A próxima coisa que sabe, serão os temas de uma série documental da Netflix intitulada *Love and Murder: The Couple Next Door*²⁹.

Não pude deixar de rir. — Ouve *demais* sobre crime verdadeiro.

Isabella, Sloane e eu estávamos tomando um *brunch* em um novo local badalado no *Bowery*. Fazia dois dias desde a minha briga com Dante e ainda estava furiosa com isso. Não porque ele estava errado, mas porque estava certo. Nada doía mais do que o sabor acre da verdade.

²⁹- Amor e Assassinato: O Casal Ao Lado

— É pesquisa. — Isabella disse. — Portanto, é trabalho. Não pode me culpar por fazer hora extra, pode? Veja Sloane. Está em seu telefone, embora os melhores ovos Benedict do mundo, estejam intocados a sua frente.

— Não está intocado. Dei duas mordidas. — Sloane terminou o que estava digitando e olhou para cima. — Você tenta saborear sua comida quando um de seus clientes publica um discurso de mídia social sobre sua ex-esposa *muito* famosa e começa a discutir on-line com... — verificou seu telefone novamente. — User59806 sobre quem deve dirigir seu carro de um penhasco primeiro.

— Parece manso para a internet. — Disse Isabella. — Estou *brincando*, mais ou menos. Olha, não há muito que se possa fazer sobre isso agora, exceto tirar o acesso à mídia social do seu cliente, o que suponho que já tenha feito. As pessoas agirão estupidamente o dia todo, todos os dias. Aprecie sua comida e lide com eles mais tarde. Duas horas de desintoxicação digital não vão matá-la. — Empurrou o prato de Sloane para mais perto dela. — Além disso, precisa de energia para toda o cuspidor de fogo que fará mais tarde.

Sloane franziu os lábios. — Acho que está certa.

— Estou sempre certa. Agora... — Isabella voltou sua atenção para mim. — Esta briga. Acho que deveria deixar isso para outro dia antes de fazer sexo de reconciliação ardente. Três dias é tempo suficiente para toda essa tensão aumentar e...

— *Isa.*

— Sinto muito! Não tenho uma vida sexual no momento, está bem? Estou vivendo indiretamente através de você. — Suspirou. — E o argumento não é um problema, certo? Ele está meio...

Certo. O silêncio cobriu a mesa. Olhei para o meu prato meio comido, minha pele gelada apesar do calor de duas mimosas.

— Não me entenda mal. Eu sei como se sente. — A voz de Isabella suavizou. — Acho porém que é uma daquelas diferenças culturais que levarão tempo para serem resolvidas. Dante se preocupa com você, ou não estaria tão chateado. Ele só... não é muito bom em expressar seus pensamentos com tato.

— Eu sei. — Meu suspiro carregou dias de agonia. — É difícil lembrar disso quando estou no momento e ele está sendo tão... tão *teimoso*.

No mundo de Dante, sua palavra era lei. Estava sempre certo, e as pessoas se curvavam para acomodá-lo ou apaziguá-lo, mas essa era a coisa. Não era mais apenas seu mundo; era nosso, pelo menos quando se tratava de nossa vida doméstica. Casamento arranjado ou não, tinha conseguido um marido, não um chefe. Só não tinha certeza se *ele* sabia disso.

— Ele é Dante Russo. — Sloane disse, como se isso explicasse tudo. — Inflexibilidade é o seu nome do meio. Pessoalmente, acho que deveria fazê-lo suar. Afaste-o até que ele caia em si.

— Excelente. Então vamos esperar até a virada do próximo século. — Isabella disse. — Viv, o que quer fazer?

— Eu...

— Vivian. Que surpresa agradável. — Uma voz suave e cremosa interrompeu nossa conversa.

Eu me endireitei quando uma mulher mais velha elegante com um corte de cabelo prateado e a pele de alguém trinta anos mais nova que ela parou ao lado de nossa mesa.

— Buffy, é bom vê-la. — Disse, escondendo minha surpresa. Ela e suas amigas raramente pisavam fora de sua bolha da cidade alta. — Como está?

Intencionalmente ignorei o balbucio quieto de Isabella quando mencionei o nome *Buffy*.

— Estou bem, querida. Obrigada por perguntar. — A grande dama de sessenta e cinco anos estava imaculada como sempre em uma blusa de seda creme, calça cinza de alfaiataria e brincos de pérola *Mikimoto*. — Normalmente não venho até *Bowery*... — Seu tom insinuava que a viagem de carro de vinte e cinco minutos de sua casa era tão árdua quanto a caminhada da Quinta Avenida ao Brooklyn. — Mas ouvi dizer que o brunch aqui é *divino*.

— A melhor lagosta ovos Benedict da cidade. — Apontei para uma cadeira vazia. — Gostaria de se juntar a nós?

Nenhuma de nós queria que ela ficasse, mas era a coisa educada a se pedir.

— Oh, que oferta fofa, mas não, obrigada. — Buffy disse na deixa. — Bunny e eu reservamos a mesa do canto. Está me encarando enquanto falamos; simplesmente odeia ficar sozinha em público... — lançou um olhar de reprovação para uma loira bem-arrumada sentada com seu *poodle* igualmente bem-arrumado saindo do topo de sua bolsa Hermès. Cachorros não eram permitidos no restaurante, mas pessoas como Buffy e suas amigas operavam com regras diferentes. — No entanto, queria parar e parabenizá-la pessoalmente por garantir *Valhalla* para o local do *Legacy Ball*. Isso gerou bastante burburinho.

— Obrigada. — Murmurei.

Eu tentei o meu melhor para encontrar outras alternativas, mas nenhuma delas deu certo, então relutantemente aceitei a sugestão do *Valhalla Club* de Dante. Insisti em montar o campo, que ele apresentou ao comitê de gestão, já que não permitiam não membros na reunião. O processo de aprovação levou quase um mês, mas recebi a confirmação final há duas semanas. Enquanto parte de mim se emocionou ao pousar em um local tão exclusivo, outra parte se preocupou com o que isso custaria a Dante. Não monetariamente, mas em termos de alavancagem e reciprocidade.

— Tenho certeza que Dante deu uma boa palavra para você.
— Buffy sorriu. — Vale a pena se casar com um Russo, não é?

Meu próprio sorriso se apertou. A escavação foi sutil, mas estava lá.

— Já que estamos no assunto do baile, tenho uma sugestão em relação ao entretenimento. — Disse ela. — É uma pena que Corelli tenha perdido a voz e não possa mais se apresentar.

O famoso cantor de ópera estava em hiato enquanto sua voz se recuperava. O problema não era tão grave quanto a inundação do local, mas era mais um problema na pilha que aumentava diariamente. Lei de Murphy do planejamento de eventos: algo sempre dava errado, e quanto mais importante o evento, *mais* dava errado.

— Não se preocupe. Eu já confirmei uma alternativa. — Disse.
— Há uma cantora de jazz maravilhosa que concordou em se apresentar por metade de sua taxa regular, considerando o público que estará presente.

— Que lindo. — Buffy disse. — No entanto, estava pensando que deveríamos reservar Veronica Foster em vez disso.

— Veronica Foster... a herdeira do açúcar?

— Está transitando pelo cenário musical. — Buffy disse suavemente. — Tenho certeza que ela apreciaria a oportunidade de se apresentar no baile. Assim como eu.

Sua declaração pontiaguda perfurou minha confusão. De repente me lembrei da outra razão pela qual o nome de Veronica soava familiar. Era afilhada de Buffy.

— Estou feliz em encontrá-la e revisar sua fita, se ela tiver uma. — Mantive meu tom medido apesar dos nós torcendo meu estômago. — No entanto, não posso garantir uma vaga na escalação. Como sabe, a agenda é apertada e concordei em contratar o cantor de jazz.

Os olhos de Buffy esfriaram em gelo azul. — Tenho certeza que ela entenderia se tivesse que cancelar. — Disse, seu sorriso intacto, mas mais afiado. Mais mortal. — Este é um evento importante, Vivian. Tem muita coisa em jogo.

Incluindo sua reputação e lugar na sociedade.

A ameaça silenciosa pairava sobre a mesa como uma guilhotina. A minha frente, Isabella e Sloane assistiram a cena se desenrolar com olhos arregalados e fúria gelada, respectivamente. Poderia dizer que Sloane estava segurando alguns epítetos escolhidos, mas, felizmente, ela não interveio. Não precisava. Entre a visita dos meus pais, minha discussão com Dante e as dores de cabeça que encontrei com a bola, cheguei ao fim da minha corda.

— Sim, existe. — Disse em resposta a Buffy. O frio em camadas sob meu tom educado. — É por isso que cada detalhe deve ser impecável, incluindo os artistas. Como presidente do comitê do *Legacy Ball*, tenho certeza de que entende que nada menos do que

a perfeição no palco não seria o ideal. Tenho plena fé no compromisso de Veronica com seu ofício, e é por isso que uma audição não deve ser um problema. Não concorda?

Os sons do restaurante se tornaram um ruído branco enquanto meu coração batia em meus ouvidos. Estava correndo um grande risco, insultando Buffy na frente de outras pessoas, mas estava cansada de pessoas tentando me manipular para fazer o que queriam. Ela poderia me colocar na lista negra depois do baile, mas até então, era *meu* nome nos convites e *minha* reputação profissional em jogo. Estaria amaldiçoada se deixasse alguém destruir o que trabalhei durante anos em nome de nepotismo mal disfarçado.

Buffy me encarou. Na realidade, o silêncio durou menos de um minuto, mas cada segundo se estendia por uma eternidade até que seu choque inicial se transformou em algo mais inescrutável.

— Sim. — Finalmente disse. — Acho que está certa. — Sua voz era tão fria quanto seus olhos, mas se não conhecesse melhor, diria que continha o menor sinal de respeito. — Aproveite o resto da sua refeição.

Ela se virou para sair, mas antes disso, lançou um último olhar para mim. — E Vivian? Espero que este seja o *melhor* Legacy Ball da história do evento.

Buffy partiu em uma nuvem de Chanel No. 5 e realeza gelada.

Sua saída puxou o ar reprimido dos meus pulmões. Desabei, não mais sustentada pela indignação e pela necessidade de provar que ela não podia andar em cima de mim.

— Repreendendo Buffy Darlington. — Os olhos verdes de Sloane brilharam com rara admiração. — Impressionante.

— Eu não a repreendi. — Refutei. — Apresentei um ponto de vista alternativo.

— Você a repreendeu. — Isabella disse. — Houve um momento que pensei que ela teria um ataque cardíaco e desmaiaria direto em seus óvulos. Buffy e Benedict, a nova combinação de brunch.

Nós nos encaramos por um momento, atordoadas com a graça de sua piada, antes de cairmos na gargalhada. Talvez fosse o álcool ou talvez estivéssemos todas delirando por causa do excesso de trabalho e da falta de sono, mas uma vez que começamos, não conseguimos parar. Lágrimas brotaram dos meus olhos, e os ombros de Isabella tremeram tanto que a mesa chacoalhou. Até Sloane estava rindo.

— Falando em nomes B. — disse Isabella depois que nossa alegria finalmente diminuiu para um nível administrável. — Ouvi errado, ou ela disse que estava aqui com sua amiga *Bunny*?

— Bunny Van Houten — confirmei com um sorriso. — Esposa do magnata holandês Dirk Van Houten.

Horror limpou a diversão restante do rosto de Isabella.

— Quem inventa esses nomes? — Exigiu. — Existe uma regra de que quanto mais rico é, mais feio seu nome tem que ser?

— Não são *tão* ruins.

— Buffy e Bunny, Viv! Buffy e Bunny! — Isabella balançou a cabeça. — Uma vez que tenha o poder, banirei todos os nomes que começam com as letras B e U. Deus não permita que adicionem um Bubby ao seu grupo.

Não pude evitar. Comecei a rir novamente, com Isabella e Sloane se juntando a mim logo depois. Deus, precisava disso. Comida, bebida e uma manhã divertida e boba com minhas amigas, apesar do incidente com Buffy. Às vezes, eram as coisas simples da vida que nos mantinham em movimento. Demoramos por mais uma hora antes de sairmos. Insisti em pagar a refeição, já que elas passaram a maior parte do tempo ouvindo meus problemas, e acabara de pagar a conta quando meu telefone tocou.

Meu coração disparou quando li a nova mensagem, mas mantive minha expressão neutra quando saímos do restaurante.

— Há uma nova comédia romântica saindo na próxima semana. — disse Sloane. — Vamos assistir.

Isabella a olhou com suspeita. — Vai realmente assistir ao filme desta vez, ou apenas reclamará durante o filme inteiro?

Sloane colocou os óculos escuros. — Não reclamo. Faço críticas em tempo real sobre a aplicação do filme no mundo real.

— É uma comédia romântica. — Disse. — Não *deveriam* ser realistas.

Algumas pessoas gostavam de relaxar lendo ou recebendo uma massagem. Sloane gostava de assistir comédias românticas e datilografar trabalhos de dissertação detalhando cada coisa que não gostava no filme. E, no entanto, continuava a assisti-los.

— Vamos concordar em discordar. — Disse. — Próxima quinta-feira, depois do trabalho. Isso funciona?

Tínhamos sobrevivido a anos de evisceração de comédias românticas. Sobreviveríamos a mais uma noite. Após

confirmarmos a data do filme e nos separarmos, subi a *Fourth Street* em direção ao *Washington Square Park*.

Meu pulso batia mais alto a cada passo, até que cresceu com a visão de uma figura alta e escura familiar de pé ao lado do arco.

O parque fervilhava de músicos de rua, fotógrafos e estudantes em moletons da NYU³⁰, mas Dante se destacava como um corte de ousadia contra um pano de fundo desbotado. Mesmo em uma camiseta branca simples e jeans, sua presença era poderosa o suficiente para atrair olhares não tão sutis dos transeuntes.

Nossos olhos se conectaram do outro lado da rua. A eletricidade estalou na minha espinha, e demorei uma batida extra para começar a andar depois que o último carro passou. Parei a dois metros dele. Os sons de música, risos e buzinas de carros desapareceram, como se existisse dentro de um campo de força que impedisse qualquer intrusão externa.

— Oi. — Disse, estranhamente sem fôlego.

— Oi. — Enfiou as mãos nos bolsos, o gesto cativantemente infantil em comparação com suas feições robustas e corpo largo e musculoso. — Como foi o brunch?

— Bom. — Empurrei uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Como foi seu dia? — Não tinha ideia do que fazia naquela manhã.

— Venci Dominic no tênis. Estava chateado. — Um sorriso torto se formou nos lábios de Dante. — Bom dia.

³⁰-Universidade de New York.

Uma risada borbulhou na minha garganta. Tinha sido apenas dois dias, mas *sentia sua falta*. Seu humor seco, seus sorrisos, até mesmo suas carrancas.

Era a única pessoa que poderia me fazer sentir falta de cada parte dele, tanto quanto o seu todo - o bom, o ruim e o mundano.

Seus olhos e boca ficaram sérios. — Queria me desculpar. — Disse. — Por sexta à noite. Tinha razão, deveria ter me esforçado mais para entender de onde você vem, em vez de... emboscá-la quando fomos para casa.

Sua voz carregava a rigidez de alguém pedindo desculpas pela primeira vez, mas a sinceridade subjacente derreteu qualquer rancor que pudesse ter guardado.

— Você também estava certo. — Confessei. — Não gosto de admitir em voz alta, mas *sou* diferente perto dos meus pais. Gostaria de não ser, mas... — soltei um suspiro. — Há algumas coisas que podem ser tarde demais para mudar.

Eu tinha vinte e oito. Meus pais estavam no final dos cinquenta ou no início dos sessenta. Em que ponto nossos hábitos e dinâmicas estavam tão arraigados que tentar mudá-los seria como tentar dobrar um pilar de concreto?

— Nunca é tarde para mudar. — Os olhos de Dante se suavizaram ainda mais. — Você é perfeita *pra* caralho do jeito que é, Vivian. Se seus pais não conseguem ver isso, então a perda é deles.

Suas palavras agarraram meu coração e apertaram. Para meu horror, um formigamento familiar surgiu atrás dos meus olhos e tive que piscar antes de falar novamente.

— Talvez use um terno de seda em vez de tweed no nosso próximo jantar. — Meio que brinquei. — Apimentar um pouco as coisas.

— Seda combina melhor com você, de qualquer maneira. Da próxima vez que aparecerem para uma visita surpresa, também podemos lhes dizer que contraímos uma terrível e altamente contagiosa doença estomacal e nos trancar em nosso apartamento até que saiam.

— Hum, eu gosto. — Inclinei minha cabeça. — O que faríamos porém, trancados o dia todo no apartamento?

Ele me deslizou um sorriso perverso. — Posso pensar em algumas coisas.

Calor tomou conta da minha pele, e lutei contra um sorriso fluorescente. — Tenho certeza que pode. Então. — Disse, mudando de assunto. — Você tem planos para o resto do dia?

— Sim. — Deslizou sua mão na minha, a ação tão casual e natural quanto respirar. — Estou gastando com você.

Meu sorriso se soltou, assim como as borboletas no meu estômago. Sem mais nem menos, estávamos bem novamente.

Não foi uma longa reconciliação, mas não precisava ser. Seguir em frente nem sempre envolvia grandes gestos ou conversas pesadas. Às vezes, os momentos mais significativos eram os pequenos – um olhar suave aqui, um simples mas sincero pedido de desculpas ali.

— Perfeito. — Disse. Mantive minha mão na dele enquanto nos afastávamos do parque. — Porque há uma nova exposição no Whitney que estou morrendo de vontade de conferir...

CAPÍTULO 30

Vivian

— Desculpe, quer que a gente vá *aonde*? — Olhei do meu sushi e preendi Dante com um olhar incrédulo.

— Paris. — Ele se inclinou para trás, a imagem de uma facilidade indiferente. Sem paletó, gravata afrouxada, expressão serena como se não tivesse apenas sugerido que eu largasse tudo para voar para a Europa.

Era quarta-feira, cinco dias depois de nossa briga de curta duração e três dias depois de nossa reconciliação. Estávamos almoçando no meu escritório e tendo uma conversa perfeitamente agradável quando soltou a bomba de Paris do nada.

— Descobri hoje que preciso encontrar alguns de nossos CEOs de subsidiárias antes do Festival de Cinema de Cannes. — Disse. — Meu vice-presidente deveria fazer isso, mas sua esposa entrou em trabalho de parto prematuro. Viajarei no sábado e ficarei lá por uma semana.

Normalmente, teria aproveitado a chance de me juntar a ele. Paris era uma das minhas cidades favoritas, e estava muito atrasada para outra visita, mas não podia largar tudo para brincar pela França quando o *Legacy Ball* estava a apenas algumas semanas de distância.

— Não posso. — Disse relutantemente. — Eu tenho que estar aqui para a preparação do baile.

Dante ergueu as sobrancelhas. — Achei que estava tudo praticamente preparado.

Tecnicamente, ele estava certo. O local estava garantido, os bufês no caminho certo, e os gráficos de assentos e entretenimento finalizados – Veronica Foster acabou sendo surpreendentemente talentosa, e a espremi para uma pequena apresentação no final da noite - mas com minha sorte, algo daria errado no minuto em que pisasse em solo francês.

— Sim, mas ainda assim. Este é o maior evento da minha carreira. Não posso voar no último minuto. Minha equipe precisa de mim.

— Sua equipe parece competente o suficiente para manter o forte por cinco dias. — Dante bateu na pilha de papéis na minha mesa. — Ainda terá mais de uma semana quando voltarmos para finalizar tudo, e não precisa estar fisicamente em Nova York para fazer seu trabalho nesse meio tempo. Estarei também ocupado de manhã, então trabalhamos durante o dia e exploramos Paris à noite. Ambos ganhamos.

— E a diferença de fuso horário? — Argumentei. — Minha equipe ainda estará trabalhando quando for noite em Paris.

— Então agende suas reuniões para o início da tarde. Será de manhã aqui. — Dante disse, prático como sempre. — É Paris na primavera, *mia cara*. Lindas flores, croissants frescos, passeios ao longo do Sena...

— Não sei... — vacilei, dividida entre o quadro que pintou e minha paranoia de que algo daria errado.

— Reservei uma suíte no Ritz. — Dante fez uma pausa antes de soltar a segunda bomba do dia. — E pode escolher um vestido da exibição Yves Dubois para o baile.

Minha respiração parou em meus pulmões. — Isso é trapaça.

Yves Dubois era um dos melhores costureiros do mundo. Produzia apenas oito vestidos por ano, cada um deles único e primorosamente feito à mão. Ele também era notoriamente exigente sobre quem permitia usar uma de suas criações; boatos diziam que certa vez recusou uma estrela de cinema mundialmente famosa que queria usar seu desenho no Oscar.

— É um incentivo. — Dante sorriu. — Se você realmente não pode ou não quer vir, não precisa, mas tem trabalhado muito duro nos últimos meses. Merece uma pequena pausa.

— Boa maneira de girá-lo. Tem certeza de que não é porque tem ansiedade de separação? — Provoquei.

— Não costumava. — Seus olhos seguraram os meus como uma chama solitária piscando em uma noite fria de inverno. — Estou começando a pensar que posso ter.

O calor encheu meu estômago e correu para a superfície da minha pele. Não deveria, mas talvez estivesse cansada de viver minha vida de acordo com o *que deveria*.

Tomei minha decisão final em uma fração de segundo.

— Então acho que vou para Paris.

Nos dois dias seguintes, preparei minha equipe o máximo que pude. Dei a eles seis números diferentes onde poderiam me encontrar e repassei o protocolo de emergência tantas vezes que pensei que Shannon me levaria para o avião antes que me estrangulasse.

Ainda assim, permaneci apreensiva com a viagem até estar no carro a caminho do hotel, observando a cidade passar zunindo pela janela.

Como Nova York, Paris era uma cidade do tipo ame ou odeie. Acontece que amo as duas. A comida, a moda, a cultura... não havia nada parecido, e uma vez que estava realmente *em* Paris, era fácil me perder na magia de tudo isso.

Nossos primeiros três dias consistiram em nos acomodar e, no meu caso, nos ajustar ao meu novo horário de trabalho. Passei as horas tranquilas da manhã executando tarefas administrativas e participei de reuniões à tarde, quando minha equipe e os fornecedores de Nova York estavam on-line. Achei que me distrairia com o desenho da cidade do lado de fora da minha janela, mas fui surpreendentemente produtiva.

Dito isso, não resisti a uma rápida ida às compras na *Rue Saint-Honoré* e, claro, uma visita ao *showroom* de Yves Dubois, onde passei duas horas escolhendo e ajustando um vestido para o *Legacy Ball*.

— Não é esse. — Yves franziu os lábios quando corri meus dedos sobre um blush de tirar o fôlego e um pedaço de contas prateadas. — Rosa é muito suave para você, querida. Precisa de algo mais audacioso, mais ousado. Algo que fará uma declaração. — Inclinou a cabeça, seus olhos se estreitaram, antes de estalar os dedos. — Frederic, traga-me o vestido Phoenix.

Seu assistente saiu correndo da sala e voltou minutos depois com a peça em questão. Ofeguei uma respiração audível.

— Minha última criação. — Disse Yves com um floreio. — Oitocentas horas para costurar à mão, fios de ouro bordados em toda a superfície do vestido. Meu melhor trabalho até hoje, na minha humilde opinião.

Nada em Yves era humilde, mas ele estava certo. Era seu melhor trabalho até hoje. Não conseguia tirar meus olhos disso.

— Normalmente, são cento e cinquenta mil dólares. — Disse. — Entretanto, para você, a futura Sra. Russo, usá-lo no *Legacy Ball*? Cento e trinta mil. Até.

Virei uma acéfala. — Vou levá-lo.

Naquela noite, Dante voltou a uma suíte de hotel cheia de sacolas de compras no chão, mesas e metade da cama.

Yves enviaria meu vestido diretamente para Nova York, então não precisava me preocupar em arruiná-lo em nosso voo de volta, mas posso ter exagerado um *pouco* nas compras.

— Deveria ter reservado um quarto separado para suas compras? — Dante olhou para a pilha de caixas de chapéus Dior sobre a cama.

— Deveria, mas é tarde demais para isso. — Tranquei meu novo colar de diamantes Bulgari no cofre do hotel antes de pegar algo de uma das bolsas menores. — Também lhe comprei algo.

Entreguei-lhe a pequena caixa preta e esperei, com o coração batendo forte, enquanto ele a abria. Suas sobrancelhas se ergueram quando abriu a tampa.

— São abotoaduras de sorvete. — Disse alegremente. — Conheço um joalheiro da *Rue de la Paix* que faz peças personalizadas. O ônix é o molho de soja. O rubi é a cereja, mesmo que não coma com cereja, mas acho que o vermelho une o design.

Foi um presente meio brincalhão, meio sincero. Dante possuía dezenas de abotoaduras de luxo, mas queria dar a ele algo mais pessoal.

— Gosta? — Perguntei.

— Eu amei. — Removeu suas abotoaduras atuais e as substituiu pelas novas. — Obrigado, *mia cara*.

O calor de sua voz acariciou minha pele antes de ele segurar meu rosto com uma mão e me beijar.

Nunca saímos para jantar naquela noite.

Nossas outras noites, no entanto, foram preenchidas com quaisquer atividades que nos interessassem. Vagamos pelos charmosos recantos repletos de livros da *Shakespeare and Company*, exploramos o Louvre depois do expediente e fingimos assistir a filmes indie franceses em preto e branco em um cinema de arte enquanto nos beijamos secretamente nos fundos como adolescentes.

Eu tinha visitado Paris muitas vezes, mas explorá-la com Dante era como vê-la pela primeira vez. Os cheiros vindos das padarias, a textura dos paralelepípedos sob meus pés, o arco-íris de flores desabrochando por toda a cidade - tudo era mais brilhante, mais vívido, como se alguém tivesse espalhado pó de fada sobre a cidade.

Na nossa última noite, Dante me levou a um jantar privado na Torre Eiffel. O monumento tinha três restaurantes; o nosso ficava no segundo andar e oferecia vistas espetaculares do horizonte. Reservou o espaço inteiro, então éramos apenas nós, o menu de sete pratos, e a cidade colocada aos nossos pés em toda a sua brilhante glória noturna.

— Muito bem, qual é a comida que não *suporta* e que todo mundo adora? — Engoli uma fatia fina de robalo antes de acrescentar — Vou primeiro. Azeitonas. Odeio-as. São uma praga para a humanidade.

— Quero dizer que estou surpreso, mas é a mesma pessoa que come pickles com batatas fritas e pudim, então... — Dante levou o vinho aos lábios. — Basta dizer.

Estreitei meus olhos. — Não fui eu que limpei nosso estoque de pickles duas semanas atrás porque não conseguia parar de roubar *meu* lanche.

— Não seja dramática. Greta comprou mais pickles no dia seguinte. Riu da minha carranca. — Para responder à sua pergunta, não suporto pipoca. A textura é estranha e tem um cheiro horrível mesmo quando não está queimada.

— Sério? Então o que come durante os filmes?

— Nada. Filmes são para assistir, não para comer.

Eu o encarei. — Às vezes, estou convencida de que é um alienígena e não um ser humano real.

Outra risada rolou sobre mim. — Todos nós temos nossas peculiaridades, *mia cara*. Pelo menos não canto Mariah Carey no chuveiro.

Minhas bochechas aqueceram. — Fiz isso *uma vez*. Ouvi a música em um comercial e ficou na minha cabeça, está bem?

— Não estou dizendo que é uma peculiaridade ruim. — O canto de sua boca se ergueu. — Foi fofo, mesmo que estivesse fora do tom.

— *Não estava* fora do tom. — murmurei, mas minha indignação durou apenas alguns segundos perante seu sorriso.

— Como está a preparação para Cannes? — Perguntei quando nosso garçom trocou nossos pratos vazios pelo terceiro prato. — Fez tudo a tempo?

— Sim, felizmente. Se eu tivesse que sentar em outra reunião discutindo que champanhe deveríamos servir na festa, teria sido preso por assassinato. — Resmungou.

— Tenho certeza que teria encontrado uma saída. É um Russo. — Provoquei.

— Sim, mas a papelada teria sido um pé no saco.

— Você adora papelada. Isso é o que faz o dia todo.

— Vou fingir que não acabou de me insultar horivelmente no meio do que *deveria* ser uma noite romântica em Paris. — Parecia ferido, mas travessura brilhou em seus olhos.

Eu rio antes de perguntar — Alguma vez pensou no que teria sido se não tivesse nascido Russo?

Sua vida foi definida desde o primeiro dia, mas onde estaria se pudesse ter escolhido seu próprio caminho?

— Uma ou duas vezes. — Dante deu de ombros, aparentemente despreocupado. — Nunca sei a resposta. O trabalho ocupa a maior parte do meu tempo e, embora goste de meus hobbies – boxe, tênis, viagens – não os teria entretido como carreira.

Fiz uma careta, estranhamente triste por sua resposta.

— Sou um homem de negócios, Vivian. — Disse. — Isso é o que nasci para ser. Gosto do meu trabalho, mesmo que certos aspectos nem sempre sejam divertidos. Não pense que estou jogando fora a paixão da minha vida para trabalhar em um escritório de canto porque me sinto obrigado a isso.

Suponho que estava certo. Dante – impetuoso, ousado, charmoso quando queria ser, mas agressivo quando provocado – nasceu para governar a sala de reuniões. Não poderia imaginá-lo em qualquer outra função além de CEO.

— E você? — Perguntou. — Se não fosse planejadora de eventos, o que estaria fazendo?

— Quero dizer que seria uma astrônoma, mas honestamente, sou péssima em matemática e ciências. — Admiti. — Não sei. Acho que sou como você. Estou feliz fazendo o que faço. O planejamento de eventos pode ser estressante, mas é divertido, criativo... e não há nada mais satisfatório do que pegar uma ideia e trazê-la à vida.

Um sorriso tocou seus lábios. — Então, ambos estamos felizes onde estamos. — O peso aveludado de suas palavras fez meu coração pular.

— Sim. — Disse. — Suponho que sim.

O ar ficou espesso e úmido com significado. Hesitei, depois acrescentei baixinho — Estou feliz por ter vindo a Paris.

Os olhos de Dante eram um fósforo aceso contra a minha pele, brilhantes e quentes o suficiente para queimar — Eu também.

Nós nos encaramos, nossa comida esquecida. O peso de uma dúzia de palavras não ditas sentou-se entre nós e ameaçou se derramar no silêncio. Antes que pudessem, um toque áspero afastou nossos olhares e em direção ao seu telefone.

Ele soltou uma maldição baixa em italiano. — Eu sinto muito. Tenho que atender isso. — Disse. — Emergência do trabalho.

— Está tudo bem — o assegurei. — Faça o que tem que fazer.

Ele empurrou a cadeira para trás e atendeu a chamada a caminho da saída.

Terminei meu prato, mas estava tão distraída que mal provei o lagostim.

Estou feliz por ter vindo a Paris.

Eu também.

Mesmo na ausência de Dante, meu pulso disparou como se estivesse competindo pelo ouro olímpico do atletismo.

Como eu disse, estive em Paris muitas vezes.

Esta contudo foi a primeira vez que realmente me apaixonei na Cidade do Amor.

CAPÍTULO 31

Dante

— Encontramos todas.

Acalmei-me. — Tem certeza?

Quase deixei a chamada de Christian ir para o correio de voz. Queria aproveitar minha última noite em Paris com Vivian, mas minha curiosidade tinha me vencido. Ele não ligaria a menos que tivesse uma atualização importante. Eu tinha razão.

— Sim. Estamos de olho em todos os oito locais. — Disse Christian. — Basta dizer a palavra, e estará livre dos Laus para sempre.

Minha mão se fechou em volta do meu telefone. Esperei o alívio chegar. A alegria, o triunfo, a porra da *vingança* agora que poderia derrubar Francis do jeito que sonhei por meses. Nada veio. Em vez disso, meu estômago ficou vazio como se as palavras de Christian tivessem sugado todo o ar dele.

Olhei pela porta para Vivian. Estava do lado de fora da entrada do restaurante, longe o suficiente para que não pudesse ouvir o que estava dizendo, mas perto o suficiente para vislumbrar seu sorriso suave e satisfeito enquanto olhava para a cidade.

Uma queimadura irradiou em meu peito. Ela parecia tão feliz. Mesmo com a viagem de última hora e o próximo *Legacy Ball*, ganhou vida em Paris de uma forma que me fez querer ficar aqui com ela para sempre. Sem chantagem, sem Francis, sem besteira da sociedade. Só nós. Porque esta era, provavelmente, nossa última viagem juntos.

— Dante? — Christian instigou.

Desviei os olhos de Vivian. — Eu te ouvi. — O início de uma enxaqueca rastejou atrás das minhas têmporas. — E o lado comercial?

— Também pronto para ir.

— Ótimo. — O sentimento passou raspando pela minha garganta apertada. — E nosso outro projeto? Com a startup?

Estava parando. Deveria ter dado o sinal verde para Christian no segundo em que confirmou que encontramos todos as cópias de Francis, mas algo impediu que as palavras chegassem à minha língua.

— A empresa de Heath teve alguns problemas. — Satisfação encheu o sotaque de Christian. — O software tem sido atormentado com problemas ultimamente. Os funcionários estão nervosos. Os investidores assustados. IPO parece morto na água. É profundamente lamentável.

— Muito.

Reconheci a hipocrisia, considerando que Christian e eu planejamos afastá-la para sempre, mas não dou a mínima. Nunca fui lógico quando se tratava dela. Foi minha única centelha de egoísmo em uma vida de razão.

— Honestamente, era tão fácil que era quase chato. — Christian bocejou. — Agora que isso está fora do caminho, o que quer que eu faça sobre Francis?

Não respondi. Não sabia como.

Ouvi o peso de sua pausa sobre a linha. — Deixe-me lembrá-lo que é para isso que está trabalhando há oito meses. — Disse. — O homem o chantageou e ameaçou a vida de seu irmão.

— Estou bem ciente. — Rebatí.

Empurrei a mão pelo meu cabelo, tentando pensar através da pressão apertando meu crânio. A hipotética sequência de eventos após minha aprovação passou diante dos olhos, como um filme em avanço rápido. Christian destrói as provas e torpedeia Lau Jewels. Vivian ouve a notícia de que o sustento de sua família está pegando fogo. Digo a ela a verdade sobre a chantagem. Ela sai...

A pressão se espalhou para o meu peito. *Porra*. Se eu tivesse um ataque cardíaco no meio da Torre Eiffel durante uma ligação com Christian, nunca ouviria o fim.

— Sua chamada, Russo. — Sua voz ficou impaciente. — Qual é o nosso próximo passo?

Não disse isso, mas ouvi o aviso em sua voz. Sabia exatamente por que eu estava hesitando, e estava menos do que impressionado. Fechei meus olhos. Minha enxaqueca latejava com ferocidade crescente.

Não sou minha família.

O homem o chantageou e ameaçou a vida de seu irmão. Diga a palavra, e estará livre do Laus para sempre.

Tive que me livrar da chantagem. Não importava meus sentimentos por Vivian, era a vida do meu irmão em jogo, e não podia arriscar que essas fotos vazassem. Romano o esfolaria vivo se descobrisse que Luca havia tocado qualquer mulher de sua família, muito menos sua amada sobrinha. Se eu destruísse a chantagem, nada me impediria de me vingar de Francis. Poderia deixar o passado para trás, mas ele não merecia.

— *Na próxima vez que ver seu irmão, deveria dizer a ele para ter mais cuidado. — Francis tinha o sorriso de uma cobra que acaba de encontrar uma presa aprisionada. — Odiaria que essas fotos chegassem às mãos de Romano.*

Não toquei na pasta na minha mesa; tinha visto o suficiente. Não precisava passar por todas as fodidas fotos.

— *De qualquer forma, tenho certeza que está ocupado, então não tomarei mais do seu tempo. — Francis se levantou e alisou a gravata com a mão. — Pense no que eu disse. Um casamento com minha filha seria bastante benéfico, especialmente para a... longevidade de sua família. — Seu sorriso se alargou, revelando incisivos afiados. — Não concorda?*

A memória trouxe à tona todas as emoções daquela reunião e as derramou na boca do meu estômago. O choque. A descrença. A porra da *raiva* tanto do meu irmão quanto do bastardo que teve a coragem de aparecer sem ser convidado no *meu* escritório e me chantagear.

Não, Francis Lau não merecia nenhuma misericórdia minha.

Virei as costas para a sala de jantar. A fria finalidade se instalou em meu peito enquanto tomava minha decisão.

— Derrube-o.



Depois que desliguei, voltei para jantar e tentei o meu melhor para agir normalmente. Vivian não disse nada no restaurante, mas quando voltamos para o hotel, ela me lançou um olhar preocupado.

— Está tudo bem? — Perguntou. — Você ficou quieto desde a ligação.

— Está tudo bem. — Tirei minha jaqueta e evitei seus olhos. — Apenas irritado, interrompeu nosso jantar.

— Ainda foi um bom jantar. — Suspirou e se sentou na cama com um sorriso sonhador. — Sonharei com aquela sobremesa para o resto da minha vida.

— A sobremesa e não eu? Estou ofendido.

Vivian revirou os olhos. — Nem tudo gira em torno de você, Dante.

— Deveria. — Sorriu com a forma como seu nariz torceu mesmo quando meu coração torceu.

Na superfície, nossas brincadeiras eram divertidas como sempre, mas um relógio tiquetaqueou sob a leveza, audível apenas para mim enquanto contava nossos momentos juntos. Deveria lhe dizer a verdade. Se não agora, então quando desembarcarmos em Nova York. Descobriria mais cedo ou mais tarde, e eu queria que ela ouvisse isso de mim, mas o pensamento de lhe contar sobre a chantagem e quebrar as últimas noções idealistas que tinha de seu

pai, de confessar o que tinha autorizado Christian a fazer... rasgou-me como uma faca no peito.

Estes foram nossos últimos momentos juntos, e fui egoísta o suficiente para guardá-los para mim.

Vivian soltou uma risada ofegante quando a empurrei de costas e a segurei, meus movimentos suaves o suficiente para que aterrissasse com um baque suave ao invés de algo mais chocante. Ela me olhou, seu aborrecimento simulado anterior se derretendo em um sorriso que fez meu coração doer.

— Última noite na França. — Baixei a cabeça para que meus lábios roçassem os dela com cada palavra. — Eu me pergunto como devemos gastá-lo...

— Bem, originalmente planejei tomar um longo banho, ler, talvez colocar aquela máscara facial que disse que me faz parecer o Jason de sexta-feira 13... — Vivian meditou, seus olhos brilhando com o riso e calor acumulado. — Talvez você tenha uma ideia melhor.

— Tenho. — Dei um beijo suave em sua boca enquanto abria lentamente seu vestido. O material sedoso afrouxou, e gentilmente a levantei para que pudesse tirar o resto de suas roupas.

Normalmente, estaria muito impaciente para ir tão devagar, mas esta noite, deixei meu toque demorar em cada curva e mergulho. Mapeei seu corpo com minha boca e mãos, acariciando seus seios através de seu sutiã e puxando sua calcinha com meus dentes, centímetro por centímetro torturante, até que choramingou de frustração.

— Dante, *por favor*. — Ofegou, sua pele corada de prazer, embora mal a tivesse tocado ainda.

Meu gemido vibrou contra sua pele. Queria prolongar essa noite o máximo possível, mas não podia negar nada a ela. Não quando me olhava com aqueles olhos e implorava com aquela voz.

Joguei sua calcinha para o lado e observei a visão perfeita a minha frente. — Porra, baby, está tão molhada para mim.

Ela choramingou novamente quando gentilmente raspei meus dentes sobre seu clitóris. Uma, duas vezes, deixando-a se aquecer com a sensação antes de puxar o botão sensível em minha boca e chupar. Os gritos crescentes de Vivian eram música para meus ouvidos enquanto a levava ao seu primeiro orgasmo da noite. Poderia ouvi-la para sempre; os gemidos suaves, os pequenos suspiros e gemidos e o jeito que chamava meu nome quando gozou na minha língua. Foi a sinfonia mais doce e suja que ouvi.

Ela ainda estava descendo de sua alta quando deslizei dentro dela. Outro gemido subiu pela minha garganta com o quão apertada e molhada estava. Seu corpo se encaixava no meu do jeito que o oceano abraçava a costa – naturalmente, sem esforço, perfeitamente. Fiquei imóvel, beijando até seu pescoço e capturando sua boca em um beijo antes de começar a me mover. Os suspiros de prazer de Vivian vibraram pelo meu corpo enquanto deslizava dentro e fora dela em um ritmo lento e sensual. Foi necessário toda a minha força de vontade para manter um ritmo sem pressa quando ela parecia perfeita *pra* caralho, mas queria saborear cada segundo. Eventualmente, no entanto, meu controle escorregou e peguei meu ritmo. Engoli de volta uma maldição quando ela se arqueou em mim, me levando ainda mais fundo.

— Mais rápido. — Implorou, sua voz ofegante com desejo. — *Por favor.*

Cerrei meus dentes, meus músculos rijos com a tensão de segurar minha liberação. O suor escorria pela minha testa. — *Se sapessi il potere che hai su di me*³¹. — Disse, minha voz rouca.

Parei por um segundo antes de agarrar seus quadris e dar a ela o que pediu, fodendo-a mais e mais rápido até que suas unhas cavaram sulcos nas minhas costas. Os olhos de Vivian estavam semicerrados, suas bochechas coradas de prazer e seus lábios entreabertos conforme gemido após gemido saía.

Ela era tão bonita que quase não podia acreditar que era real. Meu olhar permaneceu em seu rosto, tentando gravar cada detalhe na memória antes de beijá-la novamente. Engoli seu grito de liberação quando se apertou em torno de mim. Segurei por mais um minuto antes de meu controle finalmente liberar e meu próprio orgasmo me inundar em uma corrida quente e ofuscante.

— Bem. — Vivian respirou depois que rolei para o meu lado ao lado dela. — Isso foi definitivamente mais divertido do que um banho.

Rio mesmo quando a culpa voltou à minha consciência e abriu um buraco no meu peito. — Meu ego agradece pela confirmação.

— Diga que não tem de quê. — Bocejou e se aconchegou mais perto de mim, colocando um braço e uma perna sobre meu corpo. — Esta foi a noite passada perfeita. — Murmurou. — Deveríamos... — Outro bocejo. — Vir a Paris com mais frequência. Da próxima vez... — Um terceiro bocejo. — Vamos para...

Sua voz sonolenta sumiu em silêncio. Pressionei meus lábios no topo de sua cabeça enquanto sua respiração desacelerava para um ritmo profundo e uniforme. Tentei dormir, mas a dor pesada no meu peito me deixou inquieto. Em vez disso, olhei para o teto,

³¹. Se você soubesse o poder que tem sobre mim.

contando suas respirações, imaginando quantos mais ainda tínhamos antes de tudo desmoronar.

Levaria um dia para Christian destruir a evidência. Um ou dois para Francis perceber o que aconteceu, dependendo de quão de perto monitorava os locais de apoio. E mais alguns para que os efeitos da desmobilização do negócio fossem perceptíveis. Realisticamente, poderia contar a verdade a Vivian quando desembarcássemos em Nova York. Prefiro que ouça isso de mim do que de seu pai, que sem dúvida tentaria distorcer as coisas de uma maneira que o fizesse parecer a vítima.

Foda-se. Não poderia lançar uma bomba sobre ela assim. Ao mesmo tempo, não podia fingir que estava tudo bem e permiti-la entrar ainda mais do que tinha; não quando nosso término era inevitável.

Outras pessoas passaram anos tentando se aproximar de mim. Vivian nem precisou tentar. Cada minuto que passamos juntos era mais um chip de distância em minhas defesas, quer ela soubesse ou não.

Se eu deixasse o seu pai fora da equação, talvez pudesse salvar o que tínhamos. Mesmo que achasse que ele era um pedaço de merda, ela era muito leal à sua família para me perdoar por destruí-los. E se *estava*, por algum milagre, bem comigo derrubando seu pai, nosso relacionamento poderia sobreviver às consequências? Com certeza não sentaria em frente aos Laus no Dia de Ação de Graças todos os anos e seria legal, e duvido que me recebessem, de qualquer maneira.

Não podia mantê-la, e não podia deixá-la ir - ainda não.

Fechei os olhos, tentando encontrar a melhor maneira de sair dessa porra.

A lógica me disse que tinha roubado meus momentos com ela esta noite e que precisava me distanciar antes de cair mais fundo. A emoção me disse para foder a lógica e lhe dizer para enfiar sua razão no rabo.

Minha cabeça ou meu coração. Um deles venceria.

Só não sabia qual.

CAPÍTULO 32

Vivian

Saí de Paris feliz.

Comida deliciosa. Roupas bonitas. Sexo incrível. Trabalhei durante meu tempo lá, mas parecia mais férias do que algumas das minhas férias reais.

Além disso, o planejamento do Legacy Ball estava *finalmente* funcionando sem problemas, a preparação do casamento estava no caminho certo e meu relacionamento com Dante era o melhor que tinha sido.

A vida era boa.

— Foi horrível. — Disse Sloane quando saímos do cinema. — O que havia com a cena do avião? E a *confissão de amor*. Vomitaria se alguém me comparasse ao planeta Vênus, especialmente depois de me conhecer por apenas três semanas. Como alguém poderia se apaixonar em três semanas?

Isabella e eu trocamos olhares divertidos. Tivemos que adiar nossa noite de cinema devido à minha viagem a Paris, mas finalmente assistimos à comédia romântica que Sloane estava nos perseguindo. Como esperado, ela odiou.

— O tempo funciona de forma diferente na ficção. — Disse. — Sabe que pode parar de assistir a esses filmes a qualquer momento, certo?

— Odeio vê-los, Vivian. É terapêutico.

— Mmmm.

Chamei a atenção de Isabella novamente, e ambas nos viramos para que Sloane não pudesse ver nossos sorrisos.

— De qualquer forma, tenho que ir para casa e alimentar o Peixe antes que morra em mim. — Sloane parecia que a tarefa era equivalente a limpar os túneis do metrô com uma escova de dentes. — Eu tenho o suficiente no meu prato sem ter que lidar com um animal morto.

Ela manteve o peixinho dourado que o inquilino anterior de seu apartamento deixou para trás, mas se recusou a dar a ele um nome adequado, já que sua presença em sua vida era “temporária”. Fazia mais de um ano.

Isabella e eu sabíamos que era melhor não mencionar isso, então simplesmente lhe demos boa noite e nos separamos.

Parei no restaurante tailandês favorito de Dante a caminho de casa. Greta estava em suas férias anuais na Itália, por isso ficamos sozinhos, em termos de comida, pelas próximas semanas.

— Dante está em casa? — Perguntei a Edward quando voltei para a cobertura.

— Sim, senhora. Está em seu escritório.

— Excelente. Obrigada. — Tentei fazer com que Edward me chamasse pelo meu primeiro nome quando me mudei, mas desisti depois de dois meses.

Bati na porta do escritório de Dante e esperei seu “Entre” antes de entrar. Ele se sentou atrás de sua mesa, sua testa franzida enquanto olhava para algo em seu monitor. Deve ter acabado de chegar em casa, já que ainda usava seu terno de escritório.

— Ei. — Coloquei a comida na mesa e o beijei na bochecha. — É depois do horário de trabalho. Deveria estar relaxando.

— Não é depois do horário de trabalho na Ásia. — Ele se afastou da mesa e esfregou a têmpora. Olhou para o saco de comida na mesa. — O que é isso?

— Jantar. — Peguei vários recipientes de plástico, guardanapos e utensílios. — Daquele lugar tailandês que tanto gosta na *East 78th*. Não tinha certeza do que estava com vontade, então peguei folhados de *curry*, manjerição salteado e... — abri o último recipiente com um floreio. — Sua salada de pato de assinatura.

Dante adorava aquela salada de pato. Uma vez, adiou uma ligação com o editor-chefe do *Mode de Vie* só para poder comer enquanto ainda estava quente. Ficava olhando, sua expressão inescrutável.

— Obrigado, mas não estou com fome. — Voltou para seu computador. — Eu realmente tenho que fazer isso na próxima hora. Pode fechar a porta ao sair?

Meu sorriso derreteu em seu tom brusco. Estava agindo um pouco distante desde que voltamos para Nova York há dois dias,

mas esta noite foi a primeira vez que foi tão descaradamente desdenhoso.

— Tudo bem. — Tentei manter minha voz otimista. — Ainda tem que comer. Deixarei isso aqui no caso de ficar com fome mais tarde. — Fiz uma pausa, depois acrescentei — Como vai o trabalho? No geral, quero dizer.

Ele estava sob muito estresse com vários problemas na cadeia de suprimentos e o próximo Festival de Cinema de Cannes, do qual o Grupo Russo era patrocinador. Não podia culpá-lo por estar um pouco mal-humorado.

— Bem. — Não desviou o olhar de sua tela.

A tensão cobriu seus ombros rígidos e sombreou suas feições. Parecia uma pessoa completamente diferente do provocador e brincalhão Dante em Paris.

— Se algo estiver errado, pode falar comigo sobre isso. — Disse suavemente. — Sabe disso, certo?

A garganta de Dante trabalhou com dificuldade.

Quando o silêncio se estendeu sem nenhum sinal de interrupção, peguei minha porção do jantar e comi sozinha na sala de jantar.

A comida tinha um cheiro delicioso, mas quando a engoli, tinha gosto de papelão.

A melancolia de Dante não melhorou durante a próxima semana.

Talvez fosse trabalho. Talvez fosse outra coisa. Fosse o que fosse, transformou-o de volta na versão fria e fechada de si mesmo que me fez querer arrancar o cabelo.

A mudança em sua atitude antes e depois de Paris foi tão chocante que senti como se tivéssemos tropeçado em um portal do tempo e ficado presos nos primeiros dias de nosso noivado.

Não me visitava para o almoço, estava sempre “ocupado” durante o jantar e só vinha para a cama muito depois de eu ter dormido. Quando acordava, já tinha ido embora. Conversamos quase menos do que transamos, o que nunca aconteceu.

Tentei ser compreensiva porque todo mundo tinha seus períodos sombrios, mas quando chegou a quinta-feira seguinte, minha paciência chegou à zona vermelha. A gota d'água que quebrou as costas do camelo veio naquela noite, quando voltei para casa do trabalho para encontrar Dante na cozinha com Greta. Ela tinha acabado de voltar de visitar sua família em Nápoles, ou Napoli, como chamava em italiano. No entanto, estava trabalhando duro novamente - a ilha de mármore e os balcões gemiam sob o peso de várias ervas, molhos, peixes e carnes.

O cheiro me chamou do vestibulo, mas quando entrei na cozinha, ela e Dante ficaram em silêncio.

— Boa noite, senhorita Lau. — Disse Greta. Quando estávamos sozinhas, ela me chamava de Vivian, mas perto de outras pessoas, sempre era Srta. Lau.

— Boa noite. — Examinei a preparação digna de banquete. — Estamos tendo uma festa que não sei? Isso parece muita comida para duas pessoas.

— Sim. — disse depois de uma breve pausa. Ela franziu a testa e lançou um olhar para Dante de rosto impassível antes de se ocupar com a comida.

Meu coração acelerou. — Vamos dar uma festa?

— Claro que não. — Dante disse quando Greta permaneceu em silêncio. Não me deu a chance de relaxar antes de acrescentar — Christian e sua namorada virão para jantar hoje à noite. Estão na cidade por alguns dias.

— *Esta noite?* — Olhei para o relógio. — O jantar é em menos de três horas!

— É por isso que cheguei em casa mais cedo.

Respire. Não grite. Não jogue a tigela de tomates na sua cabeça.

— Ia me dizer que estamos esperando convidados, ou isso era para ser uma surpresa? — Meus dedos estrangularam a alça da minha bolsa. — Ou não estou convidada para a refeição?

Greta cortou mais rápido, os olhos fixos no alho.

— Não seja ridícula. — Dante disse.

Ridícula? *Ridícula?*

Minha paciência se partiu ao meio. Tentei o meu melhor para ser solidária, mas estava cansada dele me tratar como uma estranha com quem foi forçado a dividir uma casa. Depois da

magia de Paris e do progresso que fizemos nos últimos meses, nosso relacionamento de repente regrediu para onde estava no verão do ano passado.

Então, era compreensível. Agora, depois de tudo que compartilhamos? Era inaceitável.

— Qual parte é ridícula? — Exigi. — A parte em que peço ao meu noivo a cortesia comum de me informar quando temos convidados em *nossa* casa? Ou a parte em que nos distanciamos tanto no espaço de uma semana que não ficaria surpresa se *me* excluísse? Gostaria de saber, porque não sou eu quem está sendo irracional aqui!

A faca de Greta pairava, suspensa, sobre a tábua de cortar enquanto me olhava boquiaberta com os olhos arregalados.

Foi a primeira vez que levantei minha voz na sua frente desde que me mudei e apenas a quarta vez que levantei minha voz, sempre. A primeira foi quando minha irmã “pegou emprestado” e perdeu um dos meus livros autografados favoritos no ensino médio. A segunda foi quando meus pais me forçaram a terminar com Heath, e a terceira foi na noite em que Dante encontrou Heath no apartamento.

A pele de Dante esticada sobre as maçãs do rosto. A tensão era tão sufocante que ganhou vida própria, rastejando em meus pulmões e afundando em minha pele. A sala com ar condicionado brilhava como se estivéssemos no meio do deserto ao meio-dia.

— Acabei de lembrar que estou esperando uma entrega de supermercado em breve. — Disse Greta. — Deixe-me verificar onde estão.

Ela largou a faca e disparou mais rápido do que um atleta olímpico competindo por ouro. Normalmente, teria vergonha de fazer uma cena, mas estava muito inflamada para me importar.

— É um jantar. — Dante rosnou. — Christian não me disse que estaria na cidade até ontem. Está fazendo um grande negócio por nada.

— Então poderia ter me dito que ele viria ontem! — Minha voz subiu novamente antes que forçasse mais oxigênio pelo nariz. — Não é sobre o jantar, Dante. É sobre sua *recusa* em se comunicar como uma pessoa normal. Achei que tínhamos superado isso. — Emoção entupiu minha garganta. — Prometemos que não faríamos isso. Agir como estranhos, afastar sempre que as coisas ficarem difíceis. Devíamos ser parceiros.

Dante esfregou a mão no rosto. Quando caiu, vislumbrei o conflito em seus olhos – remorso e culpa em guerra com frustração e algo mais que gelou a respiração em meus pulmões.

— Há algumas coisas que é melhor não saber, *mia cara*. — O carinho que inicialmente desprezei e aprendi a amar mal tocou minha pele antes de se dissolver. Suave, mas áspero, como a agitação das ondas em uma tempestade furiosa.

As notas melancólicas permaneceram por uma batida extra antes que seu rosto se fechasse novamente.

— Vejo você no jantar.

Ele saiu, deixando-me com um buraco no estômago e a sensação inabalável de que nosso relacionamento de alguma forma havia sido fundamentalmente alterado.



CAPÍTULO 33

Vivian

Dante e eu mal trocamos uma palavra durante o jantar. Eu, no entanto, empurrei seu peixe em seus vegetais quando não estava olhando e me delicieei com seu olhar de absoluto horror quando viu que sua comida foi tocada.

Além daquele pequeno ato de retribuição por seu comportamento, concentrei minha atenção em Christian e sua namorada Stella. Christian estava perfeitamente charmoso, como sempre, mas algo nele me deixou desconfortável. Ele me lembrou de um lobo vestido com roupas de ovelha perfeitamente adaptadas.

Stella, por outro lado, era calorosa e amigável, embora um pouco tímida. Passamos a maior parte do jantar discutindo viagens, astrologia e sua nova embaixadora com a grife Delamonte, que era, coincidentemente, uma marca do Grupo Russo. No que dizia respeito aos convidados do jantar de última hora, poderia ter sido muito pior.

Depois da sobremesa, levei Stella para um passeio pela cobertura enquanto Dante e Christian discutiam negócios. Era principalmente uma desculpa para recuperar o fôlego depois de horas de tensão subjacente entre mim e Dante, mas realmente gostava da companhia de Stella.



— Não pergunte. — Disse quando inclinou a cabeça para uma das pinturas na galeria. A peça hedionda se destacou como um polegar dolorido entre todos os *Picassos* e *Rembrandts*. — Não sei por que Dante comprou isso. Ele geralmente tem um gosto mais exigente.

— Deve valer muito dinheiro. — Disse Stella enquanto voltávamos para a sala de jantar.

— Aparentemente. O preço de prova nem sempre é indicativo de qualidade. — Disse secamente.

Nossos passos ecoaram contra o piso de mármore, mas meus passos diminuíram quando ouvi o estrondo familiar da voz de Dante escorrendo pela porta de seu escritório. Não tinha percebido que haviam se mudado da sala de jantar.

— ...não posso ficar com Magda para sempre. — Disse. — Deveria estar feliz por eu não ter jogado no lixo depois da façanha que fez com Vivian e Heath.

Minha garganta secou com a inesperada menção dos meus nomes e de Heath.

Que façanha? Exceto por um telefonema estranho durante o qual verifiquei seu nariz (menos machucado que seu ego) e disse a ele que não deveríamos mais manter contato, não tinha falado com Heath desde que apareceu no apartamento. Eu também não conseguia imaginar por que Christian se interessaria por qualquer um de nós. Como conhecia Heath? Era grande no mundo cibernético e Heath era dono de uma startup de tecnologia, mas essa conexão parecia tênue na melhor das hipóteses.

— É a porra de pintura, não um animal selvagem. — Disse Christian. — Quanto à Vivian, já se passaram meses e deu tudo

certo. Deixa para lá. Se ainda está chateado, não deveria ter me convidado para jantar.

— Fique feliz que as coisas *tenham dado certo* com Vivian. — O tom de Dante poderia ter congelado o interior de um vulcão. Engoli em seco, tentando umedecer o súbito deserto na minha garganta. Não funcionou. — Se...

Não consegui mais conter minha tosse. O som saiu de mim e cortou sua frase. Dois segundos depois, a porta se abriu, revelando dois rostos surpresos e não muito satisfeitos.

Um leve toque das maçãs do rosto de Dante de cor vermelha quando me viu. — Vejo que terminou o passeio mais cedo.

— Desculpe. — Stella falou, parecendo envergonhada. — Estávamos a caminho da sala de jantar e ouvimos... — parou, obviamente não querendo admitir que estávamos escutando, embora isso fosse claramente o que fazíamos.

Deveria pular e salvá-la, mas tudo o que pude fazer foi dar um sorriso forçado quando Christian e Stella nos agradeceram pelo jantar e rapidamente se desculparam.

— De que golpe de Heath estava falando? — Encontrei minha voz no silêncio após a partida deles.

— Nada com que precise se preocupar. — A voz cortada de Dante não combinava com o vermelho escuro de suas bochechas. — Estava sendo um idiota, como sempre.

— Considerando que ele mencionou a mim e meu ex-namorado pelo nome, acho *que* preciso me preocupar com isso. — Cruzei os braços. — Não vou parar de perguntar, então pode me dizer agora.

Mais silêncio.

— Christian foi quem enviou a mensagem para Heath. — Finalmente disse. — Aquela que supostamente era sua.

Meu estômago ficou vazio, e o choque gelado correu para preencher o vazio. — Por que ele faria isso?

— Eu te disse. Porque é um idiota. — Uma pequena pausa, depois um relutante — Posso tê-lo provocado, mas é facilmente provocado.

— É por isso que chegou em casa mais cedo. — Percebi.

Em todos os meus anos como CEO, só interrompi uma viagem de trabalho duas vezes, Vivian, e ambos os casos foram por sua causa.

Havia encoberto os detalhes do que disse na época porque estava muito distraída com tudo o que estava acontecendo, mas suas palavras de repente fizeram sentido.

— Por que não me contou antes? — Eu me arrependi de ter comido tanto no jantar. Estava começando a sentir náuseas. — Mesmo quando disse que não sabia como recebeu a mensagem, você não disse nada.

— Era irrelevante.

— Não era seu para decidir! — Aliviei uma respiração profunda em meus pulmões. — Não sei o que fez com Christian, mas *não* gosto de ser usada como peão em qualquer jogo que ambos estejam jogando.

Eu me sentia um peão o suficiente com meus pais. Não queria ou precisava me sentir também assim com Dante.

— Não é um jogo. — Dante gritou. — Christian ficou chateado e fez algo estúpido. O que eu diria se percebesse? Teria ficado chateada com algo que já aconteceu.

— O fato de não saber qual é o problema, é o problema. — Eu me virei, cansada demais para discutir mais. — Encontre-me quando estiver pronto para falar como um adulto.

Relacionamentos eram um dar e receber, e agora, estava cansada de dar.



Na manhã seguinte, acordei cedo para clarear a cabeça no Central Park. Depois de quarenta e cinco minutos de perambulação sem rumo, as brasas da indignação da noite anterior ainda ardiam em meu estômago, então fiz o que sempre fazia quando precisava desabafar: liguei para minha irmã.

Ela também cresceu com nossos pais, e passou por todo o processo de casamento arranjado. Se alguém me entendia, ela entendia.

— Já quis matar Gunnar? — O número de vezes que considere assassinato desde que fiquei noiva de Dante era alarmante. Talvez fosse uma peculiaridade de ser casada ou quase casada.

Agnes riu. — Em várias ocasiões, geralmente quando se recusa a pegar suas meias ou pedir informações quando estamos atrasados, mas não tenho estômago para sangue, então ele está seguro. Por enquanto.

Eu bufei uma risada. — Se meus problemas fossem tão simples quanto meias no chão.

— Ah. Você e Dante brigaram?

— Sim e não. — Resumi brevemente o que aconteceu, começando com sua estranha mudança de atitude depois de Paris e terminando com a revelação sobre o texto na noite passada.

Não tinha percebido quanto tempo ficamos sem falar até agora. Agnes e eu costumávamos ligar uma para a outra toda semana, mas agora era mais difícil com nossos horários e ela morando na Europa.

— Uau. — Agnes disse depois que terminei. — Teve algumas... semanas interessantes.

— Conte-me sobre isso. — Corri a ponta da minha Chloé de couro ao longo de uma rachadura no chão. Minha mãe gritava comigo por ter arranhado meu sapato, mas não estava aqui, então não me importava com o que diria.

— Sinto que estamos regredindo. — Disse. — Estávamos indo tão bem. Estava se abrindo, se comunicando... e agora estamos de volta à estaca zero. Ele está em silêncio e retraído, e estou *frustrada*. Não posso fazer isso pelo resto da minha vida, Aggie. Vou... oh, meu Deus. Seremos o casal no documentário da Netflix. — Percebi, horrorizada. — *Love and Murder: The Couple Next Door*.

— O quê?

— Deixa para lá.

— Tudo bem, aqui está o que acho. *Não* voltaram à estaca zero.
— Disse. — Lembra quando ficaram noivos? Não suportavam um ao outro. Vocês percorreram um longo caminho desde então, mesmo que tenha dado alguns passos para trás recentemente.

Suspirei. — Odeio como está sempre certa.

— É por isso que sou a irmã mais velha. — Brincou. — Olha, Gunnar e eu também não éramos grandes fãs um do outro quando nos conhecemos. Houve um momento durante o noivado em que cheguei *tão* perto de cancelar a coisa toda.

Meu pé parou de se mexer. — Sério? Vocês dois estão tão apaixonados.

— Agora estamos, mas não foi um amor que nos atingiu à primeira vista; ou segunda, ou terceira. Tivemos que trabalhar para isso. — Disse Agnes. — Dois dias antes de visitarmos mamãe e papai no Ano Novo Lunar – lembra quando mamãe surtou porque os bolinhos de arroz pegajosos não eram grudentos o suficiente? – nos perdemos durante uma caminhada e tivemos uma *grande* briga. Estava pronta para jogar meu anel sobre o lado da montanha e empurrar Gunnar atrás dele, mas sobrevivemos, assim como nosso relacionamento.

Um cachorro latiu ao fundo, e Agnes esperou que se acalmasse antes de continuar — Ninguém é perfeito. Às vezes, nossos parceiros fazem coisas que nos enlouquecem. Sei que tenho hábitos que Gunnar não suporta, mas a diferença entre os casais que conseguem e os que não conseguem é uma, entender quais são seus problemas, e dois, estar disposto a enfrentar os problemas que *não são os problemas*.

— Deveria ser uma conselheira de relacionamento. — Disse.
— Seu talento é desperdiçado em marketing de joias.

Ela riu. — Vou manter isso em mente. Só não conte para o papai ou vai fazê-la assumir o cargo de diretora de marketing.

Eu torci o nariz com a perspectiva.

— Você realmente teria cancelado o casamento? — Agnes sempre foi a “melhor” filha de nós duas. Mais complacente, menos sarcástica. Não podia resistir a um toque sutil de vez em quando, mas era infalivelmente gentil em casa. — Mamãe e papai teriam...

— Provavelmente me deserdado. — Terminou. — Eu sei, as por mais que quisesse fazê-los felizes, não poderia ter me amarrado a alguém que não gostava pelo resto da minha vida. Isso é uma coisa que percebi agora que estou mais velha, Viv. Não pode viver sua vida tentando agradar os outros. Pode ser cortês e respeitosa, e pode se comprometer, mas quando se trata disso? É a sua vida. Não desperdice.

Emoção emaranhada na minha garganta. Não estava triste ou chateada, mas as palavras de Agnes me atingiram em algum lugar que fez com que as lágrimas pinicassem o fundo dos meus olhos.

— Deu tudo certo para você contudo — Disse.

Minha irmã e seu marido Gunnar eram o epítome da felicidade conjugal rústica. Quando não estava em *Athenberg* para os procedimentos parlamentares, passavam o tempo fazendo compras no mercado local e cozinhando juntos. Sua mansão rural em Eldorra parecia algo saído de um conto de fadas, com dois cavalos, três cachorros e, aleatoriamente, uma ovelha. Nossa mãe se recusava a ficar lá sempre que visitava porque odiava como os

animais se soltavam em todos os lugares. Acho que isso só encorajou Agnes a ter mais animais de estimação.

— Sim. Sou muito sortuda. — A voz de Agnes suavizou. — Como disse, levou tempo e esforço, mas descobrimos. Acho que você e Dante também podem. Posso não estar mais entrincheirada nos círculos sociais da Costa Leste, mas estou bem ciente de sua reputação. Não teria se aberto do jeito que abriu se não tivesse sentimentos profundos por você. A questão é: você tem os mesmos sentimentos em relação a ele?

Olhei do outro lado do lago para os prédios que brilhavam à distância. Estava na extremidade da ponte *Gapstow*, um dos meus lugares favoritos no Central Park. A multidão estava começando a chegar, mas era cedo o suficiente, ainda podia ouvir os pássaros cantando ao fundo. Dante estava lá fora. Comendo, tomando banho e fazendo coisas normais do dia a dia que não deveriam ter o impacto que tiveram em mim, mas por mais brava que estivesse com ele, e por mais retraído que estivesse, só de saber que existia me fazia sentir um pouco menos sozinha.

— Sim. — Disse baixinho. — Tenho.

— Imaginei isso. — Ouvi o sorriso na voz de Agnes. — Você ainda precisa desabafar ou se sente melhor?

— Estou bem por enquanto. Obrigada por me manter fora da cadeia. — Disse com uma risada.

— Para que servem as irmãs mais velhas? — Ouvi o cachorro latir novamente, seguido pelo murmúrio baixo da voz de Gunnar. — Tenho que ir. Estamos voando para *Athenberg* hoje à noite para o Baile de Primavera da Rainha Bridget, e ainda não terminei de fazer as malas, mas me ligue se precisar de mim, está bem? E quando tiver uma chance, dê uma olhada no papai.

Sinos de alarme soaram na minha cabeça. — Porque, o que está errado? Está doente? — Ele parecia bem quando conversamos duas semanas atrás, antes de eu partir para Paris.

— Não, nada disso. — Agnes me assegurou. — Ele apenas soou mal quando liguei para ele alguns dias atrás. Provavelmente estou pensando demais, mas moro tão longe... faria com que me sentisse melhor se o visitasse.

— Eu vou. Aproveite o baile.

Fiquei no parque por mais uma hora depois que desliguei. De certa forma, minha conversa com minha irmã forneceu uma clareza muito necessária sobre meu relacionamento com Dante. Desabafar me *fez* sentir melhor, e por mais agravante que tenha sido a atitude de Dante, não era um problema. Ainda.

Quais foram contudo os meus verdadeiros problemas? Trapaça e violência não eram negociáveis, mas e a mentira? Valores diferentes? Falta de confiança e comunicação? Onde traçava a linha entre o que poderia comprometer, como uma pequena mentira branca sobre algo pequeno, e o que não poderia? Gostaria que houvesse um guia definitivo para esse tipo de coisa. Eu pagaria um bom dinheiro por isso.

Eu teria ficado mais tempo no parque, mas o céu anteriormente azul de repente escureceu. O vento aumentou e nuvens de tempestade se acumularam no alto, ameaçando chuva. Rapidamente me juntei às outras pessoas que corriam em direção à saída, mas só fiz um quarto do caminho antes que a chuva caísse, forte e repentina, como se os céus estivessem despejando baldes de água na lateral de uma varanda.

Relâmpagos irregulares cortavam o céu, acompanhados por estrondos ensurdecedores de trovões.

Uma maldição escapou quando pisei em uma poça e quase escorreguei. A água grudou minhas roupas na minha pele, e tentei não pensar em quão transparente minha camisa branca deveria estar agora.

Fazia um dia tão bonito minutos atrás, mas essa era a imprevisibilidade de uma primavera em Nova York.

Um segundo, era céu azul e sol. No próximo, uma tempestade como se o mundo estivesse acabando.

CAPÍTULO 34

Vivian

Na segunda-feira, peguei comida no *Moondust Diner* e levei para o escritório de Dante para o almoço. Um hambúrguer e seu shake preto e branco favorito para ele; um sanduíche de frango e um shake de morango para mim.

Era uma lembrança ao nosso primeiro encontro e um ramo de oliveira da minha parte. Dante era quem precisava estender o galho, mas se eu me afastasse sempre que ele se afastasse, nunca chegaríamos a lugar algum. Não queria que fôssemos um daqueles casais que fervilham em silêncio passivo-agressivo.

Além disso, tinha que haver uma boa razão pela qual Dante estava agindo tão estranho, e estava determinada a descobrir o que era.

— Boa tarde, Srta. Lau. — Stacey, a recepcionista do andar executivo do Grupo Russo, cumprimentou-me com um sorriso brilhante.

— Oi, Stacy. Trouxe um almoço para Dante. — Levantei os sacos de papel. — Ele está em seu escritório?

Era a primeira vez que aparecia sem avisar em seu local de trabalho. Ele poderia ter almoçado, mas conhecendo-o, não o fez.

Se não comêssemos juntos, provavelmente pularia completamente as refeições da tarde.

— Sim, mas está em uma reunião. — Disse após um breve momento de hesitação. — Não tenho certeza de quando vai sair.

— Está tudo bem. Posso esperar por ele na sala de espera.

Poderia facilmente responder e-mails e verificar com os fornecedores de casamento no meu telefone enquanto esperava. O *Legacy Ball* era minha principal prioridade por enquanto, mas uma vez que acabasse, precisava dobrar a preparação do casamento.

— Tem certeza? — Stacey parecia duvidosa.

Quando lhe assegurei que estava tudo bem com a espera, ela cedeu. O andar estava vazio para o almoço, e meus sapatos batiam suavemente no mármore branco enquanto caminhava pelo escritório.

A sede corporativa do Grupo Russo era um estudo de modernidade elegante misturada com a elegância do Velho Mundo. Laca preta e vidro refletiam detalhes em ouro ornamentado e pinturas em moldura dourada; flores exuberantes desabrochavam ao lado de grés esculturais pintados em vários tons neutros. A sala de espera ficava no final do andar, mas só cheguei na metade quando ouvi uma voz familiar – uma que *não* pertencia a Dante.

Meu passo interrompeu alguns metros fora do escritório de Dante. As janelas escuras me impediram de ver o interior, mas a conversa tensa dentro sangrou pela porta.

— Não tem ideia do que fez. — O timbre áspero do meu pai deslizou pela minha espinha, deixando rastros de gelo em seu rastro.

Se o resto do andar não estivesse tão quieto, não teria sido capaz de ouvi-lo. Do jeito que estava, suas palavras saíram fracas, mas claras.

Meu coração acelerou. Tinha planejado visitá-lo mais tarde, como Agnes havia sugerido, mas nunca teria imaginado que estaria *aqui*. Agora mesmo, no escritório de Dante, sem nenhum aviso ou notícia. Meu pai raramente visitava Nova York durante a semana de trabalho e nunca aparecia sem me avisar antes ou logo depois de desembarcar.

Então, o que estava fazendo aqui em uma tarde aleatória de segunda-feira?

— Sei exatamente o que fiz. — Dante falou lentamente. Baixo. Escuro. *Mortal*. — A última vez que apareceu sem ser convidado, estava em vantagem. Usou meu irmão para chegar até mim. Eu simplesmente igualei a balança.

Seu irmão. *Luca*.

Meu estômago embrulhou. O que meu pai tinha feito?

— Não, não tem. Você não encontrou todos elas. — Apesar de sua entrega confiante, a voz do meu pai baixou no final. Era um tique nervoso que eu tinha percebido quando era adolescente.

— Se eu não tivesse, você não estaria aqui. — Dante disse, soando ao mesmo tempo divertido e indiferente. — Teria corrido para Romano com uma de suas cópias. No entanto, tirou um tempo de seu dia de trabalho *ocupado* para voar até Nova York e

me ver. Não grita mais sobre a mesa, Francis. É patético. — Um pequeno farfalhar. — Sugiro que volte para Boston e lide com sua empresa em vez de se envergonhar ainda mais. Ouvi dizer que poderia usar alguma ajuda.

Seguiu-se um longo silêncio, pontuado pelas batidas rápidas do meu coração.

— É responsável pelos relatórios falsos. — Realização, fúria e uma pitada de pânico rolaram sob a acusação de meu pai, ameaçando separá-la pelas costuras.

— Não sei do que está falando. — O tom de Dante manteve sua indiferença. — Parece sério porém.. Mais uma razão para sair e controlar as coisas antes que a imprensa perceba. Sabe quão... perversos podem ficar uma vez que farejam sangue.

— Foda-se a imprensa! — A voz do meu pai se transformou em um grito. — Que *porra* você fez com a minha empresa, Russo?

— Nada que não merecesse. Hipoteticamente falando, é claro.

Os sacos de papel amassaram em meu punho. O sangue rugiu em meus ouvidos, tornando a conversa muito mais difícil de ouvir, mas me forcei a me esforçar e ouvir. Eu tinha que saber do que estavam falando. Tinha que confirmar o horrível pressentimento no meu estômago... mesmo que isso me destruísse.

— Vivian nunca vai perdôá-lo por isso. — O rosnado de meu pai era o de um tigre ferido. Nunca o tinha ouvido tão bravo, nem mesmo quando Agnes e eu quebramos seu vaso Ming favorito enquanto brincamos de esconde-esconde quando crianças.

Uma pausa breve e carregada.

— Está assumindo que me importo com o que ela pensa. — A voz de Dante estava tão fria que transformou meu sangue em gelo. — Posso lembrá-lo que fui *forçado* a este noivado? Nunca a escolhi de bom grado como minha noiva. Você me chantageou para isso, Francis, e agora sua influência se foi. Então não entre na porra do *meu* escritório e tente usar sua filha para se salvar. Não vai funcionar.

— Se você não se importa, então por que ainda não rompeu o noivado? — Meu pai provocou. — Como disse, foi *forçado* a isso. A primeira coisa que deveria ter feito depois de se livrar das fotos era se livrar *dela*.

Um estalo doloroso em meu peito abafou a resposta de Dante. Uma queimadura se acendeu em algum lugar ao norte do meu coração e se espalhou por trás dos meus olhos, tão intensa que temi que não deixasse nada além de cinzas para trás.

Fui forçado a este noivado...

Nunca a escolhi de bom grado...

Você me chantageou para isso...

As palavras ecoaram na minha cabeça como um pesadelo preso em um *loop* quebrado. De repente tudo fez sentido.

Por que Dante concordou em se casar comigo quando não precisava dos negócios, dinheiro *ou* conexões do meu pai. Por que foi tão frio comigo no início do nosso noivado.

Por que Luca não gostava de mim e por que minha intuição sempre questionou o raciocínio que Dante deu para o noivado. Ignorei a fragilidade da desculpa de acesso ao mercado porque era a única plausível na época, mas agora...

A omelete que comi no café da manhã subiu a minha garganta. Minha pele ficou quente, depois fria, enquanto um exército de aranhas invisíveis rastejava sobre meus braços e peito. Deveria sair antes que me pegassem bisbilhotando, mas não conseguia respirar. Não conseguia pensar. Não podia fazer nada além de ficar ali enquanto meu mundo desmoronava ao meu redor.

Nunca a escolhi de bom grado.

Você me chantageou para isso.

A queimadura liquefez e borrou minha visão. A encontro da astronomia, a viagem a Paris e todos os pequenos momentos entre eles. Estava fingindo esse tempo todo? Tentando tirar o máximo proveito de uma situação ruim em vez de...

Uma explosão de risadas no corredor me arrancou dos meus pensamentos em espiral. Minha cabeça se ergueu a tempo de ver dois homens de terno andando em minha direção, cheios do tipo de arrogância que só se possui se eles se sentassem na suíte C de uma empresa multibilionária.

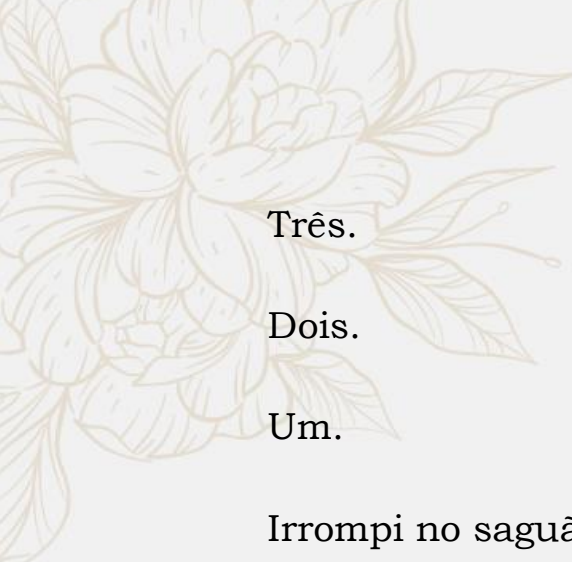
A chegada deles quebrou o feitiço de imobilidade que me mantinha refém.

O da direita me notou primeiro, mas no momento em que seu rosto se iluminou com o reconhecimento, estava passando por ele, minha cabeça abaixada e meu olhar fixo no chão à frente.

Basta chegar à saída. Vá até a saída e desça. Isso é tudo que precisa fazer.

Mais cinco passos.

Quatro.



Três.

Dois.

Um.

Irrompi no saguão como um nadador ofegante.

Empurrei a comida para uma Stacey assustada e murmurei algo sobre uma emergência no trabalho antes de apertar o botão do elevador.

Felizmente, veio em segundos.

Entrei, o carro despencou em direção ao chão, e finalmente, *finalmente* deixei minhas lágrimas caírem.



Dante

— Se não se importa, então por que ainda não rompeu o noivado? — Os olhos de Francis brilharam com desafio. — Como disse, foi forçado a isso. A primeira coisa que deveria ter feito depois de se livrar das fotos era se livrar dela.

Vermelho penetrou em minha visão. Ele disse *se livrar dela* tão facilmente, como se estivesse discutindo sobre um móvel ao invés de sua filha. Como um merda como Francis compartilhava genes com Vivian, nunca entenderia.

Ele agora também parecia um merda. Tez pálida. Círculos escuros. Sulcos de exaustão em seu rosto. A intromissão de Christian nos assuntos internos de sua empresa havia cobrado seu preço. Teria tido maior prazer em seu sofrimento se a menção de Vivian não fosse uma facada no peito.

Afastá-la por uma semana tinha sido doloroso o suficiente. Ouvir o seu nome sair da boca de seu pai safado, saber o que isso significava para o nosso relacionamento...

Apertei minha mandíbula e forcei minha expressão a permanecer neutra.

— Nossa conversa acabou. — Evitei a pergunta de Francis e deliberadamente verifiquei meu relógio. — Já desperdiçou minha hora de almoço. Saia, ou mandarei a segurança escoltá-lo para fora.

— Esses relatórios são *uma merda*. — Os nós dos dedos de Francis estalaram com a força de seu aperto nos braços. — Trabalhei décadas para construir minha empresa. Ainda era um feto quando comecei a Lau Jewels, e não deixarei uma criança nepotista e alimentada com colher de prata como você estragar tudo.

— Estava muito felizes por dizer que uma criança nepotista, alimentada com colher de prata, casou-se com sua filha. — Disse suavemente. — Ao ponto em que fodeu tudo e o chantageou. Não gosto de ser ameaçado, Francis. E sempre pago três vezes. Agora... — coloquei meu telefone de mesa sob escuta. — Preciso chamar meus seguranças ou é capaz de sair sozinho?

Francis tremia de indignação, mas não era estúpido o suficiente para me testar ainda mais. Ele invadiu meia hora atrás,

cheio de fogo e bravura. Agora, parecia tão patético e impotente quanto realmente era.

Empurrou a cadeira para trás e saiu sem dizer mais nada. A porta bateu atrás dele, sacudindo as pinturas na parede.

Aquele filho da puta. Teve sorte que nenhum deles caiu.

Eu mal tive a chance de aproveitar o silêncio antes que uma batida soasse. Pelo amor de Deus, o que um cara tinha que fazer para ter um tempo real de silêncio e trabalho?

— Entre.

A porta se abriu, revelando uma Stacey nervosa. — Desculpe interromper, Sr. Russo. — Disse. — Sua noiva deixou o almoço para você. Queria entregá-lo enquanto ainda está quente.

A temperatura caiu instantaneamente dez graus.

Um zumbido de trepidação se arrastou sobre mim e serpenteou em minhas veias. — A minha noiva? Quando ela esteve aqui?

— Talvez dez minutos atrás? — Disse que esperaria por você na sala de espera, mas saiu com pressa e deixou isso na minha mesa. Stacey levantou duas sacolas no ar. Foram carimbados com o logotipo preto e prata distintivo do *Moondust Diner*.

O zumbido se transformou em mil agulhas geladas perfurando minha pele. Vivian não teria ido embora sem dizer oi, a menos que...

Porra. Porra, porra, *porra!*

Levantei-me tão abruptamente que bati meu joelho contra a parte de baixo da minha mesa. Nem mesmo registrei minha dor através do fluxo de sangue em meus ouvidos.

— Onde está... — Stacey vacilou quando puxei minha jaqueta das costas da minha cadeira e passei por ela no corredor.

— Faça com que Helena cancele o resto das minhas reuniões presenciais hoje quando voltar. — Forcei as palavras pela minha garganta apertada. — Estou trabalhando em casa pelo resto do dia.

Estava a meio caminho da saída quando ela respondeu.

— E a sua comida? — Perguntou. Stacey parecia em pânico, como se meu almoço perdido fosse motivo para demiti-la.

— Fique com ele. — Não dava a mínima se ela comeu, deu de comer aos pombos ou usou para arte performática no meio da maldita Quinta Avenida.

Dez intermináveis minutos depois – aquele maldito elevador se movia na velocidade de um caracol tomando morfina – saí do prédio, minha pele úmida e meu coração disparado com um pânico súbito e indescritível. Não sabia como, mas sabia com certeza absoluta que Vivian estava em casa e não no escritório.

Meu apartamento ficava a apenas cinco quarteirões de distância. Caminhar era mais rápido do que pegar um carro, embora não necessariamente mais seguro. Estava tão distraído com o medo vazando em meu estômago que quase fui ceifado duas vezes, uma por um mensageiro de bicicleta desbocado e outra por um táxi fazendo uma curva muito rápido.

No momento em que entrei no saguão frio e climatizado da minha cobertura, minha boca tinha gosto de moedas de um centavo e um brilho fino de suor embaçou minha pele. Não deveria estar tão distorcido pelo fato de Vivian ter me ouvido conversando com seu pai. Tudo o que disse era verdade, e ela descobriria mais cedo ou mais tarde. Inferno, estava me preparando para este momento desde Paris.

Havia contudo uma diferença entre teoria e realidade. E a realidade é que, quando parei na porta do nosso quarto e vi sua mala aberta em nossa cama, senti como se tivesse levado um soco no estômago e arrastado sobre brasas, tudo no espaço de dois minutos.

Vivian saiu do armário com uma braçada de roupas. Seus passos pararam quando me viu, e um silêncio doloroso e sem fôlego se estendeu entre nós antes que se movesse novamente. Jogou suas roupas na cama à medida que eu observava, meu coração batendo forte o suficiente para machucar.

— Ia sair sem me dizer? — Aspereza afiou minha pergunta.

— Estou te fazendo um favor. — Vivian não olhou para mim, mas suas mãos tremiam enquanto dobrava e arrumava suas roupas. — Estou salvando-o de uma conversa difícil. Eu ouvi você, Dante. Não me quer aqui. *Nunca* me quis aqui. Então vou embora.

Lá estava. Sem “se”, “e” ou “mas” sobre isso. Aprendeu a verdade, e esta era sua maneira de lidar com isso.

Minhas mãos se fecharam.

Ela estava certa. *Estava* me fazendo um favor. Se ela sáísse, sem perguntas, cortaria o último laço que tinha com os Laus com

pouco ou nenhum esforço da minha parte. Poderia limpar minhas mãos de sua família e seguir em frente. E ainda...

— É isso? Depois de oito meses, depois de descobrir o que seu pai fez... — *E o que eu fiz...* — Isso é tudo que tem a dizer?

Vivian finalmente olhou para cima. Vermelho rodeou seus olhos, mas fogo brilhou nas profundezas marrons.

— O que quer que eu diga? — Exigiu. — Quer que eu pergunte o que meu pai tinha em você? Perguntar se os últimos dois meses significaram alguma coisa, ou se estava apenas tentando tirar o máximo proveito de uma situação de merda até poder se livrar de mim? Quer que lhe diga o quão *devastador* é descobrir que seu pai é... é... — Sua voz falhou. Ela se virou, mas não antes de eu vislumbrar a lágrima escorrendo pelo seu rosto.

Meu peito esmagou como gelo sob um caminhão em alta velocidade.

— Sabe como é saber que seu noivo só estava com você porque foi *forçado* a isso? Pensar que estávamos realmente nos aproximando quando me odiava secretamente? Não que eu o culpe. — Soltou uma risada amarga. — Se eu estivesse no seu lugar, também me odiaria.

Levou cada grama de esforço para engolir o nó na minha garganta.

— Eu não odeio você. — Disse, minha voz baixa.

Nunca te odiei. Não importa o que Vivian fizesse, ou com quem fosse parente, nunca poderia odiá-la. Era a única coisa que eu odiava em *mim*.

— Seu pai tinha... fotos incriminatórias do meu irmão. — Não sabia por que estava explicando. Ela deixou claro que não se importava, mas continuei falando de qualquer maneira, as palavras saindo mais rápido quanto mais ela arrumava. — Ele teria morrido se caíssem nas mãos erradas.

Contei a ela sobre as cópias, o ultimato de seu pai e sua insistência em mantê-la no escuro sobre a chantagem. Contei a ela sobre a ligação de Paris e até como descobri que havia oito cópias das provas.

Quando terminei, sua pele estava dois tons mais pálida do que quando comecei. — E a empresa do meu pai?

Um longo silêncio invadiu o espaço. Essa foi a única parte que deixei de fora. Uma parte importante, mas que fez meu coração apertar quando finalmente disse — Fiz o que tinha que fazer. Ninguém ameaça um Russo.

Meu olhar se fixou em Vivian enquanto processava minha resposta. O ar crepitava com mil pequenas vespas urticantes na minha pele. Como ela reagiria à minha confissão velada? Com raiva? Choque? Desapontamento?

Independentemente de seus sentimentos em relação ao pai agora, não podia imaginar que ela ficaria bem comigo adulterando a empresa de sua família, mas para minha surpresa, Vivian não traiu nenhuma emoção visível além de um aperto em suas feições.

— Sinto muito pelo que meu pai fez. — Disse. — Por que está me dizendo isso agora? Estava bem em me manter no escuro até agora.

Minhas mãos se fecharam novamente. — Queria limpar o ar. — Disse rigidamente. — Antes de... — *Você sair.* — Nós nos separamos.

Se não se importa, por que ainda não rompeu o noivado?

A pergunta de Francis me assombrava. Poderia ter dito a ela a qualquer momento durante a semana passada, mas tinha enrolado. Dado desculpas. Disse a mim mesmo que estava preparando-a para o nosso término me afastando quando, na realidade, simplesmente não estava pronto para deixá-la ir, mas o tempo acabou. Escolhi a vingança em vez de Vivian e essas foram as consequências.

Sem mais enrolação.

— Sinto muito que tenha sido pega no meio disso. Nunca teve culpa, mas eu tinha que proteger minha família, e isso é... — As palavras se alojaram como uma faca na minha garganta antes que as forçasse para fora. — Isso é apenas um negócio.

O gosto das moedas voltou, mas mantive minha expressão distante mesmo quando cada instinto gritava para eu atravessar o quarto, abraçá-la, beijá-la e nunca deixá-la ir. Deixei a emoção governar por muito tempo. Era hora de a lógica reinar novamente.

Mesmo que ela me perdoasse pelo que fiz com sua família, não poderíamos seguir em frente quando seu pai e eu nos odiávamos. E se eu ficasse com ela, seu pai ainda ganharia. Saber que Vivian era uma fraqueza que não podia ter, e usaria isso para explorar a situação de qualquer maneira que pudesse.

Para o bem de ambos, era melhor nos separarmos. Não importa o quanto doía.

Vivian me encarou. Uma galeria de emoções cintilou através de seus olhos antes que uma veneziana fosse fechada.

— Certo. — Disse suavemente. Fechou a mala e a arrastou para fora da cama. Parou na minha frente, torceu o anel de noivado do dedo e o colocou na minha mão. — Apenas negócios.

Ela passou por mim, deixando o cheiro fraco de maçãs e uma dor horrível no meu peito para trás.

Fechei meu punho ao redor do anel. Estava frio e sem vida contra minha palma. Minha garganta trabalhou em um duro engolir.

Vivian não tinha empacotado todas as suas coisas. A maioria de suas roupas ainda estava pendurada no armário. Seus frascos de perfume estavam na cômoda, um vaso de suas flores favoritas ao lado deles.

No entanto, o quarto nunca se sentiu mais vazio.

CAPÍTULO 35

Vivian

Em vez de procurar meu pai ou fazer check-in em um hotel depois de sair da casa de Dante, perambulei pelo Central Park com minha mala como uma turista recém-saída do trem na *Penn Station*.

Esperava que o ar da primavera limpasse minha cabeça, mas tudo o que fez foi me lembrar da minha sessão de fotos de noivado com Dante. Ponte *Bow*. *Bethesda Terrace*. Até o banco onde tomamos o café da manhã após as filmagens.

Fiz o que tinha que fazer. Ninguém ameaça um Russo.

Eu tive que proteger minha família... isso é apenas um negócio.

Esperei que a emoção – qualquer emoção – se instalasse, mas além de um breve incômodo quando passei por um nossos locais de sessão de fotos, só me senti entorpecida. Não conseguia nem sentir raiva ou preocupação com a possível implosão da empresa do meu pai.

Muita coisa aconteceu e meu cérebro se recusou a funcionar corretamente.

Eu era uma atriz vivendo a vida de outra pessoa, intocada pelo caos que rolava acima. Por enquanto, pelo menos.

Vaguei pelo parque até o sol se pôr. Mesmo em meu estado zumbi, sabia que não devia ficar no parque sozinha depois de escurecer.

Entrei no táxi mais próximo, abri a boca para dizer ao motorista que me levasse ao Carlyle e acabei dando a ele o endereço de Sloane. A ideia de passar a noite em um quarto de hotel impessoal finalmente despertou um lampejo de pânico.

Cheguei ao apartamento de Sloane vinte minutos depois. Ela atendeu após o segundo toque da campainha, deu uma olhada na minha bagagem e no dedo sem anel e me conduziu para dentro sem dizer uma palavra. Afundei no sofá enquanto desaparecia na cozinha.

Agora que não estava mais sozinha, sentimentos me arrastaram de volta. A dor em meus braços de arrastar minha mala o dia todo. As bolhas nos pés por andar com meus sapatos caros, mas impraticáveis. O buraco aberto e *excruciante* no meu peito onde meu coração costumava bater, saudável e inteiro. Agora, o órgão balançava como um carro em seus últimos vapores, lutando para retornar a algum lugar que nunca pertenceu.

Pisquei para afastar a pressão atrás dos meus olhos quando Sloane voltou com uma caneca e um pacote de meus biscoitos amanteigados de limão favoritos na mão.

Ficamos em silêncio por um segundo antes de ela falar. — Preciso afiar minhas facas e preparar planos de contingência para uma acusação de homicídio?

Reuni uma risada fraca. — Não. Nada tão drástico.

— Serei a juíza disso. — Seu olhar se estreitou. — O que aconteceu?

— Eu... Dante e eu terminamos. — Outro pedaço da minha dormência anterior se estilhaçou em um latejar doloroso.

— Percebi isso. — A resposta de Sloane foi real, não sarcástica.
— O que o filho da puta fez?

— Não foi culpa dele. Não inteiramente. — Consegui resumir os eventos do dia sem me despedaçar, mas minha voz falhou no final.

Sinto muito que tenha sido pega no meio disso... tive que proteger minha família... isso é apenas um negócio.

Outra lasca, esta, grande o suficiente para tirar o ar dos meus pulmões. A pressão atrás dos meus olhos se amplificou.

Para crédito de Sloane, ela não caiu no drama sobre as revelações chocantes. Não era o seu estilo e era uma das razões pelas quais vim para ela em vez de Isabella. Por mais que amasse Isa, ela gostaria de saber todos os detalhes e refazer a situação *ad nauseam*³². Não tinha energia ou banda larga emocional para isso agora.

— Tudo bem, então o noivado está oficialmente cancelado, o que significa que precisamos de um plano. — Disse Sloane secamente. — Vamos ligar para os fornecedores de casamento pela manhã e cancelar. Pode ser tarde demais para um reembolso total, mas tenho certeza de que posso convencer a maioria, se não todos, a emitir reembolsos parciais. Na verdade... — franziu os lábios. — Risque isso. Precisamos redigir a linguagem para o anúncio da separação primeiro. Não queremos que nenhum dos fornecedores vaze para a imprensa. Os jornais da sociedade estarão em tudo isso e...

³²-Expressão em latim que significa a insistência e repetição ao ponto de provocar náuseas.

— Sloane. — Minhas mãos apertaram minha caneca. Cada palavra que saía de sua boca elevava minha ansiedade a outro nível. — Podemos discutir isso mais tarde? Agradeço a ajuda, mas não posso... não consigo pensar em tudo isso agora.

A enormidade das semanas seguintes me surpreendeu. Eu tinha que tirar o resto dos meus pertences da casa de Dante, confrontar meu pai, descobrir onde meu relacionamento com ele estava a partir daqui, cancelar o casamento e lidar com as consequências públicas do meu noivado rompido. Além de tudo isso, o Legacy Ball seria em menos de uma semana e estávamos entrando em mais uma temporada movimentada de eventos. Suor frio irrompeu na minha testa e forçosamente arrastei o ar pelo nariz para desacelerar meu batimento cardíaco frenético.

O rosto de Sloane suavizou.

— Certo. É claro. — Limpou a garganta. — Quer que eu ligue para Isa? Ela é muito melhor nisso... — gesticulou vagamente ao nosso redor — do que eu.

— Mais tarde. Só quero tomar banho e dormir, se não se importa. — Olhei para o meu chá, sentindo-me estúpida, constrangida e envergonhada e outras mil coisas no meio. — Sinto muito por aparecer sem aviso assim. Eu só... não queria ficar sozinha esta noite.

— Vivian. — Sloane colocou sua mão sobre a minha, sua voz firme. — Não precisa se desculpar. Fique o tempo que quiser. Meu quarto de hóspedes não estava sendo muito usado, de qualquer maneira. Você, Isabella e o cara da manutenção são as únicas pessoas que permito no meu apartamento.

— Não sabia que tinha esse tipo de relacionamento com o cara da manutenção. — Brinquei sem entusiasmo. — Escandaloso.

Ela não sorriu, mas preocupação cobriu sua testa. — Descanse um pouco. Vamos resolver tudo pela manhã.

Minha tentativa de sorriso desmoronou. — Obrigada. — Sussurrei.

Sloane não gostava de abraçar, mas o aperto de sua mão transmitia o mesmo sentimento.

Mais tarde naquela noite, deitei na cama, incapaz de dormir apesar da minha exaustão. Hoje perdi tanto meu pai como meu noivo, de uma forma ou de outra hoje. Duas das pessoas mais importantes da minha vida, irreconhecíveis ou desaparecidas.

Meu pai mentiu, manipulou e me usou enquanto Dante...

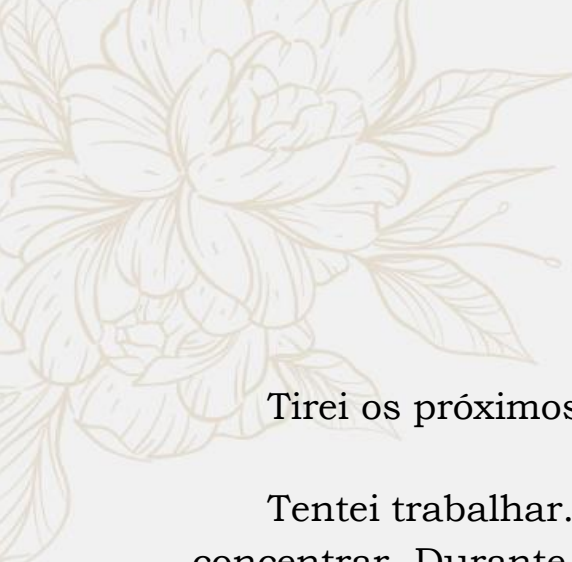
Nunca a escolhi de bom grado.

Isto é apenas um negócio.

A pressão atrás dos meus olhos finalmente explodiu. Os pedaços restantes de dormência se desintegraram, substituídos por uma dor tão aguda e intensa que teria dobrado se estivesse de pé.

Em vez disso, enrolei-me em posição fetal e cedi aos soluços destruindo meu corpo. Caíram sobre mim, um após o outro, até que minha garganta ficou em carne viva e a umidade escaldou minhas bochechas, mas não importa o quanto chorasse ou tremesse, não conseguia emitir nenhum som.

Meus soluços permaneceram silenciosos, sentidos, mas não ouvidos.



Dante

Tirei os próximos três dias de folga do trabalho.

Tentei trabalhar. Eu realmente queria, mas não conseguia me concentrar. Durante cada ligação, ouvia a voz de Vivian. Durante todas as reuniões, via o seu rosto.

Nesse ponto, eu era um passivo para a empresa, então instruí Helena a cancelar minhas reuniões da semana e aproveitei para colocar a cabeça no lugar.

Isso significava abrir uma garrafa de uísque todas as noites, retirar-me para a sala de estar e ignorar as perguntas de Greta até que se afastasse em uma enxurrada de maldições.

Esta noite não era exceção.

Inclinei a cabeça e a garrafa de volta. O álcool queimou minha garganta e encheu meu estômago, mas o vazio doloroso permaneceu.

Eu simplesmente não estava acostumado com a ausência de Vivian depois de viver com ela por tanto tempo. Passaria, assim como minha ligação emocional a ela.

As pessoas se separavam e seguiam em frente todos os dias. Não era nada especial.

Tomei outro gole. A lareira estava apagada para a primavera, mas uma memória nebulosa de suas chamas e a forma como sua luz dançava nas feições de Vivian encheu minha mente.

Tem medo que eu rompa o noivado? Fuja com Heath e o deixe parecendo um tolo na frente de seus amigos? Por quê se importa?

São abotoaduras de sorvete. Conheço um joalheiro na Rue de la Paix que faz peças personalizadas...

Não é apenas um negócio para você. E não é apenas dever para mim. Estou feliz por ter vindo a Paris.

A dor açoitou meu peito, uma queimadura pungente.

— Talvez possa colocar algum juízo nele. — O resmungo de Greta chegou ao quarto vindo do corredor. — Está sentado e bebendo nos últimos dias como seu tio-avô Agostino costumava fazer. *Non mi piace parlare male dei morti, ma grazie al cielo non è più qui con noi.*³³

— Vou tentar. — A voz de Luca me deu uma pausa antes de eu dar de ombros e levar a garrafa aos meus lábios novamente.

Ele provavelmente precisava de um adiantamento em sua mesada. Raramente visitava a menos que quisesse alguma coisa. Não olhei para ele quando entrou e se sentou na minha frente. Ele me observou por um momento antes de falar.

— O que diabos aconteceu?

— Nada. — Minha cabeça girou e pisquei para afastar a confusão antes de me corrigir. — Vivian e eu terminamos.

As palavras tinham um gosto amargo. Talvez devesse trocar o uísque por algo mais doce, como rum.

³³-Não gosto de falar dos mortos, mas graças a Deus ele não está mais aqui conosco.

— *O quê?* — O rosto pálido de Luca entrou na minha linha de visão quando finalmente me virei. O pequeno movimento exigia tanto esforço quanto nadar no melaço.

Cristo, minha cabeça sempre esteve tão pesada?

É o seu ego. Acrescenta pelo menos cinco quilos. A hipotética provocação de Vivian soou em meus ouvidos.

Uma prensa apertou meu coração. Já era ruim o suficiente que cada palavra e sorriso dela estivessem gravados em minha memória. Agora estava ouvindo coisas que ela *não* disse?

— Por que? — Luca exigiu. — E Francis e as fotos?

Certo. Não tinha dito a ele que tinha destruído as fotos ainda, em parte porque estava distraído e em parte porque o mantinham sob controle. Inferno, ele merecia suar um pouco mais depois da porra da bagunça em que me colocou.

— Cuidei deles. — Disse secamente. — Foi por isso que Francis me visitou no início desta semana. Vivian ouviu. Nós terminamos. Fim.

— *Cristo, Dante, não poderia ter me dito isso antes?* Por que tive que receber uma ligação de Greta preocupada sobre como os alienígenas tomaram seu corpo?

— Não sei, Luca. Talvez porque estava ocupado salvando *sua* bunda. — Disse.

Ele me encarou por um segundo antes de cair na cadeira. — Merda. Bem, isso é bom, certo? A chantagem acabou. Francis se foi. Vivian se foi. Isso é o que queria.

Outra longa puxada. — Sim.

— Não parece muito feliz. — Observou.

A raiva se libertou de sua coleira. — O que quer que eu faça, um desfile? Pelo amor de Deus, acabei de salvar sua *vida* e tudo que pode fazer é comentar se eu pareço *feliz*!

Luca não vacilou. — Você é meu irmão. — Disse calmamente. — Sua felicidade é importante para mim.

Sem mais nem menos, minha raiva esfriou tão rapidamente quanto veio. — Se isso fosse verdade, não teria nos colocado nessa confusão em primeiro lugar.

Ele fez uma careta. — Sim, bem, fiz meu quinhão de... coisas questionáveis, como deve saber.

Eu bufei em concordância.

— Estava certo porém em me fazer conseguir um emprego. Na verdade, gosto de trabalhar na *Lohman & Sons*, e a rotina tem sido boa para mim. É bom não acordar de ressaca todos os dias. — Um sorriso surgiu na boca de Luca. — Admito, estava ressentido *pra caralho* quando mencionou isso pela primeira vez. A coisa toda da chantagem não parecia real na época e odiei como me puniu como se eu fosse seu filho em vez de seu irmão. O trabalho, terminar com Maria. Eu era... egoísta.

Baixei minha garrafa e estreitei os olhos. — Não sou aquele cujo corpo foi tomado por alienígenas. Quem é você e o que diabos fez com meu irmão?

Luca riu. — Como eu disse, a rotina tem sido boa para mim. Por isso não tenho saído tanto com a minha antiga turma. Na

verdade... — limpou a garganta. — Conheci uma garota. Leaf. Ela realmente colocou as coisas em perspectiva para mim.

— Está namorando alguém chamado *Leaf*? — Perguntei, incrédulo.

— Os pais dela eram hippies. — Disse como explicação. — Ela é uma instrutora de ioga no Brooklyn. Muito flexível. De qualquer forma, esse não é o ponto. A questão é que tenho feito muito trabalho interno com ela.

Aposto que tem. Eu deveria saber. Todas as grandes mudanças na vida de Luca giravam em torno de mulheres, bebidas ou festas.

— Ela está me ajudando a curar minha criança interior. — Continuou. — Isso inclui consertar nosso relacionamento fraterno.

Jesus. Suponho que uma instrutora de ioga do Brooklyn chamada Leaf era melhor do que uma princesa da máfia. Maior chance de tornar meu irmão vegano, menor chance de matá-lo.

— E Maria? Achei que estivesse apaixonado.

— Não falei com ela em... er, desde que conversamos em seu escritório. — Luca tossiu. — Estava conversando com Leaf sobre isso. Acho que confundi a emoção do proibido com o *amor*, sabe? Os dois são facilmente confundidos.

Não diga, porra.

— Chega porém de falar da minha vida amorosa. Estávamos falando da sua. Com Vivian.

Fiquei tenso novamente. — Com certeza não estávamos.

— Deveria estar comemorando depois de se livrar dos Laus. — Disse, ignorando-me. — Entretanto está aqui bebendo sozinho como o tio-avô Agostino depois de perder no pôquer. Nós dois sabemos por quê.

— Porque estou tentando esquecer que tenho um irmão chato *pra* caralho com péssimo gosto para mulheres.

— Não. *Porque* realmente gosta de Vivian. — Disse incisivamente. — Pode até amá-la.

A bola de demolição de sua especulação ricocheteou no meu peito e desequilibrou meu coração. — Isso é ridículo.

— É? Seja honesto. — Luca se inclinou para frente e fixou um olhar duro em mim. Não era uma expressão que estava acostumado a ver nele. Era inquietante. — Deixando de lado todas as besteiras com Francis, *quer* ficar com ela?

Afrouxei minha gravata, apenas para perceber que não estava usando uma. Então por que diabos minha garganta estava tão apertada? — Não é tão simples assim.

— Por que diabos não?

— Porque não é. — Rebatí. — O que acha que acontecerá? Teremos refeições felizes em família no Dia de Ação de Graças depois que eu destruir a empresa do pai dela? Casar na frente de todos os nossos amigos como se a forma como nos conhecemos não fosse completamente fodida? Se eu me casar com ela, Francis ganha. Ainda terá um Russo como genro. As pessoas vão questionar por que diabos não estou salvando-o quando sua empresa se incendiar. Será uma bagunça do caralho!

— Claro. — Disse Luca, aparentemente não impressionado com a minha explicação. — Isso contudo não responde minha pergunta. Quer ficar com ela?

Esqueça a ira de Romano. Estava a segundos de ceder a minha e estrangulá-lo com minhas próprias mãos.

Se não fosse por ele, Francis não teria me chantageado. Se ele não tivesse me chantageado, não teria ficado noivo de Vivian. Se eu não tivesse ficado noivo de Vivian, não teria me...

A percepção me deu um soco no peito, tão forte e repentino que jurei ter ouvido um estalo. Coração machucado, costelas fraturadas, respiração roubada, tudo no espaço de um minuto. Era como se meu corpo estivesse me punindo por não reconhecer a verdade mais cedo quando era tão óbvio.

A maneira como eu ficava mais tempo na cama todas as manhãs só para pegar seu primeiro sorriso do dia.

A maneira como nossos encontros de almoço para viagem se tornaram minha parte favorita da semana de trabalho.

A maneira como me abri com ela sobre minha família, minha vida, *eu mesmo*...

E a maneira como vê-la ir embora na segunda-feira me custou um pedaço irrecuperável da minha alma.

A respiração deixou meus pulmões. De alguma forma, em algum lugar ao longo do caminho, apaixonei-me por Vivian Lau.

Não gostar ou luxúria. *Amor*, em toda a sua glória aterrorizante, imprevisível e indesejado.

Luca me observou processar a percepção, sua expressão em partes iguais divertidas e preocupadas. — Isso foi o que eu pensei.

Porra. Porra, porra, porra, PORRA.

Esfreguei a mão no rosto, inquieto e agitado.

O que diabos deveria fazer agora? Nunca estive apaixonado. Nunca planejei estar apaixonado. E agora, tinha me apaixonado como um maldito idiota pela única mulher que eu não deveria ter.

— Quando diabos se transformou no irmão mais velho? — O assunto era mais seguro do que o não resolvido que pairava no ar.

— Confie em mim, não sou e não quero ser. Muita responsabilidade, mas esse é o ponto. — O rosto de Luca ficou sério. — Você sacrificou muito por mim, Dante. Nem sempre reconheço ou aprecio isso abertamente, mas eu... — engoliu em seco. — Sei. Todas as vezes que apareceu para mim quando os outros não puderam ou não quiseram. Concordar em se casar com Vivian e depois desistir dela. Isso é o que quis dizer quando disse que precisamos consertar nosso relacionamento. Sempre foi uma figura paterna porque eu *precisava* de uma figura paterna, mas agora... gostaria que tentássemos ser irmãos.

Desta vez, o aperto no meu peito não teve nada a ver com Vivian. — Significa?

— O que significa que tentarei não estragar tudo e tê-lo pagando a fiança. — Ele me deu um sorriso torto. — E te puxo de sua merda quando preciso, como agora. Você ama Vivian. Vi isso acontecendo mesmo em Bali, mas você a deixou por causa de quê? Seu orgulho e vingança? Essas coisas só vão levá-lo até certo ponto.

— Leaf te contou isso?

— Não. — Outro sorriso. — Li um artigo sobre os sete pecados na sala de espera do meu dentista.

Deixei escapar uma zombaria, mas suas palavras se repetiram em um loop na minha cabeça.

Você a deixou ir por causa de quê? Seu orgulho e vingança? Essas coisas só vão levá-lo até certo ponto.

— Deveria ter colocado você para trabalhar mais cedo. Teria me poupado uma tonelada de dinheiro e dores de cabeça. — Esfreguei meu rosto novamente, tentando entender essa montanha-russa de um dia. — Por que está tão interessado no meu relacionamento com Vivian?

O sorriso de Luca desapareceu.

— Porque me protegeu toda a minha vida. — disse calmamente. — E é hora de eu retribuir o favor.

Culpei a queimadura em meu coração no álcool. — É para isso que serve minha equipe de segurança.

— Não de outras pessoas. De você mesmo. — Luca acenou para a garrafa meio vazia ainda frouxamente apertada na minha mão. — Não deixe sua busca pela vingança arruinar a melhor coisa que já aconteceu com você. Sim, resolver as coisas com a Vivian será difícil, mas sempre foi um lutador. Então, porra, lute.

CAPÍTULO 36

Vivian

Na quarta-feira depois que me mudei da casa de Dante, fretei um voo para Boston. De acordo com minha mãe, a quem liguei sob o pretexto de discutir os arranjos do casamento, meu pai já estava de volta em casa.

Passei a viagem de avião ensaiando o que diria, mas quando me sentei a sua frente em seu escritório, ouvindo o tique-taque do relógio e a cadência superficial da minha respiração, percebi que nenhuma quantidade de ensaio poderia ter me preparado para confrontar meu pai.

O silêncio se estendeu entre nós por mais um minuto antes de ele se inclinar para trás e levantar uma sobrancelha espessa e grisalha. — Qual é a emergência, Vivian? Suponho que tenha algo importante que gostaria de discutir se apareceu assim sem avisar.

Ele era o único que tinha algo para se desculpar, mas sua voz severa enviou uma espiral de vergonha instintiva através de mim. Era a mesma voz que sempre usava que eu recebia menos do que uma nota perfeita no teste. Tentei não deixar que isso me afetasse, mas foi difícil superar décadas de condicionamento.

— Sim, quero. — Levantei meu queixo e endireitei meus ombros, tentando invocar o fogo de dois dias atrás. Tudo o que consegui foram algumas baforadas de fumaça.

Era muito mais fácil reclamar do meu pai na minha cabeça do que na vida real. Parte do motivo era o quão exausto parecia. Bolsas pesadas pendiam sob seus olhos enquanto linhas de preocupação formavam profundos vincos e fendas em seu rosto.

Começaram a surgir artigos de notícias sobre problemas na Lau Jewels. Nada importante ainda, apenas alguns sussurros aqui e ali, mas eram um sinal da tempestade que estava por vir. O escritório fervilhava de energia nervosa e os valores das ações haviam caído.

Uma pontada irracional de culpa perfurou meu intestino.

Meu pai foi o responsável por essa bagunça. *Não deveria* me sentir culpada por denunciá-lo, não importa o quão cansado ou estressado estivesse.

— Vamos? — Disse impaciente. — Já adiei uma reunião por isso. Não adiarei novamente. Se não tem nada a dizer agora, vamos discutir isso durante o jan...

— Chantageou Dante para se casar comigo? — Soltei a pergunta antes que perdesse a coragem.

Meu coração bateu contra minha caixa torácica quando a expressão de meu pai endureceu em um molde ilegível. O relógio continuou sua marcha ensurdecadora até a meia hora.

— Eu o ouvi. No escritório de Dante. — Agarrei a bolsa no colo para me apoiar. Não estava vestindo tweed ou neutros hoje. Em vez disso, optei por uma bainha de seda sob medida e uma camada extra de batom vermelho para confiança. *Deveria ter colocado duas camadas extras.*

— Se você ouviu, então por que perder meu tempo perguntando? — O tom do meu pai era tão indecifrável quanto seu rosto.

Uma brasa de raiva despertou para a vida.

— Porque quero que você confirme! A chantagem é *ilegal*, pai, para não dizer moralmente errada. Como pôde fazer aquilo? — Forcei o ar pelo meu peito apertado. — Sou tão indesejável que tenha que *forçar* alguém a se casar comigo?

— Não seja dramática. — Retrucou. — Não era *alguém*. Era Dante Russo. Sabe quais as portas se casando com um Russo se abririam? Mesmo com nossa riqueza e o casamento de sua irmã, algumas pessoas nos desprezam. Vão nos convidar para suas festas e pegarão nosso dinheiro para arrecadar fundos, mas sussurram pelas nossas costas, Vivian. Acham que não somos bons o suficiente. O casamento com Dante acabaria com esses sussurros imediatamente.

— Chantageou alguém por causa de alguns *sussurros*? — Perguntei, incrédula.

Meu pai sempre foi consciente de sua aparência e reputação. Mesmo antes de ficarmos ricos, esticava nosso orçamento e insistia em pagar a mesa nas reuniões com os amigos para não perder a cara, mas nunca poderia imaginar que sua necessidade de validação social fosse tão profunda.

— A oportunidade surgiu e eu a agarrei. — Disse friamente. — Seu irmão era tolo e imprudente. Quais eram as chances de eu pegá-lo com a sobrinha de Gabriele Romano durante uma visita a Nova York? — Um encolher de ombros impenitente. — O destino o colocou no meu caminho e tirei vantagem disso para *nossa* família. Não me desculparei por isso.

— Poderia ter escolhido qualquer outra pessoa. — Era difícil ouvir sobre o zumbido em meus ouvidos, mas me empurrei para frente. — Alguém que teria concordado de *bom grado* com um casamento arranjado.

— Alguém que concordaria de bom grado não teria sido bom o suficiente.

— Ouve a si mesmo? — As brasas se transformaram em chamas. Minha fúria voltou rugindo, tão quente e brilhante que borrou o rosto do meu pai. — Estas são as *vidas das pessoas*, não brinquedos que pode dobrar e manipular. E se as fotos vazassem e o irmão de Dante fosse morto? E se *você* fosse morto por segurar as provas? Como pode ser tão... — *Cruel. Insensível. Moralmente corrupto.* — Pouco sagaz? Não é...

— Não levante a voz para mim! — Meu pai bateu as mãos na mesa com tanta força que os itens sacudiram. — Sou seu pai. *Não* fala comigo dessa maneira.

Meu coração ameaçou explodir do meu peito. — O pai que eu conhecia nunca teria feito isso.

O silêncio era tão agudo que dava para ouvir uma mariposa bater as asas. Meu pai se endireitou e se recostou novamente. Seu olhar penetrou em mim.

— Só tem o luxo de se importar com a moral por *minha causa*. Faço o que tenho que fazer para garantir que nossa família esteja protegida e da *melhor* maneira possível. Você e sua irmã cresceram protegidas, Vivian. Não tem ideia do que foi preciso para eu chegar onde estou hoje porque a protegi da verdade feia. O número de pessoas que riram na minha cara e me esfaquearam pelas costas... isso a deixaria doente. Acha que o mundo é cor de rosa quando, na melhor das hipóteses, é cinza.

— Proteger nossa família não significa destruir a de outra pessoa. Não descemos tão baixo, pai. Não é quem somos.

A mais breve sombra de remorso passou por seus olhos antes de desaparecer. — Sou o chefe da família. — Disse, seu tom final. — Somos quem digo que somos.

As palavras tocaram minha pele, frias e insensíveis. Um arrepio percorreu minha espinha.

— E meu relacionamento com Dante? — O fecho da minha bolsa cavou na palma da minha mão. — Não pensou como suas ações me afetariam? Há uma diferença entre um casamento arranjado e um forçado. Eu teria que passar minha vida com alguém que se ressentia de mim simplesmente porque quer o seu nome em nossa árvore genealógica.

— Não aja como uma mártir. — Disse meu pai. — É impróprio. Sua irmã nunca reclamou de estar casada com Gunnar e teve que se mudar para outro país.

— Ela não reclama porque *eles realmente se amam*.

Ele continuou como se eu não tivesse falado. — Há coisas piores do que ser a esposa de um bilionário. Você é jovem e charmosa. Teria desgastado Dante eventualmente. Na verdade, já parecia bastante apaixonado por você durante as férias.

— Bem, está engando. — Disse categoricamente. — Acabou, pai. Saí da casa de Dante. Não vamos nos casar. E... — Olhei pela janela para o andar do escritório principal. — A empresa não está indo bem.

Porque você provocou alguém que não deveria.

As palavras não foram ditas entre nós. A mandíbula do meu pai se apertou. Odiava ser lembrado de que as coisas não eram perfeitas sob sua vigilância.

— A empresa ficará bem. Estamos apenas experimentando um contratempo.

— Parece mais do que um contratempo.

Ele me olhou, sua ira derretendo em algo mais calculista. — Talvez esteja certa. — Disse. — Pode ser mais do que um contratempo, nesse caso podemos usar a ajuda de Dante. Ele está chateado agora, mas tem um fraquinho por você. Convença-o a... ajudar.

O frio penetrou em meus ossos. — Eu te disse, nós *terminamos*. Ele nos odeia. Não tem um fraquinho por mim ou por qualquer outra pessoa da família.

— Isso não é verdade. Vi o jeito que ele olhava para você quando sua mãe e eu visitamos. Mesmo que terminassem, tenho certeza que poderia fazê-lo ver a razão se tentasse o suficiente.

O frio se espalhou para a boca do meu estômago. Olhei para meu pai, observando seu cabelo perfeitamente arrumado, terno caro e relógio chamativo. Era como enfrentar um ator fingindo ser Francis Lau em vez do próprio homem.

Como é que se transformou do pai um pouco brega, mas bem-intencionado da minha infância, na pessoa diante de mim?

Frio. Desonesto. Obcecado por dinheiro e status e determinado a ganhar – e manter – ambos a qualquer custo. Parecia o mesmo, mas eu mal o reconhecia.

— Não vou. — Minha voz vacilou, mas minhas palavras foram firmes. — Esta é a *sua* bagunça, pai. Não posso ajudá-lo.

Odiava como minha mãe e minha irmã seriam afetadas se Lau Jewels virasse, mas não podia mais jogar de peão e posse para meu pai. Além disso, cada uma delas tinha seus próprios ovos de ouro; ficariam bem, financeiramente falando.

Eu tinha dado a outra face por muito tempo. Estava disposta demais a seguir o que meus pais me mandassem fazer porque era mais fácil do que balançar o barco e decepcioná-los. Apesar de todos os seus defeitos, amava meu pai e minha família. Não queria machucá-los, mas não percebi até agora que não falar quando cruzaram a linha nos machucaria mais a longo prazo do que qualquer outra coisa.

A descrença encheu os sulcos do rosto do meu pai.

— Está escolhendo seu *ex-noivo* em vez de sua família? Foi assim que a criamos? — Demandou. — Para ser tão desrespeitosa e *desobediente*? — Ele cuspiu a palavra como uma maldição.

— Desobediente? — A indignação passou por mim como um vendaval repentino, varrendo qualquer resquício de culpa. — Fiz *tudo* o que me pediu! Fui para a faculdade “certa”, terminei com Heath e fiz o papel de filha perfeita da sociedade. Até concordei em casar com um homem que mal conhecia porque *te* faria feliz, mas cansei de viver minha vida por você. — A emoção engrossou minha voz. — É a *minha* vida, pai. Não é sua. E da mesma forma que não pode mais tomar decisões por mim... não posso dar desculpas por você. Não mais.

Desta vez, o silêncio foi tão pesado que me pressionou como um cobertor de chumbo.

— Claro, é livre para tomar suas próprias decisões. — Meu pai finalmente disse, sua voz terrivelmente calma. — Quero contudo que saiba isso, Vivian. Se você sair deste escritório hoje sem reparar sua *insolência*, não é mais minha filha. Ou uma Lau.

Seu ultimato me atingiu com a força de um trem desgovernado, espetando meu peito com uma baioneta e enchendo meus ouvidos com o rugido do sangue. A temperatura caiu em território abaixo de zero enquanto nos encaramos, sua fúria fria travando uma batalha silenciosa com minha determinação dolorosa.

Lá estava. O monstro invisível que temia desde a infância, exposto como um cadáver horrível do relacionamento que costumávamos ter. Poderia cobri-lo com um cobertor e desviar o olhar, ou poderia me manter firme e encará-lo de frente.

Eu me levantei, meu sangue elétrico com medo e adrenalina enquanto a compostura do meu pai escorregava um pouquinho. Esperava que eu recuasse.

Sinto muito. O pedido de desculpas quase caiu da minha língua por força do hábito antes que me lembrasse que não tinha nada para me desculpar.

Queria ficar mais um minuto, memorizar seu rosto e lamentar algo que morreu há muito tempo.

Em vez disso, eu me virei e saí.

Não chore. Não chore. Não chore.

Meu pai havia me deserdado. Meu pai me deserdou e não tentei impedi-lo porque o preço era muito alto.

Lágrimas encheram minha garganta, mas forcei-as de volta mesmo quando uma sensação esmagadora de solidão me invadiu.

No espaço de uma semana, perdi minha família e perdi Dante.

A única coisa que me restava era eu mesma.

E, por enquanto, isso teria que ser suficiente.

CAPÍTULO 37

Vivian

A proximidade do *Legacy Ball* com o caos que derrubou minha vida acabou sendo uma bênção disfarçada. Nos dois dias entre meu confronto com meu pai e a festa de gala, me joguei no trabalho com tanto fervor que até Sloane, a *workaholic* consumada, expressou alarme.

Despertador cinco da manhã. Jantar no escritório. O almoço passava revisando todos os detalhes e garantindo que tivesse plano de contingência sobre plano de contingência para tudo, desde um apagão em toda a cidade até uma briga entre convidados.

No momento em que o baile chegou, estava delirando por falta de sono. Não me importava. Ocupada era bom. Ocupada significava menos tempo agonizando as bagunças da minha vida pessoal.

No entanto, apesar de todo o meu planejamento, havia uma coisa para a qual não tinha me preparado: o efeito que entrar no *Valhalla Club* teria em mim.

A tensão rastejou em meu peito enquanto sorria e conversava com os convidados. Esta noite, eu era a anfitriã, o que significava não correr por aí checando a comida ou a música. Esse era o trabalho da minha equipe. Meu trabalho era me misturar, ficar

bem, posar para fotos... e não gastar cada segundo inconscientemente procurando por Dante.

Só visitei *Valhalla* duas vezes, ambas com ele. Não o tinha visto ainda. Pode nem aparecer, mas sua presença – escura, magnética e onipresente – permeava a sala.

Sua risada nos cantos. Seu cheiro no ar. Seu toque na minha pele. Beijos quentes e momentos roubados e memórias tão vívidas que estavam pintadas por todas as paredes.

Dante *era Valhalla*, pelo menos para mim. E estar aqui esta noite, sem ele, era como um navio deixando o porto sem âncora.

— Vivian. — A voz de Buffy me puxou da beira de um colapso que não podia bancar. Chorei mais na semana passada do que toda a minha vida e, francamente, estava cansada disso. — Que vestido *maravilhoso*.

Ela chegou ao meu lado, elegante como sempre em um vestido de brocado verde que prestava uma homenagem de bom gosto ao tema do jardim secreto do baile. Magníficos diamantes envolviam seu pescoço e escorriam de seus pulsos.

Pisquei de volta um formigamento suspeito e coleí em um sorriso. — Obrigada. Sua roupa também é linda.

Buffy passou um olhar perspicaz pelo meu vestido.

A peça de Yves Dubois virou muitas cabeças esta noite e por boas razões. Caía em cascata até o chão em uma requintada rede de seda vermelha e penas banhadas em ouro, tão apertadas que pareciam uma pilha de folhas caídas e douradas. O fio de ouro cintilante formava um intrincado padrão de fênix na seda, tão sutil

que era quase invisível, a menos que o bordado atingisse a luz em um determinado ângulo.

Era roupa, arte e armadura, tudo em um. Uma peça de declaração ousada o suficiente para declarar poder, mas tão deslumbrante que poucas pessoas olhavam para a tristeza por baixo.

— Costura Yves Dubois. — Buffy disse. — Dante é um noivo generoso.

Seu olhar pousou no meu dedo anelar vazio.

Formigamento de desconforto cristalizou sob minha pele. Dante e eu ainda não havíamos anunciado nossa separação, mas minha falta de um anel de noivado chamou a atenção de todas as pessoas esta noite.

Sussurros estavam circulando, não apenas sobre nosso status de relacionamento, mas sobre a queda livre de Lau Jewels no mercado de ações. A cobertura negativa da imprensa explodiu nas últimas quarenta e oito horas. Embora todos tivessem sido perfeitamente gentis comigo até agora – ainda era a anfitriã, independentemente dos problemas da minha família – seus murmúrios não passaram despercebidos.

— Eu mesma comprei o vestido. — Disse em resposta à observação de Buffy. Sorrio para seu lampejo de surpresa. — Sou uma Lau. — *Mesmo que meu pai me deserdasse.* — Posso comprar minhas próprias roupas.

Não era uma bilionária, mas entre meu fundo fiduciário, investimentos e receita de planejamento de eventos, mantinha meu próprio dinheiro.

— Buffy se recuperou rapidamente. — Claro. — Disse. — Que... moderno de sua parte. Falando em Dante, ele se juntará a nós esta noite? É a sua grande noite. Estou surpresa que não esteja aqui.

Meu sorriso se apertou. Ela era muito refinada para perguntar abertamente sobre o anel, mas estava claramente pescando.

— Ele teve uma emergência no trabalho. — Esperava que ela não pudesse ouvir as batidas do meu coração sobre a música que soava pelos alto-falantes. — Ele virá se encerrar a ligação a tempo.

— Certamente espero que sim. Não seria um *Legacy Ball* adequado sem um Russo presente, seria?

Forcei uma risada ao seu lado. Felizmente, Buffy logo se desculpou, e estava livre para respirar novamente.

Circulei pela sala, mais consciente do que nunca dos comentários sutis dos convidados e dos olhares para minha mão. Ignorei-os o melhor que pude. Eu me preocuparia com a fábrica de fofocas amanhã.

Esta noite era a minha grande noite, e me recusava a deixar alguém arruiná-la.

Deixando de lado a conspícua ausência de Dante, o salão de baile estava lotado com quem é quem da alta sociedade de Manhattan. Dominic e Adriana Davenport se reuniram com um grupo de titãs de *Wall Street*; uma safra de “*It Girls*” da temporada flertava com os herdeiros de fundos fiduciários de cabelos soltos perto do bar.

A sala em si era uma obra-prima. Três dúzias de árvores importadas da Europa circundavam o espaço, entrelaçadas com fios etéreos de luz que brilhavam como joias contra um fundo

frondoso. Setenta mil dólares em flores penduradas e arbustos adornavam as mesas, onde chaveiros vintage caligrafados à mão com o nome de cada convidado delineavam seus assentos.

Tudo estava perfeito; o bolo de quatro andares com creme de manteiga texturizado, guarnições florais e fechadura comestível em folha de ouro de 24 quilates; as torres cor-de-rosa e brancas de morango e rosa; os arcos de madeira cobertos de musgo e as enormes lâmpadas Edison adornando o bar.

E, no entanto, os olhares e sussurros continuaram. Aliviei uma respiração profunda em meus pulmões.

Está bem. Ninguém fará uma cena no meio do Legacy Ball.

Tirei uma taça de champanhe de uma bandeja na tentativa de afogar a autoconsciência que incomodava minha pele.

— A anfitriã bebendo sozinha em sua grande noite? Isso não dá.

Sorrio para a voz familiar antes de me virar. — Precisava de uma pausa... — Gesticulei ao redor da sala. — Sabe.

— Ah, eu sei. — Kai disse secamente, bonito como sempre em um smoking sob medida e seus óculos de assinatura. — Concedeme esta dança?

Estendeu a mão. Peguei e o deixei me guiar para a pista de dança.

Dezenas de pares de olhos se voltaram para nós como mísseis guiados por laser buscando seus alvos.

— Sou só eu... — disse. — Ou também sente que está em um aquário gigante?

— Um bom e caro. — Concordei.

A diversão tocou seus lábios antes de derreter em preocupação. — Como você está, Vivian?

Presumi que estava falando sobre o meu rompimento com Dante. Eles eram amigos, mas quanto sabia sobre o que aconteceu?

Escolhi uma resposta segura e neutra. — Já estive melhor.

— Não vi Dante no ringue esta semana. É diferente dele. Geralmente vai direto para a violência quando está chateado.

A piada não conseguiu me arrancar um sorriso. Estava muito preocupada com a menção de Dante. — Talvez ele não esteja chateado.

Não nos falamos desde que me mudei. Deveria estar chateada com ele. A maior parte da culpa era do meu pai, mas Dante também não era completamente inocente. Ainda assim, era difícil invocar qualquer coisa exceto tristeza quando pensava nele. Houve um tempo em que realmente pensei...

— Pode ser. — Kai olhou por cima do meu ombro. Seu olhar se tornou especulativo. — Sabe, não queria dizer nada enquanto estava noiva, mas é uma das mulheres mais bonitas que eu conheço.

Pisquei, assustada com a mudança repentina de tom e assunto. — Obrigada.

— Isso pode ser muito cedo, mas já que não está mais com Dante... — A mão de Kai deslizou pelas minhas costas e descansou acima da curva da minha bunda. Baixo o suficiente para ser sugestivo, mas alto o suficiente para contornar a linha do inapropriado. Endureci. — Talvez possamos sair algum dia.

Choque e alarme borbulhavam em meu peito. Estava bêbado? Não soava como o Kai que eu conhecia.

— Hum... — soltei uma risada desconfortável e tentei me soltar de seu aperto, mas era difícil no meu vestido. — Você tem razão. É muito cedo. E, embora realmente goste de você como *amigo*... — Enfatizei a última palavra. — Não tenho certeza se quero namorar agora.

Ele não estava ouvindo. Estava muito ocupado olhando por cima da minha cabeça com um sorriso malicioso.

— Aqui vem ele. — Murmurou.

Antes que pudesse perguntar de quem estava falando, uma mão calorosa e *familiar* pousou no meu ombro.

— Tire suas mãos da minha noiva. — Escura e turbulenta, a ordem estava cheia de perigos tão mal controlados que estava a uma faísca da combustão.

— Desculpe-me. — Kai me soltou, sua expressão estranhamente satisfeita. — Não percebi...

— Não dou a mínima para o que fez ou não percebeu. — A declaração mortalmente silenciosa derramou gelo na minha espinha. — Toque em Vivian novamente e vou matá-lo.

Simples. Brutal. *Honesto*.

Os olhos de Kai piscaram junto com o fantasma de um sorriso.
— Anotado. — Inclinou a cabeça para nós. — Aproveite.

Eu o observei se afastar, atordoadada demais para falar.

Foi apenas quando Dante me virou e apertou minha mão que encontrei minha voz.

— O que está fazendo aqui? — Meus pés seguiram sua liderança por instinto, mas o resto do meu corpo formigava com alarme.

Sua presença era muito poderosa, seu cheiro muito intenso. Encheu meus pulmões, enchendo-os com terra limpa e especiarias ricas. Quando estava perto dele, era fácil me perder, não importa o quão chateada ou com o coração partido estivesse.

Minha capacidade de respirar cessou quando seus olhos se conectaram com os meus.

Cabelo escuro. Maçãs do rosto esculpidas. Lábios firmes e sensuais. Fazia menos de uma semana desde a última vez que nos vimos, mas ele era de alguma forma mais bonito do que me lembrava.

— Fui convidado. Por você, acredito. — A fria brutalidade desapareceu, substituída por uma cálida diversão. Era como se a partida de Kai tivesse acionado um interruptor.

Achei ter detectado uma pitada de nervosismo também, mas devo ter ouvido errado. Dante nunca estava nervoso.

— Sabe o que quero dizer. O que está fazendo *aqui*, dançando comigo?

Sua palma praticamente queimou a minha. Queria me afastar desesperadamente, mas não podia com todo mundo assistindo. Parecia que todos os olhos estavam fixos em nós.

— Porque você é minha noiva e esta é sua grande noite. Trabalhou meses no *Legacy Ball*, Vivian. Achou que eu perderia?

As palavras eram agulhas no meu coração, injetando nele uma onda de eletricidade e adrenalina antes que o forçasse a se acalmar.

Se a semana passada tinha me ensinado alguma coisa, era que cada alta vinha com uma queda devastadora.

— Não sou mais sua noiva.

Dante ficou em silêncio.

À primeira vista, parecia cada centímetro do enigmático CEO em uma noite na cidade. Seu smoking feito sob medida se moldava ao seu corpo, enfatizando ombros largos e músculos elegantes e poderosos. As luzes suaves realçavam suas feições ousadas e seu queixo mantinha sua habitual inclinação orgulhosa e arrogante, mas um olhar mais atento revelou as leves manchas roxas sob seus olhos. Linhas de tensão marcaram sua boca, e sua pegada estava apertada, quase desesperada quando respondeu.

— Nós tivemos uma briga. — Disse, sua voz baixa. — Não terminamos oficialmente.

A descrença despertou de seu torpor, juntando-se ao choque e frustração.

— Sim, terminamos. *Devolvi a você o meu anel.* Você pegou. Eu me mudei. — *Mais ou menos.* Precisava pegar o resto dos meus

pertences assim que tivesse a chance de respirar. — No meu mundo, isso significa que terminamos. E isso não chega nem perto de todas as... complicações entre você e meu pai.

A diferença entre este Dante e aquele que me viu ir embora quatro dias atrás era tão gritante que estava convencida de que um impostor alienígena havia sequestrado seu corpo.

— Sim, bem, era sobre isso que eu queria falar com você. — Um engolir duro desceu por sua garganta. Todos os restos de sua máscara brincalhona desapareceram, revelando nervos que nunca pensei que possuísse. — Eu fodi tudo, Vivian. Disse muitas coisas que não deveria ter dito e estou tentando consertar.

As palavras vibraram no ar e de alguma forma chegaram ao meu peito antes de chegarem aos meus ouvidos. No momento em que meu cérebro as processou, meu coração estava torcido e em frangalhos.

Ele não podia fazer isso. Não agora, não aqui, quando tinha *acabado* de começar a funcionar corretamente após o caos no início desta semana.

— Não importa. — Quis as palavras além da minha língua. — Como você disse, eram apenas negócios.

A angústia escureceu as bordas dos olhos de Dante. — *Mia cara...*

Minha garganta se contraiu.

O resto do baile se desfez, desintegrando-se como pedaços de papel amassados jogados no fogo da presença de Dante.

Mia cara.

Era a única pessoa que podia pronunciar essa frase tão suavemente e dolorosamente, como se fosse um belo substituto para outro conjunto de palavras que estávamos com muito medo de dizer.

Pisquei para afastar a emoção em meus olhos. — Saí há quatro dias, Dante. Você ficou feliz em me deixar ir embora. Espera que eu acredite que girou em um ângulo de 360 graus em um período tão curto de tempo?

— Não. Não suponho que acredite em nada do que digo, mas espero que sim. — Disse calmamente. — Sinto muito que tenha descoberto a verdade do jeito que descobriu. Deveria ter contado antes, mas a verdade é... — Sua garganta se dobrou com outro engolir forte. — Não estava pronto para deixá-la ir. Afastei-me depois de Paris e disse a mim mesmo que estava facilitando a verdade quando, na realidade, queria o melhor dos dois mundos. Para ficar com você e me enganar pensando que não faria isso.

— *Odiei* seu pai, Vivian. Ainda odeio. E odiava a ideia de ele ganhar de qualquer forma, incluindo... — O aperto de Dante intensificou ao redor do meu. — Incluindo se eu ficasse com você do jeito que queria. Não era meu melhor raciocínio ou momento de maior orgulho, mas é a verdade. Sim, fui forçado ao noivado, mas tudo o que aconteceu depois? Nossos encontros, nossas conversas, nossa viagem a Paris... ninguém me obrigou a fazer essas coisas. Eram reais. E fui estúpido o suficiente para pensar que poderia superá-los ou você, quando...

Sua voz caiu, tornando-se crua. — Você se foi há menos de uma semana e sinto que passei uma eternidade no inferno.

A respiração fugiu dos meus pulmões. O oxigênio se solidificou em algo doce e melado que gotejou em meu estômago, enchendo-o

de calor. Um soluço sufocado entrou na mistura antes que o engolissem.

Não havia ninguém perto de nós. Todos se afastaram bastante de Dante, e a maioria dos convidados voltou para suas conversas em vez de olhar para nós.

Ainda assim, não podia permitir nenhuma pausa na compostura. Uma rachadura era o suficiente para me despedaçar completamente.

— Nada contudo mudou. — Disse, minha voz grossa. — Você ainda odeia meu pai e ele ainda ganha se nos casarmos.

Não mencionei ainda os problemas de deserção ou empresa. Aquelas eram outras latas de vermes.

— Está enganada. — Dante disse. — Algo *mudou*. Achei que poderia viver sem você. Que minha vingança significava mais do que meus sentimentos por você. Levou apenas alguns dias – inferno, algumas horas – para perceber que não posso, e não dá. Não queria distraí-la enquanto se preparava para o baile e é por isso que não entrei em contato antes, mas... — Sua garganta trabalhou com outro engolir. — Eu te amo, Vivian. Mais do que jamais poderia odiar seu pai. E mais do que jamais pensei que fosse capaz.

Meu coração disparou; meu estômago mergulhou em uma queda livre selvagem. A contradição desafiava as leis da física, mas nada em nosso relacionamento jamais seguia regras.

Eu te amo, Vivian.

As palavras ecoaram na minha cabeça e se derramaram no meu peito, onde encontraram suas contrapartes pela primeira vez.

Eu também te amo. Mesmo depois do que fez. Mesmo que não devesse. Eu te amo mais do que jamais poderia odiá-lo.

A única diferença era que não conseguia me forçar a expressá-los ainda.

— Você e eu. — Dante disse. Seus olhos seguraram os meus.
— De verdade desta vez. Podemos fazer isso funcionar. Isso é... se você quiser.

Se você puder me perdoar.

O verdadeiro significado transbordava entre nós. Poderíamos realmente superar o que aconteceu com tanta facilidade e rapidez? Ele parecia sincero, mas...

Nunca a escolhi de bom grado.

Fiz o que eu tinha que fazer. Isto é apenas um negócio.

Caí de volta à terra. Amava Dante. Sabia desde Paris, e não fazia sentido fingir que meus sentimentos mudaram magicamente da noite para o dia, apesar do que aconteceu.

Adorava o jeito que seus sorrisos espreitavam através de suas carrancas. Adorava como beijava meu ombro todas as manhãs quando eu acordava.

Senti falta de seu humor e inteligência, sua força e vulnerabilidade, sua consideração e ambição, mas só porque o amava não significava que confiava nele *ou em mim mesma*.

Podemos fazer isso funcionar. Isso é... se você quiser.

A montanha-russa emocional da semana havia me afetado e não tinha ideia do que queria. Nem sabia como me sentia sobre os problemas da empresa do meu pai. Obviamente, Dante tinha uma mão nisso, mas quão chateada *fiquei* quando uma pequena e secreta parte de mim culpou Lau Jewels pelo que minha família se tornou?

— Vá a um encontro comigo. — Disse quando não respondi.
— Faremos o que quiser. Até comer pipoca.

Não sorriu com a sua piada. Outro lampejo de nervos surgiu em seus olhos.

— Já estivemos em encontros antes.

— Isso foi antes. Isto é agora. — Seu rosto suavizou. — Apenas um encontro. Por favor.

Meu coração se apertou, mas balancei minha cabeça. — Não acho que seja uma boa ideia.

Frustração e uma pitada de pânico apertaram suas feições. — Por que não?

— Há mil razões diferentes. Você odeia minha família. Nunca quis se casar e nunca *me quis*. Foi forçado a isso, e se nos reunirmos novamente, meu pai ainda ganha. E... — A segura cobriu minha garganta. — Não somos bons juntos, Dante. Nosso relacionamento era tão quente e frio, mas fizemos funcionar porque *tínhamos* que fazê-lo funcionar. Agora que não temos... — Procurei a maneira certa de expressar meus pensamentos. — As coisas estão difíceis desde o primeiro dia. Talvez seja um sinal.

A última parte saiu silenciosamente, como um alfinete caindo no oceano. Nosso relacionamento foi manchado desde o início.

Mesmo que o amasse, não conseguia ver como poderíamos superar os erros do nosso passado.

Meu coração torceu novamente, desta vez com uma dor tão aguda que não tinha certeza de como sobreviveria, mas sobreviveria, eu precisava.

— São seis razões. — Dante disse. — Posso trabalhar com seis. Posso até trabalhar com mil.

Meu peito doeu. — Dante...

— Não acha que somos uma boa ideia, mas vou provar que somos. — Determinação alinhava sua mandíbula, mas sua voz e lábios eram suaves enquanto roçavam minha testa. — Dê-me tempo, *mia cara*. Isso é tudo que preciso, além de você.

CAPÍTULO 38

Vivian

— Oi, Vivian. O de sempre?

— Sim, por favor. Faça quatro. — Disse quando o barista me chamou. Frequentava o café perto do meu escritório com tanta frequência que memorizaram meu pedido. — Obrigado, Jen.

— Sem problemas. — Sorriu. — Vejo você amanhã.

Paguei e me movi para a área de coleta, apenas metade olhando para onde ia. Estava muito distraída com a enxurrada de novas mensagens rolando pela minha tela. Meu telefone estava explodindo durante todo o fim de semana. Amigos, conhecidos, repórteres da sociedade, todos queriam parabenizar ou falar comigo após o sucesso estrondoso do *Legacy Ball*.

Mode de Vie o considerou – um dos bailes mais requintados da história da instituição – em sua edição de domingo, o que significava que acordei naquela manhã com ainda mais mensagens lotando minha caixa de entrada.

Era apenas segunda-feira e tinha vinte e dois novos pedidos de clientes, cinco pedidos de entrevista e inúmeros convites para bailes, exposições e festas particulares.

Os rumores sobre os problemas de Lau Jewels ainda circulavam, mas não foram suficientes para anular o prestígio de sediar o *Legacy Ball*. Era em partes iguais emocionante e exaustivo. Abri um novo e-mail de um cliente em potencial assim que esbarrei em outro cliente. O café espirrou na lateral da xícara aberta e nos sapatos.

Horror correu através de mim. — Sinto muito! — Olhei para cima, o e-mail esquecido. — Não quis dizer... — Minhas desculpas morreram rapidamente quando meus olhos pousaram em uma cabeça familiar de cabelo escuro e pele bronzeada.

Meus lábios permaneceram separados, mas minhas palavras fugiram para alguma ilha distante para umas férias não planejadas.

— Tudo bem. — Dante disse facilmente. — Todos nós estivemos lá. Foi minha culpa deixar meu copo aberto quando está tão cheio.

Observei, atordoada, enquanto ele tirava uma tampa do balcão e a colocava sobre seu café. Era o meio do dia de trabalho, mas em vez de terno, usava calças pretas e uma camisa branca com as mangas arregaçadas. Sem gravata.

— O que está fazendo aqui? — Encontrei minha voz em algum lugar entre as batidas rápidas do meu coração e a secura na minha garganta.

Era a segunda vez que eu fazia a pergunta a ele em dois dias.

Seu escritório ficava a alguns quarteirões de distância, mas havia pelo menos meia dúzia de cafeterias entre aqui e ali.

Um pequeno e brincalhão franzir de sobrancelha. — Pegando café, como você.

Ele colocou a mão no meu braço e gentilmente me moveu para o lado antes que uma loira de vinte e poucos anos passasse por nós com uma bandeja cheia de café. Se eu não tivesse me movido, estaria usando Americano e cerveja gelada com minha *Diane von Furstenberg*.

A mão de Dante demorou uma batida no meu braço antes que a removesse e a estendesse. — Sou Dante, a propósito.

A marca de seu toque queimou em minha pele. Olhei para sua mão estendida, me perguntando se havia batido a cabeça e desenvolvido um súbito caso de amnésia no fim de semana.

Não conseguia descobrir como responder, então deslizei minha mão na dele com cautela — Vivian.

— Prazer em conhecê-la, Vivian. — Sua palma era quente, *áspera*.

Meu estômago se agitou com memórias nebulosas daquela aspereza mapeando meu corpo antes que as empurrasse de lado. Pertenciam ao passado, não aqui no meu café favorito, onde estava tendo a conversa mais bizarra do mundo com meu ex-noivo (com amnésia?).

— Então, vem aqui com frequência? — Perguntou casualmente.

A pieguice da frase me tirou do meu choque. — Sério? — Disse, meu tom duvidoso.

Seus olhos enrugaram nos cantos. Odiava o quão adorável era.
— É uma pergunta honesta.

— Sim, venho. *Sabe* que venho. — Puxei minha mão e olhei para o balcão. O barista ainda não havia feito meu pedido. — O que está fazendo, Dante? E não me refiro ao café.

Seu bom humor escorregou. — Disse que nosso relacionamento teve um começo difícil, e estava certa. — Disse calmamente. — Então aqui estou eu, tentando um novo começo. Nenhum acordo, nenhuma besteira. Apenas nós, nos encontrando normalmente como duas pessoas fariam.

A admissão alcançou meu peito e o apertou. *Se apenas.*

A batida tensa passou, e o sorriso de Dante voltou, lento e devastador. Eu me arrependi de todas as vezes que disse a ele para fazer menos careta. Um Dante carrancudo era muito mais fácil de resistir do que um sorridente.

— Não quero parecer muito ousado, já que acabamos de nos conhecer. — Disse. — Gostaria porém de sair algum dia?

Esmaguei uma relutante explosão de diversão com a situação absurda e balancei a cabeça. — Desculpe. Não estou interessada em namorar agora.

— Então não será um encontro. — Disse sem perder o ritmo. — Será um jantar entre duas pessoas se conhecendo melhor.

Meu olhar se estreitou. Ele me olhou, sua expressão inocente, mas seus olhos vivos com malícia.

O barista finalmente chamou meu nome.

Interrompi o contato visual e peguei meu café. — Foi um prazer conhecê-lo, *Dante*. — Disse incisivamente. — Mas tenho que voltar ao trabalho.

Ele me seguiu até a porta e a manteve aberta. — Se não for um encontro, então o seu número. Prometo que não farei trotes ou enviarei fotos inapropriadas. — Uma inclinação perversa de seus lábios. — A menos que queira, é claro.

Suprimi outro sorriso e arqueei uma sobrancelha cética. — É sempre tão persistente com as mulheres que conhece em um café?

— Só aquelas a quem não consigo parar de pensar. — Disse, seus olhos fixos nos meus.

O ar ficou úmido. Uma brisa passou, não fazendo nada para aliviar o peso repentino do meu vestido ou o calor que se desenrolava no meu estômago. Estávamos emaranhados em uma teia tão complicada, mas por um momento, deixei-me levar pela fantasia de nós como um casal normal. Primeiro encontro normal, encontros normais, relacionamento normal. Apenas uma mulher querendo um homem que a queria de volta.

— Se eu te der meu número, vai parar de me seguir?

Uma leve curva de sua boca. — Nós dois estávamos saindo, então não sei se isso conta como *seguir*, mas sim.

Dei a ele meu número. Ele já tinha, é claro, mas digitou em seu telefone como se não tivesse.

— Dante. — Eu o parei quando estava no meio da calçada.

Ele olhou de volta para mim.

— Como sabia que eu estaria aqui a essa hora?

— Não sabia, mas sei que é sua cafeteria favorita, e sempre vem aqui na hora do almoço. — Suas palavras de despedida flutuaram em minha direção na brisa.

— Foi um prazer conhecê-la, Vivian.



Dante

Um toque. Dois. Três.

Andei de um lado para o outro no meu quarto, meu estômago revirado de nervoso enquanto esperava que ela respondesse.

Eram dez e meia, o que significava que ela estava se preparando para dormir. Geralmente levava uma hora para relaxar com uma ducha ou um banho, dependendo de quão estressada estava; uma rotina de cuidados com a pele desconcertantemente intrincada de dez passos, e algumas leituras, se não estivesse muito cansada.

Cronometrei minha ligação para pegá-la depois que saísse do chuveiro.

Quatro toques. Cinco.

Assumindo, é claro, que atendeu minha ligação. Meus nervos ficaram mais apertados.

Vivian me deu o seu número naquela tarde, o que significava que queria que eu ligasse, certo? Se não o fizesse, simplesmente teria ido embora. Inferno, uma parte de mim *esperava* que o fizesse.

Fiquei naquele maldito café por quase duas horas, na hipótese de vê-la. Ela ia lá todos os dias, mas seu horário variava de acordo com sua carga de trabalho. Não era o melhor plano do mundo, mas funcionou, mesmo que significasse faltar a um almoço.

Seis toques. Set...

— Alô? — Sua voz fluía pela linha. Clara e doce, como o primeiro suspiro de ar depois de emergir de um lago gelado.

A respiração saiu dos meus pulmões. — Oi. É Dante.

— Dante... — meditou, como se estivesse tentando se lembrar de quem eu era.

Pelo menos estava jogando junto. *Progresso.*

— Nós nos conhecemos no café esta tarde. — Eu a lembrei com um toque de diversão.

— Ah, certo. Deveria esperar três dias. — Disse Vivian. — Ligar para uma mulher no mesmo dia em que recebe o seu número pode ser considerado desesperado.

Parei na frente da janela e olhei para a extensão escura do Central Park abaixo. A imagem se misturou com o quarto refletido atrás de mim; os frascos de perfume meio vazios alinhados na

cômoda, a cama perfeitamente arrumada onde seu cheiro ainda permanecia, a poltrona onde gostava de se aconchegar e ler à noite.

Ela ainda não tinha pegado o resto de seus pertences, e não sabia se era uma bênção ou uma maldição.

Uma bênção, porque me dava esperança de que voltaria. Uma maldição, porque para onde quer que me virasse, lá estava ela. Uma presença bonita e assombrosa que sentia, mas não podia tocar.

Uma dor familiar abriu caminho em meu peito.

— Não poderia, *mia cara*. — Disse, minha voz baixa. Meu reflexo me olhou, tenso de exaustão e autoaversão. Não tinha dormido direito em uma semana, e minha aparência sofreu por isso. — *Estou desesperado*.

O silêncio se seguiu, tão profundo e intenso que engoliu tudo, exceto as batidas dolorosas do meu coração. Admitir fraqueza, muito menos desespero, era algo inédito para um Russo. Inferno, nem mesmo admiti quando tive um resfriado, mas negar meus sentimentos me colocou no meu inferno atual e não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Não quando se tratava de Vivian.

Minha mão apertou meu telefone enquanto esperava por sua resposta. Nenhuma veio.

Ela ficou quieta por tanto tempo que verifiquei novamente se havia desligado. Não tinha.

— Nunca... — Limpei minha garganta, desejando ser mais eloquente em expressar minhas emoções. Era uma das poucas

habilidades que meu avô não tinha treinado em mim desde que era jovem. — Eu nunca tive que... perseguir alguém antes, então talvez não esteja fazendo isso direito, mas queria ouvir sua voz. — Sem palavras bonitas, tudo que eu tinha era a verdade.

Mais silêncio.

A dor sangrou do meu peito para a minha voz. — O apartamento não é o mesmo sem você, *mia cara*.

Apesar da agitação do pessoal e das entregas, do cheiro da comida de Greta e dos milhões de dólares em arte e móveis, transformou-se em uma casca de si mesmo na ausência dela. Um céu sem estrelas, uma casa sem coração.

— Não. — Vivian sussurrou.

O ar mudou, nossa brincadeira anterior desaparecendo sob o peso de nossas emoções.

— É a verdade. — Disse. — Suas roupas estão aqui. Suas memórias estão aqui, mas *you* não está aqui, e eu... — arrastei uma respiração trêmula e empurrei minha mão pelo meu cabelo. — Porra, Vivian, não achava que fosse capaz de sentir tanta falta de alguém, mas sou, e sinto.

Eu tinha todo o dinheiro do mundo, mas não podia comprar a única coisa que queria. Ela, de volta ao meu lado.

Era o que eu queria desde que cheguei em casa e a encontrei fazendo as malas. Inferno, era o que queria desde que voltamos de Paris e me afastei como um idiota, mas minha cabeça estava tão enfiada sobre Francis e vingança que não conseguia ver nada, exceto minhas próprias besteiras.

Foi preciso meu irmão, de todas as pessoas, para me fazer ver a luz. Amava Vivian. Estava me apaixonando por ela, pouco a pouco, desde que invadiu minha exposição e me encarou com desafio em seus olhos.

— Diga alguma coisa, querida. — Disse suavemente quando ficou quieta novamente.

— Diz que sente minha falta agora, mas o sentimento vai passar. Você é Dante Russo. Pode ter qualquer um. — Uma oscilação ondulou sob sua voz. — Não precisa de mim.

A pequena rachadura na palavra *mim*, me atingiu como um soco no estômago.

Você nunca quis se casar, e nunca me quis.

Uma de suas seis razões, e uma pela qual assumi uma boa parte da culpa, mas não era o único. Seus pais tiveram uma mão em fazê-la se sentir como se fosse dispensável além do que poderia fazer por eles, e nunca os perdoaria por isso. Era hipócrita, mas não me importava.

— Não quero *ninguém*. — Disse ferozmente. — Quero *você*. Sua sagacidade e inteligência, sua bondade e charme. A maneira como seus olhos se enrugam quando ri e como seu sorriso faz o mundo se inclinar um pouco. Até quero as combinações de comida nojentas que monta e, de alguma forma, torna o sabor bom.

Uma meia risada, meio soluço sangrou pela linha.

— Essa é a coisa sobre você, Vivian. — Minha voz suavizou em algo mais cru. — Pega as coisas mais comuns ou inesperadas e as torna extraordinárias. Vê o lado bom de todas as situações e o lado bom de todos, mesmo que não mereçam. E sou egoísta o suficiente

para esperar que veja o quanto não apenas quero, mas *preciso de* você. Hoje, amanhã e todos os dias que vierem depois disso.

Outro soluço, este mais baixo, mas não menos poderoso.

Porra, gostaria de poder vê-la. Segurá-la. Confortá-la. E olhar em seus olhos para que soubesse que quis dizer cada maldita palavra que disse.

— Sei que demorei um pouco para chegar aqui, querida, e não sou o melhor em expressar minhas emoções, mas... — Uma respiração irregular. — Dê-me uma chance de provar isso para você. Vá a um encontro comigo. Apenas um.

O primeiro silêncio foi longo. Este foi torturante. Meu coração bateu rápido e forte o suficiente para machucar, então parou completamente quando Vivian finalmente respondeu. Suave e hesitante, mas cheio de emoção.

— Muito bem. Apenas um.

CAPÍTULO 39

Dante

— Micetta, é tão bom vê-la! — Greta passou por mim e varreu Vivian em um abraço. Só usava o carinho de *gatinho* para seus netos, mas aparentemente, estendeu-o para Vivian. — A casa não é a mesma sem você.

Fiz uma careta para seu tom aguçado. Ela me deu o tratamento frio a semana toda. Eu tinha certeza que tinha queimado minhas costeletas de porco de propósito na outra noite. Forcei duas mordidas antes de desistir e pedir comida para viagem. Não era só ela também; até mesmo Edward lançava olhares de desaprovação na minha direção quando pensava que não estava olhando.

Minha equipe não sabia o que aconteceu com Vivian. Só sabiam que ela tinha ido embora e me culpavam por isso. Inferno, eu me culpava também e era por isso que tentava fazer as pazes.

Passei os últimos dois dias desde a minha ligação com Vivian planejando o encontro, e meus nervos estavam em uma destruição humilhante. Não ficava tão nervoso desde que era um calouro do ensino médio convidando a garota mais popular da escola.

Enfie as mãos nos bolsos enquanto Vivian retribuía o abraço de Greta. Uma nuvem irracional de fumaça verde me percorreu. O

inferno deve estar gelado se eu estava com ciúmes da minha maldita governanta de setenta e quatro anos.

— É bom vê-la também. — Vivian disse, sua voz calorosa. — Não trabalhando muito duro, espero.

— Não, apenas me certificando de que meu *chefe*... — Greta levantou a voz, embora eu estivesse a menos de um metro e meio de distância — não estrague mais do que já estragou. É um trabalho de tempo integral, *micetta*. Não para os fracos de coração.

Maldita Greta. Todos os dias, questionava por que ainda não a havia demitido.

Um silêncio constrangedor floresceu. Vivian olhou na minha direção e rapidamente desviou o olhar. Meus nervos já em frangalhos desfiados em tiras.

— Bem. — Disse Greta, obviamente percebendo que fez as coisas mais desconfortáveis do que pretendia. — Vou deixá-los fazerem isso. Estarei na cozinha.

Ela deu um tapinha na mão de Vivian e olhou para mim quando passou. *Não estrague tudo*, diziam os seus olhos.

Minha carranca se aprofundou. Como se eu precisasse que me dissesse isso.

— Devo ter cuidado com o fato de o encontro ser em sua casa? — Perguntou Vivian.

Eu disse a ela para se vestir confortavelmente, mas mesmo em um simples vestido de verão de algodão e sandálias, era tão linda que me tirava o fôlego.

Nossa casa. — Não, a menos que tenha medo de comida e diversão.

— Tem uma boa opinião sobre suas habilidades de planejamento de encontros.

— Você nunca reclamou.

Ela revirou os olhos, mas minha boca se curvou com seu sorriso fraco. Era um progresso, por menor que fosse.

— Então. — Limpei a garganta enquanto caminhávamos em direção à sala, onde tinha arrumado tudo. — O *Legacy Ball* foi um sucesso. A cidade inteira está zumbindo sobre isso.

— Estão comentando sobre a performance de Veronica Foster mais do que qualquer coisa. — Disse. — Quem imaginaria que ela teria vocais tão bons?

A maioria das socialites que se interessavam pela arte sucedida devido ao nepotismo, não ao talento. Verônica era uma exceção surpreendente.

— Você fez. — Disse. — Deu a ela uma vaga depois de assistir sua fita. Tenho certeza que Buffy está feliz.

— Sim. Minha reputação vive para ver outro dia.

Outro silêncio constrangedor ecoou entre nós.

As ações da Lau Jewels despencaram para registrar níveis baixos após uma enxurrada de más notícias. Vivian ainda não estava muito afetada – tinha certeza disso – mas ela não estava imune aos sussurros e especulações.

Coisas que ajudei a fomentar. A culpa perfurou meu intestino.

Rezei um Ave Maria no baile na sexta à noite. Parte de mim esperava que ela me desse um tapa e saísse correndo, mas outra parte estranhamente idealista esperava que me ouvisse.

E ela ouviu. Não sabia o que fiz para merecer isso, mas estava aceitando.

Chegamos à sala. Hesitei por um instante antes de abrir as portas.

Recomponha-se, Russo. Estava em meus trinta e tantos anos. Era muito velho para agir como um maldito adolescente em seu primeiro encontro, mas era exatamente isso, menos a parte adolescente. Nosso primeiro encontro de verdade.

Sem mentiras, sem segredos, sem enganos. Só nós.

Uma onda de ansiedade me atravessou quando Vivian inspecionou a sala com os olhos arregalados. Agonizei com o encontro por horas antes de decidir algo simples, mas pessoal. Hoje não era sobre o brilho e glamour. Era sobre passar tempo juntos e consertar nosso relacionamento.

Ela gostava de romance e astronomia, por isso inventei alguma fantasia romântica sobre uma estrela cadente que era na verdade uma mulher (ou alguma merda assim) na TV de tela plana. Nunca tinha ouvido falar do filme, mas de acordo com a neta de Greta – sim, recorri a pedir ajuda a um colegial – era “super fofo”.

Mais de duas dúzias de recipientes para viagem estavam em cima da mesa de café ao lado de Pringles, pickles e pudim. Comprei uma máquina de pipoca vintage e a instalei às pressas ontem para a experiência completa do filme. O lanche era repugnante, mas

Vivian e a maior parte do mundo gostavam por algum motivo esquecido por Deus.

— Disse que não encontrou um novo lugar favorito de bolinhos depois que a loja em Boston fechou, então pensei em ajudá-la. — Disse quando seus olhos se demoraram nas caixas de comida. — Amostras de trinta e quatro dos melhores lugares de bolinhos nos cinco bairros, conforme determinado pelo próprio Sebastian Laurent.

O CEO do *Laurent Restaurant Group* era um gastrônomo renomado. Se ele disse que algo era bom, era bom.

— Tem certeza que isso não é uma manobra para me encher com tanta comida que não poderei sair? — Vivian brincou. Seus ombros relaxaram pela primeira vez desde que chegou.

Sorrio. — Não posso confirmar ou negar, mas se quiser ficar, não vou impedi-la.

Ela ainda não tinha levado o resto de seus pertences. Sabia que era porque estava ocupada com o *Legacy Ball*, mas tomei isso como um sinal de que já estavam onde eles – e ela – pertenciam. Comigo.

As bochechas de Vivian coraram, mas não respondeu.

— Como sabia que esse era um dos meus filmes favoritos enquanto crescia? — Perguntou quando o filme começou.

Ela pegou um bolinho de massa de um dos recipientes e deu uma mordida delicada. Não tinha certeza se ela poderia encaixar todos os trinta e quatro em um dia, mas sempre poderíamos tentar os que perdeu depois.

— Não sabia. — Admiti. — Estava procurando um filme sobre estrelas que *não fosse* um documentário ou ficção científica. A neta de Greta me ajudou.

Deveria comprar um presente de agradecimento para a garota. Talvez um carro, ou umas férias de sua escolha.

— Recebendo conselhos de um adolescente? Muito diferente de Dante Russo.

— Sim, bem, ser como Dante Russo não tem sido a melhor decisão ultimamente.

Nossos olhares se tocaram. Seu sorriso se desvaneceu, deixando para trás a cautela suave.

— Luca veio na segunda-feira à noite. — Disse. — Eu contei a ele o que aconteceu. Pela primeira vez, deu-me conselhos em vez de aceitá-los. Foi também um conselho muito bom.

— O que ele disse?

— Que eu precisava lutar por você. E estava certo.

A respiração de Vivian ficou rasa. Algo explodiu na tela, mas não desviamos o olhar.

Meu coração bateu contra minha caixa torácica. O ar ficou espesso e faiscou como gravetos encharcados de gasolina, e quando o silêncio chegou ao limite, falou novamente.

— Confrontei meu pai na quarta-feira. — Disse baixinho, chocando o inferno em mim. — Voei para Boston e apareci em seu escritório. Não lhe disse que ia. Poderia ter perdido a coragem se tivesse.

Esperei que ela continuasse. Quando não o fez, dei-lhe uma cutucada gentil. — O que aconteceu?

Ela brincou com a comida. — Para encurtar a história, entramos em uma grande briga pelo que fez. Ele me disse para pedir a *você* para... ajudar com os problemas da empresa. Eu disse não. E ele me deserdou.

As palavras eram fato, mas sua voz era triste o suficiente para fazer meu coração doer. *Merda.*

— Sinto muito, querida. — Detestava Francis com o fogo de mil sóis, mas era a sua família. Ela o amava e a separação deve tê-la devastado.

— Está tudo bem. Quer dizer, não está, mas é isso. — Vivian balançou a cabeça. — Foi minha escolha. Poderia ter concordado com o que ele queria, mas não estava certo. Ainda era um peão para ele e me recusei a deixá-lo me usar para manipulá-lo.

Teria funcionado. Francis Lau deduziu minha fraqueza. Não havia nada que eu não daria a Vivian se ela pedisse.

— É a empresa da sua família. — Disse, observando-a cuidadosamente. Honestamente, fiquei surpreso que não estivesse mais chateada com o que fiz. Apertei o botão sabendo que isso machucaria sua família e, por extensão, ela. E não tinha outra desculpa além do meu orgulho e sede de vingança. — O que quer que aconteça?

— Não quero que quebre, obviamente. Se eu pudesse ajudar de outra forma, ajudaria; mas... — soltou um suspiro. — Isso soará ruim, mas meu pai nunca enfrentou muitas consequências por suas ações. Ele é o chefe no escritório e em casa. Faz o que quer, e outras pessoas têm que ir com ele. Esta é a primeira vez que teve

que lidar com repercussões. E a coisa sobre ele é que só entende força e poder. Sutileza não funciona com ele, não quando se trata de coisas assim.

— Não concordo com o que fez, mas entendo. Por isso mesmo que devesse odiá-lo... — Sua voz baixou até ficar quase inaudível. — Não odeio.

Meus dedos ficaram brancos de agarrar meu joelho. — Mesmo que a empresa vá à falência?

Uma carranca puxou seus lábios. — Acha que vai?

— É muito possível. — Não tirei meus olhos dela. — Diga-me a verdade, Vivian. Quer que eu interfira e acabe com isso?

Ainda não havíamos chegado a um momento crítico. O que tinha sido feito com Lau Jewels era reversível, mas havia um tique-taque na operação. Em breve, estaria fora de minhas mãos.

— Eu vou. — Disse. — Sem manipulação de seu pai. Sem perguntas. Basta dizer a palavra.

Quis dizer o que disse na outra noite. Eu a amava mais do que jamais odiei Francis, e se estar com ela significasse que tinha que salvá-lo, faria isso sem hesitar.

Os olhos de Vivian brilharam na luz que vinha da TV. — Por que fazer isso quando se deu ao trabalho de puni-lo?

— Porque não me importo mais com punição ou vingança. Eu me importo com você.

O brilho iluminou. Um pequeno tremor rolou por ela quando escovei meu polegar sobre sua bochecha, a comida e o filme

esquecidos. Não tinha nenhuma referência para a dor indescritível na boca do meu estômago. Era interminável e faminta, saciada apenas pela suavidade de sua pele sob a minha.

Vivian não me tocou de volta, mas também não se afastou.

— O que estamos fazendo, Dante? — Sussurrou.

Meu polegar viajou para o sul e roçou a curva de seu lábio inferior. — Estamos resolvendo as coisas como qualquer casal faria.

— A maioria dos casais não é tão disfuncional quanto nós.

— Não há nada de errado com uma pequena disfunção. Isso mantém as coisas interessantes. — Sorrio para sua bufada suave antes de ficar sério novamente. — Volte, *mia cara*. Pode ficar com seu antigo quarto se ainda não se sentir confortável dormindo no nosso. — Engoli. — Greta sente sua falta. Eduardo sente sua falta. *Eu sinto sua falta, pra caralho*.

Vivian arrastou uma respiração trêmula. — Realmente acha que é tão simples assim? Eu me mudo de volta e tudo está consertado?

— Não. — Estávamos em uma confusão infernal, e não era tão ingênuo. — Mas é um primeiro passo. — Tirei minha mão e escovei meus lábios sobre os dela, apenas leve o suficiente para roubar uma pitada de sabor. — Você e eu, querida. Esse é o destino. E estou disposto a dar todos os passos que precisar para chegar lá.

CAPÍTULO 40

Vivian

Não voltei a morar com Dante.

Parte de mim queria, mas não estava pronta para pular com os dois pés novamente tão cedo. Contudo, no entanto, concordei em outro encontro com ele.

Três dias depois da nossa noite de cinema, chegamos a um canto tranquilo do Jardim Botânico do Brooklyn. Era uma tarde linda, céu claro e sol dourado, e a configuração do piquenique parecia algo saído de um conto de fadas.

Uma mesa baixa de madeira se estendia sobre um grosso cobertor de marfim, cercada por enormes almofadas, lampiões de ouro e vidro no chão e um cesto de vime enorme. A mesa em si estava posta com pratos de porcelana e um banquete de comidas, incluindo baguetes, charcutaria e sobremesas.

— Dante. — Respirei, atordoada pela pura complexidade da configuração. — O que...

— Lembrei-me do quanto gosta de piqueniques. — Sua palma deslizou do meu quadril para a parte inferior das minhas costas. O fogo lambeu minha pele, afugentando meus arrepios da visão diante de nós.

— Por favor, não me diga que fechou o jardim para isso.

A maioria dos visitantes fazia piquenique em um dos gramados, mas estávamos bem no meio de um jardim de verdade.

— Claro que não. — Dante disse. — Só reservei parte dele.

Sua diversão após o meu gemido era um copo de água fresca em um dia quente, e a atmosfera era confortável o suficiente para afundar enquanto nos sentávamos ao redor da mesa. Era fácil e sem esforço, muito longe do ar pungente, mas carregado da outra noite. Aqui, quase poderia esquecer os problemas que nos esperavam fora dos limites exuberantes do jardim.

— Este pode ser o encontro mais longo que estive. — Disse. Começou com uma exposição especial no *Whitney Museum*, seguida por mimosas em um brunch exclusivo e agora isso.

Na superfície, parecia como qualquer outro encontro luxuoso, mas suspeitava que Dante tinha um motivo oculto. Os rumores sobre nosso relacionamento e a empresa de meu pai estavam aumentando. Ao me levar tão publicamente, estava fazendo uma declaração: nosso relacionamento era sólido como uma rocha (mesmo que não fosse), e qualquer calúnia sobre mim pessoalmente não seria tolerada. Minha ligação com ele era a melhor forma de proteção contra as fofocas da sociedade. Ninguém queria irritar Dante.

— Podemos fazer isso por mais tempo. — Seu sorriso abriu caminho em meu peito. Se ele estava chateado por eu ter rejeitado sua proposta de voltar, não demonstrou. Não tinha levantado a questão desde sua decepção inicial. — Viagem noturna ao norte do estado de Nova York? Tenho uma cabana nas *Adirondacks*.

— Não abuse. Estou tirando as horas extras do nosso próximo encontro.

— Então, haverá *um* próximo encontro.

— Pode ser. Depende se continua me irritando ou não.

Sua risada profunda espalhou arrepios na minha espinha.

— Não venho ao Brooklyn com frequência, mas tenho visitado mais desde que a namorada do meu irmão mora aqui. — Uma careta tocou sua boca. — Adivinhe qual é o seu nome.

— Não faço ideia.

— Leaf. — Disse categoricamente. — O seu nome é Leaf Greene.

Quase engasguei com a água. — Os pais dela têm um senso de humor único.

Leaf Greene? Seus anos de ensino médio devem ter sido horríveis.

— Ela está ajudando Luca a fazer “trabalho interior”, seja lá o que isso signifique, mas não está usando cocaína ou bebendo até ficar inconsciente em uma boate, então é um progresso. — O tom de Dante era seco.

— Como estão as coisas entre você e Luca? — Ele mencionou que estavam conversando mais, mas não sabia onde as coisas estavam com eles.

Dante serviu um copo de chá gelado de menta e o deslizou sobre a mesa em minha direção. — Diferente. Não é ruim, mas...

diferente. Ele amadureceu ao longo do ano passado, e não me preocupo tanto em receber uma ligação para tirá-lo da prisão no meio da noite. Concordamos em fazer refeições bimestrais juntos. — Outra careta. — A última foi na casa de Leaf, e ela cozinhou a porra do frango com tofu.

Uma risada se espalhou. — O tofu pode ser bom se preparado adequadamente.

— Tofu como tofu, não como frango. *Frango* deve ser frango. — Dante rosnou. — E no caso de estar se perguntando, não, ela *não* preparou adequadamente. Tinha gosto de papelão mastigável.

Não pude deixar de rir novamente.

O público achava que ainda estávamos noivos, mas eram momentos privados como esses que sentia falta; as pequenas piadas e brincadeiras, os detalhes pessoais, as conversas sobre tópicos mundanos que, tomados como um todo, significavam tanto quanto conversas mais significativas. O amor nem sempre era sobre os grandes momentos. Mais frequentemente, estava escondido nos pequenos momentos conectando os principais.

Este encontro parecia um desses. Um trampolim em nosso caminho para uma potencial reconciliação.

Não estava pronta para confiar totalmente em Dante novamente, mas talvez um dia.

— Para alguém que não tem um relacionamento sério há anos, é muito bom em organizar esses encontros. — Disse depois que terminamos de comer. Caminhamos pelo jardim para esticar as pernas e mergulhar no ambiente antes de sairmos.

Ao nosso redor, flores da primavera desabrochavam - lilases, peônias e azaleias; cornisos, gerânios selvagens e flores espanholas. O ar estava vivo com os aromas doces da natureza, mas mal percebi. Estava muito distraída com o cheiro de Dante e o calor que emanava de seu corpo.

Ele tocou meu lado, quente e pesado, embora caminhássemos uma distância respeitável um do outro.

— É fácil quando se conhece a outra pessoa. — Sua resposta foi casual e íntima.

Meu coração vacilou por uma batida. — E acha que me conhece?

— Gosto de pensar que sim.

Paramos à sombra de uma árvore próxima, seu tronco encostado nas minhas costas, seus galhos arqueando-se sobre uma copa de folhas. A luz do sol salpicava a folhagem, transformando os olhos de Dante na cor de um rico âmbar derretido. Uma sombra de uma barba por fazer cobriu sua mandíbula forte e bochechas, e meu corpo inteiro formigava quando me lembrei do arranhão daquela barba na parte interna das minhas coxas.

O ar faiscou, um fósforo aceso em uma poça de gasolina.

Todo o calor acumulado que havíamos suprimido durante o almoço subiu para a superfície em uma onda descarada. Minha pele estava de repente muito quente, minhas roupas muito pesadas. Um elo elétrico serpenteava ao nosso redor, lento e sinuoso.

— Por exemplo... — Minha voz sempre foi tão alta e ofegante?

— Por exemplo, sei que ainda está com medo. — Dante disse suavemente. — Si que não está pronta para confiar totalmente em mim novamente, mas quer. Caso contrário, não estaria aqui.

Sua observação perfurou minha máscara como se fosse feita de nada mais do que respirações e sussurros.

Outro batimento cardíaco vacilante. — Isso é uma suposição.

— Talvez. — Um passo o aproximou. Meu pulso acelerou. — Então, me diga. O que quer?

— Eu... — Suas pontas dos dedos roçaram meu pulso, que arrancou em uma velocidade.

— Seja o que for, darei a você. — Dante entrelaçou seus dedos com os meus, seu olhar firme. *Ardente*.

As palavras me escaparam, perdidas na névoa que nublava meu cérebro. Nós nos encaramos, o ar pesado com coisas que queríamos, mas não podíamos dizer.

Âmbar escureceu à meia-noite. O corpo de Dante era um estudo de tensão, sua mandíbula dura e seus ombros tão tensos que seus músculos estavam quase vibrando. Suas próximas palavras foram baixas e ásperas. — Diga-me o que quer, Vivian. Você me quer de joelhos?

Oh, Deus.

O oxigênio desapareceu quando se abaixou lentamente no chão, o movimento ao mesmo tempo orgulhoso e subserviente.

Sua respiração se espalhou pela minha pele. — Quer isto? — Seus dedos desceram da minha mão pela parte de trás da minha perna, deixando fogo em seu rastro.

Meus pensamentos ficaram confusos, mas eu tinha o sentido restante de saber que isso não era sobre sexo. Era sobre vulnerabilidade. Expição. *Absolvição*. Foi um momento crucial disfarçado de inconsequente e condensado em uma palavra.

— *Sim*. — Era tanto comando quanto capitulação, gemido e suspiro.

A respiração de Dante se liberou.

Se eu estivesse com mais alguém, me preocuparia com alguém passando e nos vendo, mas a presença de Dante era como um escudo invisível me protegendo do resto do mundo.

Se ele não quisesse que ninguém nos visse, não veriam.

Suas palmas queimaram quando separaram minhas coxas. Mal me tocou, e eu estava pegando fogo.

Inclinei minha cabeça para trás, afogando-me em excitação, em calor e luxúria e a reverência de seu toque enquanto beijava minha coxa. Sua barba raspou contra minha pele e enviou pequenos choques de prazer pela minha espinha.

— Sinto muito. — O sussurro dolorido passou por mim, penetrando em minhas veias e se instalando em meus ossos. Outro arrepio me percorreu. — Sinto muito por machucá-la... — Um beijo suave no vinco delicado entre minha coxa e o calor insistente. — Por afastá-la... — deslizou minha calcinha para o lado e gentilmente tocou sua língua no meu clitóris. — Por sempre fazê-

la se sentir indesejada quando é a única pessoa que alguma vez amei.

Suas palavras cruas se misturaram com o meu gemido quando puxou meu clitóris em sua boca e chupou. Meu corpo arqueou para longe da árvore. Minhas mãos afundaram em seu cabelo, e só pude segurar enquanto ele me adorava com seus lábios, mãos e língua. Áspero mas suave. Firme, mas suplicante. Carnal, mas terno. Cada movimento enviava outro choque de pura sensação através de mim.

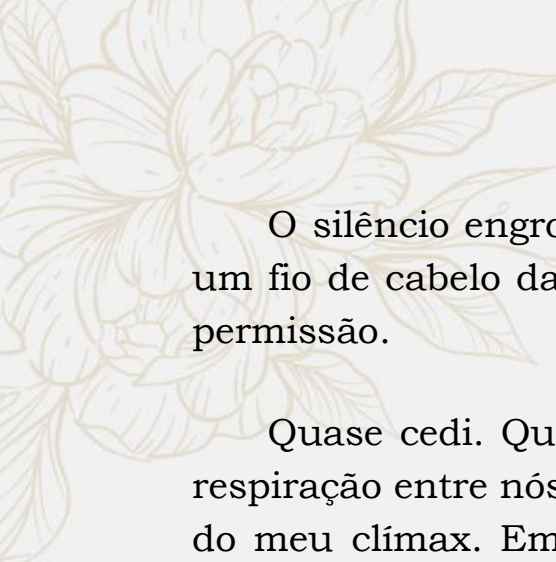
A pressão cresceu simultaneamente no meu peito e na base da minha coluna. Estava sem fôlego com isso, voando alto em nada além de emoção e adrenalina.

Ele recuou e roçou os dentes contra meu clitóris sensível. Empurrou dois dedos dentro de mim, empurrando e enrolando enquanto me contorcia com abandono. Dante conhecia meu corpo. Sabia exatamente quais botões apertar e quais pontos acertar, e tocava como um instrumento afinado. Um maestro conduzindo uma orquestra de suspiros e gemidos.

Pressionou o polegar contra meu clitóris ao mesmo tempo em que atingiu meu ponto G. A pressão explodiu.

Meu orgasmo balançou através de mim, e meus gritos ainda ecoaram no ar quando Dante se levantou, seu peito arfando. Apoiou as mãos em cada lado da minha cabeça e beijou ternamente as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Não tinha percebido que estava chorando. Ele fez uma pausa quando alcançou meus lábios.



O silêncio engrossou entre nós enquanto sua boca pairava a um fio de cabelo da minha, esperando. Na esperança. Buscando permissão.

Quase cedi. Quase inclinei meu queixo para cima e fechei a respiração entre nós enquanto meu corpo zumbia com as réplicas do meu clímax. Em vez disso, virei minha cabeça. Apenas uma fração, mas o suficiente para Dante recuar com uma respiração irregular.

Demos um grande passo à frente, mas ainda não estava pronta para outro. Estava muito esgotada física e emocionalmente.

— Sinto muito. — Sussurrei.

— Não tem que se desculpar, *mia cara*. — Seus dedos se entrelaçaram com os meus novamente, fortes e reconfortantes. Seus olhos eram suaves. — Quantas etapas forem necessárias, lembra-se? Nós chegaremos lá.



CAPÍTULO 41

Vivian

Dante e eu não falamos sobre nosso encontro no jardim novamente, mas pairou no fundo da minha mente por dias depois.

Não por causa do sexo, mas por causa da vulnerabilidade. A paciência. O vislumbre de *como* nosso relacionamento seria diferente desta vez. Pela primeira vez, realmente acreditei que a reconciliação era possível.

Talvez não agora, mas um dia. Como Dante disse, chegaríamos lá.

Estávamos saindo do jantar no topo do *Empire State Building* em nosso terceiro encontro quando meu telefone tocou.

Fiz uma pausa no meio de contar a ele sobre a oferta de Buffy Darlington para planejar seu aniversário de 65 anos. Estava se tornando uma cliente fiel, o que era uma bênção e uma maldição. Suas expectativas eram maiores do que o prédio em que estávamos atualmente.

Verifiquei meu telefone, e meu pulso saltou quando vi o nome de quem ligou. — Desculpe, tenho que atender isso. É minha irmã.

Era meio da noite em Eldorra, e não tinha falado com Agnes desde que contei a ela sobre meu confronto com nosso pai. Aconteceu algo com ela ou Gunnar?

— É claro. — Dante enfiou as mãos nos bolsos e acenou com a cabeça para o outro lado da plataforma de observação. — Sem pressa. Estarei lá.

Foi difícil conciliar esse Dante com o CEO rude e arrogante que conheci no verão passado, mas não éramos as mesmas pessoas que éramos nove meses atrás. O antigo eu dele não teria sido tão paciente ou compreensivo. O velho eu não teria resistido tanto tempo contra sua ofensiva de charme. E nossos antigos eu não estariam aqui, tentando reconstruir a partir dos escombros de nosso relacionamento quando seria muito mais fácil abandonar o projeto e seguir em frente.

— Obrigada. — Disse, meu coração estranhamente quente.

Esperei até que estivesse fora do alcance da voz antes de atender.

— Você tem que me salvar. — Agnes disse sem preâmbulos. — Mamãe está me levando *até a parede*.

O alívio afrouxou o nó de ansiedade no meu peito. — São quatro horas da manhã. Realmente ligou para reclamar da mamãe?

— Não conseguia dormir, e sim, liguei. Ela tentou redecorar nossa casa, Viv. *Duas vezes*. E está aqui há menos de uma semana.

De acordo com Agnes, minha mãe entrou em uma briga enorme com meu pai quando descobriu que ele me deserdou.

Estava hospedada na casa da minha irmã em Eldorra, que era como eu sabia que as coisas estavam ruins. Ela odiava a coleção de animais de Agnes porque trocavam muito pelo.

— O que quer que eu faça? Estou em Nova York. — Olhei para Dante, seu corpo alto cortando uma figura impressionante contra as luzes da cidade. — Não deveria estar falando comigo de qualquer maneira. O pai ficará chateado.

— Por favor. Estou chateada com *ele*, e essa briga é entre vocês dois, não nós. — Hesitou, então acrescentou — Essa é outra razão pela qual liguei. Ele está aqui. Em Eldorra.

Meu estômago despencou.

— Está tentando fazer as pazes com a mãe e diz que precisa de um tempo longe do escritório enquanto o conselho “discute como seguir em frente”.

Tradução: estavam pensando em demiti-lo.

O valor das ações da Lau Jewels havia se estabilizado desde domingo, mas estava mais baixo do que deveria. A cobertura negativa da imprensa tinha feito um número na empresa.

— Você deveria visitar. — disse Agnes.

Não pude conter uma zombaria. — Vamos, Aggie.

— Estou falando sério. Precisamos estar juntos como uma família agora mais do que nunca. Não lute. O que ele fez foi horrível, mas ainda é nosso pai, Vivi.

— Em que ponto isso não é suficiente?

Se eu estava confusa sobre meus sentimentos em relação a Dante, estava duas vezes mais confusa sobre meus sentimentos em relação ao meu pai. Queria me reconciliar com ele, ou nosso relacionamento era irreparável?

Agnes ficou em silêncio. — Apenas dê uma chance. — Finalmente disse. — Por favor. Por mim, mamãe, e você. Fale agora que todos tiveram a chance de se acalmar. Mesmo que não faça as pazes, terá um encerramento. Além disso, sinto sua falta. Não te vejo desde o outono passado.

— Isso é manipulação emocional.

— Aprendi com os melhores.

— Mãe. — Dissemos em uníssono. Quando se tratava de viagens de culpa, Cecelia Lau era uma passageira frequente com status de diamante.

— Quando vai embora? — Olhei para a cidade abaixo. Se ao menos pudesse ficar aqui para sempre, afastada das preocupações e incertezas que assolam a vida no terreno.

— Segunda-feira. Sei que é em cima da hora, mas se puder vir, eu adoraria vê-la. — A voz de Agnes suavizou. — Realmente sinto sua falta.

Meus dentes raspavam meu lábio inferior. Podia respirar agora que o *Legacy Ball* havia acabado, e não visitava Eldorra há mais de um ano, mas estava pronta para ver meu pai novamente tão cedo?

A indecisão torceu minhas entranhas.

— Também sinto sua falta. — Finalmente disse. — Verei o que posso fazer. Diga oi para minha mãe por mim, e durma um pouco. Eu te ligo amanhã.

Desliguei e me juntei a Dante na beirada do convés. — Desculpe. Coisas de família. — Suspirei e puxei minha jaqueta mais apertada ao meu redor. O vento havia parado, mas um frio permanecia. — Meus pais estão em Eldorra e Agnes quer que eu a visite. Conversar com eles.

Dante era uma pessoa estranha para discutir isso, considerando sua história com meu pai, mas não sabia com quem mais falar. Era o único além de meu pai e eu que tinha uma compreensão completa da situação. Mesmo Agnes e minha mãe não sabiam o papel que ele desempenhou nos problemas de Lau Jewels, embora estivessem cientes de todo o resto.

Sua expressão era de neutralidade estudada. — Quer ir?

— Talvez. — Outro suspiro. — Quero ver minha irmã e preciso falar com minha mãe pessoalmente, mas não sei se estou pronta para enfrentar meu pai sozinha novamente. Ele volta na segunda-feira, porém, então tenho que tomar uma decisão. Rápida.

— Deveria ir.

Minha cabeça se ergueu em surpresa.

— Se você não fizer isso, sempre se perguntará *o que aconteceria*. — A lua lançava luz e sombra no rosto de Dante, linhas nítidas e feições ousadas, mas com uma suavidade em seus olhos que me matou. — Quero que fique perto de seu pai? Não. Acho que ele não merece ter nada a ver com você, mas tenho a sensação de que precisa de mais encerramento do que o que

conseguiu em Boston. Então, por esse motivo, deve ir. Veja sua irmã. Encontre alguma clareza.

— Certo. — Soltei uma respiração longa e controlada. — Acho que devo procurar voos em breve. — Era quinta-feira à noite. Realisticamente, não voaria até sábado, o que me deixava com um dia e meio em Eldorra.

— Poderia. — Dante fez uma pausa. — Ou pode pegar meu jato.

Meus olhos se arregalaram.

— Disse que talvez não estivesse pronta para enfrentar seu pai sozinha novamente. Se quiser, posso ir com você. — Sua voz ficou suave. — Dadas minhas... complicações com sua família, entendo se não quiser, mas a oferta está na mesa. Pode pegar meu jato de qualquer maneira. É mais fácil do que encontrar um voo com essa antecedência.

Meu coração acelerou sem minha permissão. — Se você for, significa que terá que ficar na mesma casa que meu pai. — Não havia hotéis ou pousadas perto da propriedade de minha irmã. Era muito remoto.

Uma sombra cruzou o rosto de Dante. — Eu sei.

— Ficaria bem com isso?

— Vou sobreviver. Não é sobre mim, *mia cara*.

Calor enrolado no meu estômago. — E o trabalho?

Ele me deu um sorriso torto. — Acho que posso convencer o chefe a me dar um dia de folga.

O calor se espalhou em minhas veias.

Fazer uma viagem de longa distância com Dante era uma má ideia... mas ir ver meu pai sem apoio era pior.

— Podemos sair amanhã?

CAPÍTULO 42

Vivian

Minha irmã e meu cunhado moravam em Helleje, um condado idílico de belas aldeias, mansões centenárias e patrimônios preservados pelo Estado, localizado três horas ao norte da capital de Eldorra, Athenberg.

Dante e eu pousamos no minúsculo aeroporto de Helleje na tarde de sexta-feira. Levamos mais quarenta minutos de carro para chegar à propriedade rural de trinta acres de Agnes e Gunnar.

— Vivian! — Minha irmã atendeu a porta, a imagem do *country chic* em sua blusa branca larga e botas de montaria. — É tão bom vê-la. E você também, Dante. — Disse graciosamente.

Presumi que meu pai também não tinha contado a ela o que Dante fez. Não estaria tão calma de outra forma. Não estava surpresa. Meu pai nunca admitiria de bom grado que alguém levou a melhor sobre ele.

Dante e eu deixamos nossa bagagem em nossos quartos no andar de cima antes de nos juntarmos a Agnes na sala de estar. Gunnar estava em sessão no Parlamento, então realmente era um fim de semana da família Lau.

Fiz uma pausa quando vi minha mãe sentada no sofá ao lado da minha irmã. À primeira vista, parecia tão arrumada como

sempre, mas um exame mais atento revelou as linhas de tensão em torno de sua boca e as leves manchas roxas sob seus olhos. Uma pontada atingiu meu peito. Seus olhos brilharam e ela se levantou a minha entrada antes de se sentar novamente. Era um movimento incomumente estranho para Cecelia Lau, que fez meu coração apertar.

O olhar de Agnes pingou entre nós.

— Dante, por que não lhe dou um tour pela casa? — Disse. — O *layout* pode ser confuso...

Ele me olhou. Dei-lhe um pequeno aceno de cabeça.

— Adoraria um passeio. — Disse.

Minha mãe se levantou completamente quando saíram da sala. — Vivian. É bom vê-la.

— Você também, mãe.

E então fui envolvida em seus braços, meus olhos ardendo quando respirei o cheiro familiar de seu perfume. Não éramos grandes em afeto físico em nossa casa. A última vez que nos abraçamos foi quando tinha nove anos, mas este parecia um abraço muito necessário para nós duas.

— Não tinha certeza se apareceria. — Disse quando me soltou. Tomamos nossos lugares no sofá. — Você perdeu peso? Parece mais magra. Precisa comer mais.

Estava comendo muito ou muito pouco. Não havia meio-termo.

— Não tenho tido muito apetite. — Disse. — Estresse. As coisas têm sido... caóticas.

— Sim. — Respirou fundo e passou a mão sobre suas pérolas. — Que grande confusão é essa. Nunca estive tão zangada com o seu pai. *Imagine* fazer isso com Dante Russo, de todas as pessoas...

Eu a interrompi com a pergunta que estava me atormentando desde que ouvi a conversa de Dante com meu pai. — Sabia sobre a chantagem?

Sua boca se abriu. — Claro que *não*. — Parecia chocada. — Como pode pensar isso? A chantagem está abaixo de nós, Vivian.

— Você sempre concordou com o que papai faz. Apenas assumi...

— Nem sempre. — O rosto da minha mãe escureceu. — Não concordo com ele tentando deserdá-la. Você é *nossa* filha. Ele não pode decidir se eu posso ou não vê-la, ou sozinho expulsá-la da família. Disse a ele como tal.

Uma bola de emoção emaranhada na minha garganta com o desenvolvimento inesperado. Minha mãe nunca tinha me defendido antes.

— Ele está aqui?

— Está lá em cima, amuado. — Uma carranca beliscou sua testa. — Falando nisso, deveria ir para o seu quarto e se trocar antes do jantar. Uma camiseta e calças de ioga? Em público? Espero que ninguém importante tenha visto você no aeroporto.

Assim, o calor de suas palavras anteriores desapareceu. — Você sempre faz isso.

— Fazer o quê? — Parecia confusa.

— Criticar tudo o que faço ou visto.

— Não estava criticando, Vivian, apenas fazendo uma sugestão. Acha apropriado usar calças de ioga para jantar?

Era incrível a rapidez com que passou de indignada e preocupada para crítica. Meu pai era responsável pela maior parte dos problemas da minha família, mas um tipo diferente de frustração tinha fervido em minha mãe por anos.

— Mesmo que não estivesse usando calças de ioga, você criticaria meu cabelo, pele ou maquiagem, ou a maneira como me sento ou como. Isso me faz sentir como... — Engoli em seco. — Isso me faz sentir como se nunca fosse boa o suficiente. Como se estivesse sempre decepcionada comigo.

Se estivéssemos discutindo nossos problemas, poderia colocar tudo lá fora. A questão da chantagem foi a gota d'água que quebrou as costas do camelo, mas os problemas na casa dos Lau vinham se formando há anos, se não décadas.

— Não seja ridícula. — Minha mãe disse. — Digo essas coisas porque me *importo*. Se fosse uma estranha na rua, não me incomodaria em tentar ajudá-la a melhorar. Você é minha filha, Vivian. Quero que seja o melhor que pode ser.

— Talvez. — Disse, minha garganta apertada. — Mas não parece assim. Parece que está presa a mim como sua filha e está se dando bem.

Minha mãe olhou para mim, surpresa genuína brilhando em seus olhos. Sabia que ela tinha boas intenções. Não era

deliberadamente maliciosa, mas os pequenos cortes e farpas foram aumentando com o tempo.

— Quer saber por que eu sou tão dura com você? — Finalmente disse. — É porque somos Laus, não Logans ou Lauders. — Enfatizou esses nomes. — Não somos a única família nova com dinheiro em Boston, mas somos os mais desprezados pelos esnobes de sangue azul. Por que acha que é assim?

Era uma pergunta retórica. Nós duas sabíamos por quê. O dinheiro comprava muitas coisas, mas não podia comprar os preconceitos inerentes.

— Temos que trabalhar duas vezes mais para obter um pingo do mesmo respeito que nossos concorrentes. Somos criticados por cada passo em falso e examinados por cada falha quando outros saem impunes de algo muito pior. Temos que *ser* perfeitos. — Minha mãe suspirou. Com sua pele e aparência impecável, geralmente passava por alguém em seus trinta e tantos ou quarenta e poucos anos, mas hoje, parecia sua maior idade.

— É uma boa filha e sinto muito se já fiz você sentir que não é. Critico-a para protegê-la, mas... — limpou a garganta. — Talvez essa nem sempre seja a abordagem correta.

Consegui dar uma risada através das lágrimas enchendo minha garganta. — Talvez não.

— Não posso mudar completamente. Estou velha, Vivian, não importa o quão boa minha pele esteja. — Deu um pequeno sorriso na minha segunda risada. — Certas coisas se tornaram um hábito, mas posso tentar atenuar minhas... observações.

Era o melhor que poderia pedir. Se ela tivesse oferecido qualquer outra coisa, teria sido irrealista na melhor das hipóteses

e inautêntico na pior. As pessoas não podiam mudar completamente, mas o esforço importava.

— Obrigada. — Disse suavemente. — Por me ouvir e por enfrentar o pai.

— De nada.

Um silêncio constrangedor desceu. Conversas sinceras não eram comuns na casa de Lau, e nenhum de nós sabia para onde ir a partir daqui.

— Vamos. — Minha mãe se levantou primeiro e passou a mão sobre seu elegante vestido de seda. — Tenho que verificar a sopa para o jantar. Não confio no chef da Agnes. Eles colocam muito sal em tudo.

— Vou tomar banho e me trocar. — Fiz uma pausa. — Papai... estará no jantar?

A viagem seria um desperdício se ele se trancasse em seu quarto e me evitasse o tempo todo.

— Estará lá — minha mãe disse. — Vou me certificar disso.



Duas horas depois, meu pai e eu nos sentamos frente a frente na mesa de jantar, ele ao lado de minha mãe, eu entre Agnes e Dante.

A tensão sufocou o ar enquanto comíamos em silêncio.

Ele não tinha olhado para mim ou Dante uma vez desde que entrou. Estava furioso conosco. Era óbvio no conjunto de sua mandíbula e na escuridão de sua carranca, mas o que quer que tivesse a dizer, não disse na mesa com minha mãe e minha irmã presentes.

Dante comia languidamente, aparentemente não afetado pela raiva silenciosa de meu pai, enquanto minha pobre irmã tentava puxar conversa.

— Deveria ter visto o rosto do ministro do Interior quando o gato real correu pelo palco. — Disse, contando uma história do Baile da Primavera do palácio. — Não sei como entrou no quarto. A rainha Bridget foi uma boa esportista sobre isso, mas pensei que sua secretária de comunicações teria um derrame.

Ninguém respondeu.

Meadows, o felino real de Eldorra, era adorável, mas nenhum de nós se importava particularmente com suas aventuras diárias.

Alguém tossiu. Talheres tilintaram ruidosamente contra a porcelana. No fundo da casa, um dos cães latiu. Cortei meu frango com tanta força que a faca raspou o prato com um chiado suave. Minha mãe olhou para mim. Normalmente, teria me repreendido por isso, mas esta noite, não disse uma palavra.

Mais silêncio. Finalmente, não aguentei mais.

— Éramos melhores como família antes de sermos ricos.

Três garfos congelaram no ar. Dante foi o único que continuou comendo, embora seus olhos estivessem afiados e escuros enquanto observava as reações do outro.

— Tínhamos jantares em família todas as noites. Íamos acampar e não nos importávamos se nossas roupas eram da última temporada ou que tipo de carro estávamos dirigindo. E nunca forçaríamos alguém a fazer algo que não quisessem. — A insinuação pairava pesada sobre a mesa congelada. — Estávamos mais felizes e éramos pessoas melhores.

Eu mantive meus olhos em meu pai.

Estava sendo mais conflituosa do que tinha planejado, mas tinha que ser dito. Estava cansado de reter o que pensava simplesmente porque era *impróprio* ou *inadequado*. Éramos uma família. Deveríamos *dizer* a cada um a verdade, não importa o quão difícil fosse ouvir.

— Éramos? — Meu pai parecia impassível. — Não a ouvi reclamando quando paguei sua mensalidade completa da faculdade para que pudesse se formar sem dívidas. Não estava preocupada em ser pessoas mais *felizes* ou *melhores* quando financiei suas compras e ano no exterior.

A crueldade cobriu suas palavras.

O cabo de metal do meu garfo cravou na palma da minha mão. — Não estou dizendo que não me beneficie do dinheiro, mas beneficiar e até desfrutar de algo não significa que não possa criticá-lo. Você mudou, pai. Deliberadamente usei meu endereço antigo para ele. Parecia distante e estranho, como os ecos de uma canção há muito esquecida. — Você se desviou tanto de...

— Basta! — Talheres e porcelanas chacoalharam em um estranho *déjà vu* do escritório do meu pai.

Ao meu lado, Dante finalmente pousou o garfo, seus músculos tensos e enrolados como uma pantera pronta para atacar.

— Não me sentarei aqui e deixarei que me insule na frente da minha própria família. — Meu pai olhou para mim. — Já é ruim o suficiente que o tenha escolhido... — não olhou para Dante, mas todos sabiam de quem *ele* estava falando — em vez de nós. Criamos você, alimentamos e garantimos que não necessitasse de nada, e nos agradece indo embora quando a família mais precisa. *Não* pode sentar aqui e me dar sermão. Eu sou seu *pai*.

Essa sempre foi sua desculpa. *Eu sou seu pai*. Como se isso o absolvesse de qualquer irregularidade e lhe desse o direito de me manipular como uma peça de xadrez em um jogo que nunca consenti.

Minha boca tinha gosto de cobre. — Não, não é. Você me deserdou, lembra?

O silêncio era alto o suficiente para fazer meus ouvidos zumbirem. Os lábios de minha mãe se separaram em uma inspiração silenciosa; os olhos da minha irmã ficaram do tamanho de meias moedas. Dante não se moveu um centímetro, mas sua calorosa segurança tocou meu lado.

— Não me tratou como uma filha. — Disse. — Você me tratou como um peão. Sua disposição de me cortar no minuto em que me recusei a fazer sua oferta é prova disso. Sempre serei grata pelas oportunidades que me proporcionou enquanto crescia, mas o passado não desculpa o presente. E a verdade é que você não é alguém que eu teria orgulho de chamar de pai.

Fixei meu olhar em meu pai, cujo rosto tinha adquirido um adorável tom de carmesim.

— Está arrependido do que fez? — Perguntei calmamente. — Sabendo como isso afetaria as pessoas ao seu redor? — *Como isso nos afetaria?*

Desejei, *rezei* por uma única faísca de remorso. Algo que me diria que meu velho pai ainda estava enterrado lá embaixo em algum lugar.

Se ele estava, não o vi. Os olhos de meu pai permaneceram pedregosos e inflexíveis. — Fiz o que tinha que fazer pela minha família.

Ao contrário de você.

As palavras não ditas ricochetearam em mim, incapazes de encontrar aquisição.

Não me incomodei em responder. Eu tinha ouvido tudo que precisava ouvir.



Dante

Encontrei Francis na sala depois do jantar, olhando para a lareira. Era primavera, mas as noites em Helleje eram frias o suficiente para justificar um calor extra.

— Não parece bom, não é?

Ele se assustou com o som da minha voz. Uma carranca apertada entre suas sobrancelhas quando olhou para cima e me viu entrar. — O que está falando?

— Vivian. — Parei na sua frente, uísque meio vazio na mão, bloqueando sua visão do fogo. — Perdê-la.

Minha sombra se derramou no sofá, aparecendo grande e escura o suficiente para engoli-lo inteiro. Francis me olhou. Parecia menor sem a arrogância o apoiando. Mais velho também, com linhas escarpadas cruzando seu rosto e bolsas sob os olhos.

Um mês atrás, eu o odiava com uma paixão ardente, tanto que o mero pensamento dele embaçou minha visão com vermelho. Agora, olhando para ele, senti desprezo e sim, um pouco de ódio remanescente também, mas, na maior parte, minha raiva havia esfriado de lava derretida em rocha dura e insensível.

Estava pronto para deixar Francis Lau atrás de mim e seguir em frente... *depois* de conversarmos um pouco.

— Ela voltará a si. — Afundou mais fundo no sofá. — Ela nunca virará as costas para a família.

— Essa é a coisa. — Disse. — Você não é mais a sua família.

Levou cada grama de força de vontade para segurar minha língua no jantar. Esta era a viagem de Vivian e sua hora de confrontar sua família; não precisava da minha ajuda, mas agora que o jantar havia acabado e éramos apenas eu e o seu pai, não precisava me segurar.

— Você usa sua família como desculpa. — Disse. — Diz que quer o melhor para eles, mas fez o que fez por si mesmo. Queria o status e a influência. Penhorou suas filhas para homens que elas mal conheciam para seu próprio ego. Se realmente se importasse com sua família, colocaria a felicidade dela acima de seus desejos egoístas. Você não fez.

As coisas funcionaram bem com os casamentos arranjados das filhas Lau, embora um ponto de interrogação ainda pairasse sobre meu relacionamento com Vivian, mas Francis não tinha como saber como terminariam quando fez os acordos.

O carmesim escureceu sua pele. — Não sabe *nada* sobre nós ou o que tive que fazer para chegar onde estou.

— Não, não sei, porque não me importo. — Disse friamente. — Não dou a mínima para você, Francis, mas *amo a* Vivian, então mantereis isso curto e simples por causa dela.

Ele abriu a boca, mas continuei antes que ele pudesse falar.

— Você diz que ela se afastou de sua família quando é a *única* razão pela qual está sentado aqui agora. Se não fosse o seu pai e ela ainda não se importasse com você, apesar da merda que a fez passar, estaria enterrado sob os escombros da sua empresa, mas não sou tão legal quanto Vivian.

A suave ameaça de minhas palavras se enrolou no ar e pousou na superfície do meu uísque.

— Se ela quiser se reconciliar com você no futuro, isso é com ela, mas se falar com ela de novo do jeito que fez na mesa de jantar hoje à noite, se machucá-la de alguma forma, se a fizer derramar uma única lágrima ou causar-lhe um único maldito segundo de tristeza, tirarei *tudo* de você. Seu negócio, sua casa, sua reputação.

Vou colocá-lo na lista negra tão baixo que nem conseguirá passar pelo segurança do seu bar local de merda.

Meu olhar queimou no de Francis quando seu rosto perdeu a cor. — Entendeu?

Minha raiva pode ter esfriado, mas ainda estava lá, uma palavra errada para explodir novamente. Estava pronto para colocar Francis no espelho retrovisor onde pertencia, mas se ele chateasse Vivian...

O calor queimou meu estômago, mais quente que o fogo nas minhas costas.

Francisco agarrou seu joelho. Vibrou com ressentimento, mas sem Vivian como um amortecedor ou alavanca sobre mim, não havia nada que pudesse fazer.

— Sim — finalmente grunhiu.

— Bom. — Meu sorriso era desprovido de calor. — Lembre-se, desta vez, eu lhe mostrei misericórdia por ela. Da próxima vez, não serei tão indulgente.

Terminei minha bebida em um gole fácil e coloquei o copo vazio em sua mão como se ele fosse um dos empregados que ele zombou antes de ir embora.

Seis meses atrás, teria queimado a porra do quarto com Francis nele, mas esta noite, não estava interessado em um confronto ou discussão.

Meu ódio por ele quase me custou a pessoa que eu amava, e me recusava a perder um único segundo a mais com ele. Não

quando havia outra pessoa com quem eu preferia passar meu tempo.

CAPÍTULO 43

Vivian

A batida veio enquanto estava me preparando para dormir.

Sabia quem era antes de atender a porta, mas isso não impediu meu estômago de dar uma estranha reviravolta quando vi Dante parado no corredor. Usava o mesmo suéter de cashmere e jeans que usara no jantar.

Não sabia para onde foi depois da refeição, mas estava aqui agora e a visão dele fez meu peito torcer com emoção inesperada.

Não tinha percebido o quanto precisava vê-lo, *apenas* ele, até agora. Era a única pessoa que poderia me deixar de castigo depois de uma montanha-russa de um dia.

Nós nos encaramos, o silêncio cheio de palavras não ditas até que abri mais a porta em convite. O pequeno movimento interrompeu o feitiço, e ambos relaxamos visivelmente quando entrou e eu sentei na cama.

— Foi bem lá. — Dante se encostou na parede, uma mão enfiada no bolso enquanto seus olhos encontravam os meus. — Enfrentando seu pai.

— Obrigada. — Ofereci um sorriso pesaroso enquanto me sentava na cama em frente a ele. — Gostaria porém que a conversa tivesse corrido melhor.

— Foi do jeito que deveria. — Fragmentos prateados do luar brilharam nos olhos de Dante. — Agora sabe o tipo de homem que ele é. Foi longe demais, *mia cara*. Não estou dizendo isso apenas porque sou tendencioso contra ele. Se eu pudesse escolher, preferiria que consertasse seu relacionamento com ele e fosse feliz, mas quem ele é agora? — Sua voz suavizou. — Não merece seu tempo ou energia.

Uma dor se instalou na minha garganta. — Eu sei.

Não tive o fechamento que queria, mas tive o que eu precisava.

— Estou impressionada que se conteve no jantar. — Acrescentei, tentando aliviar o clima. — Eu me preparei para os insultos verbais. Talvez algumas ameaças e socos para manter as coisas interessantes.

Dante não disse uma palavra durante o confronto. Nunca o tinha visto tão quieto por tanto tempo, mas apreciei. Eu tinha que lutar minhas próprias batalhas em vez de depender dos outros para combatê-las por mim.

— Eu tenho praticado minha contenção. — A ponta mais tênue de sua boca. — Como eu disse, esta viagem não é sobre mim.

A consciência formigava enquanto nossos olhos se mantinham.

Meu quarto era grande o suficiente para acomodar quatro pessoas, mas a presença de Dante preenchia cada canto, tornando

as bordas da minha mente nebulosas e o vazio no meu peito um pouco menos vazio.

— Obrigada por vir comigo. — Tentei ignorar a forma como seu olhar me banhava com calor. — Sei o quão ocupado é, e não pode ser divertido ficar sob o mesmo teto que alguém que odeia.

— Não sei. Foi muito divertido vê-lo quase estourar um vaso sanguíneo na mesa.

Uma risada involuntária derramou pelos meus lábios. — Você é horrível.

— Só para quem merece. — Outro sorriso puxou seus lábios. — É bom ouvi-la rir de novo, *mia cara*.

Meu sorriso desapareceu com o significado suave e pesado escondido entre suas palavras. Outro silêncio caiu entre nós, denso e carregado de tensão. Vagalumes acesos dançavam sobre minha pele, deixando rastros de eletricidade em seu rastro. Meu vestido parecia pesado, e me mexi na cama, tentando aliviar a nova dor florescendo no meu estômago.

Os olhos de Dante escureceram nos cantos. Sua mandíbula se apertou por um momento antes de ele se empurrar para fora da parede.

— Está tarde. — Aspreza afiou sua voz. — Ambos devíamos descansar um pouco.

Ele chegou a meio caminho da porta antes que o impedisse. — Espere.

Ele fez uma pausa, seus ombros rígidos. Não se virou para me olhar.

O ar se esticou ao redor do meu peito enquanto trabalhava no meu próximo movimento.

Fiz as pazes com minha mãe, mais ou menos. Encontrei o fechamento com meu pai. O único relacionamento que eu tinha para desembaraçar era com Dante. Este foi mudado e alterado em várias formas ao longo do ano passado. Passamos de estranhos a colegas de quarto, de adversários a amigos, de amantes a ex... a lista continuava. Eventualmente, teria que terminar e cabia a mim decidir onde seria o corte.

Eu me levantei, meu pulso batendo mais rápido a cada passo enquanto deslizava entre Dante e a porta. Ele olhou para mim, sua expressão indiferente, mas seus olhos ardentes o suficiente para fazer cada centímetro de mim queimar.

Qual foi o meu empecilho?

Manter a manipulação do meu pai em segredo de mim? Empurrar-me para longe? Tentar destruir a empresa da minha família? Todas as coisas dignas de minha raiva, mas também todas as coisas apoiadas por uma razão.

Levou tempo e esforço, mas descobrimos. Acho que você e Dante também podem.

— Não precisava estar aqui. — Seu tempo era a coisa mais valiosa que possuía.

Aqueles olhos negros como carvão ardiam ainda mais. — Não.

Meu pulso se tornou um rugido. — Esta tarde, vários jornais importantes retiraram suas histórias sobre fraude na Lau Jewels. — Eu tinha recebido os alertas antes do jantar. — Momento interessante.

— Interessante, ou coincidência.

— Pode ser, mas não acredito mais em coincidências. — As palavras flutuaram entre nós no ar e na esperança. — Por que fez isso?

A indiferença se derreteu em algo mais suave. — Porque eles ainda são sua família, *mia cara*. Porque se eu pudesse voltar no tempo e impedir seu pai de me chantagear, não faria. Caso contrário... — Sua voz baixou, apenas uma fração minúscula. — Não a teria conhecido.

As palavras pulsavam em meus ouvidos e zumbiam em meu sangue. A emoção bloqueou qualquer palavra de sair da minha garganta, então fiz a única coisa que pude. Fiquei na ponta dos pés e gentilmente pressionei meus lábios nos dele.

Um suspiro passou entre nós. Uma batida imóvel se estendeu. E então sua palma estava na minha bochecha e sua boca estava se movendo sobre a minha. Suave e desesperadamente, como se quisesse tomar seu tempo para se familiarizar com o meu gosto, mas temesse que eu desaparecesse a qualquer momento.

Gavinhas preguiçosas de desejo se enrolaram em mim enquanto deslizava minha língua contra a dele e saboreava o sabor do nosso beijo. Ousado e rico, como a fome temperada com saudade e adoçada com perdão.

Ofegava em sua boca, lambendo e explorando, enquanto nos levava para a cama. Dante geralmente estava no controle, mas desta vez, ele me deixou assumir a liderança. Observou-me, seus olhos com as pálpebras pesadas e peito arfando, conforme tirava nossas roupas.

Nossas mãos vagavam, nossos corações batendo em sincronia e nossos beijos cresciam em intensidade até que o calor se tornou insuportável. Afundei nele, lentamente o aceitando centímetro por centímetro até que estivesse totalmente enterrado dentro de mim.

Gememos em uníssono. As mãos de Dante agarraram meus quadris enquanto balançava contra ele. Suor enevoou minha pele, suspiros suaves e gemidos encheram o ar, e uma deliciosa pressão cresceu dentro de mim, subindo mais e mais até que minha mente estava nebulosa com luxúria.

Seus músculos visivelmente tensos pelo esforço de se conter, mas não tentou assumir o controle enquanto nos levava a um orgasmo simultâneo, de curvar os dedos.

Era a primeira vez que gozávamos juntos.

A intimidade esmagadora do momento desencadeou um segundo clímax menor, e os tremores secundários ainda estavam ondulando através de mim quando Dante me puxou para um beijo.

— Você fica bem no controle, *mia cara*. — Seu estrondo aveludado acariciou minha pele tão seguramente quanto sua mão no meu pescoço.

— Eu também acho. — Escovei meus lábios contra os dele antes de ficar sério. — Não estou pronta ainda para morar com você novamente. Ainda preciso de tempo para respirar, mas... chegaremos lá eventualmente.

— Leve o tempo que precisar. Estarei aqui. — Dante esfregou o polegar na minha nuca. — *Per te aspetterei per sempre, amoré mio*³⁴.

³⁴-Por você, esperaria para sempre, meu amor.

— *Spero non ci vorrà così tanto*³⁵. — Sorrio com o seu choque.
— Falo seis idiomas, Dante. O italiano é um deles.

Sua surpresa se dissolveu em uma risada. — É cheia de surpresas. — Ele me beijou novamente, seu rosto suavizando. — *Ti amo. — Eu te amo.*

Talvez tenha sido o meu encerramento com a minha família. Talvez fosse a emoção de finalmente assumir o controle da minha vida.

Fosse o que fosse, demoliu as paredes do meu peito, e minha resposta finalmente saiu em um sussurro.

— Eu também te amo.

³⁵-Espero que não demore tanto.

CAPÍTULO 44

Dante

— Aquele é Scorpio. — Vivian apontou para um ponto no céu.
— Está vendo?

Segui seu olhar em direção à constelação. Parecia com qualquer outro aglomerado de estrelas.

— Mmmm. Parece ótimo.

Ela virou a cabeça e estreitou os olhos. — Você realmente vê ou está mentindo?

— Eu vejo estrelas. Muitas delas.

Vivian soltou um gemido, uma risada. — Você não tem esperança.

— Eu te disse, não sou e nunca serei um especialista em astronomia. Estou aqui apenas pela vista e pela companhia. — Beije o topo de sua cabeça.

Deitamo-nos em uma pilha de cobertores e almofadas do lado de fora de nosso resort *glamping*³⁶ no deserto do Atacama, no Chile, um dos principais destinos de observação de estrelas do mundo. Depois de toda a merda que aconteceu no mês passado,

³⁶-Campismo de luxo.

este era o lugar perfeito para redefinir antes do nosso casamento, que adiamos para setembro devido às reformas que demoravam mais do que o esperado.

Passamos os últimos quatro dias caminhando em vulcões, desfrutando de fontes termais e explorando dunas de areia. Minha assistente quase desmaiou de choque quando lhe disse que tiraria dez dias de folga do trabalho, mas ela montou o itinerário perfeito para minhas primeiras férias de verdade desde que me tornei CEO. Até deixei meu telefone do trabalho em casa. Minha equipe tinha o número do resort em caso de emergência, mas sabiam que não deveriam me incomodar a menos que o prédio estivesse literalmente pegando fogo.

— Verdade. Acho que pode se limitar a ser bonito. — Vivian deu um tapinha no meu braço. — Todos nós temos nossos talentos...

Ela rompeu em um grito quando eu a rolei e a preendi debaixo de mim.

— Cuidado com a boca. — Rosnei, dando-lhe um beliscão brincalhão. — Ou vou puni-la bem aqui, onde qualquer um pode ver.

As estrelas refletiam em seus olhos e brilhavam com malícia. — Isso é um aviso ou uma promessa?

Meu gemido viajou entre nós, escuro e cheio de calor. — É a porra de uma provocação.

— Você é o único que começou. — Vivian passou os braços em volta do meu pescoço e me beijou. — Não comece algo que não possa terminar, Russo.

— Quando não terminei? — Roci meus lábios sobre a linha delicada de sua mandíbula. — Antes porém de chocarmos os outros convidados com um programa pornográfico... — Sua risada vibrou na minha espinha. — Eu tenho uma confissão.

Meu coração acelerou. Passei um mês me preparando para este momento, mas me senti como se estivesse oscilando à beira de um penhasco sem paraquedas.

Vivian inclinou a cabeça. — Confissão como se esquecesse de marcar nossos passeios a cavalo amanhã, ou confissão como se tivesse matado alguém e precisasse da minha ajuda para enterrar o corpo?

— Por que sempre opta pelo mórbido?

— Porque sou amiga de Isabella e você é assustador.

— Pensei que tinha dito que meu talento era ser bonito. — Provoquei.

— Bonito e assustador. — Um sorriso travesso curvou sua boca. — Não são mutuamente exclusivos.

— Bom saber, mas não, não matei ninguém. — Disse secamente. Eu a empurrei e me sentei ereto.

A noite do deserto estava fresca e revigorante, mas o calor grudava na minha pele como um terno apertado.

— Graças a Deus. Não sou muito boa com pás. — Vivian também se sentou e me olhou com curiosidade. — Então, esta confissão. Isso é bom ou ruim? Preciso me preparar mentalmente?

— É bom. Espero. — Limpei minha garganta, meu coração agora acelerando a toda velocidade. — Você se lembra da minha viagem à Malásia algumas semanas atrás?

— A de setenta e duas horas? Sim. — Balançou a cabeça. — Não posso acreditar que voou até lá só para ficar por um dia. Deve ter sido uma reunião importante.

— Era. Fui ver minha mãe.

Meus pais haviam se mudado de Bali e agora estavam em *Langkawi*.

Confusão apertou uma carranca entre suas sobrancelhas. — Por que?

Ela sabia que minha mãe e eu não tínhamos o tipo de relacionamento em que largaria tudo para vê-la. Meus pais ainda me exasperavam *pra caramba*, mas tinha feito as pazes com seus defeitos. Eram quem eram, e comparados a pessoas como Francis Lau, eles eram santos do caralho.

— Precisava pegar uma coisa. — Mordi a bala e peguei uma pequena caixa do meu bolso.

Vivian olhou para ela, sua expressão atordoada. — Dante...

— Quando propus a você pela primeira vez, dificilmente era uma proposta. — Disse. Meu sangue tamborilou em meus ouvidos. — Nosso noivado foi uma fusão, o anel era uma assinatura. Escolhi isso... — balancei a cabeça para o diamante em seu dedo. — Especificamente porque era frio e impessoal, mas agora que estamos fazendo isso de verdade... — abri a caixa, revelando uma deslumbrante pedra vermelha incrustada em ouro. Uma de menos de três dúzias existentes. — Queria te dar algo mais significativo.

Vivian soltou uma expiração aguda e audível. A emoção desenhou uma imagem vívida em suas feições, pintando-a com mil tons de choque, prazer e tudo mais.

— Os diamantes vermelhos são os diamantes coloridos mais raros que existem. Apenas cerca de trinta haviam sido extraídos. Meu avô comprou um dos primeiros diamantes vermelhos na década de 1950 e propôs a minha avó com ele. Ela passou para meu pai, que deu para minha mãe... — Engoli o nó na garganta. — Quem me deu.

O anel brilhou como uma estrela cadente contra o negro da meia-noite. Minha mãe raramente usava. Estava com muito medo de perdê-lo durante suas viagens, mas ela o manteve seguro para o dia em que eu precisasse. Foi uma das poucas coisas sentimentais que fez desde que eu nasci.

— Uma herança de família. — Vivian murmurou, sua voz grossa.

— Sim. Uma que me lembra muito você. Linda, rara e difícil como o inferno de encontrar... mas valeu cada minuto que levou para chegar lá. — Meu rosto suavizou. — Passei trinta e sete anos pensando que meu par perfeito não existia. Provou que eu estava errado em menos de um. E mesmo que não tenhamos feito certo da primeira vez, espero que me dê uma chance de provar a mim mesmo uma segunda vez. — Meu pulso batia com os nervos quando a pergunta mais importante da minha vida saiu da minha boca. — Vivian Lau, quer se casar comigo?

Seus olhos se encheram de lágrimas não derramadas. Uma gota solitária escapou e escorreu por sua bochecha quando assentiu.

— Sim. *Sim*, claro que me casarei com você.

A tensão se dissolveu em risos e soluços e alívio frio e doloroso. Tirei o anel antigo de seu dedo e o substituí pelo novo antes de beijá-la. Ferozmente, apaixonadamente e de todo o coração.

Às vezes, precisávamos de palavras para nos comunicar.

Outras vezes, não precisávamos de palavras.

EPÍLOGO

Dante

O dia do nosso casamento amanheceu claro e ensolarado sobre as águas do Lago Como.

Duzentos e cinquenta convidados vieram de todo o mundo para participar das festividades na Villa Serafina, onde as reformas terminaram bem a tempo de um exército de funcionários do casamento entrar e transformá-lo em um paraíso de luzes, flores e verdes pendurados.

A cerimônia propriamente dita teve lugar no exterior, no terraço mais alto da Villa, com vista para o lago. O sol batia quente e pesado enquanto estava embaixo do caramanchão, esperando Vivian aparecer.

— Não posso acreditar que vai se casar. — O sussurro deslizou do canto da boca de Luca. — Não pensei que isso realmente aconteceria. Sei que disse para você lutar por ela, mas tinha certeza que ela iria chutá-lo para...

— Cala a boca. — Disse através do meu sorriso. As câmeras estavam apontadas, e queria que as fotos de hoje fossem perfeitas. — Comentários não solicitados não são o trabalho do padrinho.

Passei meus olhos pela multidão, inquieto. Quase todos os convidados tinham confirmado a presença. Avistei Dominic e

Alessandra entre os Laurents e os Singhs, e a namorada de Christian, Stella, sentada ao lado da rainha Bridget e do príncipe Rhys de Eldorra. Surpreendentemente, meus pais fizeram isso também e trocaram suas roupas de praia usuais pelo traje de casamento apropriado.

Meu olhar deslizou sobre os Laus. Francis estava aqui como acompanhante de Cecelia, mas foi destituído de todos os deveres de pai da noiva. Cecelia estaria, em vez disso, acompanhando-a até o altar. Era uma humilhação pública para alguém tão obcecado com sua reputação, mas deve ter pensado que *não* comparecer era pior do que comparecer como convidado de um convidado.

Sentou-se ao lado do genro, austero, mas calado. Vivian agonizou por semanas sobre se deveria convidá-lo antes de estabelecermos o acordo atual. Estava preocupada que eu ficasse chateado, mas empurrei Francis tão longe na minha mente que era um pontinho no espelho retrovisor.

Enquanto Vivian estivesse feliz, eu estava feliz.

— Deveria ser. Não estaria aqui sem mim. — Luca disse, trazendo minha atenção de volta para ele. Cheirava a autossatisfação. — Quem tirou sua cabeça da sua bunda quando estava ocupado chafurdando?

— Estou prestes a colocar meu pé na sua bunda se não calar a boca.

Quem inventou os irmãos mais novos merecia um lugar especial no inferno.

— Vocês *dois* calem a boca. — Disse Christian do outro lado de Luca. — Cristo, irmãos são irritantes. Obrigado, porra, não tenho um.

Porra de homem.

Kai era o único padrinho com o bom senso de manter a boca fechada. Ele fixou seu olhar através do arco, onde Agnes, Sloane e Isabella estavam em vestidos de dama de honra cor-de-rosa.

Isabella ergueu uma sobrancelha para ele; seu olhar se estreitou um pouco antes que os tons ricos e majestosos da marcha nupcial enchessem o ar e desviou os olhos para o corredor.

Os convidados se levantaram como um. Todos os pensamentos de irmãos irritantes e padrinhos igualmente irritantes cessaram quando Vivian apareceu no final do corredor. Inferno, todos os pensamentos cessaram, ponto final.

A única coisa que existia era ela.

Minha respiração parou enquanto ela caminhava pelo corredor com sua mãe, seu rosto brilhando e seu sorriso suave quando encontrou meus olhos.

Vivian me contou uma vez sobre um provérbio chinês que dizia que um fio invisível ligava aqueles destinados a se encontrar, independentemente do tempo, lugar e circunstância. Senti o puxão fantasma daquele fio agora, estendendo-se entre nós e vibrando com a promessa de algo que só o destino poderia entregar.

Eu costumava pensar que não estaríamos juntos se o seu pai não tivesse nos forçado a ficar juntos. Estava errado. Uma parte de mim sempre encontraria meu caminho para ela. Ela era minha Estrela do Norte, a joia mais brilhante do meu céu.

Uma névoa suspeita embaçou minha visão quando Vivian me alcançou. Pisquei de volta. Se não o fizesse, nunca terminaria de ouvir de Luca, Christian ou Kai.

Sua mãe a entregou para mim. Cecelia ficou chateada quando Vivian se recusou a deixá-la assumir os preparativos do casamento. Agora, parecia desconfiada com os olhos enevoados. Parece que possuía outras emoções além de desaprovação, afinal.

— Parece bem, Sr. Russo. — Vivian murmurou. Sua mão era pequena e macia na minha.

— Poderia dizer o mesmo para você, Sra. Russo. — Usava um vestido feito sob medida e o melhor cabelo e maquiagem que o dinheiro poderia comprar, mas mesmo em um saco de estopa, ela seria a mulher mais bonita que tinha visto.

— Ainda não sou a Sra. Russo. Ainda há tempo para eu viver minha fantasia de noiva fugitiva. — Brincou ela.

Um sorriso perverso se espalhou pelos meus lábios. — Amo uma boa perseguição.

As bochechas de Vivian coraram com o duplo significado.

O padre pigarreou, interrompendo nossa conversa sussurrada. Trocamos um último sorriso secreto antes de voltarmos toda a nossa atenção para a cerimônia. Observações do padre, votos, troca de alianças. As batidas do meu coração abafaram o som e o movimento até chegarmos ao final da cerimônia.

— Eu os declaro agora marido e mulher. Pode...

Peguei Vivian em meus braços e a beijei antes que o padre terminasse sua frase. A multidão irrompeu em aplausos e assobios. Mal os ouvi. Estava muito ocupado com minha esposa.

Esposa. A palavra enviou um arrepio elétrico na minha espinha.

— Impaciente como sempre. — Brincou Vivian quando nos separamos. Seu rosto estava corado de prazer e riso. — Teremos que trabalhar nisso. Paciência é uma virtude.

— Nunca afirmei ser virtuoso, querida. Pecar é mais divertido. — Outro sorriso perverso. — Como vai descobrir esta noite.

Rosa floresceu novamente em seu rosto e peito. Meu sorriso se alargou.

Nunca me cansaria de fazê-la sorrir e corar.

Ela era minha esposa, minha parceira, minha estrela guia.

E eu não queria eu fosse de outra maneira.



Vivian

— Minha baby está casada. Crescem *tão rápido*. — Isabella soltou uma fungada dramática. — Ainda me lembro de quando era uma inocente de 22 anos, navegando pela selva de Nova...

— Pare de ser dramática. Vivian é um ano mais velha que você. — Sloane tomou um gole delicado de champanhe. — Vários anos, se estivermos falando de maturidade.

Engoli uma risada com o suspiro ofendido de Isabella.

O dia havia se transformado em noite enquanto as festividades do casamento continuavam. A recepção aconteceu no enorme pátio murado da vila, sob um dossel de flores e luzes cintilantes. Os convidados ainda estavam firmes depois de horas de bebidas e danças, mas eu precisava de um descanso. Ser a noiva em uma festa de casamento era um trabalho de tempo integral. *Todos* queriam conversar.

— *Maturidade calúnia à parte.* — Disse Isabella com um olhar aguçado para Sloane. — Estou feliz que você e Dante fizeram isso funcionar. Agora posso riscar *dama de honra na Itália* da minha lista de desejos.

— Estou feliz por poder realizar seus sonhos. — Disse secamente.

— Eu também. Tudo o que resta é encontrar um italiano sexy de uma noite para... — A frase de Isabella foi interrompida pela tosse leve atrás de mim.

Eu me virei e sufoquei outra risada quando vi Kai. Ele tinha o pior, ou melhor, *timing* quando se tratava de minhas conversas com Isabella, dependendo de como se olhava para isso.

— Desculpe interromper mais uma... conversa fascinante. — Sua boca se contraiu. — Dante está ficando inquieto sem sua noiva. Vivian, pode querer dar uma olhada nele. Ele teve que contar a história de como propôs dez vezes e acho que está pronto para derrubar alguém.

Olhei para onde Dante estava com um pequeno grupo de convidados, parecendo entediado e irritado. Chamou minha atenção e murmurou, *socorro*.

Mordi de volta um sorriso. — Já volto. — Disse. — Preciso salvar meu marido.

Sloane acenou para mim. — Nós ficaremos bem. Aproveite sua noite de núpcias.

— Parabéns novamente! — Isabella gorjeou, cuidadosamente evitando o olhar de Kai.

Deixei-os à sua conversa e fui serpenteando pelo pátio. Só cheguei na metade antes que minha mãe me impedisse.

— Vivian! Viu sua irmã? — Afligi-se. — Ela foi ao banheiro há uma hora, mas ainda não voltou.

— Não. Talvez esteja lá com Gunnar. — Brinquei.

— *Vivian*. Honestamente. — Suas mãos voaram para seu colar. — Isso não é uma piada para fazer em público.

— Tenho certeza que ela está bem, mãe. É uma festa. Então, festeje. — Entreguei-lhe uma taça de champanhe de uma bandeja próxima. — Louis Roederer. Seu favorito.

Nosso relacionamento estava melhorando desde nossa conversa em Eldorra. Não era perfeito; como ela disse, não poderia mudar completamente. Seu microgerenciamento tinha me levado até a parede nas semanas que antecederam o casamento, mas *estava* tentando. Nem sequer discuti quando pedi ao maquiador batom vermelho em vez de neutro, embora minha mãe considerasse lábios e unhas vermelhos “impróprios” para uma herdeira da sociedade.

Meu pai, por outro lado, estava tão distante como sempre. Saiu imediatamente após a cerimônia; de acordo com Agnes, não

suportava todos os sussurros sobre por que não foi ele quem me entregou ao noivo. Ninguém fora do nosso círculo sabia a razão por trás do nosso distanciamento, e nunca saberiam. Algumas coisas foram feitas para serem privadas.

Eu tinha feito as pazes com nosso relacionamento tenso, e mal pensei nele quando minha mãe aceitou o suborno de champanhe.

— Tudo bem. — Disse. — Tenho que falar com Buffy Darlington de qualquer maneira, mas se encontrar sua irmã, diga-lhe que tenho seu telefone. Honestamente, não sei *o que* ela está fazendo...

Eu me desvencilhei de minha mãe e cheguei a Dante bem a tempo.

— Então, me diga como propôs. — Disse o pobre convidado, aparentemente alheio ao olho trêmulo do noivo. — Quero ouvir *cada* detalhe.

— Muitas desculpas por interromper. — Coloquei minha mão no peito de Dante antes que ele pudesse responder. — Posso roubá-lo? Deveres do casamento.

— Ah, claro. — Disse a mulher, afobada. — Parabéns novamente. Você está linda.

Sorrio e guiei Dante em direção a um canto tranquilo do pátio. — Obrigada. Aproveite o resto da sua noite.

— Obrigado, porra. — Dante disse quando a mulher estava fora do alcance da voz. As abotoaduras de sorvete que comprei para ele em Paris brilharam quando passou a mão no rosto, e a visão me deixou vergonhosamente feliz. — Agora sei por que as pessoas fogem. A conversa fiada sobre essas coisas é insuportável.

— Sim, mas tenho certeza que pode encontrar *uma* coisa que gosta sobre isso. — Enrolei meus braços ao redor de seu pescoço.

A tensão diminuiu de seus ombros, e sua carranca se afrouxou em um leve sorriso. — Talvez uma. — Sua mão descansou na minha cintura. O calor queimou através do meu vestido e na boca do meu estômago. — Os canapés de lagosta são muito bons.

— E?

— E... — Fingiu pensar sobre. — As flores são impressionantes. Embora por cento e vinte mil dólares, é melhor que sejam.

— E as pessoas? — Inclinei meu queixo para cima. — Alguém tolerável?

— Hum. Há essa mulher que estive de olho a noite toda... — Dante baixou a cabeça para que seus lábios roçassem os meus. — Ela é linda, charmosa, tem o melhor sorriso que já vi... mas acho que é casada.

— Que... pena. — Minha respiração ficou presa quando sua palma deslizou pela minha cintura, acendendo pequenas fogueiras ao longo do caminho.

— Muito. — Outro roçar de seus lábios. — Ouvi dizer que seu marido é bastante protetor com ela. Se me vir falando com ela, pode fazer algo precipitado.

— Como? — Minha mente ficou nebulosa quando sua mão passou sobre a curva do meu ombro e na parte de trás do meu pescoço.

— Como beijá-la *pra* caramba na frente de duzentas e cinquenta pessoas, decoro que se dane.

Dante capturou minha boca em um beijo apropriado, e a festa, a música, os convidados... todos se foram, obliterados pelo calor de seu toque.

Ele penetrou em meu peito e minhas veias, enchendo-me de calor de dentro para fora.

O tipo que existia apenas quando se chegava ao fim de uma longa jornada... e encontrava seu lar.

Fim...



AGRADECIMENTOS

Aos meus leitores - Obrigada por virem comigo nesta nova viagem! A escrita pode ser uma profissão solitária, mas as suas mensagens, comentários, e amor e apoio geral são a melhor companhia que posso pedir como autora.

À Becca - Obrigada por ser a minha caixa de ressonância e por aturar meu milhão e um de DM sobre capas, cenas, e basicamente tudo o que me passa pela cabeça. Estou mais do que grata a você!

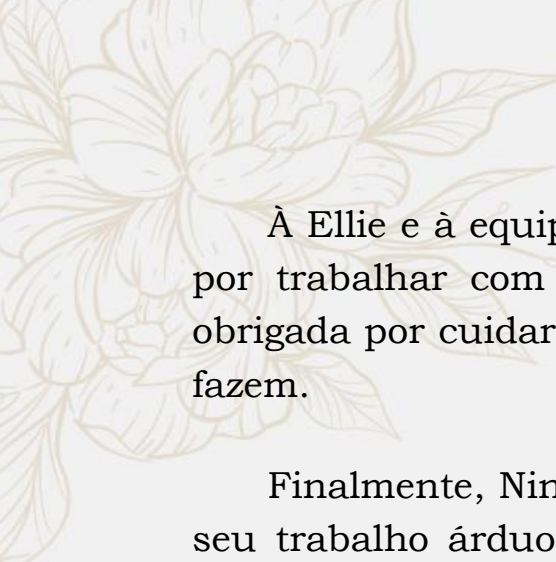
À Brittney, Sarah, Rebecca, Salma, Aishah e Mia - O seu feedback detalhado, reações e comentários, alegram sempre a minha caixa de entrada (mesmo que por vezes me digam coisas que não quero ouvir para o bem da história). Obrigada por me ajudarem a fazer brilhar Dante & Vivian.

À Viola e Aliya - Obrigada pelas suas notas de história, pela tradução mágica e por ter a certeza de que não esquarteje a língua italiana (Google Translate nem sempre é o melhor amigo de um escritor). Dante, Greta, e estamos eternamente gratos.

Para Amy e Britt - Você é uma joia absoluta. Um dia, NÃO teremos um prazo apertado. Prometo!

Ao Cat-After tantas mensagens, iterações, e sessões de *brainstorming*... nós conseguimos! A sua paciência e talento são verdadeiramente admiráveis, e tenho a sorte de tê-los em minha equipa.

Aos meus PAs Amber e Michelle e à minha agente Kimberly - São estrelas do rock, e aprecio muito vocês!



À Ellie e à equipa Piatkus - estou mais do que entusiasmada por trabalhar com vocês novamente para *Kings of Sin*! Muito obrigada por cuidarem tão bem dos meus livros e por tudo o que fazem.

Finalmente, Nina e à equipa do Valentine PR - Obrigada pelo seu trabalho árduo e por tornarem este lançamento tão suave. Vocês são os melhores!

xo, Ana